



J A N E

AUSTEN

A A B A D I A D E N O R T H A N G E R



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





J A N E

AUSTEN

A A B A D I A D E N O R T H A N G E R





J A N E

AUSTEN

A ABADIA DE NORTHANGER



COPYRIGHT BY EDITORA LANDMARK LTDA.
DECLARAÇÃO DA AUTORA SOBRE A ABADIA DE NORTHANGER

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

UMA NOTA SOBRE O TEXTO

ADVERTISEMENT BY THE AUTHORESS TO NORTHANGER ABBEY

CHAPTER 1

CHAPTER 2

[CHAPTER 3](#)

[CHAPTER 4](#)

[CHAPTER 5](#)

[CHAPTER 6](#)

[CHAPTER 7](#)

[CHAPTER 8](#)

[CHAPTER 9](#)

[CHAPTER 10](#)

[CHAPTER 11](#)

[CHAPTER 12](#)

[CHAPTER 13](#)

[CHAPTER 14](#)

[CHAPTER 15](#)

[CHAPTER 16](#)

[CHAPTER 17](#)

[CHAPTER 18](#)

[CHAPTER 19](#)

[CHAPTER 20](#)

[CHAPTER 21](#)

[CHAPTER 22](#)

[CHAPTER 23](#)

[CHAPTER 24](#)

[CHAPTER 25](#)

[CHAPTER 26](#)

[CHAPTER 27](#)

[CHAPTER 28](#)

[CHAPTER 29](#)

[CHAPTER 30](#)

[CHAPTER 31](#)

[A NOTE ON THE TEXT](#)

JANE AUSTEN

A ABADIA DE NORTHANGER

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - INGLÊS

NORTHANGER ABBEY

TRADUÇÃO E NOTAS EDUARDO FURTADO



COPYRIGHT BY EDITORA LANDMARK LTDA.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.
TÍTULO ORIGINAL: NORTHANGER ABBEY
PRIMEIRA EDIÇÃO: JOHN MURRAY PUBLISHING COMPANY,
ALBEMARBLE STREET, LONDRES; DEZEMBRO DE 1817.
DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
TRADUÇÃO E NOTAS: EDUARDO FURTADO
REVISÃO: PAULO CÉSAR BORGHI FRANCO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)

AUSTEN, JANE (1775 - 1817)

A ABADIA DE NORTHANGER - NORTHANGER ABBEY /
JANE AUSTEN; {TRADUÇÃO E NOTAS EDUARDO FURTADO}

SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.

EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS

ISBN 978-85-88781-44-3

E-ISBN 978-85-88781-60-3

1. ROMANCE INGLÊS. I. FURTADO.

II. TÍTULO. III. TÍTULO: NORTHANGER ABBEY

09-04579 / CDD - 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. ROMANCES: LITERATURA INGLESA / 823

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA E OU
ARMANEZADA, EM SEU TODO OU EM PARTES, POR FOTOCÓPIA,
MICROFILME, PROCESSO FOTOMECÂNICO OU ELETRÔNICO SEM
PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI Nº
9610, DE 19/02/1998.

EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12º ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR
WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO EM SÃO PAULO, SP, BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2012

DECLARAÇÃO DA AUTORA SOBRE A ABADIA DE NORTHANGER

Este pequeno trabalho foi concluído no ano de 1803 e planejava-se sua publicação imediata. Foi encaminhado a um editor e até mesmo alguns anúncios sobre seu lançamento foram publicados, e por que o projeto não foi concretizado é uma coisa que a autora nunca foi capaz de descobrir. Parece extraordinário que um editor pense que não vale a pena publicar aquilo que ele acha que vale a pena adquirir. Mas, sobre isso, nem a autora nem o público tem com o que se preocupar, embora uma observação seja necessária sobre as partes do trabalho que se tornaram relativamente obsoletas depois de treze anos. Ao público, é solicitado que se tenha em mente que treze anos se passaram desde que o trabalho foi concluído, mais outros tantos desde que foi iniciado, e que, durante este período, lugares, costumes, livros e opiniões passaram por consideráveis mudanças.

CAPÍTULO 1

Ninguém que tenha visto Catherine Morland em sua infância poderia supor que ela tivesse nascido para ser uma heroína. Sua situação na vida, o caráter de seu pai e de sua mãe, sua própria pessoa e seu ânimo, tudo se mostrava igualmente contra ela. Seu pai, um clérigo, não era desafortunado ou pobre – um homem muito respeitável, embora seu nome fosse Richard, e nunca fora bonito. Tinha uma considerável autonomia, além de dois salários; e nem de longe era dado a trancafiar suas filhas. Sua mãe, dona de um apropriado senso comum, tinha bom temperamento e – o que era mais notável – uma boa constituição. Teve três filhos antes de Catherine nascer. E, ao invés de morrer ao trazer esta última ao mundo, como seria de se esperar, ela ainda viveu – viveu para ter mais outros seis filhos e vê-los crescer ao seu redor, enquanto gozava de excelente saúde. Uma família de dez filhos sempre será chamada de uma família admirável; em que há cabeças, braços e pernas suficientes para o adjetivo. Mas os Morland tinham outro pequeno direito sobre a palavra, pois eram, em geral, muito corretos, sendo que Catherine, por muitos anos, foi tão correta quanto os demais. Dona de compleição magra e estranha, pele pálida, sem cor, cabelos pretos escorridos, e traços fortes – excessivamente fortes para a sua pessoa. E não menos inapropriada para o heroísmo parecia a sua mente. Ela era apaixonada pelas brincadeiras dos garotos e preferia críquete não apenas em relação às bonecas, mas também às diversões mais heroicas da infância, como cuidar de um rato do campo, alimentar um canário ou regar uma roseira. Na verdade, ela não gostava do jardim. E se fazia ramalhetes de flores era principalmente pelo prazer de enganar – pelo menos era o que se supunha, pois ela sempre preferia aquelas proibidas de serem colhidas. Tais eram suas propensões. E suas habilidades eram bem peculiares. Ela nunca podia aprender ou compreender algo antes de ser ensinada. E, às vezes, nem mesmo assim, pois era muito desatenciosa e, ocasionalmente, estúpida. Sua mãe levou três meses para ensiná-la a repetir “Beggars’ Petition”^[1], no entanto sua irmã mais nova, Sally, podia recitá-lo melhor do que ela. Não que Catherine fosse sempre estúpida, de jeito nenhum. Ela aprendeu a fábula “The Hare and Many Friends”^[2] tão rápido quanto qualquer garota na Inglaterra. Sua mãe queria que ela aprendesse música, e Catherine estava certa de que gostaria disso, pois adorava pressionar as teclas da velha e abandonada espineta^[3]; assim, começou aos oito anos, estudando por um ano apenas, pois já não aguentava mais. A senhora Morland, que não insistia em tornar prendadas suas filhas, a despeito da incapacidade ou do fastio, permitiu que ela abandonasse os estudos. O dia em que demitiu o professor de música foi um dos mais felizes da vida de Catherine. Seu apreço por desenho não era muito maior, se bem que, sempre que encontrava uma carta jogada fora por sua mãe ou qualquer pedaço de papel, ela fazia o que

podia, desenhando casas e árvores, galinhas e galos; tudo parecendo a mesma coisa. Seu pai lhe ensinava a escrever e a fazer contas; sua mãe, francês. Sua competência em qualquer destas disciplinas não era notável e ela se esquivava das lições sempre que podia. Que caráter estranho e irresponsável! Com todos esses sintomas de má conduta, ela não tinha um mau coração ou um mau temperamento. Quase nunca era teimosa e muito menos emburrada. Pelo contrário, muito bondosa com os menores, e raramente autoritária. Ela era bem mais barulhenta e irrequieta; odiava o confinamento e a limpeza; e amava, mais do que tudo, rolar pela verde encosta abaixo, atrás de sua casa.

Assim era Catherine Morland aos 10 anos. Aos 15, as aparências se corrigiram. Começou a encaracolar os cabelos e a ansiar por bailes – encorpou e seus traços suavizaram-se, com exuberância e colorido. Seus olhos ganharam mais vivacidade e sua figura, mais imponência. Seu amor pela sujeira deu lugar a uma inclinação pela sofisticação; à medida que crescia, tornava-se mais limpa e mais esperta. Agora tinha o prazer de ouvir, às vezes, seu pai e sua mãe comentarem sobre seu aprimoramento pessoal. “Catherine está se tornando uma garota muito bonita, ela está quase encantadora.” – eram palavras que agarravam seus ouvidos, de vez em quando. E como eram bem-vindos tais sons. Parecer-se quase encantadora é uma aquisição mais prazerosa para uma garota de aparência rude, pelos primeiros quinze anos de sua vida, do que para uma garota bonita desde o berço.

A senhora Morland era uma mulher muito boa e desejava que seus filhos tivessem tudo o que almejassem. Mas estava sempre tão ocupada em cuidar e em ensinar os mais novos, que os mais velhos eram deixados a cuidar de si mesmos. Deste modo, não era muito intrigante que Catherine, que por natureza nada tinha de heroica em si, preferisse, na idade de 14 anos, críquete, beisebol, montar a cavalo e correr pelos campos, a livros – ou, pelo menos, livros educativos. No entanto, dado que nada como um conhecimento útil poderia ser obtido disso e que eram apenas histórias e não reflexões, ela nunca tinha qualquer objeção a livros. Mas, dos 15 aos 17 anos, ela estava em treinamento para se tornar uma heroína. Leu todos os livros que as heroínas deveriam ler para fornecer em suas memórias aquelas citações que eram tão úteis e tranquilizantes durante as vicissitudes de suas agitadas vidas.

Com Pope[4], ela aprendeu a censurar aqueles que
“fazem zombaria dos aflitos”.

Com Gray [5], que
“muitas flores nascem para florir sem serem vistas,
e desperdiçam sua fragrância no ar deserto”.

Com Thompson[6], que

“é uma deliciosa tarefa ensinar
a uma jovem ideia como se desenvolver”.
E, de Shakespeare, ela guardou muita informação, dentre todas, que
“fios leves como o ar são,
para o ciumento, confirmação evidente
como provas das Santas Escrituras”[7].
E ainda, que
“O pobre inseto, quando pisado,
sente, em sofrimento corporal, uma dor tão grande
quanto a de um gigante que morre.[8]”.
E que uma jovem mulher apaixonada sempre se mostra
“como a Paciência em um monumento,
sorrindo para a dor[9]”.

Até então, seu aprimoramento era suficiente, e, em muitos outros aspectos, ela ia muito bem. Embora não pudesse escrever sonetos, obrigava-se a lê-los, e embora parecesse não haver chances de levar todo um grupo às lágrimas em um prelúdio ao piano que ela mesma compusera, podia ouvir o desempenho de outros, sem o menor cansaço. Sua maior deficiência estava no lápis. Não tinha noção de desenho, nem mesmo para tentar um esboço do perfil de seu amado, o qual ela poderia encontrar no desenho. Era quando ficava miseravelmente menor que a verdadeira altura heroica. Até o momento, ela não conhecia sua própria miséria, pois não tivera um amado para retratar. Ela chegou aos 17 anos sem ter visto um jovem amável que pudesse despertar sua sensibilidade, sem ter inspirado uma paixão verdadeira, e sem ter levantado mesmo qualquer admiração, além daquelas moderadas e passageiras. Isto era, de fato, estranho! Mas as coisas estranhas podem ser geralmente explicadas, se sua causa for pesquisada com isenção. Não havia nenhum lordê na vizinhança, nem mesmo um barão; não havia nenhuma família em seus relacionamentos que tivesse abrigado e cuidado de um garoto acidentalmente encontrado em sua porta – nenhum jovem rapaz cuja origem fosse desconhecida; seu pai não tinha nenhum protegido; e o escudeiro da paróquia, nenhum filho.

Mas, quando uma jovem dama é predestinada a ser uma heroína, a perversidade de quarenta famílias ao redor não pode detê-la. Algo deve, e irá, acontecer para lançar um herói em seu caminho.

O senhor Allen, que era o proprietário da maior parte das terras perto de Fullerton, a vila em Wiltshire onde viviam os Morland, foi enviado a Bath para cuidar de sua gota, e sua esposa, uma mulher bem-humorada, que gostava da senhorita Morland, e provavelmente ciente de que, se as aventuras não recaíssem sobre uma jovem dama em sua própria vila, era iria buscá-las em outro lugar,

convidou-a a acompanhá-los. O senhor e a senhora Morland eram só condescendência, e Catherine, só felicidade.

- [1] Poema que encabeça o livro “Poems on Several Occasions”, do Reverendo Thomas Moss, publicado em 1769.
- [2] Fábula de Esopo, transformada em poema por John Gay, em 1727.
- [3] Instrumento similar a um piano ou um cravo, inventado por Giovanni Spinnetti, em 1503.
- [4] Alexander Pope, poeta inglês nascido em 1688 e falecido em 1744. O verso citado é do poema “Elegy to the Memory of na Unfortunate Lady “ (Elegia à memória de uma desafortunada dama).
- [5] Thomas Gray, nascido em 1716 e falecido em 1771. Os versos são de “Elegy Written in a Country Church-yard” (Elegia escrita em um cemitério camponês).
- [6] James Thompson, nascido em 1700 e falecido em 1744. O verso citado é do poema ”The Seasons: Spring”, e a citação completa é: ”Delightful task! / To render the tender thought / To teach the young idea how to shoot”. (“Deliciosa tarefa!/ Transformar o puro pensamento/Para ensinar uma jovem ideia como se desenvolver”).
- [7] “Otelo, O Mouro de Veneza”, Ato III, Cena III.
- [8] “Medida por Medida”, Ato III, Cena I.
- [9] ”Noite de Reis,” Ato II, Cena IV.

CAPÍTULO 2

Além do que já foi dito sobre os dotes pessoais e mentais de Catherine Morland, quando ela estava prestes a ser lançada a todas as dificuldades e aos perigos de uma estadia de seis semanas em Bath, pode-se dizer – para melhor compreensão do leitor, a menos que as páginas seguintes fracassem em dar qualquer ideia do que a personalidade dela deveria ser – que seu coração era afetuoso; seu temperamento alegre e aberto, sem presunção ou afetação de qualquer tipo; suas maneiras recém-libertadas do constrangimento e da timidez de uma garota; sua pessoa agradável e, quando bem vestida, bonita; e sua mente tão ignorante e desinformada quanto uma mente feminina aos 17 anos geralmente é.

Quando a hora da partida se aproximava, a ansiedade maternal da senhora Morland deveria, naturalmente, tornar-se mais severa. Mil pressentimentos alarmantes e ruins sobre sua querida Catherine, por essa terrível separação, deveriam oprimir seu coração com tristeza e afogá-la em lágrimas no último ou penúltimo dia juntas, e o conselho da mais importante e aplicável natureza deveria, claro, fluir de seus sábios lábios, na conversa de despedida em seu quarto. Precauções contra a violência de lordes e de barões quanto ao prazer em forçar jovens damas para alguma remota casa no campo deveriam, em tal momento, aliviar seu coração aflito. Quem não pensaria assim? Mas a senhora Morland sabia tão pouco sobre lordes e barões que não tinha nenhuma noção de suas maldades em geral, e era totalmente ingênua quanto aos perigos das maquinações contra sua filha. Seus cuidados se restringiram aos seguintes aspectos: “Te peço, Catherine, que sempre se agasalhe muito bem na garganta, ao sair dos salões à noite. Espero que sempre tente manter conta do dinheiro que gastar. Para isso, leve esta pequena caderneta”.

Sally, ou melhor, Sarah (pois, qual menina com um nome comum chega aos 16 anos sem mudar seu nome para o mais diferente possível?) deveria, pela situação daquele momento, ser a amiga íntima e a confidente de sua irmã. É notável, porém, que ela nem tenha insistido para que Catherine lhe enviasse uma carta a cada passagem do carteiro, nem cobrasse dela a promessa de transmitir o caráter de cada novo amigo, ou o detalhe de cada conversa interessante que Bath pudesse lhe prover. Tudo o que se relacionava diretamente a essa importante viagem foi feito pelos Morland com uma dose de moderação e de compostura, o que parecia bem mais coerente com os sentimentos comuns da vida cotidiana, do que com as refinadas suscetibilidades ou as suaves emoções que a primeira separação de uma heroína de sua família sempre deveria suscitar. Seu pai, ao invés de lhe dar uma ordem ilimitada ao seu banqueiro, ou mesmo colocar uma nota de 100 libras em suas mãos, deu-lhe apenas dez guinéus e prometeu mais assim que ela quisesse.

Sob estes auspícios nada promissores, a partida ocorreu e a viagem começou. Foi executada com adequada quietude e tranqüila segurança. Nem ladrões ou tempestades os acompanharam. Nem uma afortunada reviravolta para apresentá-los a um herói. Nada mais alarmante ocorreu além de um susto, da parte da senhora Allen, por ter esquecido seus tamancos em uma estalagem, o que se provou, por sorte, infundado.

Chegaram a Bath. Catherine estava ansiosa e encantada. Seus olhos estavam aqui, ali, em todo o lugar, enquanto se aproximavam de seus belos e impactantes arredores, passando, em seguida, por aquelas ruas que os conduziam ao hotel. Ela queria estar feliz e já se sentia assim.

Logo se instalaram em confortáveis habitações em Pulteney Street.

Agora é adequado fornecer alguma descrição da senhora Allen, para que o leitor possa julgar de que maneira suas ações irão, doravante, inclinar-se em promover a desgraça de todos os acontecimentos, e como ela provavelmente contribuirá para submeter a pobre Catherine à infelicidade e ao desespero – fazendo com que uma nova obra fosse necessária –, seja pela sua imprudência, vulgaridade ou ciúme, seja por interceptar suas cartas, destruir seu caráter ou expulsá-la de casa.

A senhora Allen era daquele tipo de mulher cuja companhia poderia suscitar nenhuma outra emoção que a surpresa por haver algum homem no mundo que a apreciaria tanto, a ponto de se casar com ela. Não tinha beleza, gênio, prendas ou modos. O tom de uma dama, uma boa porção de temperamento tranqüilo por natureza, um insignificante voluteio de espírito, era tudo o que se podia atribuir para que ela fosse a escolha de um homem sensível e inteligente como o senhor Allen. Em um aspecto ela era admiravelmente talentosa: em apresentar uma jovem dama ao público, pois ela era tão apaixonada por ir a todos os lugares e ver a tudo, que qualquer jovem dama poderia se tornar também. A moda era sua paixão. Ela tinha um prazer bem inofensivo em estar elegante. E a entré de nossa heroína na vida não poderia ocorrer antes de três ou quatro dias aprendendo o que mais se usava, e de sua acompanhante ganhar um vestido da última moda. Catherine também fez, sozinha, algumas compras, e quando todos esses assuntos foram resolvidos, a importante noite em que ela seria levada aos Salões Superiores chegou. Ela cortou o cabelo e se cobriu com as melhores roupas, todas vestidas com cuidado, e tanto a senhora Allen quanto sua criada declararam que ela se aparentava como deveria. Com tal incentivo, Catherine esperou pelo menos passar sem a desaprovação da multidão. Quanto à admiração, era sempre bem-vinda quando aparecia, mas ela não precisava disso.

A senhora Allen demorou-se tanto a se aprontar que elas adentraram pelo salão de baile quando já era tarde. A temporada estava cheia, a sala repleta, e as duas damas se esgueiraram o quanto puderam. Quanto ao senhor Allen, ele

se dirigiu diretamente ao salão de jogos e as deixou para que apreciassem a turba por si mesmas. Com mais cuidado pela segurança de seu novo vestido do que pelo conforto de sua protegée, a senhora Allen abria seu caminho pela aglomeração de homens à porta, tão agilmente quanto a necessária precaução poderia permitir. Catherine, porém, mantinha-se imediatamente ao seu lado e prendeu seu braço tão firme ao de sua amiga para que só pudesse ser separada por algum esforço conjunto de uma multidão em luta. Mas, para sua extrema surpresa, ela descobriu que para seguir adiante pelo salão não era, de forma alguma, o modo como se desprendia da aglomeração. Esta, ao contrário, parecia aumentar à medida que seguiam, enquanto ela imaginou que, uma vez depois da porta, elas facilmente encontrariam assentos e seriam capazes de assistir as danças com perfeita conveniência. Mas isto estava longe de ser o caso e, por meio de incansável diligência, mesmo ao chegarem ao topo do salão, a situação delas ainda era a mesma. Nada viam dos dançarinos, além das penas no topo dos chapéus das damas. Ainda assim, iam – algo melhor ainda estava para ser visto. E, pela aplicação continuada de força e engenho, encontraram-se, finalmente, na passagem atrás da mais alta bancada. Havia menos gente do que embaixo, e, portanto, a senhorita Morland tinha uma visão abrangente de toda a companhia sobre ela e de todos os perigos de sua recém-terminada passagem por ela. Era uma vista esplêndida, e ela começou, pela primeira vez naquela noite, a se sentir ela mesma em um baile – ela ansiava por dançar, mas não conhecia ninguém no salão. A senhora Allen fazia o que podia, em tal caso, ao dizer muito placidamente, a cada momento: “Querida que você dançasse, minha querida, queria que encontrasse um parceiro”. Por algum tempo, sua jovem amiga se sentiu agradecida por tais desejos, mas estes foram repetidos com tanta frequência e se provaram tão artificiais que, por fim, Catherine se cansou e já não mais lhe agradecia.

Não puderam, porém, gozar por muito tempo do repouso da eminência que conquistaram com tanto trabalho. Logo, todos estavam se movimentando pelo chá, e elas deveriam se esgueirar assim como o resto. Catherine começou a se sentir um pouco desapontada – ela estava cansada de ser seguidamente pensada contra as pessoas. A generalidade daqueles rostos não possuía nada de interessante e, com todos aqueles a quem ela era completamente desconhecida, ela não poderia se aliviar do aborrecimento daquela prisão com a troca de uma sílaba com qualquer um dos seus companheiros reféns. Quando por fim chegaram à sala de chá, Catherine sentiu ainda mais o constrangimento de não ter algum grupo com quem se juntar, nenhuma amizade a chamar, nenhum cavalheiro a ajudá-la. Não viram o senhor Allen. Depois de procurar ao redor da sala por uma situação mais favorável, foram obrigadas a se sentar ao fim de uma mesa, na qual um grupo grande já ocupava lugares, sem ter o que fazer ou alguém para conversar, além delas mesmas.

A senhora Allen se felicitava, assim que se sentaram, por ter preservado seu vestido de algum dano.

“Teria sido chocante se ele tivesse rasgado”, ela disse, “não é mesmo? É uma seda muito delicada. De minha parte, não vi nada que eu gostasse tanto em toda a sala, garanto-lhe”.

“Como é desconfortável”, sussurrou Catherine, “não ter uma única amizade aqui!”

“Sim, minha querida”, replicou a senhora Allen perfeitamente serena, “de fato, é muito desconfortável”.

“O que devemos fazer? Os cavalheiros e as damas nesta mesa nos olham como se perguntando o porquê de estarmos aqui. Parece que estamos forçando nossa entrada no grupo deles”.

“Ah, parecemos. Isso é muito desagradável. Queria que tivéssemos inúmeros conhecidos aqui”.

“Queria que tivéssemos ao menos um conhecido aqui. Seria alguém com quem conversar”.

“É bem verdade, minha querida. E se conhecêssemos alguém, iríamos nos encontrar com ele imediatamente. Os Skinners estiveram aqui no ano passado. Queria que estivessem aqui agora”.

“Não é melhor irmos embora? Não há nem louça ou talheres de chá para nós, veja”.

“Não há mais, de fato. Que provocação! Mas acho que é melhor sentarmos imóveis, pois se pode tropeçar tanto em uma multidão como essa! Como está minha cabeça, querida? Alguém me deu um empurrão que temo ter desarrumado meu penteado”.

“Não, na verdade, está muito bem. Mas, querida senhora Allen, você está segura de que não há ninguém que a senhora conheça em toda essa multidão de pessoas? Acho que você deve conhecer alguém”.

“Não, juro. Gostaria de conhecer. Sinceramente, queria ter muitos conhecidos aqui, e então eu lhe arranjaria um parceiro. Eu ficaria tão feliz por você dançar. Lá vai uma mulher esquisita! Que vestido estranho ela está usando! Como é antiquado! Olhe para as costas”.

Depois de algum tempo, foi-lhes oferecido chá por algum de seus vizinhos, o qual foi polidamente aceito, e isso levou a uma leve conversa com o cavalheiro que fez a oferta, sendo esta a única vez em que alguém falou com elas durante a noite, até que foram descobertas pelo senhor Allen, que se juntou às duas quando as danças se encerraram.

“Bem, senhorita Morland”, ele disse, diretamente, “espero que tenha tido um baile agradável”.

“Muito agradável, de fato”, ela replicou, tentando em vão esconder um grande bocejo.

“Queria que ela tivesse dançado”, disse sua esposa; “queria que tivéssemos arrumado um parceiro para ela. Eu estava dizendo que ficaria muito feliz se os Skinners estivessem aqui neste inverno ao invés do último. Ou se os Parrys tivessem vindo, como falaram uma vez. Ela poderia ter dançado com George Parry. Estou tão triste por ela não ter tido um parceiro!”

“Faremos melhor em outra noite, espero” consolou o senhor Allen.

O grupo começou a se dispersar quando as danças terminaram, sendo o suficiente para deixar espaço para que o restante pudesse caminhar com algum conforto. Agora era a hora para uma heroína que não tinha ainda interpretado um papel mais distinto nos eventos da noite ser descoberta e admirada. A cada cinco minutos, ao desmanchar da multidão, abriam-se mais oportunidades para seus encantos. Ela era agora observada por muitos jovens que não tinham se aproximado dela antes. Nenhum, porém, começou a contemplá-la com arrebatado assombro. Nenhum sussurro de ansiosa curiosidade começou a circular pela sala. Nem ela foi chamada de divindade por alguém alguma vez. Contudo, estava bonita e, tivessem aquelas pessoas visto Catherine três anos antes, agora eles a teriam achado demasiadamente encantadora.

Ela era observada, entretanto, e com alguma admiração, pois, como ela mesma ouviu, dois cavalheiros disseram que ela era uma garota bonita. Tais palavras tiveram seu devido efeito. Ela pensou imediatamente que a noite fora mais agradável do que ela achara até então. Sua humilde vaidade estava saciada. E ela se sentia mais grata aos dois jovens por esse simples elogio do que uma heroína de genuína qualidade teria estado por quinze sonetos celebrando seus encantos, e rumou à sua cadeira de bom humor com todos, perfeitamente satisfeita com o que recebeu de atenção pública.

CAPÍTULO 3

Toda manhã trazia agora seus deveres normais: lojas que deveriam ser visitadas; alguma nova parte da cidade que deveria ser observada; a casa de bombas[1], onde caminhavam para cima e para baixo por uma hora, olhando para todo mundo e não falando com ninguém. O desejo das numerosas amizades em Bath era ainda forte na senhora Allen, e ela o sentia a cada nova prova trazida pela manhã, pois lá a não conhecia ninguém.

As duas fizeram sua aparição nos Salões Baixos e, aqui, o destino foi mais favorável à nossa heroína. O mestre de cerimônias a apresentou a um jovem muito cavalheiro para parceiro. Seu nome era Tilney. Ele parecia ter 24, 25 anos, era bem alto, tinha feições agradáveis, olhos muito inteligentes e lívidos e, se não era muito bonito, estava perto disso. Sua abordagem era boa, e Catherine se sentiu com muita sorte. Havia pouco tempo livre para falar enquanto dançavam, mas quando se sentaram para o chá, ela o descobriu tão agradável quanto acreditava que ele fosse. Ele conversava com fluência e espírito, e havia uma malícia e uma graça em seus modos que chamavam atenção, embora dificilmente fossem compreendidas por ela. Depois de conversar por algum tempo sobre aqueles assuntos que surgiram naturalmente dos objetos ao redor deles, ele subitamente se dirigiu a ela com – “Até então fui muito negligente, madame, quanto às atenções apropriadas a um parceiro; ainda não lhe perguntei há quanto tempo está em Bath; se já esteve aqui antes; se já foi aos Salões Superiores, ao teatro e ao concerto; e se gostou do lugar. Fui muito negligente – mas, está disposta a me satisfazer com tais detalhes? Se estiver, começarei imediatamente”.

“Não precisa se dar ao trabalho, senhor”.

“Nenhum trabalho, eu lhe asseguro, madame”. Então, usando seus traços para construir um sorriso pronto, e artificialmente suavizando sua voz, ele acrescentou, com um ar afetado, “Está há muito tempo em Bath, madame?”

“Cerca de uma semana, senhor”, replicou Catherine, tentando não rir.

“Sério?”, perguntou com falsa surpresa.

“Por que a surpresa, senhor?”

“Sim, é verdade! Por que...?”, ele disse em seu tom natural. “Mas, alguma emoção deveria ser provocada por sua resposta, e a surpresa é a mais facilmente aceitável, e não menos racional que qualquer outra. Agora, prossigamos. Nunca esteve aqui antes, madame?”

“Nunca, senhor”.

“Ora! Você já honrou os Salões Superiores?”

“Sim senhor, estive lá na última segunda-feira”.

“Já foi ao teatro?”

“Sim, senhor, estive na peça de terça-feira”.

“Ao concerto?”

“Sim senhor, na quarta-feira”.

“E você está gostando de Bath, como um todo?”

“Sim, gosto muito”.

“Agora devo sorrir falsamente, e então poderemos ser racionais novamente”. Catherine virou sua cabeça, sem saber se poderia se aventurar a rir. “Vejo o que você pensa de mim”, ele disse, gravemente – “Deverei ser nada além de uma triste figura em seu diário, amanhã”.

“Meu diário?!”

“Sim, sei exatamente o que você dirá: Sexta-feira, fui aos Salões Inferiores. Vesti meu roupão de seda enfeitado de ramos com detalhes azuis, sapatos pretos lisos que pareceram cair muito bem, mas fui estranhamente incomodada por um homem pouco genial e esquisito, que me fez dançar com ele e me agoniou com suas besteiras”.

“Na verdade, não devo dizer tais coisas”.

“Devo lhe dizer o que você diria?”

“Se quiser”.

“Dancei com um jovem muito agradável, apresentado pelo senhor King. Conversei muito com ele e me pareceu ser um gênio dos mais extraordinários. Espero que eu conheça mais dele. Isso, madame, é o que desejo que escreva”.

“Mas, talvez, eu não tenha diário algum”.

“Talvez você não esteja sentada nesta sala, e eu não esteja sentado com você. Estes são pontos em que a dúvida é igualmente possível. Não manter um diário! Como suas primas ausentes vão entender o tom de sua vida em Bath, sem um diário? Como as civilidades e os feitos de cada dia serão relatados como devem, a menos que sejam anotados a cada noite em um diário? Como serão lembrados seus vários vestidos e o estado particular de seu semblante e os cachos de seus cabelos, descritos em toda a sua diversidade, sem recorrer constantemente a um diário? Querida madame, não sou tão ignorante dos modos das jovens damas como você supõe acreditar. É este delicioso hábito de manter um diário que em muito contribui para formar o fácil estilo de escrever pelo qual as damas são geralmente celebradas. Todos concordam que o talento de escrever agradáveis cartas é peculiarmente feminino. A natureza pode ter feito algo, mas estou certo de que deve ter sido essencialmente ajudada pela prática de manter um diário”.

“Penso, às vezes”, disse Catherine hesitante, “se as damas realmente escrevem cartas melhor do que os cavalheiros! Quero dizer, eu não diria que a superioridade esteja sempre ao nosso lado”.

“Pelo que tive oportunidade de julgar, parece-me que o estilo habitual de redigir cartas entre as mulheres é perfeito, exceto por três detalhes”.

“E quais são eles?”

“Uma deficiência geral de assunto, uma total falta de atenção à pontuação e uma ignorância muito frequente de gramática”.

“Realmente! Não preciso temer o elogio. Você não tem uma ideia muito boa de nós, nesse sentido”.

“Não deverei mais estabelecer como regra geral que as mulheres escrevem melhores cartas que os homens, que elas cantam melhores duetos ou desenham melhores paisagens. Em cada poder, no qual o gosto é a base, a excelência é muito bem dividida entre os sexos”.

Foram interrompidos pela senhora Allen: “Minha querida Catherine”, disse ela, “retire este alfinete de minha capa. Temo que já tenha feito um furo. Ficarei muito triste se for o caso, pois este é meu vestido favorito, embora não custe mais do que nove xelins a jarda”.

“Era exatamente isso o que eu teria achado, madame”, disse o senhor Tilney, olhando para a seda.

“Você entende de seda, senhor?”

“Particularmente bem. Sempre compro minhas próprias gravatas, e me permito ser um excelente juiz. E minha irmã, às vezes, confia-me a escolha de um vestido. Comprei um para ela outro dia, e me disse que foi uma compra prodigiosa por todas as damas que o viram. Não dei mais que cinco xelins por jarda por ele, e era uma verdadeira seda indiana”.

A senhora Allen estava bastante surpresa com o seu gênio. “Os homens geralmente dão tão pouca atenção a estas coisas”, disse ela; “Não consigo fazer com que o senhor Allen distinga um vestido de outro. Você deve ser um grande conforto para sua irmã, senhor”.

“Espero que sim, madame”.

“E, por favor, senhor, o que acha do vestido da senhorita Morland?”

“É muito bonito, madame”, disse ele, examinando-o gravemente. “Mas não acho que a lavagem o fará bem. Temo que ele desfie”.

“Como pode”, disse Catherine, rindo, “ser tão...”. Ela quase disse “estranho”.

“Sou bem da mesma opinião, senhor”, replicou a senhora Allen; “e foi o que eu disse quando a senhorita Morland o comprou”.

“Mas você sabe, madame, que a seda sempre pode se transformar em uma coisa ou outra. A senhorita Morland terá o suficiente para um lenço, um chapéu ou uma capa. Não se pode dizer que a seda é desperdiçada. Tenho ouvido minha irmã dizer isso umas quarenta vezes, quando ela foi extravagante ao comprar mais do que ela queria, ou descuidada em retalhá-la”.

“Bath é um lugar encantador, senhor. Há tantas lojas boas aqui. Infelizmente, estamos afastadas no campo. Não que não haja boas lojas em Salisbury, mas ficam muito longe. Quase 13 quilômetros é muito caminho. O

senhor Allen diz que são quase 15 quilômetros, porém estou certa de que não pode ser mais que treze. Mas é um castigo. Volto extremamente cansada. Agora, aqui, pode-se sair de casa e comprar algo em cinco minutos”.

O senhor Tilney foi educado o suficiente para parecer interessado no que ela disse, e ela o manteve no assunto de seda até que as danças recomeçaram. Catherine temeu, enquanto ouvia a conversa, que ele fosse por demais indulgente consigo mesmo, quanto aos pontos fracos dos outros. “O que você está pensando tão seriamente?”, disse ele, enquanto voltavam para o salão de baile; “não de seu parceiro, espero, pois, pelo balançar de sua cabeça, suas meditações não são satisfatórias”.

Catherine se ruborizou e disse, “Eu não pensava em nada”.

“Isso é astucioso e profundo, estou certo; mas preferia que dissesse que não iria me contar”.

“Está bem, não contarei”.

“Obrigado; pois agora seremos amigos em breve, já que estou autorizado a lhe provocar com este assunto sempre que nos encontrarmos, e nada no mundo apressa tanto a intimidade”.

Dançaram e, quando o grupo fechou, separaram-se. No entanto, do lado da dama, pelo menos, houve uma forte inclinação para continuar a amizade. Se ela pensava nele enquanto bebia seu vinho com água, ou enquanto se preparava para dormir, a ponto de sonhar com ele, isso não se podia garantir. Mas espero que não mais do que em um sono leve, ou em um cochilo matinal, no máximo. Pois, se for verdade, como um celebrado escritor tem afirmado, que nenhuma jovem dama pode se apaixonar antes que o amor do cavalheiro seja declarado[2]* deve ser muito impróprio que uma jovem dama venha a sonhar com um cavalheiro antes que se saiba se o cavalheiro sonhou com ela primeiro. Como o senhor Tilney – seja um sonhador, seja um enamorado – não foi apresentado ao senhor Allen, este se convenceu, ao perguntar sobre o jovem rapaz, de que ele era uma amizade comum para o jovem encargo dele. Então, logo no início da noite, o senhor Allen quis saber quem era o parceiro de Catherine, e lhe foi assegurado que o senhor Tilney era um clérigo e de uma respeitável família em Gloucestershire.

[1] Também conhecido como spa. Bath é uma estância termal ao sudoeste da Inglaterra. “Pump-Room”s é um conjunto de piscinas de águas termais, construído no começo do século XVIII.

[2]* Ver carta do senhor Richardson, número 97, Vol. II, Rambler.

CAPÍTULO 4

Com mais do que a ansiedade habitual, Catherine se apressou à casa de bombas no dia seguinte, certa de que veria o senhor Tilney lá, antes da manhã terminar, e pronta para encontrá-lo com um sorriso. Mas nenhum sorriso foi necessário, pois o senhor Tilney não apareceu. Todas as criaturas em Bath, menos ele, foram vistas no salão em diferentes períodos. Multidões de pessoas entravam e saíam a cada momento, subindo e descendo as escadas. Pessoas com quem ninguém se importava e que ninguém queria ver, e apenas ele estava ausente. “Que lugar delicioso é Bath”, disse a Senhora Allen, enquanto se sentavam próximo ao grande relógio, depois de desfilarem pelo salão até se cansarem; “e como seria agradável se conhecêssemos alguém aqui”.

Este sentimento fora expresso tão frequentemente em vão, que a senhora Allen não tinha nenhuma razão em particular que fosse seguida com proveito, agora. Mas dizem-nos para “não nos desesperarmos por nada, pois poderemos obter”, já que “a incansável diligência nos faz ganhar o que queremos”. E a incansável diligência com que ela desejara todos os dias estava, por fim, a recompensá-la, pois passaram-se no máximo dez minutos, desde que se sentara e uma dama, com quase a mesma idade, sentara-se ao seu lado e a olhara com atenção por muitos minutos, até que se dirigiu a ela com grande gentileza nestas palavras: “Acho, madame, que não posso estar enganada. Já há um bom tempo tive o prazer de vê-la, mas não seria seu nome Allen?” Prontamente respondida esta questão, a estranha se declarou como sendo uma Thorpe. Imediatamente a senhora Allen reconheceu os traços de uma antiga companheira de escola, e amiga íntima, a quem ela viu apenas uma vez desde os respectivos casamentos, há muitos anos. A alegria delas com este encontro foi muito grande, como poderia se imaginar, já que nada souberam uma da outra pelos últimos quinze anos. Seguiram-se os elogios pelas boas aparências. Depois de observar quanto tempo passou desde que estiveram juntas pela última vez, e o quão pouco pensaram em se encontrar em Bath, e o prazer que era rever uma velha amiga; perguntaram e responderam sobre suas famílias, irmãs e primas, falando ao mesmo tempo, muito mais dispostas a dar do que receber informações, e cada uma ouvindo muito pouco do que a outra dizia. A senhora Thorpe, porém, tinha uma grande vantagem ao falar de sua família e dos filhos do que a senhora Allen. Enquanto ela discorria minuciosamente sobre os talentos de seus filhos e sobre a beleza de suas filhas, ou relatava as diferentes situações e opiniões – John estava em Oxford, Edward, em Merchant Taylors’, e Willian, ao mar –, sendo todos eles mais amados e respeitados em suas diferentes localizações do que quaisquer outros três seres jamais seriam, a senhora Allen não tinha informação similar a dar, nenhum triunfo semelhante a pressionar contra o ouvido relutante e incrédulo de sua amiga, assim sendo forçada a se

sentar e ouvir a todas essas efusões maternas, consolando-se, porém, com a descoberta que seu olho afiado logo realizou: que o laço da peiça da senhora Thorpe não tinha nem metade da beleza que o dela.

“Lá vêm minhas queridas garotas”, exclamou a senhora Thorpe, apontando para três mulheres de aparência esperta que, de braços dados, seguiam em sua direção. “Minha querida senhora Allen, quero apresentá-las. Ficarão deliciadas em vê-la: a mais alta é Isabella, a mais velha. Ela não é uma fina e jovem mulher? As outras são bem admiradas também, mas acho que Isabella é a mais bonita”.

As senhoritas Thorpe foram apresentadas, e a senhorita Morland, que tinha sido esquecida por pouco tempo, foi igualmente apresentada. O nome pareceu surpreender a todas, e depois de lhe falar com grande civilidade, a jovem dama primogênita observou em voz alta para as demais, “Como a senhorita Morland se parece demais com seu irmão!”

“De fato, o próprio retrato dele!”, exclamou a mãe – e “eu deveria reconhecê-la em qualquer lugar, pela sua irmã!” foi repetido por todas elas, duas ou três vezes. Por um momento Catherine ficou surpresa. Mas a senhora Thorpe e suas filhas mal tinham começado a história de seu relacionamento com o senhor James Morland, quando ela se lembrou de que seu irmão mais velho já tinha formado intimidade com um jovem de seu próprio colégio, de nome Thorpe, e que ele já tinha passado a última semana das férias natalinas na casa do amigo, próximo a Londres.

Sendo tudo explicado, muitas coisas gentis foram ditas pelas senhoritas Thorpe, como o desejo delas de se tornarem melhor relacionadas com Catherine, de serem consideradas já como amigas, devido à amizade de seus irmãos etc. Tudo Catherine ouvia com prazer e respondia com todas as bonitas expressões que ela podia comandar. E, como primeira prova de amizade, ela logo foi convidada a aceitar um braço da senhorita Thorpe primogênita e dar uma volta com ela pelo salão. Catherine ficou deliciada com essa extensão dos seus relacionamentos em Bath, e quase se esqueceu do senhor Tilney enquanto falava com a senhorita Thorpe. A amizade é, certamente, o melhor bálsamo para as dores do amor frustrado.

A conversa logo se voltou para estes assuntos, dos quais a discussão aberta geralmente aperfeiçoa uma súbita intimidade entre duas jovens damas, tais como vestidos, bailes, flertes e esquisitices. A senhorita Thorpe, porém, sendo quatro anos mais velha que a senhorita Morland, e pelo menos quatro anos mais informada, tinha uma vantagem decididamente ampla em discutir tais temas. Ela podia comparar os bailes de Bath com os de Tunbridge, suas modas com as de Londres; podia corrigir as opiniões de sua nova amiga em muitos artigos do bom vestir; podia descobrir um flerte entre qualquer cavalheiro e dama que apenas sorrissem um para o outro; identificar um estranho por meio da espessura de

uma multidão. Estes poderes receberam a devida admiração de Catherine, a quem eles eram inteiramente novos. E o respeito que eles naturalmente inspiravam poderiam ser muito grandes para familiaridade, não fosse a fácil alegria dos modos da senhorita Thorpe e suas frequentes expressões de prazer nesse relacionamento, atenuando, assim, qualquer sentimento de pavor, e deixando apenas uma terna afeição. Sua crescente ligação não se satisfaria com meia dúzia de voltas pela casa de bombas, mas exigiria, quando fossem embora juntas, que a senhorita Thorpe acompanhasse a senhorita Morland até a porta da casa do senhor Allen, que elas se separassem com o mais afetuosos e extenso aperto de mãos, depois de saberem, para alívio de ambas, que se encontrariam no teatro à noite, e que rezariam na mesma capela, na manhã seguinte. Catherine então disparou escada acima e observou a senhorita Thorpe prosseguir pela rua através da janela da sala de vestir. Admirou o gracioso espírito de seu caminhar, o ar moderno de sua figura e de seu vestido, e sentiu-se grata, como bem poderia, pela sorte de ter conseguido uma amiga dessas.

A senhora Thorpe era uma viúva e não das mais ricas. Ela era uma mulher bem-humorada e de boas intenções, e uma mãe bem indulgente. Sua filha mais velha tinha uma grande beleza pessoal e as mais jovens, ao fingirem ser tão belas quanto à irmã, imitavam seu ar e se vestiam no mesmo estilo, fazendo isso muito bem.

Este breve relato da família pretende suplantar a necessidade de uma exposição minuciosa da própria senhora Thorpe, de suas aventuras e sofrimentos passados, os quais poderiam, ao invés, ocupar bem três ou quatro capítulos seguintes, nos quais a falta de valor de lordes e advogados seria evidenciada e as conversas que se passaram vinte anos antes seriam detalhadamente repetidas.

CAPÍTULO 5

Naquela noite, no teatro, Catherine não estava tão empenhada em retribuir os meneios e os sorrisos da senhorita Thorpe – embora estes certamente exigissem muito do seu lazer – quanto em procurar com olhos inquisidores pelo senhor Tilney em cada assento que sua visão podia alcançar. Mas ela o procurou em vão. O senhor Tilney não gostava tanto da peça quanto da casa de bombas. Ela esperava ter mais sorte no dia seguinte e, quando seus desejos por um bom tempo foram respondidos com a visão de uma bela manhã, ela não tinha dúvida disto, pois um belo domingo, em Bath, esvaziara todas as casas de seus habitantes, e o mundo inteiro aparecera a desfilar e dizer aos seus conhecidos como aquele dia era belo.

Assim que o serviço divino terminou, os Thorpe e os Allen se juntaram ansiosamente. Depois de ficarem o tempo suficiente na casa de bombas e descobrirem que a multidão estava insuportável e que não havia um rosto gentil a ser visto – o que todos descobrem a cada domingo, por toda a estação – eles se apressaram para o Crescent, a fim de respirar o ar fresco em melhor companhia. Neste local, Catherine e Isabella, de braços dados novamente, saborearam a doçura da amizade em uma conversa aberta. Falaram bastante e com muito prazer. Mas, novamente, Catherine estava desapontada em sua esperança de rever seu companheiro. Ele não estava em lugar algum para ser encontrado. Cada busca por ele era frustrada. Nas reuniões matinais ou festas vespertinas, nos Salões Superiores ou Inferiores, nos bailes de gala ou não, ele não se encontrava. Nem entre os passantes, cavaleiros ou condutores das charretes matinais. Seu nome não estava no livro da casa das bombas, e a curiosidade não poderia se fazer maior. Ele só podia ter partido de Bath. Ainda, ele nem tinha mencionado que sua estadia seria tão curta! Este tipo de mistério, que é sempre tão conveniente a uma heroína, lançou um novo encanto à imaginação de Catherine, sobre sua pessoa e seus modos, e aumentou sua ansiedade em saber mais dele. Ela nada podia descobrir com os Thorpe, pois fazia apenas dois dias que eles estavam em Bath, antes de encontrarem a senhora Allen. Era um assunto, porém, ao qual ela se entregava com sua bela amiga, de quem recebeu todo o encorajamento possível para que continuasse a pensar nele. E a impressão do rapaz na imaginação dela nada sofreu, portanto, para se enfraquecer. Isabella estava bem certa de que ele deveria ser um jovem homem encantador e estava igualmente segura de que ele deveria ter se deliciado com sua querida Catherine e, portanto, logo retornaria. A senhorita Morland gostava dele ainda mais por ser clérigo, “pois ela já confessou ser muito inclinada a esta “profissão”, e algo como um suspiro lhe escapou enquanto dizia isso. Talvez Catherine estivesse equivocada em não perguntar a causa daquela suave emoção, mas ela não era experiente o suficiente na finesse do amor, ou nos

deveres da amizade, para saber quando uma delicada zombaria era apropriada ou quando uma confidência podia ser revelada.

A senhora Allen estava agora bem feliz e bem satisfeita com Bath. Ela encontrara alguns conhecidos, tendo muita sorte em encontrá-los na família de uma velha amiga muito estimada. E para completar sua boa sorte, encontrou estes amigos não tão bem vestidos quanto ela. Sua expressão diária já não era mais: “Queria que tivéssemos alguns conhecidos em Bath!”. Isso se transformou em: “Como estou feliz por termos encontrado com a senhora Thorpe!”. Ela estava tão ansiosa em promover o relacionamento das duas famílias, quanto sua jovem protegida e Isabella estavam. Nunca estava satisfeita com o dia, a menos que passasse a maior parte dele ao lado da senhora Thorpe, naquilo que elas chamavam de conversa, mas na qual mal havia qualquer troca de opiniões ou qualquer semelhança de assunto, pois a senhora Thorpe falava mais de seus filhos, e a senhora Allen, dos seus vestidos.

O progresso da amizade entre Catherine e Isabella foi rápido, assim como seu início foi caloroso e elas passaram tão rapidamente por todas as gradações da crescente ternura, que logo não havia prova cabal para ser dada às suas amigas ou a elas mesmas. Chamavam-se pelos seus nomes de batismo, estavam sempre de braços dados quando caminhavam, seguravam a cauda do vestido uma da outra nas danças e não eram divididas no conjunto. E, se uma manhã chuvosa as privava de outros prazeres, ainda assim, resolutas, se encontravam, desafiando a umidade e a lama e se trancavam para ler romances juntas. Sim, romances, pois não adotarei este mau e insensato costume, tão comum entre escritores de romances, de degradar, pelas suas desprezíveis censuras, os próprios trabalhos; além disso, os daqueles aos quais eles mesmos se unem – juntando-se com seus maiores inimigos para conferir os mais duros epítetos a tais trabalhos, e quase nunca permitindo que sejam lidos pela sua própria heroína, a qual, se acidentalmente pegasse um romance, certamente fecharia suas páginas insípidas com desgosto. Ah! Se a heroína de um romance não for protegida pela heroína de outro, de quem poderia esperar proteção e consideração? Não posso aprovar isso. Deixemos aos críticos que abusem de tais efusões de imaginação o quanto quiserem, e que falem sobre cada novo romance, nas rotas melodias do lixo com o qual a imprensa agora se lamenta. Não abandonaremos umas às outras, somos um corpo ferido. Embora nossas produções tenham propiciado prazer mais amplo e verdadeiro do que aqueles de qualquer corporação literária no mundo, nenhum tipo de composição tem sido tão desprezado. Do orgulho, da ignorância ou da moda, nossos inimigos são tantos quanto os nossos leitores. E embora as habilidades do nongentésimo condensador da história da Inglaterra, ou do homem que coleta e publica em um volume algumas dúzias de linhas de Milton, Pope e Prior, com um jornal do “Spectator”, e um capítulo de Sterne, sejam elogiadas por mil penas, parece haver um desejo

quase geral em desprezar a capacidade e em desvalorizar o trabalho do novelista, e diminuir os trabalhos que têm apenas um gênio, espírito e gosto para recomendá-los. “Não sou leitor de romances, raramente leio romances. Não imagine que leio romances com frequência. Isso é muito bom para um romance”. Tal é o dito comum. “E o que está lendo, senhorita ...?”. “Oh! É apenas um romance!”, responde a jovem dama, enquanto deita seu livro com falsa indiferença ou vergonha momentânea. “É apenas Cecília, ou Camilla, ou Belinda”. Ou, em resumo, apenas algum trabalho no qual as maiores forças da mente são exibidas; um trabalho no qual o mais completo conhecimento da natureza humana, a mais feliz delinação de suas variedades, as mais vívidas efusões de gênio e humor são levadas ao mundo, na mais bem escolhida linguagem. Agora, tivesse a mesma jovem dama se entretido com um volume do “Spectator”, em vez de tal trabalho, quão orgulhosamente ela teria exibido o livro e dito seu nome, embora as chances devam ser nulas de que ela se ocupe com qualquer parte daquela publicação volumosa, da qual, tanto o conteúdo quanto o estilo não desagradariam uma jovem pessoa de bom gosto: a matéria de suas folhas, tão frequentemente tratando da declaração de improváveis circunstâncias, personagens irrealis e tópicos de conversa que não atraem mais qualquer pessoa ainda viva, e sua linguagem, também, não raramente, tão rude quanto dar ideia nenhuma do tempo que esta poderia resistir.

CAPÍTULO 6

A seguinte conversa, ocorrida entre as duas amigas na casa de bombas, em uma manhã, depois de uma amizade de oito ou nove dias, é dada como exemplo da ligação muito calorosa, da delicadeza, discrição, originalidade de pensamento e gosto literário que marcava a racionalidade daquela união.

Marcaram um encontro e, como Isabella chegou quase cinco minutos antes de sua amiga, a primeira coisa que disse, naturalmente, foi “Minha querida, o que fez você se atrasar tanto? Esperei por você pelo menos uma era!”

“Sim, de fato! Me desculpe, mas realmente pensei que estava chegando na hora. Ainda é uma. Espero que não tenha ficado aqui por muito tempo”.

“Oh! Dez eras, pelo menos. Estou certa de ter ficado aqui por meia hora. Mas agora, vamos nos sentar do outro lado do salão e nos divertir. Tenho cem coisas para lhe dizer. Em primeiro lugar, eu temia muito que chovesse, pois queria tanto sair. Parecia que ia chover a cântaros e isso me deixou muito agoniada! Você sabe, vi o chapéu mais bonito que você pode imaginar em uma vitrine na Milsom Street, agora há pouco, muito parecido com o seu, só que com faixas cor de papoula, em vez de verdes. Eu o quis muito. Mas, minha querida Catherine, o que você esteve fazendo por toda a manhã? Você continuou com Udolpho”[\[1\]](#)?

“Sim, eu o estive lendo desde que despertei, e cheguei ao véu negro”.

“Você chegou, é mesmo? Que maravilha! Oh! Eu não lhe contaria o que está atrás do véu negro por nada no mundo! Você não está louca para saber?”

“Oh! Sim, muito. O que pode ser? Mas não me conte, não quero ouvir de forma alguma. Sei que deve ser um esqueleto, estou certa de que é o esqueleto de Laurentina. Oh! Estou deliciada com o livro! Gostaria de passar toda a minha vida o lendo. Asseguro-lhe, se não fosse para lhe encontrar, não o largaria por nada deste mundo”.

“Querida criatura! O quanto lhe devo! Quando você terminar Udolpho, iremos ler The Italian[\[2\]](#) juntas. Eu fiz uma lista de dez ou doze livros do mesmo tipo para você”.

“Você fez, realmente? Como estou feliz! Como eles são?”

“Lerei os nomes imediatamente. Aqui estão em meu caderno. Castle of Wolfenbach, Clermont, Mysterious Warnings, Necromancer of the Black Forest, Midnight Bell, Orphan of the Rhine e Horrid Mysteries[\[3\]](#). Estes livros nos ocuparão por algum tempo”.

“Sim, por um bom tempo, mas, são todos horríveis? Você está certa de que são todos horríveis?”

“Estou bem certa, pois uma amiga minha particular, a senhorita

Andrews, uma doce garota, uma das mais doces criaturas no mundo, já os leu todos. Queria que você conhecesse a senhorita Andrews, você iria adorá-la. Ela está tecendo sozinha a mais doce casaca que você pode conceber. Acho que ela é tão bela quanto um anjo, e estou tão irritada com os homens que não a admiram! Eu os repreendo intensamente por isso”.

“Você os repreende? Você os repreende por não a admirarem?”

“Sim, eu os repreendo. Não há nada que eu não faria por aquelas que realmente são minhas amigas. Não sei como amar as pessoas pela metade. Não é da minha natureza. Minhas ligações são sempre excessivamente fortes. Disse ao capitão Hunt, em uma de nossas reuniões, neste inverno, que, se me provocasse todas as noites, eu não dançaria com ele, a menos que reconhecesse que a senhorita Andrews é tão bela quanto um anjo. Os homens pensam que somos incapazes de ter amizades reais, sabe. E estou determinada a lhes mostrar a diferença. Agora, se eu ouvisse alguém falando mal de você, eu me enfureceria em um momento. Mas isso não é nem um pouco provável, pois você é o tipo de garota que tem tudo para ser a grande favorita entre os homens”.

“Oh, querida!”, exclamou Catherine, ruborizando-se. “Como você pode dizer isso?”

“Eu a conheço muito bem. Você tem tanta vivacidade, que é exatamente o que a senhorita Andrews quer, pois, devo confessar: há algo surpreendentemente insípido nela. Oh! Devo lhe dizer que, logo depois de nos separarmos ontem, vi um jovem rapaz olhando tão fixamente para você! Estou certa de que ele está apaixonado por você”. Catherine corou e refutou-a novamente. Isabella riu. “É a pura verdade, palavra de honra! Mas eu entendo, você é indiferente à admiração de todos, exceto à daquele cavalheiro que deve permanecer sem nome. Não, não posso culpá-la.” – falando mais seriamente – “Seus sentimentos são facilmente compreensíveis. Quando se trata de algo ligado ao coração, sei quão pouco alguém pode ficar agradada com a atenção de qualquer um. Tudo que não se relaciona com o objeto amado é tão insípido, tão desinteressante! Posso compreender perfeitamente seus sentimentos”.

“Mas você não deve me convencer que eu penso tanto no senhor Tilney, pois talvez eu nunca mais o veja”.

“Nunca mais o vir! Minha querida criatura, não fale isso. Estou certa de que você ficaria muito triste se pensasse assim”.

“De fato, não devo pensar assim. Não finjo dizer que não fiquei muito encantada por ele. Mas enquanto tiver Udolpho para ler, sinto que ninguém pode me fazer miserável. Oh! O terrível véu negro! Minha querida Isabella, eu estou certa de que o esqueleto de Laurentina deve estar atrás dele”.

“É tão estranho para mim que você nunca tenha lido Udolpho antes. Mas suponho que a senhora Morland proíba romances”.

“Não, ela não proíbe. Ela mesma lê Sir Charles Grandison, às vezes.

Mas os livros novos não chegam até nós”.

“Sir Charles Grandison!^[4] Este é um livro surpreendentemente horrível, não é verdade? Lembro que a senhorita Andrews não conseguiu terminar o primeiro volume”.

“Não é nem um pouco como Udolpho; mas ainda penso que é muito divertido”.

“Você acha mesmo? Você me surpreende. Pensei que não fosse legível. Mas, minha querida Catherine, você já decidiu o que usará sobre a cabeça nesta noite? Estou determinada, de todo modo, a me vestir como você. Os homens percebem isso, às vezes, você sabe”.

“Mas isso não muda nada”, disse Catherine, muito inocentemente.

“Mudar! Oh, céus! Sigo a regra de nunca me importar com o que dizem. Com frequência, eles são espantosamente impertinentes se não os tratar com espírito e os manter a distância”.

“Eles são? Bem, nunca observei isso. Eles sempre se comportam muito bem comigo”.

“Oh! Eles mesmos dão esta impressão. São as mais irreais criaturas no mundo e se julgam tão importantes! A propósito, embora eu tenha pensado nisso cem vezes, sempre me esqueço de lhe perguntar qual é sua compleição favorita em um homem. Você gosta deles escuros ou pálidos?”

“Mal sei. Nunca pensei muito sobre isso. Algo entre ambos, acho. Morenos. Não pálidos e não muito escuros”.

“Muito bem, Catherine. Igualzinho a ele. Não me esqueci da sua descrição do senhor Tilney – ‘uma pele morena, com olhos escuros e cabelos bem negros’. Bem, meu gosto é diferente. Prefiro olhos leves, e quanto à compleição, você sabe, prefiro um tom pálido a qualquer outro. Você não deve me trair, caso encontre com um de seus conhecidos que combine com esta descrição”.

“Trair? O que quer dizer?”

“Não, não me incomode com isso. Acho que já disse o bastante. Vamos mudar de assunto”.

Catherine, um pouco espantada, obedeceu e, depois de ficar poucos minutos em silêncio, estava a ponto de voltar ao que a interessava naquele momento mais do que tudo no mundo, o esqueleto de Laurentina, quando sua amiga lhe avisou: “Pelos céus! Vamos sair daqui do canto da sala. Você sabe, há dois jovens e odiosos rapazes que estão olhando para mim há meia hora. Eles realmente me tiram do sério. Vamos olhar os registros de desembarque. Dificilmente nos seguirão até lá”.

Rumaram para o livro de registros de desembarque e, enquanto Isabella examinava os nomes, era trabalho de Catherine observar os procedimentos daqueles jovens rapazes alarmantes.

“Eles não estão vindo para cá, não é? Espero que não sejam tão impertinentes a ponto de nos seguir. Por favor, avise-me se estiverem vindo. Estou determinada a não subir meus olhos”.

Em poucos momentos, Catherine, com verdadeiro prazer, assegurou-lhe que ela não precisava mais ficar nervosa, pois os cavalheiros tinham deixado a casa de bombas.

“E para onde foram?”, perguntou Isabella, virando-se apressadamente. “Um era bem bonito”.

“Foram na direção do cemitério”.

“Estou maravilhosamente feliz por ter me livrado deles! E, agora, o que me diz de ir ao Edgar’s Buildings comigo e ver meu novo chapéu? Você disse que gostaria de vê-lo”.

Catherine prontamente concordou. “Só que”, ela adicionou, “talvez possamos alcançar os dois jovens rapazes”.

“Oh! Não se importe com isso. Se nos apressarmos, passaremos por eles rapidamente, e estou morrendo de vontade de lhe mostrar meu chapéu”.

“Mas se apenas esperarmos cinco minutos, não haverá risco algum de eles nos virem”.

“Não lhes darei nenhum elogio, assim lhe asseguro. Não tenho ideia do que seja tratar os homens com tal respeito. É assim que ficam mimados”.

Catherine não tinha nada para se opor a tal raciocínio, e, portanto, para mostrar a independência da senhorita Thorpe e sua resolução de humilhar o sexo oposto, elas partiram imediatamente, o mais rápido que podiam caminhar, para alcançar os dois jovens rapazes.

[1] “Os Mistérios de Udolpho,” escrito por Ann Radcliffe e publicado no verão de 1794.

[2] Outro livro de Ann Radcliffe, “The Italian, or the Confessional of the Black Penitents”, que foi publicado em 1797. Tanto “Os Mistérios de Udolpho” quanto “The Italian” são considerados pioneiros da literatura gótica e influenciaram os escritores ingleses posteriores, não sendo Jane Austen uma exceção.

[3] Todos estes livros realmente existem, a despeito da dúvida inicial quando o livro foi publicado. Várias editoras tentaram reunir estas obras em uma só coleção, seguindo a lista de Isabella Thorpe, como a “Folio Society” e a “Skooob Books Publishing”.

[4] “A História de Sir Charles Grandison” é um romance epistolar, escrito por Samuel Richardson, publicado em fevereiro de 1753.

CAPÍTULO 7

Meio minuto as conduziu por entre o jardim das bombas até o arco, do lado oposto ao Union Passage, mas, lá, foram detidas. Todos que conhecem Bath podem se lembrar das dificuldades em atravessar a Cheap Street neste ponto. De fato, era uma rua de natureza tão inoportuna e desafortunadamente relacionada com as grandes estradas de Londres e de Oxford, sendo que a principal estalagem da cidade, na qual ali paravam grupos de damas, independente da importância de seus assuntos, seja em busca de bolos, chapéus ou mesmo (como no presente caso) de jovens rapazes, era tomada de um lado ou de outro por carruagens, cavaleiros ou carroças. Este infortúnio já fora sentido e lamentado, pelo menos três vezes por dia, por Isabella, desde que chegara a Bath. E, agora, ela sentia e lamentava mais uma vez, pois no exato momento de chegar ao lado oposto da Union Passage, já avistando os dois cavalheiros que estavam seguindo pela multidão, e escapando do esgoto daquela movimentada via, elas foram impedidas de atravessar, devido à aproximação de uma carroça, a qual era levada no mau calçamento por um cocheiro de aparência sábia, e com toda a impetuosidade de quem poderia colocar em risco as vidas dele mesmo, de seu companheiro e do cavalo.

“Oh, estas detestáveis carroças”, disse Isabella, subindo o olhar. “Como eu as odeio”. Mas este ódio, embora tão justo, foi de pouca duração, pois ela olhou novamente e exclamou, “Que maravilha! O senhor Morland e meu irmão!”

“Bons céus! É James!”, foi pronunciado no mesmo momento por Catherine e, ao alcançar os olhos do jovem, o cavalo foi imediatamente freado com tal violência, que quase o jogou aos quadris do animal; o criado, em disparada, subiu no cavalo e tomou aos seus cuidados a equipagem, e o cavalheiro pulou para o chão.

Catherine, para quem o encontro era totalmente inesperado, recebeu o irmão com o mais vivo prazer, e ele, sendo de disposição bem amigável e de sincera ligação a ela, deu todas as provas de sua recíproca satisfação em vê-la, algo que podia fazer como se tivesse todo o tempo do mundo, embora os olhos brilhantes da senhorita Thorpe estivessem incessantemente desafiando sua atenção. Para ela, seus cumprimentos foram rapidamente prestados, com uma mistura de alegria e embaraço, o que poderia ter informado a Catherine – caso fosse mais esperta no desenvolvimento dos sentimentos das outras pessoas, e menos absorta com os seus próprios – que seu irmão achou sua amiga tão bonita quanto ela mesmo poderia tê-lo feito achar.

John Thorpe, que enquanto isso esteve dando ordens sobre os cavalos, logo se juntou a eles, prestando as devidas saudações a Catherine e investindo sobre ela toda uma reverência, seguida de um meneio de cabeça, ao mesmo

tempo em que tocava leve e indiferentemente a mão de Isabella. Ele era um jovem e robusto homem de altura média e que, com um rosto comum e de formas nada graciosas, parecia temeroso de ser muito bonito, a menos que vestisse os trajes de um noivo, e também muito cavalheiro, a menos que fosse informal quando deveria ser cortês, e ainda impudente, quando fosse permitido ser informal. Pegou seu relógio e disse: “Quanto tempo você acha que estivemos cavalcando desde Tetbury, Senhorita Morland?”

“Não sei a distância”. Seu irmão lhe disse que eram algo em torno de 37 quilômetros.

“Trinta e sete!”, exclamou Thorpe. “Uns quarenta, se for por uns metros a mais”. Morland protestou, recorreu à autoridade de guias de estrada, hoteleiros e marcos de caminho, mas seu amigo desconsiderou a todos. Ele tinha um senso de distância mais apurado. “Sei que devem ser 40 – disse ele, “pelo tempo em que percorremos a estrada. Agora é uma e meia; saímos do jardim do hotel em Tetbury assim que o relógio da cidade marcou 11 horas. Eu desafio qualquer homem na Inglaterra a fazer meu cavalo andar menos que 16 quilômetros por hora em arreios. Isso faz com que seja exatamente 40.

“Você perdeu uma hora”, disse Morland. “Eram apenas 10 horas quando deixamos Tetbury”.

“Dez horas! Eram onze, pela minha alma! Conte cada batida. Este seu irmão me convenceria de qualquer coisa, senhorita Morland. Mas olhe o meu cavalo. Você já viu um animal tão bem feito para a velocidade, em sua vida?” (O criado tinha acabado de montar a carruagem e estava partindo). “Sangue genuíno! Três horas e meia, de fato, percorrendo apenas 37 quilômetros! Olhe para aquela criatura e suponha ser possível, se puder”.

“Ele seguramente aparenta estar cansado”.

“Cansado! Ele não mexeu um fio de cabelo até chegarmos a Walcot Church. Mas olhe para sua dianteira. Olhe para os seus quadris. Veja apenas como ele se move. Este cavalo não faz menos que 16 quilômetros por hora. Amarre suas pernas e ele continuará. O que você acha de minha carruagem, senhorita Morland? Aconchegante, não? Bem suspensa, feita para a cidade. Não faz um mês que a tenho. Foi construída para um pastor, amigo meu, um bom companheiro. Ele a dirigiu por algumas semanas até que, acredito, resolveu se livrar dela. Aconteceu que eu estava procurando precisamente por algo leve do tipo, embora eu estivesse bem determinado a comprar uma carruagem também. Mas ocorreu de encontrá-lo em Magdalen Bridge, enquanto ele ia para Oxford, no último semestre: “Ah! Thorpe”, ele disse, “será que você não gostaria de comprar uma carruagem como esta? É uma das melhores do tipo, mas estou bem cansado dela”. “Oh! D...”^[1], eu disse, “sou seu amigo, quanto você pede?” E quanto você acha que ele pediu, senhorita Morland?”

“Estou certa de que nem sequer arriscarei”.

“Suspensão de carruagem, você vê. Assento, porta-malas, guarda-espadas, proteção contra lama, lanternas, molde de prata, tudo o que se vê está completo. A fundição tão boa quanto nova, ou melhor. Ele pediu 50 guinéus. Fechei com ele imediatamente, lancei o dinheiro e a carruagem era minha”.

“E estou certa”, disse Catherine, “que sei tão pouco destas coisas que não posso julgar se foi barato ou caro”.

“Nem um, nem outro. Eu poderia pagar menos, ousou dizer. Mas odeio pechinchar, e o pobre Freeman precisava de dinheiro”.

“Isso foi muito nobre de sua parte”, disse Catherine, bem satisfeita.

“Oh! Que droga! Quando se tem os meios de fazer algo bom por um amigo, odeio ser piedoso”.

Uma pergunta então foi feita sobre as andanças planejadas pelas jovens damas e, ao descobrir para onde iam, decidiu-se que os cavalheiros deveriam acompanhá-las a Edgar’s Buildings e prestarem seus respeitos à senhora Thorpe. James e Isabella foram à frente, e tão satisfeita estava esta última com seu quinhão, tão contente em tentar assegurar uma agradável caminhada para ele, que trazia a dupla recomendação de ser o irmão de sua amiga e amigo de seu irmão. Tão puros e desinteressados eram seus sentimentos que, embora alcançassem e ultrapassassem os dois insidiosos jovens rapazes na Milsom Street, ela estava longe de buscar atrair sua atenção, e virou o olhar para vê-los apenas três vezes.

John Thorpe mantinha-se em curso com Catherine e, depois de um silêncio de alguns minutos, reavivou sua conversa sobre a carruagem. “Você saberá, porém, senhorita Morland, que isso poderá ser considerado barato por algumas pessoas, pois eu poderia ter vendido a carruagem por mais 10 guinéus no dia seguinte. Jackson, de Oriel, ofereceu-me 60, uma vez. Morland estava comigo na ocasião”.

“Sim”, disse Morland ao escutar aquilo; “mas você se esquece que seu cavalo estava incluído”.

“Meu cavalo! Que droga! Não venderia meu cavalo por 100. Você gosta de carruagens abertas, senhorita Morland?”

“Sim, muito. Porém mal tive a oportunidade de estar em uma, mas sou particularmente atraída por elas”.

“Fico feliz. Eu a levarei na minha todos os dias”.

“Obrigada”, disse Catherine, ainda um pouco incomodada pela dúvida quanto a se era apropriado aceitar tal oferta.

“Eu a levarei até Lansdown Hill amanhã”.

“Obrigada; mas seu cavalo não quer descansar?”

“Descansar! Ele fez apenas 37 quilômetros hoje. Tudo besteira. Nada arruína os cavalos tanto quanto o descanso. Nada os abate tão rápido. Não, não. Tenho de exercitar o meu quatro horas em média, enquanto estiver aqui”.

“Você tem, de fato!”, disse Catherine, muito séria. “Isso serão quase 65 quilômetros por dia”.

“Sessenta e cinco! Ah, uns 80, pelo que me importo. Bem, eu a levarei a Lansdown amanhã. Veja, isto é um compromisso”.

“Como isso será agradável!”, exclamou Isabella, voltando-se. “Minha querida Catherine, bem que a invejo. Mas temo, irmão, que você não terá espaço para uma terceira pessoa”.

“Uma terceira, de fato! Não, não. Não vim a Bath para levar minhas irmãs a passear. Isso seria uma boa piada, sério! Morland deve cuidar de você”.

Isso acarretou um diálogo de civilidades entre os outros dois, mas Catherine não ouviu os detalhes e nem o resultado. O discurso de seu companheiro agora caiu de sua, até então, animada abordagem para, nada mais do que, uma curta e decisiva sentença de elogio ou condenação do rosto de cada mulher que passava por eles. Catherine, depois de ouvir e concordar ao máximo que podia, com toda a educação e deferência da jovem mente feminina, mas temerosa em arriscar uma opinião própria em oposição à daquele homem seguro, especialmente em que a beleza de seu próprio sexo era o tema, aventurou-se, por fim, a mudar o assunto com uma pergunta que estava há muito proeminente em seus pensamentos: “Você já leu Udolpho, senhor Thorpe?”

“Udolpho! Oh, Deus! Eu não. Não leio romances. Tenho mais o que fazer”.

Catherine, humilhada e envergonhada, estava prestes a se desculpar pela sua pergunta, mas ele a impediu ao dizer, “Romances são tão cheios de besteiras e tal; não se publicou um toleravelmente decente desde ‘Tom Jones’, exceto ‘The Monk’; eu o li outro dia; mas quanto a todos os outros, são as coisas mais estúpidas criadas”.

“Penso que você iria gostar de Udolpho, se o lesse; é tão interessante”.

“Não eu, sério! Não. Se eu ler um, será da senhora Radcliffe. Seus romances são bem atraentes. Valem a pena ser lidos. Há diversão e naturalidade neles”.

“Udolpho foi escrito pela senhora Radcliffe”, disse Catherine, com alguma hesitação, por medo de constrangê-lo.

“Não estou certo. Foi mesmo? Ah, lembrei, é dela. Estava pensando naquele outro livro estúpido, escrito por aquela mulher de quem falam tanto. Aquela que se casou com o imigrante francês”.

“Suponho que você se refira a Camilla?”

“Sim, este é o livro. Tanta coisa artificial! Um velho brincando na gangorra... peguei o primeiro volume uma vez e o folhee, mas logo vi que não serviria. De fato, adivinhei que tipo de coisa tinha lá antes de vê-lo. Assim que soube de seu casamento com um imigrante, tive a certeza de que nunca seria capaz de ler até o fim”.

“Eu nunca o li”.

“Não perdeu nada, garanto-lhe. É a mais horrível besteira que você pode imaginar. Não há nada mais horrível no mundo do que um velho brincando em uma gangorra e aprendendo latim. Pela minha alma, não há nada mais horrível”.

Esta crítica, cuja justiça foi desafortunadamente despejada sobre a pobre Catherine, levou-os até a porta da residência da senhora Thorpe, e os sentimentos do esclarecido e nada orgulhoso leitor de Camilla cederam aos sentimentos do obediente e afetuoso filho, assim que encontraram a senhora Thorpe, que os havia visto de cima, na passagem. “Ah, mãe! Como você está?”, ele disse, dando-lhe um forte aperto de mão. “Onde você conseguiu esse chapéu esquisito? Você fica parecendo uma velha bruxa com ele. Aqui está Morland, e nós viemos passar alguns dias com você, portanto você tem de providenciar duas boas camas em algum lugar perto”. E este discurso pareceu satisfazer todos os desejos mais caros no coração materno, pois ela o recebeu com a mais prazerosa e exultante afeição. Ele investiu sobre suas duas irmãs com uma imensa ternura fraternal, pois perguntou a cada uma delas como estavam e observou que ambas pareciam muito feias.

Estes modos não agradaram a Catherine, mas ele era amigo de James e irmão de Isabella, e seu julgamento foi comprado pela amiga Isabella, que lhe assegurou, quando se retiraram para ver o novo chapéu, que John a achava a mais encantadora garota no mundo, e com John a fazendo se comprometer, antes de irem embora, a dançar com ele naquela noite. Fosse ela mais velha ou mais vaidosa, tais ataques teriam pouco efeito, mas, quando a juventude e a timidez se juntam, é necessária uma incomum firmeza de razão para resistir à atração de ser chamada de a mais encantadora garota no mundo, e de ser tão antecipadamente comprometida como uma parceira. A consequência foi que, quando os dois Morland, depois de se sentarem por uma hora com os Thorpe, partiram juntos para a casa da senhora Allen, e James, assim que a porta se fechou, disse, “Bem, Catherine, você gostou do meu amigo Thorpe?”, ao invés de responder, como ela provavelmente teria feito, caso não houvesse amizade ou bajulação, “Não gostei dele nem um pouco”, replicou imediatamente “Gostei muito dele; parece ser muito agradável”.

“Ele é um camarada de muito boa índole; um pouco tagarela, mas isso é comum do seu sexo, acho. E você gostou do restante da família?”

“Muito, muito, de fato. Particularmente de Isabella”.

“Fico feliz por ouvir você dizer isso. Ela é exatamente o tipo de moça com quem eu desejaria ver você ligada. Tem muito bom senso e é tão sincera e amigável. Sempre quis que você a conhecesse e ela parece gostar muito de você. Ela a elogiou nos melhores termos possíveis. E com um elogio vindo de uma garota como a senhorita Thorpe, Catherine”, pegando na mão da irmã com

afeição, “mesmo você pode se orgulhar”.

“De fato, eu me orgulho”, ela replicou; “gosto muito dela e tenho muito prazer em descobrir que você gosta dela também. Você mal falava dela, quando me escreveu, depois de sua visita lá”.

“Porque achei que logo a veria. Espero que vocês fiquem muito tempo juntas, enquanto estiver em Bath. Ela é uma garota muito amigável, e como é inteligente! E como é querida por sua família! Evidentemente é a favorita de todos. E como deve ser admirada em um lugar como este, não é?”

“Sim, imagino que sim. O senhor Allen acha que ela é a garota mais bonita em Bath”.

“Ouso dizer que sim; e eu não conheço nenhum homem que seja um melhor apreciador da beleza que o senhor Allen. Não preciso lhe perguntar se você está feliz aqui, minha querida Catherine. Com tal companheira e amiga como Isabella Thorpe, seria impossível para você não estar. E os Allen, estou certo, são bondosos com você?”

“Sim, muito. Nunca estive tão feliz antes e, agora que você chegou, será mais prazeroso do que nunca. Como é carinhoso de sua parte vir de tão longe para me ver”.

James aceitou este tributo de gratidão, e qualificou sua consciência a aceitá-lo também, ao dizer com perfeita sinceridade, “De fato, Catherine, eu amo você demais”.

Perguntas e informações relativas aos irmãos e irmãs, a situação de alguns, o crescimento do resto e outras questões familiares agora eram trocadas entre eles. E continuaram com apenas uma pequena digressão por parte de James, a favor da senhorita Thorpe, até que chegaram a Pulteney Street, onde ele foi recebido com grande gentileza pelo senhor e senhora Allen, convidado pelo primeiro a jantar com eles, e intimado pela segunda a adivinhar o preço e julgar os méritos de um novo agasalho de pele e uma nova capa. Um compromisso anterior, tomado em Edgar’s Buildings, evitou que ele aceitasse o convite do jantar e o obrigou a se apressar, tão logo pode satisfazer as demandas do senhor Allen. Sendo a hora da união dos dois grupos no Salão Octagonal corretamente ajustada, Catherine então foi deixada ao luxo de uma imaginação disposta, incansável e assustada sobre as páginas de Udolpho, longe de todas as preocupações mundanas com roupas e com jantares, incapaz de aliviar os medos da senhora Allen com o atraso da esperada costureira e, tendo apenas um minuto em 60, para investir na reflexão de sua própria felicidade por já estar comprometida para a noite.

[1] Note que “D...” não denota o nome do amigo de John Thorpe, como se verá adiante; é simplesmente a abreviação de “damned”, ou “maldito”, que,

assim como “bloody”, tem denotação negativa, mas usado coloquialmente, tem uma conotação similar ao nosso “droga!”. Veja o efeito cômico com que a autora pretende denunciar a hipocrisia social inglesa. Ela não pode escrever o termo para não ter problemas com seus leitores, no entanto, o termo é tão popularmente usado que sua personagem masculina pode usar o termo com personagens femininas, e elas não ficam chocadas.

CAPÍTULO 8

Apesar de Udolpho e da estilista, o grupo de Pulteney Street chegou aos Salões Superiores em muito boa hora. Os Thorpe e James Morland estavam lá há apenas dois minutos, e Isabella, tendo executado o habitual cerimonial de encontrar sua amiga, com a mais sorridente e afetuosa pressa de admirar o conjunto de seu vestido, de invejar os cachos de seu cabelo, seguiu juntamente com sua acompanhante, de braços dados, até o salão de bailes. Sussurravam, uma com a outra, qualquer pensamento que lhes ocorria, abastecendo o lugar com um estoque de ideias, com um aperto de mão ou um sorriso de afeição.

As danças começaram poucos minutos depois que se sentaram. James, que estava cativado há tanto tempo quanto sua irmã, foi muito insistente para que Isabella se levantasse, mas John foi ao salão de cartas conversar com um amigo, e isso fez com que Isabella declarasse que só se juntaria ao grupo quando sua querida Catherine pudesse ir também. “Eu lhe asseguro”, ela disse, “que não me levantaria sem sua querida irmã por nada deste mundo; pois se o fizesse, certamente ficaríamos separadas por toda a noite”. Catherine aceitou esta bondade com gratidão, e continuaram como estavam por mais três minutos, quando Isabella, que estava conversando com James, voltou-se novamente para a amiga e sussurrou, “Minha querida, devo deixá-la. Seu irmão está espantosamente impaciente para começar. Sei que não se importa com o fato de eu ir, e ousou dizer que John estará de volta em um momento, então você poderá facilmente me encontrar”. Catherine, embora um pouco desapontada, tinha muito boa índole para fazer qualquer oposição e, com os outros se levantando, Isabella teve apenas tempo de apertar a mão de sua amiga, antes de disparar e dizer, “Adeus, meu querido amor”. Tendo ido também dançar as mais novas senhoritas Thorpe, Catherine foi deixada à misericórdia da senhora Thorpe e da senhora Allen, entre as quais, agora se encontrava. Ela não podia evitar a irritação com a demora do senhor Thorpe, pois não apenas ansiava dançar, mas estava igualmente ciente de que, como a real dignidade de sua situação não poderia ser conhecida, estava compartilhando, com a classificação das outras jovens damas ainda sentadas, todo o descrédito de desejar um parceiro. Ser desgraçada perante os olhos do mundo, vestir a aparência de infâmia, enquanto seu coração era totalmente puro, suas ações completamente inocentes, e a falta de conduta de outro, como a real fonte de sua humilhação; é uma destas circunstâncias que peculiarmente pertencem à vida de uma heroína, e sua força diante desta situação particularmente dignifica seu caráter. Catherine tinha força também. Ela sofria, mas nenhum murmúrio passou pelos seus lábios.

Desse estado de frustração, ela se eriçou, ao final de dez minutos, por um sentimento mais agradável, ao ver não o senhor Thorpe, mas o senhor Tilney, à distância de três jardas do lugar em que estava sentada. Ele pareceu se mover

naquela direção, mas não a viu e, portanto, o sorriso e o corar, que sua súbita reaparição causou em Catherine, dissiparam-se sem manchar sua heroica importância. Ele parecia estar tão bonito e vívido como antes, e falava com interesse com uma jovem mulher, moderna e de boa aparência, a qual se apoiava em seu braço, a quem Catherine imediatamente considerou ser a irmã dele. Assim, impensadamente desconsiderou uma bela oportunidade de julgá-lo perdido para ela eternamente, por já estar casado. Mas guiada apenas pelo que era simples e provável, nunca entrou em sua cabeça que o senhor Tilney pudesse estar casado. Ele não se comportava e não falava como os homens casados a quem ela já conhecera. Ele se fazia presente com uma jovem mulher, mas nunca mencionou que tinha uma esposa. Destas circunstâncias, brotou-se a instantânea conclusão de ser a irmã ao lado dele e, portanto, em vez de se voltar com a palidez de um cadáver e cair em um desmaio ao peito da senhora Allen, Catherine sentou-se ereta, no perfeito uso de seus sentidos, e com o rosto apenas um pouco mais ruborizado do que o habitual.

O senhor Tilney e sua companheira, que continuava, embora lentamente, a se aproximar dele, foram imediatamente interrompidos por uma dama, conhecida da senhora Thorpe. Esta dama se deteve para falar com a companheira do senhor Tilney, o que fez com que Catherine alcançasse os olhos dele, recebendo imediatamente o sorridente tributo do reconhecimento. Ela o devolveu com prazer e, então, se aproximando ainda mais, ele veio falar com ela e com a senhora Allen, por quem foi educadamente cumprimentado. “Estou muito feliz por vê-lo novamente, senhor, de verdade. Temi que tivesse deixado Bath”. Ele lhe agradeceu pelos seus medos e disse que deixara a cidade por uma semana, na própria manhã em que teve o prazer de encontrá-la.

“Bem, senhor, ousa dizer que não se lamenta por estar de volta novamente, pois este é justamente o lugar para pessoas jovens e, na verdade, para todos também. Digo ao senhor Allen, quando ele diz que está farto daqui, que estou bem certa de que ele não deve reclamar, pois este é um lugar bem agradável, que é muito melhor estar aqui do que em casa, neste período inerte do ano. Eu digo que ele tem muita sorte por ter sido enviado para cá, por causa de sua saúde”.

“E eu espero, madame, que o senhor Allen seja obrigado a gostar do lugar, por achá-lo útil”.

“Obrigado, senhor. Não tenho dúvida de que ele achará. Um vizinho nosso, o doutor Skinner, veio para cá se curar no último inverno e voltou bem robusto”.

“Este evento deve dar muito incentivo”.

“Sim, senhor, e o doutor Skinner, com sua família, ficou aqui por três meses. Por isso que digo ao senhor Allen que ele não deve se apressar para ir embora”.

Nisso foram interrompidos por um pedido da senhora Thorpe à senhora Allen para que ela se movesse um pouco, a fim de acomodar a senhora Hughes e a senhorita Tilney nos assentos, já que as duas tinham concordado em se juntar a seu grupo. Isso foi feito convenientemente, mas o senhor Tilney ainda continuava de pé, diante delas. Depois de alguns minutos, ele pediu a Catherine que dançasse com ele. Esta cortesia encantadora causou severo embaraço à dama. Ao dar sua recusa, ela expressou sua tristeza com tanta ênfase quanto realmente sentia, pois se Thorpe, o qual se juntou a ela logo depois, tivesse chegado meio minuto antes, ele poderia ter pensado que o sofrimento dela era de fato agudo. A própria maneira tranquila, pela qual ele então lhe disse que a mantivera esperando, de modo algum a apaziguou; nem os detalhes de quando ele entrou, enquanto os outros se levantavam, nem os cavalos e cães do amigo que ele acabara de deixar, nem a proposta troca de terriers entre eles, nada a interessou tanto a ponto de evitar que parasse de olhar com frequência para a parte do salão onde tinha deixado o senhor Tilney. Da sua querida Isabella, a quem ela queria particularmente apontar o tal cavalheiro, ela nada podia ver. Estavam em conjuntos diferentes. Ela estava separada de todo seu grupo e longe de qualquer conhecido. Um constrangimento sucedia-se a outro e, do todo, ela deduziu esta útil lição: que ir previamente comprometida a um baile não necessariamente aumenta a dignidade ou a diversão de uma jovem dama. De tal moralizante reflexão, ela foi subitamente tocada no ombro e, ao se voltar, percebeu a senhora Hughes imediatamente atrás dela, acompanhada da senhorita Tilney e de um cavalheiro. “Peço desculpas, senhorita Morland”, ela disse, “por esta liberdade, mas não pude de forma alguma encontrar a senhorita Thorpe, e a senhora Thorpe me disse que estava certa de que você não teria a menor objeção em acompanhar esta jovem dama”. A senhora Hughes não poderia ter pedido para nenhuma outra criatura no salão, mais feliz em se encarregar disso, do que Catherine. As jovens damas foram apresentadas: a senhorita Tilney, expressando um apropriado senso de bondade; a senhorita Morland, com a real delicadeza de uma mente generosa, que faria com prazer a obrigação. E a senhora Hughes, satisfeita em ter tão respeitosa acomodado sua jovem protegida, voltou ao seu grupo.

A senhorita Tilney tinha uma boa figura, um rosto bonito e feições bem agradáveis. Seu tom, embora não tivesse nada da pretensão definida e do estilo resolutivo da senhorita Thorpe, tinha mais elegância real. Seus modos mostravam bom senso e boa educação. Não eram nem tímidos nem afetadamente abertos. Ela parecia capaz de ser jovem e atraente em um baile, sem querer chamar a atenção de todos os homens próximos a ela, e sem sentimentos exagerados de prazer estático ou inconcebível irritação a qualquer insignificante ocorrência. Catherine, interessada definitivamente por sua aparência e pelo seu relacionamento com o senhor Tilney, estava desejosa de travar relações com

ela, e prontamente falava sempre que podia pensar em alguma coisa para dizer, tendo coragem e tempo para isto. Porém, o obstáculo lançado no caminho de uma intimidade muito rápida, pela frequente necessidade de um ou mais destes requisitos, evitava que fossem além do que os primeiros rudimentos de um relacionamento, ao comentarem o quanto gostavam de Bath, o quanto admiravam seus edifícios e o campo adjacente, se desenhavam, ou se tocavam algum instrumento musical, ou se cantavam, ou se gostavam de montar a cavalo.

As duas danças mal tinham terminado antes que Catherine tivesse seu braço gentilmente agarrado pela sua fiel Isabella, que, de bom humor, exclamou, “Até que enfim lhe encontrei. Minha querida, estive procurando por você por toda esta hora. O que poderia ter lhe levado a vir a este conjunto, quando você sabia que eu estava em outro? Fiquei muito triste sem você”.

“Minha querida Isabella, como me era possível encontrá-la? Eu nem podia ver em que lugar você estava”.

“Foi o que eu disse ao seu irmão todo o tempo, mas ele não acreditou em mim. Vá procurá-la, senhor Morland, eu disse, mas tudo em vão. Ele não avançou um milímetro. Não foi, senhor Morland? Mas vocês, homens, são tão imoderadamente preguiçosos! Ralhei com ele até o ponto, minha querida Catherine, em que você ficaria bem espantada. Você sabe que nunca tolero cerimônias com tais pessoas”.

“Olhe para aquela jovem dama com contas brancas ao redor de sua cabeça”, sussurrou Catherine, separando sua amiga de James. “É a irmã do senhor Tilney”.

“Oh! Céus! Não me diga! Deixe-me olhar para ela. Que bela garota! Nunca vi uma mulher nem pela metade tão bonita! Mas onde está seu irmão que conquista a todos? Está no salão? Aponte-me, neste instante, se ele estiver. Morro de curiosidade de vê-lo. Senhor Morland, você não deve escutar. Não estamos falando sobre você”.

“Mas sobre o que são estes sussurros? O que está acontecendo?”

“Ora essa, eu já sabia. Vocês homens têm uma incansável curiosidade! Falam da curiosidade das mulheres, de fato! Isso não é nada. Mas fique tranquilo, pois não saberá nada sobre esta questão”.

“E isso deverá me tranquilizar, você acha?”

“Bem, declaro que nunca vi ninguém como você. O que isso poderia significar para você, o que estamos falando? Talvez estejamos falando sobre você. Portanto, eu o aconselharia a não ouvir, ou pode acontecer de você escutar algo não muito agradável”.

Nesta conversa de senso comum que durou por algum tempo, o assunto original pareceu inteiramente esquecido. Embora Catherine estivesse bem satisfeita de ter mudado a conversa por um momento, ela não podia evitar uma pequena suspeita com a total suspensão de todo o desejo impaciente de Isabella

em ver o senhor Tilney. Quando a orquestra começou uma nova dança, James queria levar sua bela parceira, mas ela resistiu. “Eu lhe digo, senhor Morland”, ela exclamou, “eu não faria tal coisa, por nada neste mundo. Como pode ser tão provocador? Imagine você, minha querida Catherine, o que seu irmão quer que eu faça. Ele quer que eu dance novamente com ele, embora eu lhe diga que isto é uma coisa bem inapropriada e totalmente contra as regras. Isso nos faria conversar sobre o lugar, se não trocarmos nossos acompanhantes”.

“Pela minha honra”, disse James, “nestas reuniões públicas, isto é tão comum!”.

“Besteira, como pode dizer isto? Mas quando vocês, homens, têm um ponto a discutir, não hesitam por coisa alguma. Minha doce Catherine, ajude-me. Convença seu irmão de que isso é impossível. Diga-lhe que ficaria muito chocada ao me ver fazer tal coisa, não é mesmo?”

“Não, nem um pouco. Mas, se você acha isso errado, é melhor fazer o que acha certo”.

“Eis”, exclamou Isabella, “você ouve o que sua irmã diz, e, ainda assim, ignora-a. Bem, lembre-se de que não é minha culpa, se colocarmos todas as velhas damas de Bath em alvoroço. Venha comigo, minha querida Catherine, pelos céus, e fique comigo”. E assim saíram, voltando para seu antigo lugar. John Thorpe, neste meio tempo, tinha se afastado; e Catherine, sempre desejosa de dar ao senhor Tilney uma oportunidade de repetir o agradável convite que já a tinha lisonjeado antes, cumpriu seu caminho até a Senhora Allen e a Senhora Thorpe o mais rápido que podia, na esperança de encontrá-lo ainda com elas – uma esperança que, ao se provar infrutífera, a fez sentir-se muito irracional. “Bem, minha querida”, disse a Senhora Thorpe, impaciente por elogios ao seu filho, “espero que você tenha tido um parceiro agradável”.

“Muito agradável, madame”.

“Fico feliz por isso. John tem um humor encantador, não é?”

“Você encontrou o senhor Tilney, minha querida?”, perguntou a senhora Allen.

“Não, onde ele está?”

“Estava conosco ainda agora. Ele disse que estava tão cansado de perambular que iria dançar. Então pensei que, talvez, fosse convidá-la, caso a encontrasse”.

“Onde ele pode estar?”, disse Catherine, olhando ao redor; mas ela não tinha olhado tudo antes de vê-lo conduzir uma jovem dama à dança.

“Ah! Ele tem uma parceira. Queria que ele a convidasse”, disse a senhora Allen; e, depois de um curto silêncio, ela acrescentou, “ele é um jovem muito agradável”.

“De fato ele é, senhora Allen”, disse a senhora Thorpe, sorrindo complacientemente; “Devo dizer, embora eu seja sua mãe, que não há um

jovem mais agradável no mundo”.

Esta resposta sem sentido poderia ter sido demais para a compreensão de muitos, mas não intrigou a senhora Allen, visto que, após um momento de consideração, ela disse em um sussurro para Catherine, “ousou dizer que ela pensou que eu estivesse falando de seu filho”.

Catherine estava desapontada e irritada. Ela parecia ter perdido, por pouco, justamente o objeto que tinha em vista. Esta ideia não a induzia a uma resposta muito graciosa, quando John Thorpe veio até ela, logo depois, e disse, “Bem, senhorita Morland, suponho que devamos nos levantar e dançar juntos outra vez”.

“Oh, não. Estou muito grata a você. Nossas duas danças terminaram. E, além disso, estou cansada e não quero dançar mais”.

“Não quer? Então vamos caminhar e fazer piadas sobre as pessoas. Venha comigo e lhe mostrarei as quatro criaturas mais zombeteiras neste salão; minhas duas irmãs mais novas e seus parceiros. Estive rindo com eles nesta última meia hora”.

Novamente Catherine se desculpou. Por fim, ele saiu sozinho para importunar suas irmãs. Ela achou o resto da noite muito tediosa; durante o chá, o senhor Tilney foi levado de seu grupo para se juntar ao de sua parceira, a senhorita Tilney; embora se reunisse ao novo grupo, não se sentou perto dela; e James e Isabella estavam tão entretidos em conversar juntos, que esta não tinha tempo para investir mais em sua amiga, senão um sorriso, um abraço e um “querida Catherine”.

CAPÍTULO 9

O progresso da infelicidade de Catherine com os eventos da noite foi como se segue: primeiro lhe veio uma insatisfação geral com todos ao seu redor, enquanto permanecia nos salões, o que rapidamente lhe trouxe um considerável cansaço e um violento desejo de voltar para casa. Isto, ao chegar a Pulteney Street, tomou a direção de uma fome extraordinária e, quando esta foi saciada, alterou-se para forte anseio de estar na cama. Tal era o extremo ponto de seu incômodo que, quando ela caiu imediatamente em um sono aferrado, que durou nove horas e do qual ela despertou perfeitamente reavivada, de excelente humor, com novas esperanças e novos planos, o primeiro desejo de seu coração foi o de se aproximar da senhorita Tilney. Sua primeira decisão foi procurá-la na casa de bombas, com este propósito, ao meio-dia. A casa de bombas, para alguém que chegou tão recentemente a Bath, devia ser considerada, e ela já tinha percebido isso, como um local favorável à descoberta da excelência feminina e à completude da intimidade feminina, um lugar admiravelmente adaptado para conversas secretas e confidências ilimitadas, um espaço que incentivava uma amiga a esperar pela outra dentro daquelas paredes. Como plano para o período da manhã, sentou-se calmamente para ler seu livro após o café da manhã, decidida a permanecer no mesmo lugar e com a mesma diversão até que o relógio marcasse uma hora; e, pelo hábito, muito pouco se incomodava com os comentários e os arroubos da senhora Allen. Esta, cuja mente vazia e a incapacidade de pensar eram tamanhas, nunca falava demais, assim também nunca poderia ficar totalmente quieta. Se ela se debruçasse em seu trabalho, se perdesse sua agulha ou quebrasse o fio, se ouvisse uma carruagem na rua ou visse um salpicar em seu vestido, ela tinha de fazer uma observação em voz alta, houvesse alguém livre para responder ou não. Por volta do meio-dia e meia, um barulho notavelmente alto a atraiu depressa para a janela. Ela mal teve tempo de informar a Catherine que havia, à porta, duas carruagens abertas, tendo na primeira apenas um criado, e na segunda, seu irmão conduzindo a senhorita Thorpe – antes que pudesse, veio John Thorpe correndo escada acima e chamando, “Senhorita Morland, aqui estou. Esperou por muito tempo? Não pudemos chegar antes. O diabo de um mecânico demorou uma eternidade para descobrir o problema dentro da carruagem, e agora tenho de pagar 10 mil guinéus. Mas saímos logo, antes que algo se quebre novamente”. Como vai, senhora Allen? Um grandioso baile ontem à noite, não? Vamos, senhorita Morland, seja rápida, pois os outros estão com uma pressa terrível para sair. Querem se livrar da baderna”.

“O que quer dizer?”, disse Catherine. “Para onde vocês vão?”

“Para onde vamos? Ora, se esqueceu do nosso compromisso? Não concordamos em dar um passeio nesta manhã? Que cabeça você tem! Vamos

para Claverton Down”.

“Algo foi mesmo dito sobre isso, recorde-me”, disse Catherine, olhando para a senhora Allen em busca de opinião; “mas eu realmente não o esperava”.

“Não me esperava! Essa é boa! E que estardalhaço você faria, se eu não tivesse vindo!”.

Enquanto isso, Catherine fez um apelo silencioso para sua amiga, mas foi totalmente desperdiçado, pois a senhora Allen, não tendo o hábito de discernir qualquer expressão por um olhar, não estava ciente de que estava sendo necessária a alguém. Catherine, cujo desejo de rever a senhorita Tilney poderia, naquele momento, suportar um pequeno atraso em favor de um passeio, pensou não haver impropriedade em ir com o senhor Thorpe, já que Isabella estava indo juntamente com James. Assim, foi obrigada a falar mais claro. “Bem, madame, o que diz sobre isso? Pode me dispensar por uma hora, ou duas? Devo ir?”

“Faça como quiser, minha querida”, replicou a senhora Allen, com a mais plácida indiferença. Catherine seguiu o conselho e correu para se aprontar. Em pouquíssimo tempo estava de volta, mal permitindo aos outros dois tempo suficiente para elogiá-la, por meio de algumas frases curtas. Depois que Thorpe buscou a admiração da senhora Allen pela sua carruagem, recebendo votos de boa sorte da amiga que ficava, ambos correram escada abaixo. “Minha querida”, exclamou Isabella, em quem o dever de amizade imediatamente despertou antes que ela pudesse entrar na carruagem, “você demorou pelo menos três horas para ficar pronta. Temi que estivesse doente. Que baile delicioso tivemos na noite passada. Tenho mil coisas para lhe contar, mas apresse-se e entre, pois anseio partir”.

Catherine seguiu suas ordens e retornou à carruagem, mas não tão rápido que não pudesse ouvir seu amigo exclamar em alto e bom tom, para James, “Que garota doce ela é! Estou apaixonado”.

“Você não deve se assustar, senhorita Morland”, disse Thorpe, enquanto a ajudava a subir, “se meu cavalo dançar um pouco ao partirmos. Ele irá, muito provavelmente, dar um salto ou dois, e talvez descansar por um minuto; mas logo saberá quem é seu dono. Ele é muito temperamental, divertido ao máximo, mas não é teimoso”.

Catherine não achou a descrição muito convidativa, mas já era tarde para desistir, e ela era muito jovem para se assustar. Assim, resignando-se ao seu destino e confiando no que fora apregoado – o animal era conhecedor de seu dono – ela sentou-se tranquilamente e viu Thorpe sentar-se ao seu lado. Estando tudo arranjado, foi pedido ao criado que estava no comando do cavalo, em um tom imponente, “para deixá-lo ir”, e partiram da maneira mais tranquila imaginável, sem um pulo ou recuo, ou qualquer coisa parecida. Catherine, prazerosa de partida tão feliz, falou de seu contentamento em voz alta, com grata surpresa, e seu companheiro imediatamente tornou a questão perfeitamente

simples ao lhe assegurar que tudo era devido à maneira peculiarmente criteriosa com que ele segurou as rédeas, e ao discernimento e à destreza singulares com que direcionou o chicote. Catherine, embora não pudesse deixar de se perguntar, mesmo com tal perfeito comando do cavalo do senhor Thorpe, o porquê de John alarmá-la com uma lista de seus truques, alegrou-se com sinceridade por estar sob os cuidados de um cocheiro tão excelente. Percebendo que o animal continuava a seguir do mesmo modo tranquilo, sem mostrar a menor propensão para qualquer travessura desagradável, e – considerando que seu ritmo inevitável era de 16 quilômetros por hora – de modo algum alarmantemente rápido, ela se entregou à apreciação do ar e do tipo mais revigorante de exercício, em um belo dia fresco de fevereiro, com a consciência de segurança. Um silêncio de vários minutos se sucedeu ao primeiro diálogo, sendo quebrado por Thorpe, ao dizer bem abruptamente, “O velho Allen é rico como um judeu – não é?” Catherine não o compreendeu – e ele repetiu sua pergunta, adicionando uma explicação, “O velho Allen, o homem com quem você está”.

“Oh! Você fala sobre o senhor Allen. Sim, acredito que seja muito rico”.

“E ele não tem filho algum?”

“Não, nenhum”.

“Uma coisa muito boa para seus herdeiros próximos. Ele é seu padrinho, não é?”

“Meu padrinho? Não”.

“Mas você está sempre com eles”.

“Sim, muito”.

“Então, foi isso o que eu quis dizer. Ele parece ser um bom tipo de senhor, e viveu muito bem em seu tempo, ousou dizer. Ele não tem gosto por nada. Ele bebe sua garrafa por dia, ainda?”

“Sua garrafa por dia? Não. Por que você deveria pensar tal coisa? Ele é um homem bem moderado, e você não poderia imaginá-lo a beber, ontem”.

“Deus a ajude! Vocês mulheres, sempre achando que os homens estão bêbados. Ora, você não supõe que um homem seja prostrado pela bebida? Estou certo disso... que, se todos bebessem uma garrafa por dia, não haveria metade da desordem no mundo, como há hoje. Seria uma coisa muito boa para todos nós”.

“Não posso crer nisso”.

“Ah, Deus! Seria a salvação de milhares. Não há a centésima parte do vinho consumido neste reino que deveria haver. Nosso clima nebuloso precisa de ajuda”.

“E eu já ouvi dizer que há uma grande quantidade de vinho consumido em Oxford”.

“Oxford! Não se bebe em Oxford, eu lhe asseguro. Ninguém bebe lá. Você dificilmente encontraria um homem que passa de suas quatro canecas de

cerveja, no máximo. Agora, por exemplo, foi lembrado como algo notável, na última festa em minhas dependências, que em média bebemos perto de cinco canecas por cabeça. Foi considerado algo fora do comum. As minhas são coisas boas, esteja certa. Você não encontraria frequentemente algo parecido como elas em Oxford, e isso diz muito. Mas isso lhe dará só uma noção do consumo geral de bebidas lá”.

“Sim, dá uma noção”, disse Catherine calorosamente, “vocês todos bebem mais vinho do que eu pensei que bebiam. Porém, estou certa de que James não bebe tanto”.

Esta declaração causou uma resposta tonitruante e impositiva, da qual nenhuma parte foi muito clara, exceto pelas frequentes exclamações, resultando quase em juramentos. No final, Catherine adquirira a forte convicção de que se bebia muito vinho em Oxford, e a mesma crença feliz na comparativa sobriedade de seu irmão.

As ideias de Thorpe então se voltaram aos méritos de sua própria equipagem, e ela foi convocada a admirar o espírito e a liberdade com que seu cavalo se movia, e a facilidade com que trotava, assim como a excelência das molas que dava o movimento à carruagem. Ela o acompanhava em toda sua admiração ao máximo que podia. Ficar atrás ou ultrapassá-lo era impossível. Seu conhecimento, e a ignorância dela sobre o assunto, a rapidez dele em se expressar, e a timidez dela sobre si própria, tudo a desmobilizava de sua força. Ela não concatenava nada de novo em recomendação, mas prontamente ecoava o que ele escolhia em elogiar, combinando, assim, entre eles, sem dificuldade, que a equipagem dele era, em conjunto, a mais completa na Inglaterra; sua carruagem, a mais aconchegante; seu cavalo, o melhor trotador; e ele mesmo, o melhor cocheiro. “Você realmente não acha, Senhor Thorpe”, disse Catherine, se aventurando depois de, por um tempo, considerar a questão como inteiramente decidida, e para oferecer alguma pequena variação sobre o assunto, “que a carruagem de James logo quebrará?”

“Quebrar! Oh! Deus! Você já viu tal coisinha saltitante em sua ida? Não há uma sólida peça de ferro nela. As rodas se desgastaram bem nesses últimos dez anos, pelo menos. E quanto à carroceria! Pela minha alma, você mesma poderia destruí-la em pedaços com um toque. É a coisa mais ordinária e magricela que já vi! Graças a Deus! Temos uma melhor. Eu não andaria nem quatro quilômetros nela por 50 mil libras”.

“Pelos céus!”, exclamou Catherine, bem assustada. “Então, por favor, vamos voltar. Certamente eles sofrerão um acidente se continuarmos. Vamos voltar, senhor Thorpe. Pare e fale com meu irmão, e diga-lhe o quão insegura ela é”.

“Insegura! Oh, Deus! O que há nisso? Eles apenas rolarão se ela se quebrar. E há muita lama. Seria uma queda excelente. Oh, que droga! A

carruagem é bem segura, se um homem souber conduzi-la. Uma coisa desse tipo em boas mãos durará mais de 20 anos depois de estar bem gasta. Deus a abençoe! Eu pagaria cinco libras para levá-la até York e voltar sem perder um prego”.

Catherine ouvia com surpresa. Ela não sabia como juntar duas opiniões bem diferentes sobre a mesma coisa, pois não foi levada a compreender as propensões de um chacoalhar, nem a saber a quantas afirmações vazias e impudicas falsidades o excesso de vaidade poderia levar. Sua própria família era ignorante, pois eram pessoas da vida real, que raramente buscavam a sagacidade de qualquer tipo. Seu pai, no máximo, contentava-se com um trocadilho, e sua mãe, com um provérbio. Eles não tinham, portanto, o hábito de mentir para aumentar sua importância, ou de assegurar em um momento o que eles contradiriam no seguinte. Ela pensou sobre o caso por algum tempo, com muita perplexidade e ficou, mais de uma vez, a ponto de pedir ao senhor Thorpe uma explicação mais clara sobre sua real opinião a respeito do assunto. Mas ela se conteve porque lhe parecia que ele não era bom em dar explicações claras, por fazer as coisas simples tornarem-se ambíguas. E, juntando a isso a consideração de que ele realmente não permitiria que sua irmã e seu amigo fossem expostos a um perigo do qual ele facilmente os preservaria, ela concluiu, por fim, que ele sabia que a carruagem era perfeitamente segura, e, portanto, ela não mais se preocupou. Por ele, toda a questão parecia inteiramente esquecida, e todo o resto de sua conversa, ou melhor, fala, começava e terminava com ele mesmo e seus assuntos. Ele lhe falou de cavalos que comprou por ninharias e vendeu por somas incríveis; de competições de velocidade, nas quais seu julgamento infalivelmente predisse o vencedor; de grupos de tiro, nos quais ele matou mais pássaros (embora sem conseguir um bom tiro) do que todos os seus companheiros; e lhe descreveu alguns ótimos dias de caça com fox-hounds, nos quais sua mira e habilidade em direcionar os cães repararam os erros dos caçadores mais experientes, e a firmeza com que sua montaria – embora nunca tivesse arriscado a vida em algum momento – havia constantemente guiado os outros, em meio a dificuldades, ao que ele calmamente concluiu que muitos tiveram seus pescoços quebrados.

Catherine tinha pouco o hábito de julgar por si mesma, e, como eram frágeis suas noções gerais sobre como os homens deveriam ser, ela não podia reprimir por inteiro uma dúvida, enquanto se aborrecia com as efusões de seu infinito conceito de que era ele próprio, em seu todo, completamente agradável. Era uma conjectura ousada, pois ele era irmão de Isabella, e James garantiu a Catherine que os modos dele eram recomendados ao sexo dela. Mas, apesar disso, o extremo cansaço que a companhia dele lhe causara, antes que estivessem juntos por uma hora, e que continuava a aumentar sem cessar, até que pararam em Pulteney Street novamente, a levou, em um pequeno grau, a

não aceitar tal alta autoridade e a desconfiar dos poderes dele em proporcionar grande prazer.

Quando chegaram à porta da senhora Allen, a surpresa de Isabella mal poderia ser expressa ao descobrir que era muito tarde para entrarem na casa com sua amiga: “Já passam das três da tarde!”. Era inconcebível, inacreditável, impossível! Ela não acreditava nem em seu próprio relógio, nem no de seu irmão, nem no do criado. Ela não acreditava em nenhuma afirmação fundada na razão ou na realidade, até que Morland retirou seu relógio e confirmou o fato. Ter duvidado por um momento mais teria sido igualmente inconcebível, inacreditável e impossível. E ela podia apenas protestar, repetidamente, que duas horas e meia nunca tinham se passado tão rapidamente antes, enquanto Catherine era convocada a concordar. Esta não poderia falar uma falsidade nem mesmo para agradar Isabella, mas foi poupada da tristeza pela voz dissonante de sua amiga, ao não esperar pela sua resposta. Seus próprios sentimentos a absorviam e sua frustração era mais aguda ao se descobrir obrigada a ir direto para casa. Havia sido há muito tempo que ela tinha tido um momento de conversa com sua querida Catherine e, embora ela tivesse milhares de coisas para contar, parecia que nunca estariam juntas de novo. Assim, com sorrisos da mais perfeita tristeza e com os olhos sorridentes do extremo desânimo, ela despediu-se de sua amiga e partiu.

Catherine encontrou a senhora Allen recém-chegada de sua atribulada ociosidade da manhã e foi imediatamente cumprimentada com “Bem, minha querida, eis que você chegou”, uma verdade que ela não tinha maior intenção do que força para refutar; “e eu espero que tenha tido um passeio agradável”.

“Sim, madame, obrigado. Não poderíamos ter tido um dia melhor”.

“Assim disse a senhora Thorpe. Ela estava radiante por vocês todos terem saído”.

“Então você encontrou a senhora Thorpe?”

“Sim, fui à casa de bombas assim que você saiu e lá a encontrei, e conversamos bastante. Ela disse que havia pouquíssima carne de vitela no mercado nesta manhã e que está rara como há muito não se via”.

“Você viu mais algum dos nossos conhecidos?”

“Sim; concordamos em dar uma volta no Crescent, e lá encontramos a senhora Hughes, e o senhor e a senhorita Tilney, caminhando com ela”.

“Verdade? E eles conversaram com você?”

“Sim, caminhamos pelo Crescent juntos por meia hora. Eles parecem ser pessoas agradáveis. A senhorita Tilney estava em uma seda sarapintada muito bonita, e eu imagino, pelo que pude descobrir, que ela se veste sempre muito bem. A senhora Hughes falou muito sobre a família para mim”.

“O que ela lhe disse sobre eles?”

“Oh, muita coisa, de fato. Ela mal falou de outra coisa”.

“Ela lhe disse de que parte de Gloucestershire eles são?”

“Sim, ela disse, mas não posso me lembrar agora. Mas eles são muito boa gente e muito ricos. A senhora Tilney era a senhorita Drummond, e ela e a senhora Hughes eram companheiras de escola. A senhorita Drummond tinha uma fortuna muito grande e, quando se casou, seu pai lhe deu 20 mil e quinhentas libras, para comprar roupas para o casamento. A senhora Hughes viu todas as roupas assim que chegaram da loja”.

“E o senhor e a senhora Tilney estão em Bath?”

“Sim, imagino que sim, mas não estou bem certa. Lembro, porém, que tinha uma ideia de que já estavam mortos. Pelo menos a mãe está. Sim, estou certa de que a senhora Tilney já faleceu, porque a senhora Hughes me disse que havia um conjunto de pérolas muito bonito que o senhor Drummond deu a sua filha no dia do casamento, e que agora a senhorita Tilney as possui, pois foi herdado por ela quando sua mãe morreu”.

“E o senhor Tilney, meu parceiro, é o único filho?”

“Não posso estar muito certa sobre isso, minha querida. Tenho alguma ideia de que ele seja, sim, entretanto, é um jovem rapaz muito fino, diz a senhora Hughes, e é provável que vá muito bem”

Catherine não perguntou mais. Ela já tinha ouvido o suficiente para sentir que a senhora Allen não tinha informações reais a dar, e que estava mais particularmente triste por ter perdido tal encontro com ambos – o irmão e a irmã. Tivesse ela podido prever tal evento, nada a teria convencido a sair com os outros. Agora, ela podia apenas lamentar sua má sorte e pensar sobre o que ela tinha perdido, até que lhe estivesse claro que o passeio não tinha sido, de modo algum, muito agradável, e que o próprio John Thorpe era muito desagradável.

CAPÍTULO 10

Os Allen, os Thorpe e os Morland se encontraram no teatro, à noite. Como Isabella e Catherine sentaram-se juntas, havia então uma oportunidade para a última expressar algumas das milhares de coisas que esteve colecionado dentro dela para conversar, na incomensurável extensão de tempo que as dividira. “Oh, céus! Minha amada Catherine, eu a tenho finalmente?”, foi seu cumprimento assim que Catherine adentrou a cabina e sentou-se ao seu lado. “Agora, senhor Morland”, pois ele estava próximo a ela, do lado oposto, “não devo lhe falar outra palavra pelo restante da noite. Assim, aviso-lhe que não espere por isso. Minha doce Catherine, como esteve por todo este longo tempo? Mas não preciso lhe perguntar, pois você aparenta estar ótima. Você realmente fez seu cabelo em um estilo mais celestial que antes. Sua criatura traiçoeira, você quer atrair a todos? Eu lhe asseguro, meu irmão já está bem apaixonado por você. E quanto ao senhor Tilney? Mas isso é uma coisa combinada, mesmo sua modéstia não pode duvidar da ligação dele, agora. Sua volta para Bath deixa isso muito claro. Oh! O que eu não daria para vê-lo! Estou realmente ensandecida com tanta impaciência. Minha mãe diz que ele é o mais agradável rapaz no mundo. Ela o viu esta manhã, você sabe. Você tem de me apresentá-lo. Ele está aqui, agora? Procure, por Deus! Eu lhe asseguro, mal posso existir até que o veja”.

“Não”, disse Catherine, “ele não está. Não posso vê-lo em lugar algum”.

“Oh, que horror! Será que nunca o conhecerei? Você gostou do meu vestido? Acho que ele não está inconveniente. As capas foram inteiramente de minha própria criatividade. Você sabe que eu fico tão extremamente enjoada de Bath. Seu irmão e eu concordamos, nesta manhã, que, embora esteja muito bom ficar aqui por algumas semanas, não viveríamos aqui por milhões. Logo, descobrimos que nossos gostos são exatamente iguais em preferir o campo a qualquer outro lugar. Realmente, nossas opiniões eram exatamente as mesmas, foi muito ridículo! Não havia um único ponto em que discordássemos. Eu não teria estado com você por nada neste mundo. Você é tão dissimulada, estou certa de que teria feito alguma observação engraçada ou qualquer outra coisa sobre isso”.

“Não, de fato, eu não faria”.

“Oh, faria sim. Eu a conheço melhor do que você mesma. Você nos teria dito que parecemos feitos um para o outro, ou alguma besteira do tipo, o que teria me incomodado além do imaginável. Meu rosto teria corado como suas rosas. Eu não teria estado com você por nada neste mundo”.

“De fato, você está sendo injusta. Eu não teria feito nenhum comentário inapropriado por nada. E, além disso, estou certa de que isso sequer

teria passado pela minha cabeça”.

Isabella riu incrédula e conversou o restante da noite com James.

A decisão de Catherine em tentar encontrar a senhorita Tilney novamente continuou com força total na manhã seguinte e, até o momento habitual de ir à casa de bombas, ela sentiu alguma preocupação pelo temor de um segundo impedimento. Porém, nada desse tipo ocorreu. Nenhum visitante apareceu para atrasá-los, e todos os três partiram em boa hora para a casa de bombas, onde o curso ordinário dos eventos e as conversas ocorreram. O senhor Allen, depois de terminar seu copo de água, juntou-se a alguns cavalheiros para conversar sobre a política do momento e comparar os relatos de seus jornais, enquanto as damas caminhavam juntas, notando cada novo rosto e quase todo novo chapéu na sala. A parte feminina da família Thorpe, acompanhada de James Morland, aparecia entre a multidão em menos de 15 minutos, e Catherine imediatamente ocupou seu lugar usual ao lado de sua amiga. James, que estava agora em constante presença, mantinha uma posição similar e, separando-se do restante de seu grupo, os três caminharam, desta maneira, por algum tempo, até que Catherine começou a duvidar da felicidade de uma situação a qual, confinando-a inteiramente a sua amiga e seu irmão, dava-lhe uma fatia muito pequena da atenção de ambos. Eles estavam sempre ocupados com alguma discussão sentimental ou uma vívida disputa, mas seus sentimentos eram expressos em tais vozes sussurrantes, e suas vivacidades acompanhadas de tantas risadas, que, embora a opinião de apoio de Catherine não fosse frequentemente pedida por um ou por outro, ela nunca era capaz de dar alguma, por não ter ouvido uma palavra do assunto. Por fim, porém, ela se encorajou a se soltar de sua amiga, pela declarada necessidade de falar com a senhorita Tilney, a quem ela muito alegremente viu entrando na sala com a senhora Hughes, e a quem ela se juntou imediatamente com a mais firme determinação de travar amizade do que ela poderia ter coragem de fazer jus, não fosse ela premida pelo desapontamento do dia anterior. A senhorita Tilney a cumprimentou com grande educação, devolvendo seus elogios com igual boa vontade, e elas continuaram conversando, enquanto ambos os grupos permaneceram no salão. Embora, de qualquer modo, nenhuma observação tenha sido feita, e nenhuma expressão usada por ambas não tenha sido empregada milhares de vezes antes, sob aquele teto, em cada temporada em Bath, o mérito de conversarem com simplicidade e sinceridade, e sem arrogância pessoal, poderia ser algo incomum.

“Como seu irmão dança bem!”, foi uma exclamação inocente de Catherine ao final de sua conversa, que definitivamente surpreendeu e divertiu sua companheira.

“Henry!”, ela respondeu com um sorriso. “Sim, ele dança muito bem”.

“Ele deve ter achado muito estranho me ouvir dizer que estava comprometida na noite anterior, quando me viu sentada. Mas eu realmente estive

comprometida o dia inteiro com o senhor Thorpe”. A senhorita Tilney apenas pôde cumprimentá-la. “Você não pode imaginar”, acrescentou Catherine depois de um curto silêncio, “como fiquei surpresa ao vê-lo novamente. Eu estava certa de que ele tivesse ido embora”.

“Quando Henry teve o prazer de vê-la, antes, estava em Bath apenas por dois dias. Ele veio só para encontrar alojamentos para nós”.

“Isso nunca me ocorreu. Claro, ao não vê-lo em lugar algum, pensei que ele tivesse partido. Não era a senhorita Smith a jovem dama com quem ele dançou na segunda-feira?”

“Sim, uma conhecida da senhora Hughes”.

“Ouso dizer que ela estava muito feliz por dançar. Você a acha bonita?”

“Não muito”.

“Ele nunca vem à casa de bombas, eu suponho”.

“Sim, às vezes. Mas ele saiu nesta manhã com meu pai”.

A senhora Hughes juntou-se a elas e perguntou à senhorita Tilney se estava pronta para ir. “Espero ter o prazer de vê-la novamente logo”, disse Catherine. “Você estará no baile de cotilhão, amanhã?”

“Talvez, nós... sim, acho que certamente estaremos”.

“Fico feliz, pois todos estaremos lá”. Este ato de civilidade foi devidamente retribuído, e elas se separaram – do lado da senhorita Tilney, com algum conhecimento dos sentimentos de sua nova conhecida, e do lado de Catherine, sem a menor consciência de tê-los explicado.

Ela voltou para casa muito feliz. A manhã tinha lhe dado respostas a todas as suas esperanças, e a noite do dia seguinte seria agora seu objeto de expectativa, o bem futuro. Qual vestido e qual chapéu ela deveria usar na ocasião tornaram-se suas principais preocupações. Ela não podia se justificar por isso. Roupas eram, em todas as horas, uma distinção frívola, e a ansiedade excessiva com isso frequentemente destruía seu objetivo principal. Catherine sabia disso muito bem. Sua tia-avó tinha assistido a uma palestra sobre isso, justamente no Natal passado. Ainda permaneceu desperta por dez minutos na noite de quarta-feira, em dúvida sobre o vestido de seda sarapintado ou aquele com o ponto de costura corrente, e nada além da falta de tempo evitou que ela comprasse um novo para a noite. Isto teria sido um erro grande de julgamento, porém não incomum, do qual alguém do sexo oposto, um irmão em vez da tia-avó, poderia lhe ter avisado, pois o homem apenas se torna ciente da sua insensibilidade por meio de um vestido novo. Teria sido humilhante aos sentimentos de muitas damas se elas pudessem compreender quão pouco o coração do homem é atingido pelo que é tão caro ou novo em seu armário, o quão pouco ele é influenciado pela textura da seda, e o quanto não são suscetíveis a uma peculiar ternura para com o sarapintado, o enfeitado com ramos, o musselina clara ou o jaconet. A mulher se basta para a sua própria satisfação. Nenhum homem a admirará mais, e

nenhuma mulher gostará mais da outra por causa disso. A delicadeza e a moda bastam para o primeiro, e algo de desalinho ou de impropriedade será muito terno para a última. Mas nenhuma destas graves reflexões perturbou a tranquilidade de Catherine.

Ela adentrou pelos salões na noite de quinta-feira com sentimentos muito distintos daqueles que a assolaram até então, na segunda-feira anterior. Estava exultante em seu comprometimento com Thorpe, e agora mais ansiosa para evitar sua visão, a menos que ele se comprometesse com ela novamente; embora ela não pudesse e não ousasse esperar que o senhor Tilney a convidasse para uma terceira dança, seus desejos, esperanças e planos convergiam para nada menos que isto. Toda jovem dama leitora deve-se imaginar em minha heroína, neste momento crítico, pois toda jovem dama deve ter conhecido, em alguma ocasião, a mesma agitação. Todas estiveram, ou ao menos acreditaram ter estado, em perigo, ao querer evitar alguém. E todas estiveram ansiosas pela atenção daqueles a quem queriam agradar. Assim que se juntaram aos Thorpe, a agonia de Catherine começou. Inquietou-se com a perspectiva de John Thorpe vir em sua direção, por isso se escondeu o máximo que pode de sua visão e, quando ele falava com ela, fingia não escutá-lo. Encerrados os cotilhões, começou a dança caipira e ela não viu os Tilney.

“Não se assuste, minha querida Catherine”, sussurrou Isabella, “mas realmente irei dançar com seu irmão novamente. Declaro, positivamente, que isso é muito chocante. Eu disse a ele que deveria se envergonhar, mas você e John devem ficar nos olhando. Apresse-se, minha querida, e junte-se a nós. John saiu agora, mas deve voltar em um momento”.

Catherine não tinha nem tempo ou vontade de responder. Tendo os outros se afastado, John Thorpe continuava à vista, e ela se deu por perdida. Para que pudesse não parecer que ela o observava ou o esperava, ela mantinha os olhos intensamente fixos em sua fã. Uma autocondenação por sua fantasia, ao supor que, entre tamanha multidão, eles pudessem mesmo se encontrar com os Tilney em uma hora razoável, tinha acabado de passar pela sua mente, quando ela subitamente viu-se cumprimentada e novamente convidada a dançar, pelo próprio senhor Tilney. Com aqueles olhos faiscantes e aquela prontidão, ela deu seu consentimento, e com que agradável palpitação do coração ela caminhou com ele até o conjunto pode ser facilmente imaginado. Ter escapado, como ela acreditava, de John Thorpe, e ser convidada, tão imediatamente, pelo senhor Tilney, como se ele a tivesse buscado com este propósito, mostravam o quanto a vida lhe podia trazer uma imensa felicidade.

Porém, mal tinha caminhado até a tranquila posse de um lugar, quando sua atenção foi reclamada por John Thorpe, que estava diante dela. “Olá, senhorita Morland!”, ele disse. “Qual o significado disso? Pensei que fôssemos dançar juntos”.

“Eu me pergunto por que, se você nunca me convidou”.

“Esta é boa, por Júpiter! Eu a convidei assim que entrei no salão e ia justamente convidá-la novamente, mas, quando me virei, você se foi! Este é um truque vergonhoso e sujo! Vim apenas para dançar com você e acredito firmemente que você estava comprometida comigo desde segunda-feira. Sim, eu me lembro. Convidei-a enquanto você esperava pelo seu casaco na recepção. E aqui estou, dizendo a todos os meus conhecidos que vou dançar com a garota mais bonita do salão. Quando eles a veem com outra pessoa, irão rir muito de mim”.

“Oh, não. Eles nunca pensarão isso de mim, depois de uma descrição como esta”.

“Pelos céus, se não pensarem, eu os expulsarei do salão como estúpidos. Quem é este sujeito com você?” Catherine satisfez sua curiosidade. “Tilney”, ele repetiu. “Hum, eu não o conheço. Uma boa figura de homem. Muito bem composto. Ele quer um cavalo? Eis um amigo meu, Sam Fletcher, que tem um para vender que servirá para qualquer um. Um inteligente animal, ótimo para a estrada e apenas por 40 guinéus. Tenho 50 pratas para comprar um eu mesmo, pois é uma das minhas máximas sempre comprar um bom cavalo quando encontro um. Mas este não serviria aos meus propósitos, não seria bom para o campo. Pagaria o que fosse para um bom cavalo de caça. Tenho três agora, os melhores que já foram reproduzidos. Não aceitaria 800 guinéus por eles. Fletcher e eu queremos alugar uma casa em Leicestershire, na próxima temporada. É um desconforto dos infernos se hospedar em uma estalagem”.

Esta foi a última frase com a qual ele poderia prender a atenção de Catherine, pois ele foi arrastado pela pressão irresistível de uma longa corrente de damas em trânsito. O senhor Tilney então se aproximou e disse, “Aquele cavalheiro teria me tirado do sério, se tivesse ficado com você por meio minuto mais. Ele não tem motivos para tirar de mim a atenção de minha parceira. Entramos em um contrato de afabilidade mútua pelo espaço de uma noite, e toda nossa afabilidade pertence somente a cada um de nós por este tempo. Ninguém pode se segurar na atenção de um sem ferir os direitos do outro. Considero uma dança caipira como o emblema de um casamento. A fidelidade e a complacência são os principais deveres de ambos. E aqueles homens, que não escolhem dançar ou se casar, não têm o que falar com as parceiras ou as esposas de seus vizinhos”.

“Mas estas são coisas bem diferentes!”

“E você pensa que não podem ser comparadas juntas”.

“Certamente que não. As pessoas que se casam nunca podem se separar, mas devem continuar e manter a casa juntas. As pessoas que dançam apenas se colocam de frente a outra pessoa, em uma sala grande, por meia hora”.

“E tal é sua definição de matrimônio e dança. Vista por este ângulo, certamente sua semelhança não chama a atenção. Mas acho que eu poderia ver a ambos sob tal perspectiva. Você concorda que o homem tem a vantagem da escolha e a mulher apenas o poder da recusa; que, para ambos, é um compromisso entre homem e mulher, formado para o benefício dos dois; que, uma vez firmado, pertence exclusivamente para os dois até o momento de sua dissolução; que é o dever dos dois tentarem não dar, um ao outro, motivos para que um ou outro seja colocado em outro lugar; e que é do melhor interesse aos dois se eles mantiverem suas próprias imaginações longe da perfeição dos vizinhos, ou de fantasiarem que estariam melhores com outras pessoas. Você concorda com tudo isso?”

“Sim, claro. Da forma como você os coloca, tudo soa muito bem. Mas ainda são muito diferentes. Não posso olhar para o matrimônio e a dança sob a mesma perspectiva, nem pensar que os mesmos deveres lhes pertencem”.

“Por um aspecto, certamente há uma diferença. No casamento, espera-se que o homem provenha o sustento da mulher, e a mulher, a tornar a casa agradável ao homem. Ele deve fornecer, e a mulher, sorrir. Mas, na dança, seus deveres são exatamente opostos. A afabilidade e a obediência são esperadas do homem, enquanto ela provê o leque e a água de lavanda. Isso, eu suponho, era a diferença de deveres que a surpreendeu, a ponto de tornar as condições incapazes de comparação”.

“Não, de fato, nunca pensei nisso”.

“Então, estou em bom prejuízo. Uma coisa, porém, devo observar. Esta disposição de sua parte é bem preocupante. Você discorda totalmente de qualquer similaridade entre as obrigações. Por isso, não posso inferir que suas noções de dever quanto à dança não sejam tão estritas quanto seu parceiro pode desejar. Não tenho razão em temer que, se o cavalheiro que acabou de lhe falar retornasse, ou se qualquer cavalheiro viesse lhe falar, não haveria nada que a impedisse de conversar com ele o quanto você queira?”

“O senhor Thorpe é um amigo muito particular de meu irmão, por isso, se ele falar comigo, devo retribuir novamente. Mas dificilmente há três cavalheiros no salão, além dele, com quem tenho algum relacionamento”;

“E esta deve ser minha única segurança? Ah, ah!”

“Não, estou certa de que você não pode ter melhor. Pois, se não conheço ninguém, é impossível que eu fale com alguém. E, além disso, não quero conversar com ninguém”.

“Agora você me deu uma segurança que vale a pena ter, e devo prosseguir com coragem. Você ainda acha que Bath é tão agradável desde quando eu tive a honra de lhe perguntar antes?”

“Sim, muito. Ainda mais, na verdade”.

“Ainda mais? Cuidado ou você se esquecerá de se cansar deste lugar na

hora apropriada. Você deverá estar cansada ao fim de seis semanas”.

“Não acho que me cansarei, mesmo se tivesse de ficar aqui por seis meses”.

“Bath, em comparação a Londres, tem pouca variedade, e isso todos descobrem a cada ano. ‘Por seis semanas, concordo que Bath seja agradável o bastante, mas, além disso, é o lugar mais cansativo no mundo’. Você escutaria isso de pessoas de todas as descrições, que vêm regularmente todo inverno, estendem suas seis semanas para 10 ou 12 e vão embora, por fim, porque não podem arcar com os custos de ficar por mais tempo”.

“Bem, as outras pessoas podem julgar por elas mesmas, e aqueles que vão para Londres podem não gostar de Bath. Mas eu, que vivo em uma pequena vila, no campo, não posso achar maior mesmice em um lugar como este do que em meu próprio lar. Pois aqui há uma variedade de entretenimento, uma variedade de coisas para serem vistas e feitas durante todo o dia, que não posso encontrar lá”.

“Você não gosta do campo.”

“Sim, eu gosto. Sempre vivi ali e sempre fui muito feliz. Mas certamente há mais mesmice numa vida no campo do que em Bath. Um dia no campo é exatamente como o outro”.

“Mas assim você passa o tempo muito mais racionalmente no campo”.

“Será?”

“Você acha que não?”

“Não acho que há muita diferença”;

“Aqui você está em busca de diversão o dia inteiro”.

“Tal qual como os momentos em que estou em casa, só que não encontro tanta diversão. Aqui, eu caminho, assim como lá. Mas, aqui, vejo muita gente em qualquer rua, e lá, posso apenas visitar a senhora Allen”.

O senhor Tilney estava muito surpreso.

“Apenas visitar a senhora Allen!”, ele repetiu. “Que retrato de pobreza intelectual! Porém, quando você afundar neste abismo novamente, terá mais o que dizer. Você poderá falar de Bath e de tudo o que fez aqui”.

“Oh! Sim. Nunca precisarei de algo para falar novamente com a senhora Allen ou com alguém mais. Realmente acredito que sempre estarei falando de Bath, quando voltar para casa. Gosto disso, muito. Se eu tivesse mãe e pai, e o resto deles aqui, suponho que seria muito feliz! A chegada de James, meu irmão mais velho, foi bem prazerosa e, especialmente, quando acontece de ficarmos tão íntimos da própria família, da qual ele já era amigo íntimo. Oh! Quem pode mesmo se cansar de Bath?”

“Não aqueles que trazem tais sentimentos novos, de todos os tipos, como você. Porém, mães e pais, irmãos e amigos íntimos estão muito ultrapassados para a maioria dos frequentadores de Bath, e o honesto saborear de

bailes, peças e vistas diárias passou com eles”. Aqui a conversa terminou, as demandas da dança se tornando muito importunas para uma atenção dividida.

Logo que atingiram o fundo do conjunto, Catherine percebeu que era fixamente observada por um cavalheiro o qual permanecia entre os que assistiam, imediatamente atrás de seu parceiro. Ele era um homem muito bonito, de um aspecto imponente, já passado da juventude, mas não do vigor da vida. Com seus olhos ainda dirigidos a ele, Catherine o viu dirigir-se ao senhor Tilney com um sussurro familiar. Confusa pela sua atenção e corada pelo medo de ter sido despertada por algo errado em sua aparência, ela voltou sua cabeça. Mas, enquanto fazia isso, o cavalheiro recuou, e o senhor Tilney, aproximando-se, disse, “Vejo que você adivinhou o que acabaram de me perguntar. Este cavalheiro sabe seu nome, e você tem o direito de saber o dele. É o general Tilney, meu pai”.

A resposta de Catherine foi apenas “Oh!”, mas foi um “Oh!” expressando tudo o que era necessário: atenção às suas palavras e perfeita confiança em sua veracidade. Com interesse genuíno e forte admiração, seus olhos agora acompanhavam o general, enquanto ele se movia pela multidão, e “como são uma bela família!” foi seu comentário secreto.

Ao conversar com a senhorita Tilney antes de a noite terminar, uma nova fonte de felicidade se ergueu diante dela. Ela nunca tinha passeado pelo campo desde que tinha chegado a Bath. A senhorita Tilney, a quem todos os ambientes comumente frequentados eram familiares, falou dele em termos que despertaram toda a ansiedade dela em conhecê-lo também. Ao temer abertamente que ela não encontrasse ninguém para acompanhá-la, foi proposto pelo irmão e pela irmã que eles deveriam juntar-se em um passeio, em alguma manhã. “Eu gostarei disso”, ela exclamou, “além de qualquer coisa no mundo. E não adiemos. Vamos amanhã”. Isto foi prontamente aceito, com apenas uma condição da senhorita Tilney: desde que não chovesse, o que Catherine estava certa de que não ocorreria. Ao meio-dia, viriam buscá-la em Pulteney Street. “Lembre-se, meio-dia”, foi sua fala de despedida para a nova amiga. Da sua outra amiga, a mais velha, a mais estabelecida, Isabella, de cuja fidelidade e valor ela foi apreciada por 15 dias, pouco ela viu durante a noite. Assim, embora ansiando por colocá-la a par de sua felicidade, ela alegremente submeteu-se ao desejo do senhor Allen, que as levou embora cedo. Seus espíritos dançavam dentro dela, enquanto ela dançava em sua poltrona por todo o caminho de casa.

CAPÍTULO 11

O dia seguinte trouxe uma manhã de aparência bem sóbria, com o sol fazendo apenas alguns esforços para aparecer, o que fez com que Catherine sentisse o presságio de que tudo correria conforme seus desejos. Uma manhã brilhante, logo no início do ano, ela concordou, geralmente ficaria chuvosa, enquanto uma manhã nublada predizia melhoras no decorrer do dia. Ela recorreu ao senhor Allen para confirmar suas experiências, mas ele, não tendo seus próprios instrumentos, nem o barômetro, ao seu redor, declinou de dar qualquer promessa absoluta de sol. Ela recorreu à senhora Allen, e a opinião dela foi muito positiva. “Ela não teve qualquer dúvida no mundo de ser um dia muito bonito, se as nuvens puderem se dissipar, e o sol continuar brilhando”.

Perto das 11 horas, porém, algumas gotículas de chuva sobre as janelas capturaram os vigilantes olhos de Catherine, e “Oh! Querida, acho que choverá”, irrompeu da senhora Allen, em um tom bem desanimado.

“Eu sabia que ia ser assim”, disse a senhora Allen.

“Não passarei hoje”, suspirou Catherine; “mas talvez não passe de uma chuva passageira, ou possa ficar firme antes do meio-dia”.

“Talvez possa, mas então, querida, ficará muito enlameado”.

“Oh, isso não tem valor. Nunca me importo com a lama”.

“Não”, replicou sua amiga bem placidamente, “eu sei que você não se importa com a lama”.

Depois de uma curta pausa, “Vem chegando cada vez mais rápido!”, disse Catherine, enquanto observava por uma janela.

“De fato. Se continuar a chover, as ruas ficarão muito úmidas”.

“Já são quatro guarda-chuvas. Como odeio ver um guarda-chuva!”

“São coisas desagradáveis de carregar. Preferiria muito mais levar uma cadeira a qualquer hora”.

“Era uma manhã de tão boa aparência! Fiquei tão convencida de que seria seca!”

“Qualquer um teria pensado assim, de fato. Haverá poucas pessoas na casa de bombas, se chover por toda a manhã. Espero que o senhor Allen vista seu sobretudo ao sair, mas ousou dizer que não, pois ele faria qualquer coisa no mundo para não caminhar com um sobretudo. Eu pergunto se ele o detesta, mas deve ser tão confortável”.

A chuva continuou rápida, porém não pesada. Catherine olhava a cada cinco minutos para o relógio, ameaçando, em cada retorno, que, se continuasse a chover por outros cinco minutos, ela daria o assunto por perdido. O relógio anunciou meio-dia, e ainda chovia. “Você não será capaz de ir, minha querida”.

“Ainda não estou muito desesperada. Não desistirei até meio-dia e quinze. Esta é a hora do dia para limpar o tempo, e acho que já parece pouco

mais luminoso. Pronto, é meio-dia e vinte e agora devo desistir inteiramente. Oh! Que tivéssemos o mesmo tempo aqui como eles têm no Udolpho, ou pelo menos em Toscana e ao sul da França, ou a noite em que o pobre Santo Albino morreu. Que belo clima!”

Ao meio-dia e meia, quando a ansiosa atenção de Catherine quanto ao clima se dissipara e ela não mais poderia ter esperanças de sua melhora, o céu começou a limpar voluntariamente. Um raio de sol a tomou de surpresa. Ela olhou ao redor. As nuvens partiam e ela instantaneamente voltou para a janela para observar e encorajar a feliz aparência. Ficou claro, dez minutos depois, que uma tarde brilhante se sucederia, e justificou a opinião da senhora Allen, de que “sempre tinha pensado que iria ficar limpo”. Porém, se Catherine ainda pudesse esperar seus amigos, se não tivesse chovido muito para a senhorita Tilney se aventurar, ainda teria de esperar a resposta.

Estava muito enlameado para que a senhora Allen acompanhasse seu marido até a casa de bombas. Ele então saiu sozinho e Catherine mal o olhou descer a rua, quando sua atenção foi atraída pela aproximação das mesmas duas carruagens abertas, contendo as mesmas três pessoas que a surpreenderam tanto há algumas manhãs.

“Isabella, meu irmão e o senhor Thorpe, eu aposto! Estão vindo me buscar, talvez. Mas não devo ir, de fato. Não posso ir, pois você sabe que a senhorita Tilney ainda pode aparecer”. A senhora Allen concordou. John Thorpe logo estava com elas e sua voz, ainda mais rápida, pois, nas escadas, ele já convocava a senhorita Morland a ser rápida. “Apreste-se! Apreste-se!”, enquanto ele escancarava a porta. “Ponha seu chapéu neste momento, não podemos perder tempo. Iremos a Bristol. Como vai, senhora Allen?”

“Para Bristol! Não é uma grande distância? Porém, não posso acompanhá-los hoje porque já tenho compromisso. Espero alguns amigos a qualquer hora”. Isto foi, claro, veementemente recusado como desculpa. A senhora Allen foi convocada para corroborá-lo e os dois outros entraram para dar ajuda. “Minha doce Catherine, isto não é delicioso? Teremos um passeio bem celestial. Você deve agradecer ao seu irmão e a mim pelo esquema. Passou por nossas cabeças no café da manhã, e acredito fortemente que, ao mesmo tempo. Deveríamos ter partido há duas horas se não fosse por esta chuva detestável. Mas isso não tem importância, as noites serão de luar, e deveremos ir tranquilamente. Oh! Estou tão extasiada com a ideia de um pouco de ar do campo e tranquilidade! Muito melhor que ir aos Salões Inferiores. Deveremos ir diretamente até Clifton e lá jantar. Assim que terminá-lo, se houver tempo para isso, seguiremos até Kingsweston”.

“Duvido que sejamos capazes de fazer tanto”, disse Morland.

“Seu agourento!”, exclamou Thorpe. “Somos capazes de andar dez vezes mais. Kingsweston! Ah, e Blaize Castle também, e qualquer coisa que

possamos descobrir. Mas eis sua irmã dizendo que não irá”.

“Blaize Castle!”, exclamou Catherine. “O que é isso?”

“O melhor lugar na Inglaterra. Vale a pena percorrer uns 80 quilômetros, a qualquer hora, para visitar”.

“O que é realmente? Um castelo? Um velho castelo?”

“O mais velho no reino”.

“Mas é como aqueles que estão nos livros?”

“Exatamente. O próprio”.

“Mas, de verdade? Há torres e longas galerias?”

“Às dezenas”.

“Então eu gostaria de vê-lo, mas não posso. Não posso ir”.

“Não pode? Minha querida, o que você quer dizer?”

“Não posso ir porque...” – abaixando o olhar enquanto falava, temerosa pelo sorriso de Isabella – “eu espero pela senhorita Tilney e seu irmão, que vêm me buscar para caminhar no campo. Eles prometeram passar ao meio-dia, só que choveu. Mas agora, como está tão bom, ousou dizer que logo estarão aqui”.

“Não eles, de fato”, exclamou Thorpe. “Pois, enquanto virávamos na Broad Street, eu os vi. Ele não tem uma carruagem com pinhões brilhantes?”

“Na verdade, não sei”.

“Sim, sei o que ele tem. Eu o vi. Você está falando do homem com quem dançou na noite passada, não é?”

“Sim”.

“Bem, eu o vi, naquele momento, virar na Lansdown Road, conduzindo uma garota bem bonita.”

“De verdade, você o viu?”

“Sim, pela minha alma. Eu o vi de novo, imediatamente, e ele parece ter uns bons cavalos também”.

“É muito estranho! Mas suponho que eles tenham achado que ficou muito enlameado para um passeio”.

“Acho que sim, pois nunca vi tanta lama na minha vida. Caminhar! Você não pode caminhar mais do que voar! Não esteve tão sujo assim no inverno inteiro. A lama chega ao calcanhar em qualquer lugar”.

Isabella corroborou a descrição: “Minha querida Catherine, você não pode ter uma ideia da lama. Vamos, você tem de vir. Não pode se recusar a vir agora”.

“Gostaria de ver o castelo, mas podemos andar por ele todo? Podemos subir cada escada e entrar em cada conjunto de salas?”

“Sim, sim, em cada buraco e em cada canto”.

“Mas e se eles saíram apenas por uma hora, até que secasse, e me visitarem depois?”

“Tranquelize-se, não há perigo disso, pois ouvi Tilney cumprimentar um

homem que estava passando a cavalo e dizer que eles estavam indo tão longe quanto Wick Rocks”.

“Então irei. Devo ir, senhora Allen?”

“Como quiser, minha querida”.

“Senhora Allen, você deve convencê-la a ir” foi a exclamação geral. A senhora Allen não estava desatenta a isso: “Bem, minha querida”, ela disse, “suponho que você deva ir”. E, em dois minutos, partiram.

Os sentimentos de Catherine, assim que entrou na carruagem, estavam em um estado perturbado. Estavam divididos entre a perda de um grande prazer e a esperança de logo apreciar outro, quase iguais em grau, embora diferentes em espécie. Ela não podia pensar que os Tilney tinham agido muito bem com ela, por tão prontamente desistirem de seu compromisso, sem lhe enviar sequer uma mensagem de desculpas. Agora já se passava uma hora além do horário combinado para o começo da caminhada. Apenas do que ela tinha ouvido sobre a prodigiosa acumulação de lama, no decorrer daquela hora, não podia, pela sua observação, deixar de pensar que eles poderiam ter prosseguido com pouca dificuldade. Sentir-se diminuída por eles era muito doloroso. Por outro lado, o prazer de explorar uma construção como as de Udolpho, como sua imaginação representava Blaize Castle, era tamanho contrapeso de felicidade que poderia consolá-la por quase tudo.

Desceram rapidamente a Pulteney Street e por Laura Place, sem trocar muitas palavras. Thorpe falava com seu cavalo e ela pensava, às vezes, nas promessas quebradas, arcos, carruagens quebradas, falsas suspensões, Tilneys e alçapões. Assim que entraram em Argyle Buildings, porém, ela foi despertada por esta pergunta de seu companheiro, “Quem é aquela garota que olhou tão duro para você enquanto passava?”

“Quem? Onde?”

“Na calçada da esquerda. Ela deve estar quase fora de vista, agora”. Catherine olhou ao redor e viu a senhorita Tilney apoiada no braço de seu irmão, caminhando lentamente pela rua. Viu ambos voltarem-se para vê-la. Pare, pare, senhor Thorpe”, ela exclamou impacientemente; “É a senhorita Tilney. Estou certa de que é. Como você pode ter me dito que ela tinha saído? Pare, pare, descerei agora e irei até eles”. Mas a qual propósito ela falou? Thorpe apenas chicoteou seu cavalo para um trote mais rápido. Os Tilney, que pararam para olhá-la, estavam, em um momento, fora do alcance, atrás da esquina de Laura Place e, em outro momento, ela já estava passando rapidamente pelo mercado. Ainda, porém, e pela extensão de outra rua, ela lhe rogou que parasse. “Por favor, por favor, pare, senhor Thorpe. Não posso continuar. Não irei continuar. Devo voltar para a senhorita Tilney”. Mas o senhor Thorpe apenas riu, beijou seu chicote, encorajou seu cavalo, fez barulhos estranhos e seguiu em frente. Catherine, brava e irritada como estava, sem forças para se livrar, foi obrigada a

dar o braço e a obedecer. Suas reprovações, porém, não foram poupadas. “Como você pôde me enganar assim, senhor Thorpe? Como pôde dizer que os viu indo para Lansdown Road? Eu não teria feito algo assim por nada no mundo. Eles devem achar isso tão estranho, tão rude de minha parte! Passar por eles, também, sem dizer uma palavra! Você não sabe o quanto estou irritada. Não me divertirei em Clifton, nem em qualquer outro lugar. Preferiria 10 mil vezes mais descer agora e caminhar de volta até eles. Como você pôde me dizer que os viu sair em uma carruagem?” Thorpe se defendeu vigorosamente, declarando que nunca vira dois homens tão parecidos em sua vida, e que o homem que vira na carruagem era o próprio Tilney.

O passeio, mesmo quando o assunto morreu, não seria muito agradável. A feição de Catherine não era mais como na viagem anterior. Ela ouvia com relutância e suas respostas eram curtas. Blaize Castle era seu único conforto. Sobre isso, ela ainda pensava com prazer, de tempos em tempos. Embora estivesse muito mais desapontada pela caminhada prometida, e especialmente por ser considerada rude pelos Tilney; ela daria, de boa vontade, toda a felicidade que as paredes do castelo poderiam proporcionar, a felicidade do progresso por uma longa suíte em salas com tetos altos, exibindo os remanescentes móveis magníficos, embora por muitos anos abandonados, a felicidade de ser interrompida em seu caminho por entre abóbadas estreitas e curvas, por uma porta baixa e gradeada, ou mesmo por ter sua lanterna, sua única lanterna, apagada por uma súbita rajada de vento, e ser deixada em escuridão total. No meio tempo, seguiram em sua jornada sem algum acidente, e estavam ao alcance da vista de Keynsham, quando um grito de Morland, que estava atrás deles, fez seu amigo parar para saber do que se tratava. Eles se aproximaram para uma conversa e Morland disse, “Acho melhor voltarmos, Thorpe. Está muito tarde para continuarmos hoje. Sua irmã concorda comigo. Saímos há exatamente uma hora de Pulteney Street, pouco mais do que onze quilômetros e, suponho, temos ao menos ainda oito mais para fazer. Não vai dar certo. Saímos muito tarde. Seria melhor adiar até o dia seguinte e dar meia-volta.”

“São todos contra mim”, respondeu Thorpe bem bravo e, voltando imediatamente seu cavalo, eles regressaram para Bath.

“Se seu irmão não tivesse essa droga para dirigir”, ele disse logo depois, “poderíamos ter continuado muito bem. Meu cavalo teria trotado até Clifton em uma hora... se deixado por si mesmo. Eu quebraria meu braço para levá-los com aquele maldito cavalo doente de respiração curta. Morland é um tolo por não ter uma carruagem e um cavalo próprio”.

“Não, ele não é”, disse Catherine calorosamente, “pois estou certa de que ele não poderia pagar por isso”.

“E por que ele não poderia pagar?”

“Porque ele não tem dinheiro suficiente”.

“E de quem é a culpa?”

“De ninguém, que eu sabia”. Thorpe então disse algo de modo alto e incoerente, ao qual ele frequentemente recorria, sobre como é uma droga ser pobre, e que se as pessoas que faziam o dinheiro circular não pudessem ter coisas, ele então não sabia quem poderia, algo que Catherine nem mesmo tentou compreender. Desapontada pelo que teria sido o consolo ao seu desapontamento anterior, ela estava menos e menos disposta a ser agradável mesmo com ela própria, ou de ver seu companheiro assim. E retornaram a Pulteney Street sem que ela falasse vinte palavras.

Assim que ela adentrou em casa, o porteiro lhe disse que um cavalheiro e uma dama haviam visitado e perguntado por ela alguns minutos depois que ela saíra, e que, quando ele lhes disse que ela tinha saído com o senhor Thorpe, a dama perguntou se alguma mensagem havia sido deixada para ela e, com a resposta negativa, ele pediu por um cartão, mas ela disse que não tinha nenhum, e foram embora. Ponderando sobre estas notícias de render o coração, Catherine subiu as escadas lentamente. Ao fim dela, foi cumprimentada pelo senhor Allen, que, ao ouvir a razão do rápido retorno deles, disse, “Estou feliz pelo seu irmão ter tanto senso; estou feliz por você ter voltado. Foi um plano estranho e louco”.

Passaram a noite juntos na casa dos Thorpe. Catherine estava perturbada e de mau humor, mas Isabella pareceu encontrar um interesse comum no destino que compartilhava em parceria privada com Morland, um equivalente muito bom para o quieto e interiorano ar de uma estalagem em Clifton. Sua satisfação, também, por não estar nos Salões Inferiores foi pronunciada mais de uma vez. “Como tenho pena das pobres criaturas que estão indo para lá! Como estou feliz por não estar entre elas! Eu me pergunto se será um baile cheio ou não! Ainda não começaram a dançar. Eu não estaria lá por nada desse mundo. É tão prazeroso ter uma noite, de vez em quando, para si mesma. Ouso dizer que não será um baile muito bom. Sei que os Mitchell não irão. Estou certa de que tenho pena de todos que estão lá. Mas ousou dizer, senhor Morland, que você deseja ir, não é? Estou certa que sim. Bem, por favor, não deixe que sejamos um impedimento para você. Ouso dizer que passaríamos muito bem sem você. Mas vocês homens se acham de muita importância”.

Catherine poderia ter quase acusado Isabella de estar procurando por ternura em suas mágoas, mas tão pouco eles pareciam se deter em sua mente, e tão inadequados eram os confortos que ela oferecia. “Não seja tão monótona, minha querida”, ela sussurrou. “Você irá quebrar meu coração. Foi surpreendentemente chocante, esteja certa, mas os Tilney são inteiramente culpados. Por que não foram mais pontuais? Estava sujo, de fato, mas qual a importância? Estou certa de que John e eu não teríamos nos importado. Nunca me importo em passar por qualquer coisa, no que se refere a um amigo. Este é

meu temperamento, e John é igual. Ele tem incríveis sentimentos fortes. Pelos céus! Que mão deliciosa você tem! Pelos reis, eu juro! Nunca fui tão feliz em minha vida! Eu preferiria cinquenta vezes que você as tivesse do que eu”.

E, agora, posso dispensar minha heroína para a cama insone, que é a porção da verdadeira heroína, para um travesseiro aspergido de espinhos e umedecido de lágrimas. E, com sorte, ela pode acreditar nela mesma, se obtiver outra boa noite de descanso no decorrer dos próximos três meses.

CAPÍTULO 12

“Senhora Allen”, disse Catherine na manhã seguinte, “haverá algum mal se eu visitar a senhorita Tilney hoje? Não ficarei tranquila até explicar tudo”.

“Vá, de qualquer modo, minha querida. Apenas vista um vestido branco. A senhorita Tilney sempre usa branco”.

Catherine obedeceu alegremente e, estando apropriadamente trajada, apresentava-se mais impaciente do que nunca para ir à casa de bombas, ainda porque ela deveria se informar sobre o alojamento do general Tilney, pois, embora acreditasse que estivessem em Milson Street, não estava certa da casa, e as vacilantes convicções da senhora Allen apenas reforçavam a dúvida. Ela foi direcionada para Milson Street e, ao se assegurar do número, apressou-se para lá com passos ansiosos e um coração agitado, para prestar sua visita, explicar sua conduta e ser perdoada. Percorrendo rapidamente o jardim da igreja, ela decididamente desviou seu olhar para que não fosse obrigada a ver sua amada Isabella e sua querida família, os quais, ela tinha motivos para acreditar, estavam em uma loja ali perto. Ela chegou à casa sem nenhum impedimento, olhou para o número, bateu à porta e perguntou pela senhorita Tilney. O homem acreditava que a senhorita Tilney estava em casa, mas não estava muito certo. Gostaria de enviar seu nome? Ela deu-lhe um cartão. Em alguns minutos, o criado retornou e, com um olhar que não confirmava muito suas palavras, disse que ele se equivocou, pois a senhorita Tilney tinha saído. Catherine, com um corar de constrangimento, deixou a casa. Ela sentia-se quase convencida de que a senhorita Tilney estava em casa e muito ofendida para deixar que ela entrasse. Enquanto se afastava pela rua, não pôde conter uma relanceada às janelas do quarto de vestir, na expectativa de vê-la lá, mas ninguém apareceu. Ao final da rua, porém, ela olhou para trás novamente, e então, não à janela, mas passando pela porta, ela viu a própria senhorita Tilney. Ela era seguida por um cavaleiro, a quem Catherine julgou ser seu pai, e viraram na direção de Edgar’s Buildings. Catherine, em profundo constrangimento, seguiu seu caminho. Ela quase poderia estar brava com tal falta de educação, mas refreou a ressentida sensação. Lembrou-se de sua própria ignorância. Ela não sabia como uma ofensa como a dela poderia ser classificada pelas leis da polidez metropolitana, a qual grau de punição isso seria levado com propriedade, nem a quais rigores de rudeza, em retorno, poderiam submetê-la, com justiça.

Rejeitada e humilhada, ela tinha mesmo algumas ideias de não acompanhar os outros ao teatro naquela noite, mas deveria ser confessado que não eram ideias de vida longa, pois ela logo relembrou, em primeiro lugar, que não tinha nenhuma desculpa para ficar em casa e, depois, que era uma peça que ela queria muito ver. Desta forma, todos foram ao teatro. Nenhum Tilney apareceu para lhe atormentar ou agradecer. Ela temeu que, dentre as muitas

perfeições da família, uma paixão por peças não deveria ocupar um lugar alto nesta lista. Mas talvez fosse porque estavam habituados às melhores performances nos palcos londrinos, pelo que ela sabia, por autoridade de Isabella, visto que esta tornava tudo mais do tipo “bem horrível”. Ela não foi enganada em sua própria expectativa de prazer. A comédia suspendeu suas preocupações tão bem que ninguém, ao observá-la durante os primeiros quatro atos, imaginaria que ela tivesse alguma tristeza dentro de si. Ao começo do quinto, porém, a súbita visão do senhor Henry Tilney e de seu pai, juntando-se a um grupo na cabine oposta, devolveu a Catherine a ansiedade e o incômodo. O palco já não mais suscitava a genuína alegria, não mais mantinha sua atenção total. Em média, um a cada dois olhares era dirigido à cabine oposta, e assim, pelo espaço de duas cenas inteiras, ela observava Henry Tilney, sem ser capaz, em nenhuma vez, de capturar seus olhos. Ele não poderia mais ser suspeito de indiferença por uma peça. Sua atenção foi intocada do palco durante duas cenas inteiras. Por fim, entretanto, ele olhou para ela, e a cumprimentou. Mas que cumprimento! Sem sorriso, nem uma observação contínua a seguiu. Seus olhos voltaram imediatamente para a direção anterior. Catherine ficou friamente miserável. Ela poderia ter corrido até a cabine onde ele se sentava e forçá-lo a ouvir sua explicação. Sentimentos bem mais naturais do que heroicos a possuíram. Em vez de considerar sua própria dignidade ferida por esta precipitada condenação – ao contrário de resolver, orgulhosamente, em consciente inocência, mostrar seu ressentimento para ele, o que poderia abrigar uma dúvida sobre isso, deixando-lhe todo o incômodo de buscar por uma explicação, e iluminá-lo sobre o passado apenas para evitar sua visão, ou flertar com alguém mais –, ela despejou sobre si mesma toda a vergonha do erro ou, pelo menos, do aparente erro, e estava apenas ansiosa por uma oportunidade de explicar sua causa.

A peça terminou, as cortinas caíram e Henry Tilney não mais poderia ser visto no local em que tinha se sentado, mas seu pai permaneceu e, talvez, ele pudesse agora estar vindo para a cabine dela. Ela estava certa. Em alguns minutos ele apareceu e, abrindo caminho por entre as fileiras que então se esvaziavam, falou com calma polidez com a senhora Allen e sua amiga. Nem com tanta calma foi como a última respondeu a ele: “Oh! Senhor Tilney, estive muito ansiosa para lhe falar e desculpar-me. Deve ter me achado muito rude mas, de fato, não foi culpa minha, não é, senhora Allen? Eles não me disseram que o senhor Tilney e sua irmã tinham saído em uma carruagem juntos? E, então, o que eu poderia fazer? Mas eu preferia 10 mil vezes mais ter estado com vocês, não é verdade, senhora Allen?”

“Minha querida, você está amassando meu vestido”, foi a resposta da senhora Allen.

Sua garantia, porém, sozinha como estava, não foi desperdiçada. Ela trouxe um sorriso mais cordial e mais natural ao semblante dele, o qual

respondeu em um tom que retinha apenas uma pequena e artificial reserva: “Ficamos muito contentes por nos ter desejado, de qualquer forma, uma caminhada agradável depois de passar por nós em Argy le Street. Você foi muito bondosa ao olhar para trás de propósito”.

“Mas, de fato, eu não desejei uma caminhada agradável. Nunca pensei em tal coisa, mas implorei com sinceridade ao senhor Thorpe para que parasse. Eu lhe pedi assim que os vi. Agora, senhora Allen, não é? Oh! Você não estava lá, mas de fato, eu sim. E se o senhor Thorpe tivesse parado, eu teria pulado e corrido atrás de vocês”.

Há um Henry no mundo que seria insensível a tal declaração? Henry Tilney, pelo menos, não era. Com um sorriso ainda mais doce, ele disse tudo o que precisava ser dito sobre a preocupação, arrependimento e a dependência sobre a honra de Catherine. “Oh! Não diga que a senhorita Tilney não ficou brava”, exclamou Catherine, “porque eu sei que ficou; pois ela não me viu nesta manhã, quando a visitei; eu a vi sair de casa no minuto seguinte à minha partida; fiquei magoada, mas não afrontada. Talvez você não saiba que eu estive lá”.

“Eu não estava lá no horário, mas soube disso por Eleanor, e ela estava desejosa de vê-la desde então, para explicar o motivo de tal incivilidade, mas talvez eu possa fazer isso, também. Não foi nada mais do que meu pai que estava acabando de se preparar para sair e, ele estando atrasado, e não se importando com sua atitude, decretou que você fosse recusada. Isso foi tudo, eu lhe asseguro. Ela estava muito aborrecida, e quer se desculpar assim que possível”.

A mente de Catherine se tranquilizou muito com esta informação, ainda que algo de preocupação permanecesse, o que suscitou a seguinte pergunta, totalmente inocente em si mesma, embora bem incômoda ao cavalheiro: “Mas, senhor Tilney, por que você está menos generoso que sua irmã? Se ela sentia tanta confiança em minhas boas intenções, e pôde supor que tudo fosse apenas um erro, por que você está tão disposto a tomar como ofensa?”

“Eu! Tomar como ofensa!”

“Ah, estou certa pelo seu olhar, quando chegou à cabine, de que você estava bravo”.

“Eu, bravo? Eu não tinha direito”.

“Bem, ninguém teria pensado que você não tinha direito se vissem seu rosto”. Ele replicou ao pedir a ela que lhe desse lugar, e conversaram sobre a peça.

Ele permaneceu com elas por algum tempo e foi somente agradável com Catherine, para que ela se contentasse, quando fosse embora. Antes de se despedirem, porém, concordaram que o passeio programado deveria ocorrer o mais rápido possível. E, deixando de lado a tristeza por ele deixar sua cabine, ela foi, no geral, deixada como uma das mais felizes criaturas no mundo.

Enquanto conversavam, ela observou, com alguma surpresa, que John

Thorpe, que nunca ficava na mesma parte da casa por dez minutos, estava ocupado em conversar com o general Tilney, e ela sentiu algo mais do que surpresa quando pensou que pudesse ser objeto da atenção e do assunto deles. O que eles poderiam ter a dizer sobre ela? Ela temeu que o general Tilney não gostasse de sua aparência. Ela descobriu que isso estava implícito no fato de ele evitar que visse sua filha, em vez de adiar sua própria caminhada por poucos minutos. “Como o senhor Thorpe conhece seu pai?”, foi sua ansiosa pergunta, enquanto ela os apontava ao seu companheiro. Ele nada sabia sobre isso; mas seu pai, como todo militar, tinha muitos relacionamentos.

Quando a diversão terminou, Thorpe foi ajudá-las a sair. Catherine foi o objeto imediato de seu galanteio e, enquanto aguardavam na recepção por um assento, ele evitou a pergunta que viajou do coração até a ponta da língua dela, ao questionar, de modo cauteloso, que ela o viu falar com o general Tilney: “Ele é um ótimo senhor, pela minha alma! Robusto, ativo, parece ser tão jovem quanto seu filho. Tenho muita consideração por ele, eu lhe asseguro. Um cavalheiro e um bom tipo de gente como nunca existiu”.

“Mas como você veio a conhecê-lo?”

“Conhecê-lo! Há bem poucas pessoas na cidade que não conheço. Sempre o encontro em Bedford e o reconheci novamente assim que ele entrou na sala de bilhar. Um dos melhores jogadores que temos, a propósito. E tivemos pouco contato juntos, embora eu quase o temesse, no início. As chances eram de cinco a quatro contra mim, e se eu não tivesse feito uma das melhores tacadas talvez já feitas neste mundo – pois acertei exatamente sua bola, mas eu não poderia fazer você compreender sem uma mesa – eu teria sido derrotado. Um sujeito muito bom. Tão rico quanto um judeu. Gostaria de jantar com ele. Ouso dizer que ele dá ótimos jantares. Mas sobre o que você acha que estávamos falando? De você. Sim, pelos céus! E o general acha que você é a melhor garota em Bath”.

“Oh! Besteira! Como você pode dizer isso?”

“E o que você acha que eu disse?” – abaixando sua voz – “muito bem, general, eu disse; estou de acordo com você”.

Aqui, Catherine, que estava muito menos satisfeita com sua admiração do que com a do general Tilney, não lamentou ser chamada pelo senhor Allen. Thorpe, porém, iria somente vê-la em sua cadeira e, até que ela entrasse, continuou com o mesmo tipo de delicada bajulação, apesar de ela lhe pedir que parasse.

Era muito prazeroso saber que o general Tilney a admirava, ao invés de detestá-la, e ela alegremente pensou que não havia ninguém mais na família a quem ela devesse temer encontrar. A noite fez mais, muito mais, por ela do que esperava.

CAPÍTULO 13

Segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado se passaram em revista perante o leitor. Os eventos de cada dia, suas esperanças e seus medos, constrangimentos e prazeres foram tratados separadamente, e apenas as pontadas do domingo restam a ser descritas para fechar a semana. O plano de Clifton, sendo adiado, mas não abandonado, foi colocado como prioridade no crescente da tarde daquele dia. Em uma consulta privada entre Isabella e James, sendo que a primeira desejava ir, e o último, não menos ansiosamente, agradar-lhe, concordaram que, dado que o clima estava bom, o encontro deveria ocorrer na manhã seguinte, e deveriam partir bem cedo, para chegar a casa em um bom horário. Tendo assim resolvido o caso, e garantida a aprovação de Thorpe, apenas Catherine restava a ser informada. Ela os deixou por alguns minutos para conversar com a senhorita Tilney. Nesse intervalo, o plano foi completado e, assim que ela voltou, exigiu-se sua concordância. Mas, ao invés da feliz aprovação esperada por Isabella, Catherine aparentou gravidade e lamentava muito por não poder ir. O compromisso que evitou que ela se juntasse na primeira tentativa tornaria impossível que ela os acompanhasse agora. Ela tinha, naquele momento, combinado com a senhorita Tilney em fazer a caminhada combinada amanhã. Já estava acertado e ela não iria recuar por nada. Mas o que ela deveria e tinha de recuar imediatamente era do ansioso protesto dos Thorpe. Eles tinham de ir a Clifton amanhã e não iriam sem ela, mas não seria nada adiar uma simples caminhada por mais um dia, visto que eles não aceitariam uma recusa. Catherine estava incomodada, mas não subjugada. “Não insista, Isabella. Estou comprometida com a senhorita Tilney. Não posso ir”. Isso não deu em nada. Os mesmos argumentos a assolaram novamente. Ela deveria ir, ela tinha de ir, e não aceitariam uma recusa. “Será tão fácil dizer à senhorita Tilney que você foi lembrada de um compromisso anterior, e deve apenas implorar para que a caminhada seja adiada até terça-feira”.

“Não, não seria fácil. Não posso fazer isso. Não há nenhum compromisso anterior”. Mas Isabella se tornou apenas mais e mais insistente, falando com ela do modo mais afetuoso, dirigindo-lhe os nomes mais ternos. Ela estava certa de que sua mais querida e doce Catherine não recusaria um pedido tão pequeno de uma amiga que a amava tanto. Ela sabia que sua amada Catherine tinha um coração tão sensível, um temperamento tão doce, e seria tão facilmente convencida por aqueles que ela amava. Mas tudo em vão. Catherine se sentia em seu direito e, embora aflita de tanta ternura, tantas súplicas bajuladoras, não poderia permitir que fosse influenciada. Isabella então tentou outro método. Ela a repreendeu por ter mais afeto pela senhorita Tilney, embora a conhecesse por tão pouco tempo, do que pelos seus melhores e mais antigos amigos, e por ter se tornado fria e indiferente, em resumo, para com ela. “Não

posso deixar de sentir ciúmes, Catherine, quando me vejo diminuída por estranhos, eu, que a amo tanto! Quando uma vez minhas afeições são depositadas, não está no poder de coisa alguma mudá-las. Mas acredito que meus sentimentos são mais fortes do que os de qualquer um. Estou certa de que são muito fortes para minha própria paz e, para me ver suplantada em sua amizade por estranhos, reduz-me a nada, reconheço. Esses Tilney parecem engolir tudo ao redor”.

Catherine julgou esta reprimenda igualmente estranha e injusta. É este o papel de uma amiga em assim expor seus sentimentos à atenção de outros? Isabella lhe pareceu maldosa e egoísta, indiferente a tudo, menos à sua própria satisfação. Estas dolorosas ideias cruzaram sua mente, embora ela nada dissesse. Isabella, neste entretanto, levou seu lenço aos olhos, e Morland, triste com tal visão, não pôde deixar de dizer, “Não, Catherine. Acho que você não pode resistir por mais tempo, agora. O sacrifício não é tão grande; e favorecer tal amiga – acho que você estará sendo muito indelicada se continuar a recusar”.

Esta foi a primeira vez que seu irmão claramente se opôs a ela e, ansiosa para evitar seu desprazer, ela propôs um compromisso: se eles pudessem apenas adiar o plano até terça-feira, o que poderiam facilmente fazer, já que dependia apenas deles mesmos, ela os acompanharia e, assim, todos ficariam satisfeitos. “Não, não, não! – foi a resposta imediata. – Isso não pode ser, porque Thorpe não sabe se poderá ir até a cidade na terça-feira”. Catherine lamentava, mas não podia fazer mais. E um curto silêncio se seguiu, sendo apenas quebrado por Isabella, que, com uma voz de frio ressentimento, disse, “Muito bem, então temos o fim do grupo. Se Catherine não pode ir, eu não irei. Não serei a única mulher. Eu não faria, por nada no mundo, coisa tão imprópria”.

“Catherine, você tem de ir”, disse James.

“Mas por que não pode o senhor Thorpe levar uma de suas outras irmãs? Ouso dizer que qualquer uma delas gostaria de ir”.

“Obrigado”, exclamou Thorpe, “mas não vim até Bath para passear com minhas irmãs e parecer um tolo. Não, se você não for, droga, também não irei. Apenas vou pelo prazer de levá-la”.

“Este é um elogio que não me dá prazer”. Mas suas palavras foram ignoradas por Thorpe, que se afastou abruptamente.

Os outros três ainda continuaram juntos, pressionando de maneira bem desconfortável a pobre Catherine. Às vezes, nenhuma palavra era dita. Às vezes, ela era novamente atacada com súplicas ou reprovações, e seu braço ainda estava unido ao de Isabella, embora seus corações guerreassem. Em um momento, ela estava aliviada, em outro, irritada. Sempre incomodada, mas sempre firme.

“Não achei que você fosse tão obstinada, Catherine”, disse James; “você não era tão difícil de ser convencida. Você foi, uma vez, a mais bondosa e

a de melhor temperamento dentre as minhas irmãs”.

“Espero que não seja menos, agora”, ela replicou muito sentida; “mas, de fato, não posso ir. Se estou errada, faço o que acredito ser o certo”.

“Suspeito”, disse Isabella em voz baixa, “que não haja grande empenho”.

O coração de Catherine pesou. Ela retirou seu braço, e Isabella não se opôs. Assim, passaram longos dez minutos, até que Thorpe juntou-se a eles novamente e, aproximando-se com um olhar feliz, disse, “Bem, acertei a questão e agora poderemos ir todos juntos amanhã com a consciência limpa. Estive com a senhorita Tilney e dei suas desculpas”.

“Você não fez isso!”, exclamou Catherine.

“Eu fiz, pela minha alma! Deixei-a neste momento. Eu lhe disse que você me enviou para falar que, tendo acabado de se lembrar de um compromisso anterior de ir a Clifton conosco amanhã, você não teria o prazer de caminhar com ela até terça-feira. Ela disse muito bem, terça-feira era muito conveniente para ela. Assim, eis o fim das nossas dificuldades. Uma boa ideia que eu tive, hein?”

A feição de Isabella era novamente toda sorrisos e bom humor, e James também parecia feliz.

“Um pensamento divino, de fato! Agora, minha doce Catherine, todos os nossos incômodos acabaram. Você está honradamente acertada, e teremos um passeio bem gostoso”.

“Isso não está certo”, disse Catherine; “não posso me submeter a isso. Tenho de ir atrás da senhorita Tilney imediatamente e corrigir tudo isso”.

Isabella, porém, segurou uma mão, Thorpe a outra, e protestos foram despejados pelos três. Mesmo James estava muito bravo. Quando tudo fora ajustado, quando a própria senhorita Tilney dissera que estaria de acordo com o compromisso na terça-feira, era muito ridículo e muito absurdo fazer qualquer outra objeção.

“Não me importo. O senhor Thorpe não tinha porque inventar tal mensagem. Se eu achasse direito adiar, eu mesma teria conversado com a senhorita Tilney. Isto apenas faz as coisas mais rudes. E como sei que o senhor Thorpe foi rude! Ele pode ter se enganado novamente, talvez. Ele me levou a um ato rude com seu erro, na sexta-feira. Deixe-me ir, senhor Thorpe. Isabella, não me segure”.

Thorpe lhe disse que seria em vão ir atrás dos Tilney, pois estavam virando a esquina para Brock Street quando ele os alcançou, e já deveriam estar em casa por esta hora.

“Então irei atrás deles”, disse Catherine; “irei atrás deles onde estiverem. Não adianta falar. Se eu não posso ser convencida a fazer o que julgo errado, nunca serei enganada para fazê-lo”. E, com estas palavras, ela se soltou e

correu. Thorpe teria se lançado atrás dela, mas Morland o conteve. “Deixe-a ir, deixe-a ir, se é o que ela quer. Ela é tão teimosa quanto...”.

Thorpe nunca terminou sua comparação, pois dificilmente teria sido uma comparação apropriada.

Catherine se afastou em grande agitação, tão rápida quanto a multidão permitia, temerosa em ser perseguida, mas determinada a resistir. Enquanto andava, ela refletia sobre o que se passou. Era-lhe doloroso desapontar e lhes desagradar, particularmente ao seu irmão, mas ela não podia se arrepender de sua resistência. Deixando sua própria inclinação de lado, ter falhado uma segunda vez em seu compromisso com a senhorita Tilney, ter recuado de uma promessa feita voluntariamente apenas cinco minutos antes, por um falso pretexto também, teria sido errado. Ela não estava se opondo a eles por apenas princípios egoístas, ela não foi sequer consultada para sua própria satisfação. Isso poderia ter sido assegurado, de alguma forma, pela própria excursão para ver Blaize Castle. Não, ela cumpriu com o que era devido aos outros, e ao seu próprio caráter, na opinião deles. Sua convicção do que era certo, porém, não era suficiente para lhe devolver a compostura. Até que tivesse conversado com a senhorita Tilney, ela não poderia estar tranquila. Apressando seu passo quando viu o Crescent, ela quase correu sobre a distância remanescente até que ganhasse o topo da Milson Street. Tão rápidos foram os seus movimentos que, apesar da distância já percorrida pelos Tilney, eles ainda estavam adentrando em seus alojamentos quando ela os identificou em seu campo de visão. Como a porta ainda estava aberta e o criado ali permanecia, ela usou apenas a cerimônia de dizer que precisava falar com a senhorita Tilney naquele momento e, apressada, passou por ele e subiu as escadas. Então, abrindo a primeira porta diante dela, que parecia ser a correta, ela imediatamente se viu na sala de estar com o general Tilney, seu filho e sua filha. Sua explicação, apesar de defeituosa, por ela estar ofegante e com os nervos irritados, foi dada imediatamente. “Vim muito depressa – Tudo é um erro – Nunca prometi ir – Eu disse-lhes da primeira vez que não podia ir. – Corri muito apressadamente para explicar. – Não me importei com o que pensassem de mim. – Eu não aguardaria pelo criado”.

O caso, porém, embora não perfeitamente elucidado por este discurso, logo deixou de ser enigmático. Catherine descobriu que John Thorpe deu a mensagem, e a senhorita Tilney não teve escrúpulos em reconhecer para si mesma que ficou muito surpresa com o comunicado. Mas, se seu irmão ainda a tinha em ressentimento, Catherine, embora instintivamente se dirigisse tanto para um quanto para outro em busca de redenção, não tinha como saber. Seja o que fosse sentido antes de sua chegada, suas ansiosas declarações imediatamente tornavam cada olhar e frase tão amigável quanto ela podia desejar.

Sendo o caso assim felizmente resolvido, ela foi apresentada pela senhorita Tilney ao seu pai e, sendo recebida por ele com tamanha e solícita

polidez, ela se lembrou da informação que Thorpe tinha lhe dado, o que a fez pensar com prazer que, às vezes, ele podia ser confiável. A tal ansiosa atenção foi a civilidade conduzida pelo general que, não ciente da extraordinária rapidez de Catherine ao entrar na casa, irritou-se com o criado, cuja negligência fez com que ela abrisse a porta da dependência sozinha. “O que William quis com isso? Ele deveria ter se assegurado de perguntar sobre o que se tratava”. E se Catherine não tivesse, muito calorosamente, assegurado sua inocência, parecia muito provável que William perderia a preferência de seu patrão para sempre, ou até seu cargo, por causa da pressa dela.

Depois de se sentar com eles por 15 minutos, ela se ergueu para se despedir e então ficou mais agradavelmente surpresa ao ser convidada pelo general Tilney para que desse a honra a sua filha de jantar e passar o restante do dia com ela. A senhorita Tilney acrescentou sua própria vontade. Catherine estava muito grata, mas isto estava muito além de seus poderes. O senhor e a senhora Allen a esperavam de volta a qualquer momento. O general declarou que não podia dizer nada mais. As ordens do senhor e da senhora Allen não deveriam ser desobedecidas, mas ele confiava que, algum outro dia, quando mais antecedência fosse dada, eles não recusariam privá-la de sua amiga. “Oh, não”. Catherine estava certa de que não fariam a menor objeção, e ela teria grande prazer em vir. O general em pessoa a levou até a porta da rua, dizendo tudo o que era galante, enquanto desciam as escadas, admirando a elasticidade de seu passo, o qual correspondia exatamente ao espírito de sua dança, e fazendo para ela uma das mais graciosas reverências que ela já tinha visto, quando se despediram.

Catherine, exultante com tudo o que se passou, seguiu alegre para Pulteney Street, caminhando, conforme concluiu, com grande elasticidade, embora nunca tivesse pensado nisso antes. Ela chegou em casa sem mais pensar coisa alguma do grupo ofendido. Agora que ela tinha sido completamente triunfante, tinha mantido sua posição e estava segura de seu caminhar, começou (enquanto subsistia o revoltear de seus espíritos) a duvidar se havia sido perfeitamente correta. Um sacrifício sempre é nobre. Se ela tivesse cedido aos seus pedidos, teria sido poupada da angustiante ideia de uma amiga frustrada, um irmão bravo e um esquema de grande felicidade destruído para ambos, talvez por obra dela. Para tranquilizar sua cabeça e se assegurar pela opinião de uma pessoa sem orgulho sobre como sua conduta tinha realmente sido, ela aproveitou a ocasião para mencionar diante do senhor Allen o esquema meio acertado de seu irmão e dos Thorpe, para o dia seguinte. O senhor Allen se interessou imediatamente. “Bem”, disse ele, “e você pensa em ir também?”

“Não; tinha acabado de me comprometer em caminhar com a senhorita Tilney, antes de me contarem do plano. E, portanto, você sabe que eu não poderia ir com eles, não é?”

“Não, certamente que não. E estou feliz por você não pensar em ir. Estes planos não são tudo. Jovens rapazes e mulheres dirigindo pelo campo em carruagens abertas! De vez em quando, está muito bem, mas ir a estalagens e lugares públicos juntos! Não é certo. Eu me pergunto se a senhora Thorpe deveria permitir isso. Estou feliz por você não considerar em ir. Estou certo de que a senhora Morland não ficaria satisfeita. Senhora Allen, você não concorda comigo? Não acha que este tipo de planos não são recomendáveis?”

“Sim, muito, de fato. Carruagens abertas são coisas indecentes. Um vestido limpo não fica decente por cinco minutos nelas. Você se suja ao subir e ao descer, e o vento leva seu cabelo e seu chapéu para qualquer direção. Odeio carruagens abertas”.

“Sei que sim, mas não é esta a questão. Você não acha que é uma aparência estranha, jovens damas serem frequentemente conduzidas nelas por jovens rapazes, a quem elas não têm nenhum parentesco?”

“Sim, meu querido, uma bem estranha aparência, de fato. Não suporto ver isso”.

“Querida madame”, exclamou Catherine, “então por que você não me disse isso antes? Estou certa de que se eu soubesse que era inapropriado, eu nunca teria saído com o senhor Thorpe. Mas sempre esperei que você me dissesse, se pensasse que eu estivesse cometendo um erro”.

“E assim o faria, minha querida, você pode confiar nisso. Pois como eu disse para a senhora Morland ao partir, faria sempre o melhor por você, em meu poder. Mas não se pode deter nos detalhes. Os jovens sempre serão jovens, como sua própria boa mãe diz. Você sabe que eu não queria, quando chegamos, que você comprasse aquela seda enfeitada de raminhos, mas você a comprou. Os jovens não gostam de ser sempre frustrados”.

“Mas isto era algo de verdadeira importância, e eu não acho que você me considere difícil de convencer”.

“Até agora, não houve mal algum”, disse o senhor Allen; “e eu apenas lhe aconselharia, minha querida, a não sair com o senhor Thorpe mais”.

“Isso era justamente o que eu ia dizer”, acrescentou sua esposa.

Catherine, aliviada por si mesma, sentiu-se intranquila por Isabella e, depois de refletir por um momento, perguntou ao senhor Allen se não seria tão apropriado quanto bondoso da parte dela escrever para a senhorita Thorpe e explicar o indecoro do qual ela era tão insensível quanto si mesma, pois considerava que Isabella poderia, por outro lado, talvez, ir até Clifton no dia seguinte, a despeito do que havia se passado. O senhor Allen, porém, desencorajou-a a fazer tal coisa. “É melhor que você a deixe em paz, minha querida. Ela é crescida o suficiente para saber o que deve fazer e, se não for, ela tem uma mãe para aconselhá-la. A senhora Thorpe é muito indulgente, sem dúvida. Mas é melhor que você não interfira. Ela e seu irmão podem escolher ir,

e você apenas estará obtendo má vontade”.

Catherine obedeceu e, embora lamentasse pensar que Isabella pudesse estar errando, sentiu-se grandemente aliviada pela aprovação do senhor Allen a sua conduta, e verdadeiramente se regozijou por ser preservada, pelo seu conselho, do perigo de cometer, ela mesma, tamanho erro. Sua fuga de ser uma integrante do grupo que ia a Clifton era, agora, de fato uma fuga, pois o que os Tilneys pensariam dela se ela quebrasse sua promessa feita a eles para fazer o que era errado, ou se ela fosse culpada de uma falha de propriedade, apenas para fazê-la culpada de outro?

CAPÍTULO 14

A manhã seguinte estava bela, e Catherine quase esperou por outro ataque do grupo reunido. Com o senhor Allen a protegê-la, ela não temia o evento, mas ficaria feliz em ser poupada de uma competição, na qual a própria vitória seria dolorosa, e festejou vigorosamente por não ver nem ouvir nada deles. Os Tilney vieram buscá-la na hora combinada. Com nenhuma nova dificuldade surgindo, nenhuma lembrança súbita, nem convocações inesperadas, nenhuma intrusão impertinente para desconcertar seu arranjo, minha heroína era muito artificialmente capaz de cumprir com seu compromisso, embora tenha sido marcado com o próprio herói. Decidiram caminhar ao redor de Beechen Cliff, aquela nobre serra, cuja verdejante beleza e suspensa floresta a tornavam um objeto tão surpreendente quanto qualquer vista em Bath.

“Nunca olhei para este lugar”, disse Catherine, enquanto caminhavam pela margem do rio, “sem pensar no sul da França”.

“Você já viajou para o exterior, então?”, disse Henry um pouco surpreso.

“Oh, não! Apenas me referi ao que estive lendo. Sempre me faz imaginar o país em que Emily e seu pai viajam, em Os Mistérios de Udolpho. Mas você nunca lê romances, ousou perguntar?”

“Por que não?”

“Porque não são inteligentes o suficiente para você. Cavalheiros leem livros superiores”.

“A pessoa, seja um cavalheiro ou uma dama, que não tem prazer com um bom romance deve ser intoleravelmente estúpida. Li todas as obras da senhora Radcliffe, e a maioria delas, com grande prazer. Os Mistérios de Udolpho, quando comecei a ler, não podia parar. Lembro de ter terminado em dois dias. Meu cabelo ficou em pé o tempo inteiro”.

“Sim”, acrescentou a senhorita Tilney, “e eu me lembro que você começou a ler o livro em voz alta para mim e que, quando fui chamada por apenas cinco minutos para responder a uma mensagem, em vez de me esperar, você levou o volume para Hermitage Walk, e fui obrigada a ficar sem lê-lo até que você o terminasse”.

“Obrigado, Eleanor. Uma testemunha muito honrada. Você vê, senhorita Morland, a injustiça de suas suspeitas. Aqui estava eu, em minha ansiedade para continuar, recusando-me a esperar apenas cinco minutos pela minha irmã, quebrando a promessa que fiz de ler o livro em voz alta e mantendo-a em suspense, em uma das mais interessantes partes, ao correr com o volume que, você deve observar, era o dela própria, em particular. Fico orgulhoso quando me lembro disso e acho que isso me coloca em sua boa opinião”.

“De fato, fico feliz por saber disso, e agora eu nunca me envergonharei

de gostar de Udolpho. Mas eu realmente pensava que os jovens rapazes desprezavam em muito os romances”.

“Isso é surpreendente. Pode tão bem sugerir surpresa se o fizessem, pois eles leem quase tanto quanto as mulheres. Eu mesmo li centenas e centenas. Não imagine que você possa me confrontar no conhecimento de Julias e Luisas. Se descermos aos detalhes e começarmos com as perguntas incessantes, como, ‘Você leu este?’ e ‘Você leu aquele?’, logo a deixarei bem atrás de mim, assim como – o que devo dizer...? Quero uma comparação apropriada – assim como sua própria amiga Emily deixou o pobre Valancourt, quando viajou com sua tia pela Itália. Considere quantos anos eu comecei antes de você. Eu havia entrado em meus estudos em Oxford, enquanto você era uma pequena e boa garota trabalhando com suas amostras em casa!”

“Não muito boa, temo. Mas agora, realmente, você não acha que Udolpho é o melhor livro no mundo?”

“O melhor, com o que eu suponho que você queira dizer, o mais bem feito. Isso depende da encadernação”.

“Henry”, disse a senhorita Tilney, “você está sendo muito impertinente. Senhorita Morland, ele está a tratando exatamente como faz com sua irmã. Ele sempre encontra um erro em mim por alguma incorreção de linguagem, e agora está tomando a mesma liberdade com você. A palavra “melhor”, como você a usou, não lhe agradou. É melhor que você a troque assim que puder, ou seremos dominadas por Johnson e Blair pelo restante do caminho”.

“Estou certa”, exclamou Catherine, “de que não quis dizer nada de errado, mas é um livro maravilhoso. Por que não podemos chamá-lo assim?”

“Muito justo”, disse Henry, “e este é um dia maravilhoso, e estamos fazendo uma maravilhosa caminhada, e vocês duas são jovens damas maravilhosas. Oh! De fato, é uma palavra maravilhosa! Serve para tudo^[1]. Originalmente, talvez, fosse aplicada apenas para expressar ordem, propriedade, delicadeza ou refinamento. As pessoas eram apropriadas em suas roupas, em seus sentimentos ou em suas escolhas. Mas, agora, qualquer recomendação, em qualquer tema, é comprimida nessa palavra”.

“Embora, de fato”, bradou sua irmã, “deva somente ser aplicada para você, sem recomendação alguma. Você é mais maravilhoso do que esperto. Vamos, senhorita Morland, deixemos que ele medite sobre nossas falas na extrema propriedade da dicção, enquanto elogiamos Udolpho nos termos que melhor julgarmos. É uma obra muito interessante. Você gosta deste tipo de leitura?”

“Para falar a verdade, não gosto muito das outras”.

“De fato!”

“Isto é, posso ler poesia e peças, e coisas deste tipo, e não gosto menos dos relatos de viagem. Mas pela História, a real e solene História, não consigo me

interessar. Você pode?”

“Sim, gosto muito de História”.

“Queria gostar também. Leio um pouco por dever, mas não me dá nada que não me irrite ou me desgaste. As discussões de papas e reis, com guerras e pestes em cada página, e os homens todos, tão bons por nada e, dificilmente, uma mulher; tudo isso é bem cansativo. E, ainda, penso muito que é estranho que isso seja tão monótono, pois muito disso deve ser invenção. Os discursos que são colocados nas bocas dos heróis, seus pensamentos e seus designios, a maior parte disso deve ser invenção, e a invenção é o que mais me dá delícia nos outros livros”.

“Os historiadores, você acha”, disse a senhorita Tilney, “não se contentam com os voos de suas fantasias. Eles exibem imaginação sem suscitar interesse. Sou apaixonada por História e fico muito contente em tomar o falso pelo verdadeiro. Nos principais fatos, eles têm fontes de informação em antigas histórias e dados que podem ser muito confiáveis, concluo, como tudo que não passa realmente pela própria observação de alguém. Quanto aos pequenos embelezamentos aos quais você se refere, são embelezamentos e eu gosto deles igualmente. Se um discurso é bem feito, eu o leio com prazer, seja quem for que o tenha feito e, provavelmente, com mais prazer ainda se for a produção do senhor Hume ou do senhor Robertson, do que as genuínas obras de ‘Caractacus, Agricultor’ ou ‘Alfredo, o Grande’”.

“Você é apaixonada por História! Assim como o senhor Allen e meu pai. Eu tenho dois irmãos que não a detestam. Tantos exemplos em meu pequeno círculo de amigos são notáveis! Desta forma, não devo mais ter pena dos escritores de História. Se as pessoas gostam de ler seus livros, está tudo muito bem, mas, ter tanto trabalho para encher grandes volumes, os quais eu costumava pensar que ninguém sequer olharia de boa vontade, ou se esforçar tanto apenas para o tormento de garotos e garotas, sempre me impressionou como um destino duro. Embora eu saiba que tudo isso é muito certo e necessário, tenho frequentemente me perguntado sobre a coragem da pessoa em se sentar com o propósito de fazer isso”.

“Que garotos e garotas se atormentem”, disse Henry, “é que ninguém completamente conhecedor da natureza humana, em um estado civilizado, mas em favor dos nossos mais distintos historiadores, devo observar que eles também podem se ofender por alguém supor que não têm maior objetivo, e que, pelo seu método e estilo, são perfeitamente qualificados para atormentar os leitores da mais avançada razão e de tempo maduro de vida. Uso o verbo “atormentar”, como observei ser seu próprio método, ao invés de “instruir”, supondo que ambos agora sejam admitidos como sinônimos”.

“Você acha que sou tola por chamar instrução de tormento, mas se você tivesse se acostumado, assim como eu, a ouvir, primeiro, as pobres

criancinhas aprendendo as letras e, depois, soletrando; se você tivesse visto como podem ser estúpidas por toda uma manhã juntas e como minha pobre mãe fica cansada ao final dela, como tenho o hábito de ver quase todos os dias de minha vida, em casa, você concordaria que “atormentar” e “instruir” podem, às vezes, ser usadas como palavras sinônimas”.

“Muito provavelmente. Mas os historiadores não são responsáveis pela dificuldade em aprender a ler. Mesmo você, que nem um pouco parece particularmente amiga da aplicação muito severa e muito intensa, pode talvez ser levada a reconhecer que vale muito a pena ser atormentado por dois ou três anos de sua vida, pelo bem de ser capaz de ler todo o restante da História. Considere que, se a leitura não fosse ensinada, a senhora Radcliffe teria escrito em vão, ou, talvez, sequer poderia ter escrito”.

Catherine consentiu e um elogio muito caloroso de sua parte, sobre os méritos daquela dama, encerrou o assunto. Logo os Tilney se engajaram em outro, sobre o qual ela nada tinha a dizer. Estavam vendo o campo com os olhos de pessoas acostumadas a desenhar e decidiram sobre a capacidade de retratá-lo em quadros, com toda a sinceridade do bom gosto. Aqui, Catherine ficou muito perdida. Nada sabia de pintura, nada de gosto. A atenção com que ela os ouvia lhe trouxe pouco proveito, pois falavam em frases que mal lhe davam uma mensagem. O pouco que pôde compreender, porém, pareceu contradizer as próprias ideias que tinha acalentado no assunto anterior. Era como se uma boa vista não fosse mais para ser observada do alto de uma alta montanha, e um céu azul e claro não mais fosse a prova de um belo dia. Ela estava vigorosamente envergonhada de sua ignorância. Uma vergonha equivocada. Quando as pessoas querem conquistar, devem ser sempre ignorantes. Chegar com uma mente bem informada é chegar com uma inabilidade de administrar a vaidade dos outros, o que uma pessoa sensível sempre quer evitar. Uma mulher, especialmente se ela tem o infortúnio de saber tudo, deve ocultar seus conhecimentos o melhor que puder.

As vantagens da tolice natural em uma bela garota já foram adiantadas pela excelente pena de uma autora irmã e, para a sua abordagem do assunto, apenas acrescento, em justiça aos homens: embora, para a maior e mais insignificante parte do sexo deles, a imbecilidade das mulheres seja um grande aprimoramento do charme pessoal delas, há uma grande porção deles, racional o bastante e bem informada o bastante, para desejar alguma coisa mais em uma mulher do que a ignorância. Porém, Catherine não conhecia suas próprias vantagens. Ela desconhecia que uma garota de boa aparência, com um coração afetuoso e uma mente bem ignorante, não pode falhar em atrair um jovem e inteligente rapaz, a menos que as circunstâncias sejam particularmente desfavoráveis. No caso presente, ela confessou e lamentou sua falta de conhecimento e declarou que daria qualquer coisa no mundo para ser capaz de

desenhar. Uma aula de pintura imediatamente se seguiu, na qual as instruções dele eram tão claras, que ela logo começou a ver beleza em tudo que ele admirava, e a atenção dela foi tão sincera, que ele ficou plenamente satisfeito por ela ter muito gosto natural. Ele falou de primeiros planos, distâncias e segundas distâncias, telas laterais e perspectivas, luzes e sombras. Catherine estava sendo uma aluna tão promissora que, quando chegaram ao topo de Beechen Cliff, ela voluntariamente rejeitou toda a cidade de Bath, como não merecedora de fazer parte de uma paisagem. Deliciado com o progresso dela e temeroso de cansá-la com tantas lições de uma só vez, Henry deixou que o assunto caísse e, por uma tranquila transição de um pedaço de fragmento rochoso e o carvalho esquelético – os quais ele encontrou próximo ao topo – para carvalhos em geral, para florestas, para a delimitação destas, para terras desertas, terras da coroa e terras do governo, ele logo se encontrou situado na política. E da política foi um passo simples para o silêncio. A pausa geral, que sucedeu sua curta dissertação sobre o estado da nação, foi encerrada por Catherine, a qual, em um tom bem solene de voz, emitiu estas palavras, “Ouvi que algo deveras chocante logo acontecerá em Londres”.

A senhorita Tilney, a quem isto foi principalmente dirigido, assustou-se e replicou apressadamente, “De fato?! E de que natureza?”

“Isso eu não sei, nem quem é o autor. Apenas ouvi que deverá ser mais horrível do que qualquer coisa que já vivemos”.

“Pelos céus! Onde você ouviu tal coisa?”

“Um amigo meu particular soube disso por uma carta de Londres, ontem. Deve ser algo extraordinariamente terrível. Espero assassinatos e tudo do tipo”.

“Você fala com surpreendente compostura! Mas espero que os relatos de seu amigo sejam exagerados. Se tal coisa já for conhecida previamente, medidas apropriadas serão, sem dúvida, tomadas pelo governo, para evitar que isso ocorra”.

“O governo”, disse Henry, tentando não sorrir, “nem deseja ou ousa interferir em tais questões. Deve haver assassinato e o governo não se importa com quantos”.

As damas o encararam. Ele riu, e acrescentou, “Vamos, façam vocês se entenderem, ou deixem que quebrem a cabeça para a explicação que puderem? Não. Serei nobre. Provarei que sou um homem, não menos pela generosidade de minha alma, do que pela clareza de minha cabeça. Não tenho paciência para com aqueles do meu sexo, a quem não me dou o trabalho, às vezes, deixando a cargo deles próprios a compreensão do sexo de vocês. Talvez as habilidades das mulheres não sejam nem profundas, nem agudas – nem vigorosas, nem afiadas. Talvez elas precisem de observação, discernimento, julgamento, fogo, gênio e sutileza”.

“Senhorita Morland, não se importe com o que ele diz, mas tenha a bondade de me satisfazer quanto a este terrível tumulto”.

“Tumulto? Qual tumulto? Minha querida Eleanor, o tumulto está apenas no seu próprio cérebro. A confusão nele é escandalosa. A senhorita Morland estava falando de nada mais tenebroso do que uma nova publicação que está prestes a ser lançada, em três volumes de doze capítulos, 276 páginas em cada, com um frontispício ao primeiro de duas lápides e uma lanterna, você entende? E você, senhorita Morland, minha estúpida irmã confundiu todas as suas mais claras expressões. Você falou esperar por horrores em Londres e, em vez de conceber instantaneamente, como qualquer criatura racional teria feito, que tais palavras poderiam se relacionar apenas a uma biblioteca circulante, ela imaginou imediatamente, em si mesma, uma turba de 3 mil homens reunindo-se em St. George’s Fields, o banco atacado[2], a Torre ameaçada, o sangue correndo pelas ruas de Londres, um destacamento do Twelfth Light Dragoons[3] (as esperanças da nação) sendo enviado de Northampton para dizimar os insurgentes, e o galante capitão Frederick Tilney, no momento de ordenar o ataque, à cabeça de sua tropa, tem seu cavalo nocauteado por um pedaço de tijolo caído de uma janela acima. Perdoe sua estupidez. Os medos da irmã se juntaram à fraqueza da mulher, mas ela não é, de maneira alguma, uma simplória em geral”.

Catherine ficou séria e pensativa. “E agora, Henry”, disse a senhorita Tilney, “que você fez com que nos entendêssemos, você bem que poderia fazer a senhorita Morland compreendê-lo, a menos que queira que ela pense que você é intoleravelmente rude com sua irmã, e um grande bruto com sua opinião sobre as mulheres em geral. A senhorita Morland não está acostumada com seu jeito estranho”.

“Ficarei muito feliz em torná-la mais familiar a eles”.

“Sem dúvida, mas isso não explica o presente”.

“O que devo fazer?”

“Você sabe o que deve fazer. Limpe sua reputação muito bem, perante ela. Diga-lhe que você tem uma ótima opinião sobre a compreensão das mulheres”.

“Senhorita Morland, penso muito bem sobre o entendimento das mulheres, especialmente destas, sejam quais forem, por quem estou sendo acompanhando”.

“Isso não é o bastante. Seja mais sério”.

“Senhorita Morland, ninguém pode ter melhor julgamento sobre o entendimento das mulheres do que eu. Em minha opinião, a natureza lhes deu tanto, que vocês nunca acham necessário usar mais que a metade”.

“Não conseguiremos nada mais sério dele agora, senhorita Morland. Ele não está com um humor sóbrio. Mas eu lhe asseguro que ele só pode estar

totalmente equivocado, se pode, alguma vez, parecer dizer uma coisa injusta sobre qualquer mulher, ou maldosa sobre mim”.

Não foi nenhum esforço para Catherine acreditar que Henry Tilney nunca poderia estar errado. Suas maneiras podiam surpreender, às vezes, mas seu significado deveria ser sempre justo e, o que ela não entendia como ele fazia, ainda assim ela estava sempre quase pronta a admirá-lo. Toda a caminhada foi prazerosa e, embora tivesse terminado cedo, seu desfecho também foi. Seus amigos a levaram até em casa e a senhorita Tilney, antes de se despedir, dirigiu-se de forma mais respeitosa, tanto para a senhora Allen quanto para Catherine, pedindo pelo prazer da companhia da amiga para jantar no dia depois do seguinte. Nenhuma dificuldade foi colocada da parte da senhora Allen e a única dificuldade, para Catherine, foi esconder o excesso de sua felicidade.

A manhã se passara tão encantadoramente a ponto de banir toda a sua amizade e natural afeição, pois nenhum pensamento sobre Isabella ou James lhe ocorreu durante a caminhada. Quando os Tilney se foram, ela se tornou amigável novamente, mas, por algum tempo, quase sem efeito. A senhora Allen não tinha informações a dar para aliviar sua ansiedade. Ela não sabia nada sobre eles. Para o fim da manhã, porém, Catherine, tendo oportunidade para uma indispensável jarda de faixas que deveria ser comprada sem nenhum atraso, caminhou até a cidade e, na Bond Street, alcançou a segunda senhorita Thorpe, enquanto ela vagueava na direção de Edgar’s Buildings, entre duas das mais doces garotas no mundo, as quais foram suas queridas amigas por toda a manhã. Catherine logo soube por ela que o grupo tinha viajado até Clifton. “Partiram às oito desta manhã”, disse a senhorita Anne, “e estou certa de que não os invejo nesta viagem. Acho que você e eu estamos muito bem por estarmos fora desta complicação. Deve ser a coisa mais chata do mundo, pois não há viva alma em Clifton, nesta altura do ano. Belle foi com seu irmão e John levou Maria”.

Catherine revelou o prazer que realmente sentia ao ouvir esta parte do arranjo.

“Ah, sim”, respondeu a outra, “Maria foi. Ela queria muito ir. Ela pensou que seria algo muito bom. Não posso dizer que admiro o gosto dela. De minha parte, decidi logo que não iria se eles insistissem muito”.

Catherine, um pouco em dúvida quanto a isso, não pôde deixar de responder, “queria que você tivesse ido também. É uma pena que vocês todas não puderam ir”.

“Obrigada; mas estou muito indiferente quanto a isso. De fato, eu não teria ido sob hipótese alguma. Era o que eu dizia para Emily e Sophia, quando você nos alcançou”.

Catherine ainda não estava convencida, mas, feliz que Anne tivesse a amizade de uma Emily e de uma Sophia para consolá-la. Ela se despediu sem muito incômodo e voltou para casa, contente porque a viagem não tinha sido

impedida pela sua recusa, e desejando, com muita sinceridade, que fosse muito agradável, para que tanto James quanto Isabella não mais se ressentissem de sua resistência.

[1] A autora, neste diálogo, faz um uso da palavra "nice", que seria irreproduzível em língua portuguesa. Assim, o tradutor optou por explorar as diversas possibilidades de tradução do termo, corroborando assim a última frase do trocadilho.

[2] Bank of England, banco central do Reino Unido.

[3] Regimento de cavalaria do exército britânico, fundado pelo Príncipe de Gales. Este regimento ainda existe hoje, porém o destacamento foi fundido com os 9th Queen's Royal Lancers, para formar a 9th/12th Royal Lancers (Prince of Wales's), em 1960.

CAPÍTULO 15

Cedo, no dia seguinte, uma mensagem de Isabella, falando de paz e de ternura em cada linha e rogando a imediata presença de sua amiga, sobre uma questão de extrema importância, apressou Catherine, no mais feliz estado de confiança e curiosidade, para Edgar's Buildings. As duas senhoritas Thorpe mais novas estavam sozinhas na sala e, logo que Anne saiu para chamar Isabella, Catherine aproveitou a oportunidade para perguntar à outra irmã por alguns detalhes da viagem do dia anterior. Maria não desejava maior prazer do que falar sobre ela, e Catherine logo soube que foi, no todo, o mais prazeroso plano do mundo, que ninguém poderia imaginar como tinha sido encantador e delicioso. Tais foram as informações dos primeiros cinco minutos. Os seguintes revelaram muito mais detalhes, pois eles foram diretamente ao Hotel York, tomaram um pouco de sopa, encomendaram um jantar antecipado, caminharam até a casa de bombas, provaram a água, e gastaram alguns xelins em bolsas e varas. Daí seguiram para tomar sorvete em uma confeitaria e, apressando-se de volta ao hotel, engoliram apressadamente o jantar para evitar que ficassem no escuro. Então tiveram uma viagem deliciosa de volta, só que a lua não apareceu e choveu um pouco e o cavalo do senhor Morland estava tão cansado, que mal podia continuar.

Catherine ouvia com sincera satisfação. Parecia que Blaize Castle nunca tinha sido visitado e, quanto a todo o resto, não havia nada para se arrepende por meio instante. As informações de Maria terminaram com uma terna efusão de pena pela sua irmã Anne, a quem ela demonstrou um peso insuportável por ter sido excluída do grupo.

“Ela nunca me perdoará, estou certa. Mas, você sabe, como eu poderia evitar isso? John me obrigou a ir, pois ele prometeu que não a levaria porque ela tem tornozelos finos. Ouso dizer que ela não estará de bom humor novamente neste mês. Mas estou determinada a não carregar uma cruz. Não é uma pequena coisa que me tira do sério”.

Isabella então entrou na sala com passos tão ansiosos e um olhar de tal feliz importância, que atraiu toda a atenção de sua amiga. Maria foi dispensada sem cerimônia, e Isabella, abraçando Catherine, assim começou: “Sim, minha querida Catherine, assim é, de fato. Sua perspicácia não a enganou. Oh! Estes seus olhos que não perdem nada! Eles veem através de tudo”.

Catherine respondeu apenas com um olhar de intrigada ignorância.

“Não, minha amada, mais doce amiga”, continuou a outra, “componha-se. Estou surpreendentemente agitada, como pode perceber. Vamos nos sentar e conversar confortavelmente. Bem, então você adivinhou no momento em que leu minha mensagem? Criatura astuta! Oh! Minha querida Catherine, só você, que conhece meu coração, pode julgar minha felicidade

agora. Seu irmão é o mais encantador dos homens. Apenas desejo que eu o merecesse mais. Mas o que seus excelentes pais dirão? Oh! Céus! Quando penso neles fico tão agitada!”

O entendimento de Catherine começou a despertar. Uma ideia da verdade logo foi lançada pela sua mente e, com o corar natural de uma emoção tão nova, ela exclamou, “Pelos céus! Minha querida Isabella, o que você quer dizer? Você – você está realmente apaixonada por James?”

Por esta ousada premissa, porém, ela logo soube que tinha compreendido apenas metade do acontecimento. A ansiosa afeição, da qual ela foi acusada de ter continuamente observado em cada olhar e ação de Isabella, teve, no decorrer da viagem do dia anterior, recebida a deliciosa confissão de um amor igual. Seu coração e sua lealdade já estavam igualmente comprometidos para James. Nunca Catherine escutou algo com tanto interesse, maravilha e alegria. Seu irmão e sua amiga, comprometidos! Nova para tais circunstâncias, sua importância parecia maior que as palavras, e ela o considerava como um daqueles grandes eventos, dos quais o curso normal da vida mal pode proporcionar um retorno. Ela não poderia expressar a força de seus sentimentos. Sua natureza, porém, satisfazia sua amiga. A felicidade de ter tal irmã foi a sua primeira efusão, e as belas damas se uniram em abraços e lágrimas de alegria.

Deliciando-se, porém, como sinceramente estava Catherine com a perspectiva de tal união, deve-se reconhecer que Isabella a ultrapassou em muito em ternas expectativas. “Você será infinitamente mais cara para mim, minha Catherine, do que tanto Anne ou Maria: sinto que me ligarei muito mais à minha querida família Morland do que à minha própria”.

Esta era uma promoção de amizade que ia além de Catherine.

“Você é tão parecida com seu querido irmão”, continuou Isabella, que eu bem me apaixonei por você no primeiro momento em que a vi. Mas isso é sempre assim, comigo. O primeiro momento determina tudo. O primeiro dia em que Morland nos visitou, no Natal, o primeiro momento em que o vi, meu coração tinha ido, irrecuperavelmente. Lembro que usei meu vestido amarelo, com meu cabelo trançado. Quando cheguei à sala de estar, John me apresentou a ele, e pensei nunca ter visto alguém tão bonito antes”.

Aqui, Catherine reconheceu secretamente o poder do amor, pois, embora excessivamente apaixonada por seu irmão, e parcial a todos os seus dotes, ela nunca em sua vida o achara bonito.

“Também me lembro que a senhorita Andrews tomou chá conosco naquela noite, e usava seu vestido de seda fina castanho-escuro. Ela parecia tão divina que pensei que seu irmão certamente se apaixonaria por ela. Não pude dormir nem uma piscada direito por pensar nisso. Oh! Catherine, as muitas noites insones que tive por causa de seu irmão! Não queria que você sofresse metade do que sofri! Fiquei desgraçadamente magra, disso eu sei. Mas não a

incomodarei ao descrever minha ansiedade. Você já viu o bastante. Sinto que me traio continuamente, tão desprotegida ao falar de minha inclinação pela igreja! Mas sempre estive certa de que meu segredo estaria seguro com você”.

Catherine sentiu que nada poderia estar mais seguro. Mas, envergonhada de uma pouco esperada ignorância, ela não ousou mais contestar seu argumento, nem recusar ter sido de profunda perspicácia, e a afetuosa e fraterna simpatia escolhida por Isabella. Seu irmão, ela descobriu, estava se preparando para partir a toda velocidade até Fullerton para comunicar sua situação e pedir consentimento e, aqui, havia alguma real agitação na mente de Isabella. Catherine tentou convencê-la, como ela sempre se convencia, de que seu pai e sua mãe nunca se oporiam aos desejos de seu irmão. “É impossível”, ela disse, “que pais sejam mais bondosos ou mais desejosos de felicidade para seus filhos; não tenho dúvidas de que consentirão imediatamente”.

“Morland diz exatamente a mesma coisa”, replicou Isabella; “e, ainda, não ousou esperar por isso. Minha fortuna será tão pequena. Eles nunca consentirão com isso. Seu irmão, ele poderá se casar com quem quiser!”

Aqui, Catherine novamente discerniu a força do amor.

“De fato, Isabella, você é muito humilde. A diferença de fortuna não pode influenciar nada”.

“Oh! Minha doce Catherine, em seu generoso coração, sei que isso não influenciaria em nada, mas não devemos esperar por tal desinteresse em muitos. Quanto a mim mesma, estou certa de que queria apenas que nossas situações fossem inversas. Tivesse eu o poder de milhões, fosse eu a dona de todo o mundo, e seu irmão seria minha única escolha”.

Este sentimento encantador, recomendado tanto pelo sentido quanto pela novidade, deu a Catherine uma lembrança bem agradável de todas as heroínas que ela conhecia e achou que sua amiga nunca se aparentou mais amável do que ao exprimir a grande ideia. “Estou certa de que consentirão”, era sua declaração frequente. “Estou certa de que ficarão felizes com você”.

“De minha própria parte”, disse Isabella, “meus desejos são tão moderados que a menor renda na natureza seria suficiente para mim. Quando as pessoas são realmente ligadas, a pobreza em si mesma é riqueza. Detesto a grandeza. Não poderia me instalar em Londres por nada no universo. Uma cabana em alguma vila afastada seria o êxtase. Há algumas vilas encantadoras perto de Richmond”.

“Richmond!”, exclamou Catherine. “Você deve se instalar perto de Fullerton. Você deve ficar perto de nós”.

“Estou certa de que ficaria muito triste se não ficarmos. Se eu puder ficar perto de você, deverei ficar satisfeita. Mas isso é conversa fiada! Não me permitirei pensar em tais coisas até que tenhamos a resposta de seu pai. Morland diz que, ao enviá-la à noite, para Salisbury, poderemos tê-la amanhã. Amanhã?

Sei que nunca terei coragem de abrir a carta. Sei que será a minha morte”.

Um devaneio seguiu-se a esta convicção e, quando Isabella falou novamente, foi para decidir a qualidade de seu vestido de núpcias.

A conversa foi encerrada pelo próprio ansioso jovem amante que veio dar seu suspiro de adeus antes de partir para Wiltshire. Catherine quis felicitá-lo, mas não soube o que dizer e sua eloquência estava apenas em seus olhos. Deles, porém, as oito partes do discurso brilharam muito expressivamente e James poderia combiná-las com facilidade. Impaciente pela realização do que ele esperava em casa, seu adeus não foi longo, e seria ainda mais curto se ele não fosse constantemente detido pelos urgentes pedidos de sua bela para que ele se fosse. Duas vezes ele foi chamado quase da porta, pela ansiedade dela em que ele partisse. “De fato, Morland, tenho de levá-lo. Considere o quanto você terá de cavalgar. Não posso suportar ver que você se demora tanto. Pelo amor de Deus, não perca mais tempo. Eis, vá, vá. Insisto nisso”.

As duas amigas, com os corações agora mais unidos do que nunca, não se separaram durante o dia e, em forma de felicidade fraterna, as horas voaram. A senhora Thorpe e seu filho, que sabiam de tudo e que pareciam apenas desejar o consentimento do senhor Morland, a considerar que o comprometimento de Isabella era a circunstância mais afortunada para sua família, foram permitidos a agregar seus conselhos e a acrescentar sua cota de olhares significativos e expressões misteriosas para preencher a medida de curiosidade que se levantaria das irmãs mais novas e não privilegiadas. Aos sentimentos simples de Catherine, este estranho tipo de reserva não parecia nada bondoso, nem sustentável consistentemente. Para sua injustiça, ela mal teria se contido de apontar, se não fosse sua inconsistência menos amiga. Mas Anne e Maria logo deixaram seu coração tranquilo pela sagacidade de seus “eu sei o que é”. A noite se passou em um tipo de guerra de tiradas, uma exibição de engenhosidade familiar: em um lado, no mistério de um segredo afetado, no outro, de descoberta indefinida, todos igualmente agudos.

Catherine estava com sua amiga novamente no dia seguinte, tentando segurar seu humor e preencher as muitas horas de tédio antes da entrega das cartas. Um esforço necessário, pois, assim que a hora de uma expectativa razoável se aproximava, Isabella se tornava mais e mais apática e, antes de a carta chegar, decaiu em um estado de verdadeira agonia. Mas quando a carta chegou, em que lugar poderia ser encontrada a agonia? “Não tive dificuldade em conquistar o consentimento de meus bons pais, e me prometeram que farão tudo o que estiver ao alcance deles para adiantar minha felicidade”, foram as três linhas iniciais e, em um momento, tudo foi alegre segurança. O mais radiante brilho instantaneamente se espalhou pelos traços de Isabella, toda a preocupação e ansiedade pareciam removidas, seu humor demasiadamente alto, mais uma vez, para ser controlado, e ela se nomeou, sem escrúpulos, a mais feliz das

mortais.

A senhora Thorpe, com lágrimas de alegria, abraçou sua filha, seu filho, sua visita, e poderia ter abraçado metade dos habitantes de Bath com satisfação. Seu coração transbordava de ternura. Era “querido John” e “querida Catherine” a cada palavra; “querida Anne e querida Maria” foram feitas imediatamente receptoras da felicidade delas e duas “queridas” de uma vez, antes do nome de Isabella, não foram mais que aquela amada filha tinha agora ganhado. O próprio John não se acanhou em alegria. Ele não apenas depositou sobre o senhor Morland a alta recomendação de ser um dos melhores amigos no mundo, mas proferiu muitas sentenças em seu elogio.

A carta, em que se jorrava toda esta felicidade, era curta, contendo pouco mais do que esta garantia de êxito, e todos os detalhes foram adiados até que James pudesse escrever novamente. Mas, pelos detalhes, Isabella bem que poderia esperar. O necessário estava na promessa do senhor Morland. Sua honra foi comprometida para tornar tudo fácil. Sobre os meios como a renda deles iria ser formada, se alguma propriedade iria ser herdada, ou algum dinheiro poupado iria ser oferecido, era uma questão na qual seu espírito desinteressado não tinha preocupação. Ela sabia o suficiente para se sentir segura de um estabelecimento honrável e rápido, e sua imaginação fez um rápido voo sobre as felicidades relativas a isso. Ela se via, ao fim de poucas semanas, sendo olhada e admirada por todos com o novo relacionamento em Fullerton, sendo invejada por toda qualquer valiosa velha amiga em Putney, se via em uma carruagem ao seu dispor, um novo nome em seus bilhetes e uma brilhante exibição de anéis em seu dedo.

Quando o conteúdo da carta foi averiguado, John Thorpe, que apenas esperava pela sua chegada para começar sua jornada até Londres, preparou-se para partir. “Bem, senhorita Morland”, ele disse, ao encontrá-la sozinha na sala, “vim pedir-lhe seu adeus”. Catherine desejou-lhe uma boa viagem. Sem parecer ouvi-la, ele caminhou até a janela, mexeu nela, cantarolou e pareceu totalmente absorto.

“Você não se atrasará, já que vai a Devizes?”, perguntou Catherine. Ele não respondeu mas, depois do silêncio de um minuto, irrompeu com um “Uma ótima coisa, este plano de casamento, pela minha alma! Bela fantasia de Morland e de Belle. O que acha disso, senhorita Morland? Eu digo que não é uma má ideia”.

“Estou certa de que é uma ideia muito boa”.

“Você acha? Que honesto, pelos céus! Estou feliz que não seja inimiga de matrimônios. Você já ouviu aquela velha canção, ‘Ir a um casamento traz outro’?”

“Sim; prometi a sua irmã estar com ela, se possível”.

“Então, você sabe” – dando voltas e forçando um riso tolo – “eu digo,

sabe que poderíamos testar a veracidade desta mesma velha canção”.

“Podemos? Mas eu nunca canto. Bem, desejo-lhe uma boa viagem. Jantarei com a senhorita Tilney hoje, e devo voltar para casa”.

“Não, mas para quê tanta pressa e confusão. Quem sabe quando estaremos juntos novamente? Eu só devo voltar ao fim de uma quinzena, e que quinzena longa e demoníaca será para mim”.

“Então, por que vai ficar longe por tanto tempo?”, replicou Catherine, sabendo que ele aguardava uma resposta.

“Isso é muito bondoso de sua parte. Bondoso e de boa natureza. Não me esquecerei disso tão rápido. Mas você tem melhor natureza e tudo isso do que qualquer alma, acredito. Uma quantidade enorme de boa natureza, e não é apenas boa natureza, mas você tem tanto, tanto de tudo. Então, você tem tanto! Pela minha alma, não conheço ninguém como você”.

“Oh, meu caro, há tantas pessoas como eu, ousou dizer! Só que muito melhores. Bom dia para você”.

“Mas eu digo, senhorita Morland, devo visitar e prestar meus respeitos em Fullerton em breve, se não for desagradável”.

“Por favor, faça isso. Meu pai e minha mãe ficarão felizes em vê-lo”.

“E eu espero. Espero, senhorita Morland, que você não lamente por me ver”.

“Oh, querido, de maneira alguma. Há bem poucas pessoas que eu lamentaria ver. Ter companhia é sempre divertido”.

“Assim penso eu. Dê-me um pouco de alegre companhia, deixe-me apenas ter a companhia de quem eu amo, deixe-me estar apenas onde eu gosto e com quem eu gosto, e o demônio faz o resto, eu digo. E estou sinceramente feliz por ouvir você dizer o mesmo. Mas tenho uma ideia, senhorita Morland, que nós somos bem parecidos nessas questões”.

“Talvez sejamos, mas é mais do que já pensei sobre isso. E quanto aos demais assuntos, para dizer a verdade, não há muitos dos quais eu tenha uma ideia formada”.

“Por Júpiter, não mais que eu. Não é meu jeito perturbar meus miolos com o que não me preocupa. Minha ideia das coisas é bem simples. Deixe-me apenas ficar com a garota que eu gosto, eu digo, com uma casa confortável sobre minha cabeça, e o que tenho mais com que me preocupar? A fortuna não é nada. Estou certo de que terei uma boa renda. E, se ela não tiver um centavo, ora, tanto melhor”.

“Bem verdade. Acho que você vai gostar de lá. Se houver uma boa fortuna de um lado, pode não haver ocasião por ela, no outro. Não importa quem a tenha, importa que seja suficiente. Odeio a ideia de procurar uma grande fortuna por outra. E, casar por dinheiro, acho que é a coisa mais desagradável na existência. Bom dia. Ficaremos muito contentes em vê-lo em Fullerton, sempre

que for conveniente”. E ela se foi. Não estava no poder da galanteria dele detê-la por mais tempo. Com tais novas para comunicar, e com tal visita para se preparar, sua partida não deveria ser atrasada por nada na natureza, que ele impusesse. Ela se apressou, deixando-o com a sólida consciência de sua própria abordagem feliz e do explícito encorajamento dela.

A agitação que ela viveu ao saber primeiro do compromisso de seu irmão a fez esperar não menor emoção no senhor e na senhora Allen, com comunicação do maravilhoso evento. Como foi grande seu desapontamento! O importante caso, que foi conduzido por muitas palavras de preparação, foi previsto por ambos desde a chegada do irmão dela. Tudo o que sentiram na ocasião coube no desejo pela felicidade do jovem casal, com uma observação, da parte do cavalheiro, a favor da beleza de Isabella e, da dama, pela grande sorte de Isabella. Para Catherine, foi a mais surpreendente insensibilidade. A revelação, porém, do grande segredo de James ir até Fullerton no dia anterior, suscitou alguma emoção na senhora Allen. Ela não podia ouvir aquilo com perfeita calma, mas repetidamente lamentou a necessidade de ter sido oculto, desejou ter sabido da intenção dele e desejou tê-lo visto antes que ele partisse, pois ela certamente o teria incomodado com saudações para seu pai e sua mãe, e seus melhores cumprimentos para todos os Skinners.

CAPÍTULO 16

As expectativas de prazer de Catherine pela sua visita a Milson Street eram tão altas que a frustração foi inevitável. Embora fosse muito educadamente recebida pelo general Tilney e gentilmente recepcionada por sua filha, embora Henry estivesse em casa, e ninguém mais do grupo, ela descobriu, por sua vez, sem gastar muitas horas a examinar seus sentimentos, que se dirigiu ao encontro preparando-se para uma felicidade que não poderia ser proporcionada. Em vez de se imaginar mais próxima da senhorita Tilney, com o decorrer do dia, ela parecia tão dificilmente íntima com ela quanto antes. Ao invés de ver Henry Tilney com mais vantagem do que nunca, na tranquilidade de um grupo familiar, ele nunca falou tão pouco, ou foi tão pouco agradável. E, apesar da grande civilidade do pai para com ela e apesar dos seus agradecimentos, convites e elogios, foi uma libertação se ver longe dele. Ela se confundia ao atribuir alguma causa a isso. Não podia ser culpa do general Tilney. Que ele fosse perfeitamente agradável e de boa natureza e, ao todo, um homem muito encantador, não se podia duvidar, pois ele era alto e bonito e pai de Henry. Ele não podia ser responsável pela falta de espírito de seus filhos ou pela sua falta de prazer na companhia dele. Ela esperava que a primeira fosse apenas circunstancial e a última ela só podia atribuir a sua própria estupidez. Isabella, ao ouvir os detalhes da visita, deu uma explicação diferente: “Era tudo orgulho, orgulho, insuportável arrogância e orgulho! Ela há muito suspeitou de que a família fosse convencida, e isso se provou certo. Ela nunca tinha ouvido falar, em sua vida, de tal insolência como a da senhorita Tilney! Não fazer as honras de sua casa com a comum boa índole! Comportar-se com sua convidada com tamanho atrevimento! Nem mesmo quase falando com ela!”

“Mas não foi tão ruim assim, Isabella. Não houve atrevimento. Ela foi muito cortês”.

“Oh! Não a defenda! E então o irmão! Ele que parecia tão ligado a você! Pelos céus! Bem, os sentimentos de algumas pessoas são incompreensíveis. E então ele mal olhou para você o dia inteiro?”

“Eu não disse isso, mas ele não parecia estar de bom humor”.

“Que desprezível! De todas as coisas no mundo, tenho aversão à inconstância. Deixe-me rogar-lhe que nunca mais pense nele de novo, minha querida Catherine. De fato, ele é indigno de você”.

“Indigno! Sequer suponho que ele pense em mim”.

“Isso é exatamente o que eu digo. Ele nunca pensa em você. Quanta instabilidade! Oh! Que diferença para seu irmão e para o meu! Eu realmente acredito que John tenha o coração mais estável”.

“Mas, quanto ao general Tilney, asseguro-lhe que seria impossível para qualquer um se comportar comigo com maior educação e atenção. Parecia que

sua única preocupação era me divertir e me fazer feliz”.

“Oh! Nada sei de mal dele. Não suspeito que seja orgulhoso. Acredito que ele seja um homem bem cavalheiro. John gosta muito dele, e o julgamento de John...”

“Bem, veremos como se comportam comigo nesta noite. Devemos encontrá-los nos salões”.

“E eu devo ir?”

“Você não pretende? Pensei que já estivesse tudo combinado”.

“Bem, já que você faz questão, nada posso lhe recusar. Mas não insista para que eu seja agradável, pois meu coração, você sabe, estará a quase 65 quilômetros de distância. E quanto a dançar, nem mencione, eu imploro. Isso está totalmente fora de discussão. Charles Hodges irá me importunar muito, ousou dizer, mas devo cortá-lo logo. Aposto dez contra um que ele logo adivinhará o motivo, e é justamente o que quero evitar, então insisto para que ele guarde sua hipótese para si mesmo”.

A opinião de Isabella sobre os Tilney não influenciou sua amiga. Ela estava certa de que não houve insolência nos modos, tanto da irmã quanto do irmão, e ela não acreditava que houvesse uma ponta de orgulho em seus corações. A noite recompensou sua confiança. Ela foi recepcionada por uma com a mesma bondade, e pelo outro com a mesma atenção, até então: a senhorita Tilney se acomodou em ficar perto dela, e Henry a tirou para dançar.

Tendo ouvido, no dia anterior, em Milson Street, que o irmão mais velho deles, o capitão Tilney, era esperado a qualquer momento, ela já conhecia o nome de um jovem homem, de aparência bem moderna e bonita, a quem ela nunca vira antes, e que agora evidentemente pertencia ao seu grupo. Ela o olhava com muita admiração, e mesmo supôs que fosse possível que algumas pessoas o julgassem mais bonito que seu irmão, embora, aos olhos dela, seu ar fosse mais seguro e suas feições, menos atraentes. Seus gostos e seus modos eram indubitavelmente inferiores, pois, pelo o que ela ouviu, ele não apenas protestou contra qualquer ideia de dançar, mas também riu abertamente de Henry, que achava possível. Desta última circunstância, pode-se inferir que, seja qual fosse a opinião de nossa heroína sobre ele, a admiração dele por ela não era a de um tipo perigoso, nem provável de produzir animosidade entre os irmãos, nem perseguições à dama. Ele não podia ser o mesmo que instigou os três vilões em sobretudos de cavaleiros, por quem ela logo será forçada a entrar em uma carruagem de viagem, a qual partirá com inacreditável velocidade. Catherine, enquanto isso, sem se perturbar com pressentimentos de tamanho mal, ou mesmo de mal algum, exceto aquele de ter de ficar sentada por um curto conjunto de danças, apreciou sua costumeira felicidade com Henry Tilney, ouvindo com olhos faiscantes a tudo o que ele dizia e, ao achá-lo irresistível, assim ela se tornou também.

Ao fim da primeira dança, o capitão Tilney veio novamente ao encontro deles e, para a grande insatisfação de Catherine, puxou seu irmão de lado e afastaram-se, sussurrando algo. Embora a delicada sensibilidade dela não se alarmasse imediatamente e estabelecesse como fato, que o capitão Tilney tivesse ouvido alguma má falsidade sobre ela e apressava-se para contar ao irmão, na esperança de separá-los para sempre, ela não podia deixar de ver seu parceiro sem sensações bem preocupadas. Seu suspense durou cinco minutos completos. Ela já estava começando a pensar que eram quinze longos minutos, quando ambos retornaram e uma explicação foi dada por Henry, ao perguntar se ela achava que sua amiga, a senhorita Thorpe, teria alguma objeção em dançar, já que seu irmão ficaria muito feliz em ser apresentado a ela. Catherine, sem hesitação, respondeu que estava certa de que a senhorita Thorpe não queria dançar. A cruel resposta foi passada ao outro e ele imediatamente se afastou.

“Seu irmão não se importará, eu sei”, ela disse, “porque eu o ouvi dizer antes que odiava dançar, mas é prova de boa natureza dele pensar nisso. Suponho que ele tenha visto Isabella sentar-se e imaginou que ela desejava um parceiro, mas ele está bem enganado, pois ela não dançaria por nada deste mundo”.

Henry sorriu e disse, “Como você pode se esforçar tão pouco para entender os motivos das ações dos outros”.

“Por quê? O que você quer dizer?”

“Com você, não é “como alguém será influenciado; qual será a influência mais provável para agir sobre os sentimentos, idade, situação e prováveis hábitos de vida de uma pessoa”, mas “como serei influenciada, qual será a influência que me levará a agir assim e assim?””

“Não o compreendo”.

“Então estamos em termos desiguais, pois eu a entendo perfeitamente bem”.

“Eu? Sim, não posso falar bem o suficiente para ser incompreensível”.

“Bravo! Uma excelente ironia sobre a linguagem moderna”.

“Mas, por favor, explique-me o que você quis dizer”.

“Devo, mesmo? Você realmente deseja isso? Mas você não está ciente das consequências. Isso a envolverá em um constrangimento muito cruel e certamente nos levará a um desacordo”.

“Não, não; isto não acontecerá; sem receio.”

“Bem, então, apenas quis dizer que você, ao atribuir o desejo de meu irmão de dançar com a senhorita Thorpe somente por boa natureza, convenceu-me de que você mesma é superior em boa natureza em relação ao resto do mundo”.

Catherine corou e negou, e as previsões do cavalheiro foram confirmadas. Havia algo, porém, em suas palavras que a recompensou pela dor da confusão. Isto ocupou tanto sua mente que ela recuou por algum tempo,

esquecendo-se de falar e de ouvir, e quase esquecendo onde ela estava, até que, despertada pela voz de Isabella, ela subiu o olhar, e a viu com o capitão Tilney, preparando para lhe dar as mãos.

Isabella deu de ombros e sorriu, o que era a única explicação para esta extraordinária mudança que poderia ser dada àquela hora. Mas, como não estava muito claro para a compreensão de Catherine, ela falou com surpresa e em termos muito claros para seu parceiro.

“Não posso pensar em como isso se deu! Isabella estava tão decidida a não dançar”.

“E Isabella nunca mudou de ideia antes?”

“Oh! Mas como! E seu irmão! Depois de lhe repetir o que eu disse, como ele pôde convidá-la?”

“Não posso me surpreender com isso. Você espera que eu me surpreenda com o que disse sua amiga, e assim estou. Mas quanto ao meu irmão, sua conduta em tudo isso, devo reconhecer, não foi mais do que eu acreditei que ele fosse capaz de fazer. A beleza de sua amiga era uma clara atração. Sua firmeza, você sabe, pode ser compreendida apenas por você mesma”.

“Você está rindo, mas, asseguro-lhe, Isabella é muito decidida, em geral”.

“Isso é tanto quanto deve ser dito de qualquer um. Deve-se, às vezes, ser obstinado a sempre ser firme. Quando se relaxa com propriedade, fica-se a cargo de julgamento e, sem referência ao meu irmão, realmente acho que de modo algum a senhorita Thorpe escolheu mal ao relaxar no presente momento”.

As amigas não foram capazes de se juntar para qualquer conversa mais íntima até o fim da dança, mas, então, enquanto caminhavam pela sala de braços dados, Isabella assim se explicou: “Não me surpreendo com seu espanto. E estou, de fato, muito cansada. Ele chacoalha bastante! Muito divertido, se a minha mente estivesse livre, mas eu teria dado o mundo para ficar quieta”.

“Então, por que não ficou?”

“Oh! Minha querida! Teria sido tão específico, e você sabe o quanto abomino fazer isso. Eu lhe recusei até o quanto me foi possível, mas ele não aceitou minha negativa. Você não tem ideia de como ele insistiu. Implorei-lhe para que me perdoasse e buscasse outra parceira, mas não, não ele. Depois de aspirar pela minha mão, não havia ninguém na sala que ele pudesse suportar em pensar e, ele não queria apenas dançar, queria ficar comigo. Oh! Quanta besteira! Eu disse que ele tomou um caminho muito improvável de me convencer, pois, de todas as coisas no mundo, odeio belos discursos e elogios. Então descobri que não haveria paz se não me levantasse. Além disso, pensei que a senhora Hughes, que foi quem me apresentou, ficaria chateada se eu não dançasse com ele. E seu querido irmão ficaria muito triste se eu ficasse sentada a noite inteira, estou certa. Estou tão feliz que acabou! Meu humor ficou cansado

de ouvir tanta besteira. Agora, sendo um jovem rapaz bem atraente, vi que todos os olhares estavam sobre nós”.

“De fato, ele é muito bonito”.

“Bonito! Sim, suponho que seja. Ouso dizer que as pessoas o admiram, em geral. Mas ele não está de modo algum em meu estilo de beleza. Odeio compleição rosada e olhos negros em um homem. Porém, ele está muito bem. Surpreendentemente arrogante, estou certa. Eu o pus para baixo várias vezes, ao meu modo”.

Quando as jovens damas se reencontraram, tinham um assunto muito mais interessante para discutir. A segunda carta de James Morland foi então recebida, e as boas intenções de seu pai, completamente explicadas. Uma renda, da qual o senhor Morland era tanto o patrão quanto o encarregado, de 400 libras anuais, seria passada ao seu filho assim que ele tivesse a idade suficiente. Nada que fosse uma insignificante dedução da renda da família, nada que fosse um presente avarento a um dos dez filhos. Uma propriedade de pelo menos o mesmo valor, além do mais, foi garantida como sua herança futura.

James se expressou na ocasião com decente gratidão. A necessidade de aguardar por dois ou três anos antes de se casarem, sendo, embora indesejada, não mais do que ele esperava, foi suportada por ele sem descontentamento. Catherine, cujas expectativas eram tão vagas quanto suas ideias sobre a renda de seu pai, e cujo julgamento era agora totalmente influenciado pelo seu irmão, sentiu-se igualmente bem satisfeita e felicitou Isabella com sinceridade, por tudo ter sido tão agradavelmente ajustado.

“De fato, é muito encantador”, disse Isabella com um rosto grave. “O senhor Morland se comportou imensamente bem, de verdade”, disse a gentil senhora Thorpe, olhando ansiosamente para a sua filha. “Apenas queria fazer tanto quanto. Não se pode esperar mais dele, sabe. Se ele achar que pode fazer mais a respeito, ousa dizer que ele fará, pois estou certa de que é um homem de excelente índole. Quatrocentas libras decerto é uma pequena soma para começar, mas seus desejos, minha querida Isabella, são tão moderados que você nem considera quão pouco irá precisar, minha cara”.

“Não é por mim que desejo mais, mas não posso suportar que isso seja o meio de ferir meu querido Morland, de fazê-lo assentar com uma renda que pouco dá para necessidades comuns da vida. Para mim, isso não é motivo. Nunca penso em mim mesma”.

“Sei que nunca, minha cara. E sempre encontrará sua recompensa na afeição que todos sentem por você. Nunca houve uma jovem mulher tão amada como você é por todos que a conhecem. E ousa dizer que, quando o senhor Morland a vir, minha querida filha... mas não incomodaremos nossa querida Catherine ao falar sobre tais coisas. O senhor Morland se comportou maravilhosamente, você sabe. Sempre soube que ele era um homem excelente.

Você sabe, minha querida, não devemos supor nada. Além do que, se você tivesse uma fortuna adequada, ele teria surgido com algo mais, pois estou certa de que ele deva ser um homem de mente muito liberal”.

“Ninguém pode ter melhor opinião sobre o senhor Morland do que eu, estou certa. Mas todos têm suas falhas, você sabe, e todos têm o direito de fazer o que quiserem com seu próprio dinheiro”. Catherine ficou magoada com tais insinuações. “Estou muito certa”, disse ela, “que meu pai prometeu tudo o que poderia proporcionar”.

Isabella se recompôs. “Quanto a isso, minha doce Catherine, não pode haver dúvida, e você me conhece bem o suficiente para estar certa de que um dote menor me satisfaria. Não é o desejo por mais dinheiro que me faz, no momento, um pouco preocupada. Odeio dinheiro. Se nossa união pudesse ocorrer agora com 50 libras ao ano, seria um desejo meu atendido. Ah! Minha Catherine, você me descobriu. Eis o que me incomoda: os longos, longos dois anos e meio que devem se passar antes de seu irmão obter a renda”.

“Sim, sim, minha querida Isabella”, disse a senhora Thorpe, “vemos isso perfeitamente em seu coração. Você não disfarça. Entendemos perfeitamente sua atual inquietação. Todos devem amá-la ainda mais por tal nobre e honesta afeição”.

Os desconfortáveis sentimentos de Catherine começaram a amainar. Ela tentou acreditar que o atraso do casamento fosse a única fonte do arrependimento de Isabella e, quando ela a viu, no encontro seguinte, tão alegre e amigável como sempre, tentou esquecer que ela tinha pensado o contrário por um minuto. James retornou logo após e foi recebido com a mais grata bondade.

CAPÍTULO 17

Os Allen adentraram agora em sua sexta semana de permanência em Bath. Se seria a última, era a pergunta que ficou por algum tempo, e a qual Catherine escutou com o coração pulsante. Ter sua amizade rapidamente encerrada com os Tilney era um mal que nada poderia contrabalancear. Toda sua felicidade parecia estar em risco, enquanto o caso não fosse resolvido, e tudo ficou mais seguro quando se determinou que os alojamentos deveriam ser ocupados por mais uma quinzena. O que esta quinzena adicional iria trazer para ela, além do prazer de ver Henry Tilney, às vezes, não era senão uma pequena parte das especulações de Catherine. Uma ou duas vezes, de fato, quando o noivado de James lhe ensinou o que poderia ser feito, ela tinha ido tão longe quanto a ceder para um segredo “talvez”, mas, em geral, a felicidade de estar com ele no momento limitava suas visões: o presente agora cabia em três semanas mais, com sua felicidade estando assegurada durante este período, mas o resto de sua vida estava muito longe para excitar tanto interesse. No decorrer da manhã que viu a questão ser resolvida, ela visitou a senhorita Tilney e despejou sobre ela seus alegres sentimentos. Estava condenado a ser um dia de provas. Assim que ela expressou seu prazer com a extensão da estadia do senhor Allen, a senhorita Tilney lhe disse que seu pai tinha acabado de se decidir por deixar Bath ao final da semana seguinte. Eis um golpe e tanto! O suspense passado da manhã tinha sido tranquilo e quieto em face da presente frustração. O rosto de Catherine se fechou e, com uma voz da mais sincera preocupação, repetiu as palavras finais da senhorita Tilney, “Ao final da semana que vem!”.

“Sim, meu pai mal pode ser convencido em dar as águas, o que eu acho ser um bom julgamento. Ele ficou desapontado porque alguns de seus amigos, os quais ele esperava encontrar, não puderam vir, e como ele está muito bem agora, está ansioso para voltar para casa”.

“Lamento muito”, disse Catherine com desânimo, “pois, se eu soubesse antes...”

“Talvez”, disse a senhorita Tilney de maneira constrangida, “você seria tão boa e me faria tão feliz se...”

A entrada de seu pai interrompeu a civilidade que Catherine esperava: que se apresentasse um desejo de troca de cartas. Depois de se dirigir a ela com a polidez habitual, ele se voltou para a filha e disse, “Bem, Eleanor, posso felicitá-la por ter tido êxito em seu pedido a sua bela amiga?”

“Eu estava começando a fazê-lo quando o senhor entrou”.

“Bem, continue de qualquer maneira. Sei o quanto você quer isso. Minha filha, senhorita Morland”, ele continuou sem dar a sua filha tempo para falar, “estive acalentando um desejo muito forte. Deixaremos Bath, como ela talvez tenha lhe dito, na semana que termina no sábado. Uma carta de meu

administrador diz que minha presença é necessária em casa. Como minha esperança se frustrou em ver o marquês de Longtown e o general Courteney aqui, alguns de meus velhos amigos, não há nada para me deter por mais tempo em Bath. E se pudermos convencê-la de nosso argumento egoísta, partiríamos sem um único lamento. Para resumir, você pode ser convencida a deixar esta cena de triunfo público e agradecer sua amiga Eleanor com sua companhia em Gloucestershire? Estou quase envergonhado de fazer o pedido, embora sua presunção certamente pareça maior para qualquer criatura em Bath do que você mesma. Modéstia como a sua, mas, por nada no mundo, eu a incomodaria com elogios francos. Se você puder ser levada a nos honrar com uma visita, você nos fará mais felizes do que as palavras podem dizer. Isto é verdade, não podemos lhe oferecer nada como as alegrias deste vívido lugar. Não podemos tentá-la com diversão nem com esplendor, pois nosso modo de vida, como você vê, é simples e desprezioso. Ainda, não nos faltarão esforços para tornar a Abadia de Northanger não totalmente desagradável”.

Abadia de Northanger! Aquelas eram excitantes palavras e que eriçaram os sentimentos de Catherine ao mais alto êxtase. Seu coração, agradecido e satisfeito, mal podia conter suas expressões dentro do idioma de tolerável calma. Receber um convite tão elogioso! Ter sua companhia tão calorosamente requisitada! Tudo que era honorável e suave, toda a presente diversão e cada esperança futura estavam contidas nele. Seu aceite, com apenas uma cláusula de reserva, sobre a aprovação de seus pais, foi ansiosamente dado. “Escreverei para casa imediatamente”, ela disse, “e, se eles não fizerem objeção, como ousou dizer que não farão...”

O general Tilney não estava menos confiante, tendo já consultado seus excelentes amigos em Pulteney Street e obtido deles a sanção aos seus desejos. “Desde que consentem em se separar de você”, ele disse, “podemos aceitar que todos façam sua filosofia”.

A senhorita Tilney foi honesta, se bem que gentil, em suas civilidades secundárias e, em poucos minutos, quase tudo se resolveu, tanto quanto esta necessária consulta a Fullerton permitiria.

As circunstâncias da manhã tinham conduzido os sentimentos de Catherine por meio das variedades do suspense, da segurança e do desapontamento, mas agora estavam abrigados com segurança em perfeita bênção. Com o espírito exultante, ao ponto de arrebatamento, com Henry em seu coração e Abadia de Northanger em seus lábios, ela apressou-se para casa com o propósito de escrever sua carta. O senhor e a senhora Morland, confiando na discrição dos amigos a quem já haviam confiado sua filha, não sentiram dúvidas sobre a propriedade de uma amizade que já tinha se formado sob seus olhos e, portanto, enviaram como resposta seu imediato consentimento para a sua visita a Gloucestershire. Esta indulgência, embora não mais do que Catherine esperava,

completou sua convicção de ser mais favorecida do que qualquer outra criatura humana, tanto em amigos quanto na sorte, circunstância e destino. Pela bondade de seus primeiros amigos, os Allen, ela foi apresentada a cenas em que prazeres de todos os tipos vieram até ela. Seus sentimentos, suas preferências, cada um conheceu a felicidade de uma retribuição. Em qualquer lugar em que ela sentiu uma ligação, ela foi capaz de criá-la. A afeição de Isabella deveria lhe ser garantida como a de uma irmã. Os Tilney, por quem, acima de tudo, ela desejava ser considerada favoravelmente, superaram seus desejos nas lisonjeiras medidas pelas quais sua intimidade deveria ser continuada. Ela deveria ser a visitante escolhida por eles, ela deveria ficar, por semanas, sob o mesmo teto com a pessoa cuja companhia ela mais prezava e, acrescentando a tudo isso, este teto deveria ser o teto de uma abadia! Sua paixão por edifícios antigos vinha logo depois de sua paixão por Henry Tilney, e castelos e abadias davam a tais fantasias o encanto que a imagem dele não preenchia. Ver e explorar as defesas e a guarda de uma, ou os claustros da outra, foram por muitas semanas um desejo muito querido, embora ser mais que uma visitante de uma hora parecia quase demais para se desejar. E ainda isso iria acontecer. Com todas as chances contra ela, de uma casa, mansão, sede, parque, corte ou cabana, Northanger resultava em uma abadia, e ela deveria ser sua habitante. Suas passagens compridas e úmidas, suas celas estreitas e sua capela arruinada deveriam estar sob seu alcance diário, e ela não podia subjugar inteiramente a esperança de algumas lendas tradicionais, algumas memórias pavorosas de uma freira ferida e malfadada.

Era maravilhoso que os amigos dela parecessem tão pouco exultantes por possuir tal lar e que a consciência disso fosse de tão insignificante consideração. O poder do hábito precoce poderia ser o único responsável por isso. Eles nasceram em uma distinção a qual não dava orgulho. A superioridade da residência deles não lhes era mais do que sua superioridade como pessoas.

Muitas eram as perguntas que ela estava ansiosa por fazer sobre a senhorita Tilney, mas seus pensamentos eram tão ativos que, quando estas perguntas foram respondidas, ela ficou apenas pouco mais certa do que antes: de que Abadia de Northanger seria um convento ricamente dotado à época da Reforma, de que tinha caído nas mãos de um ancestral dos Tilney em sua dissolução, de que uma grande parte do antigo edifício ainda fazia parte da atual residência, embora o restante estivesse arruinado, e de que ficava na parte baixa de um vale, protegida ao norte e ao oeste por bosques ascendentes de carvalho.

CAPÍTULO 18

Com a mente assim repleta de felicidade, Catherine mal percebeu que dois ou três dias se passaram, sem que visse Isabella por mais de alguns minutos. Ela começou a se dar conta disso e a sentir falta de conversar com ela, enquanto caminhava pela casa de bombas em uma manhã, ao lado da senhora Allen, sem nada para dizer ou ouvir. Mal ela sentiu saudades de sua amiga, por cinco minutos, quando o objeto dela surgiu e a convidou para uma conversa em particular, abrindo caminho até um assento. “Este é meu lugar favorito”, disse ela enquanto sentavam-se em um banco entre as portas, que permitia uma visão tolerável de todos que adentravam por ambas as entradas; “é tão fora do caminho”.

Catherine, observando que os olhos de Isabella estavam continuamente voltados para uma porta ou para outra, como se estivesse em uma ansiosa expectativa, e lembrando-se de quão frequentemente ela tinha sido acusada falsamente de ser astuta, pensou que era uma excelente oportunidade para isso, de fato e, portanto, disse alegremente, “Não fique intranquila, Isabella, James logo estará aqui”.

“Psiu, minha querida!”, ela respondeu, “não pense que sou uma simplória por sempre querer que ele fique comigo. Seria horrroso estarmos sempre juntos. Seríamos o motivo de zombaria do lugar. E então você irá a Northanger! Estou imensamente feliz por isso. Soube que é um dos melhores lugares da Inglaterra. Confio em uma descrição muito detalhada de lá”.

“Você certamente terá o que melhor eu posso dar. Mas por quem você procura? Suas irmãs virão?”

“Não procuro por ninguém. Os olhos devem estar sempre em algum lugar, e você sabe que é um truque tolo de fixar os meus, quando meus pensamentos estão à 160 quilômetros de distância. Estou surpreendentemente ausente. Acredito que eu seja a criatura mais ausente no mundo. Tilney diz que este é sempre o caso com mentes de certa estirpe”.

“Mas eu pensei, Isabella, que você tivesse algo em particular para me dizer”.

“Oh! Sim, eu tenho. Mas eis uma prova do que lhe dizia. Minha pobre cabeça. Eu já tinha me esquecido. Bem, a coisa é que acabei de receber uma carta de John. Você pode adivinhar o conteúdo”.

“Não, na verdade, não posso”.

“Meu querido amor, não seja terrivelmente afetada. Sobre o quê ele poderia escrever, senão sobre você? Você sabe que ele está caído de amores por você”.

“Por mim, querida Isabella?”

“Não, minha doce Catherine, isso é ser bem absurda! A modéstia e tudo

isso é muito apropriado, mas realmente um pouco de honestidade é, às vezes, mais conveniente. Não tinha ideia de que fosse tão esforçada! Está buscando elogios. As atenções dele eram tais que uma criança teria notado. E foi naquela meia hora antes de ele deixar Bath que você lhe deu o incentivo mais claro. Ele assim o diz em sua carta. Ele disse que ficou tão animado que lhe fez uma oferta, e que você recebeu os avanços dele do modo mais receptivo, e agora ele quer que eu reforce seu pedido, e lhe diga todas as coisas mais bonitas. Portanto, é em vão que você finge indiferença”.

Catherine, com toda a sinceridade da verdade, expressou estar atônita com tal pedido, alegando inocência em qualquer ideia do senhor Thorpe estar apaixonada por ela, e a consequente impossibilidade de ter mesmo pretendido lhe incentivar. “Quanto a quaisquer atenções do lado dele, declaro, pela minha honra, que nunca fui sensível a elas por momento algum – exceto somente ao me convidar para dançar no primeiro dia de sua chegada. E quanto a ele me fazer um pedido, ou algo do tipo, deve haver algum erro sem responsável. Eu não poderia ter deixado de compreender uma coisa deste tipo, você sabe! E, como eu sempre quis acreditar, eu solenemente afirmo que nenhuma sílaba de tal natureza se passou entre nós. A última hora antes de ele ir embora! Tudo deve ser um completo engano, pois eu definitivamente não o vi naquela manhã inteira!”

“Mas certamente você o viu, pois passou a manhã inteira em Edgar’s Buildings. Foi o dia em que o consentimento de seu pai chegou. E estou bem certa de que você e John ficaram algum tempo sozinhos na sala de estar, antes de você deixar a casa”.

“Você está? Bem, se você diz, ousou dizer, mas pela minha vida, eu não me lembro. Agora me recordo de estar com você e vê-lo assim como a todos, mas ficamos sozinhos por cinco minutos. Porém não vale a pena discutir sobre isso, pois, seja o que estiver acontecendo do lado dele, você deve ficar convencida, já que não tenho lembranças disso, e que eu nunca pensei, nem esperei, nem desejei por qualquer coisa deste tipo dele. Estou muito preocupada que ele tenha alguma estima por mim, mas, de fato, isso foi muito sem intenção de minha parte. Nunca tive a menor ideia disso. Por favor, esclareça-lhe assim que puder e lhe diga que imploro pelo seu perdão, ou seja, não sei o que ele deveria dizer, mas o faça compreender o que eu quero dizer, do modo mais apropriado. Eu não falaria desrespeitosamente com um irmão seu, Isabella, estou certa. Mas você sabe muito bem que se eu pudesse pensar mais em um homem do que em outro, ele não é esta pessoa”. Isabella ficou em silêncio. “Minha querida amiga, não fique brava comigo. Não posso supor que seu irmão se importe tanto comigo. E, você sabe, ainda devemos ser irmãs”.

“Sim, sim (com um corar), há mais de um modo de nos tornarmos irmãs. Mas para onde vai meu pensamento? Bem, minha querida Catherine, o caso parece ser que você está determinada a rejeitar o pobre John, não é

mesmo?”

“Certamente não posso retribuir a afeição dele e tão certamente nunca pretendi encorajá-la”.

“Já que este é o caso, estou certa de que não a provocarei mais. John desejou que eu conversasse com você a respeito e assim eu fiz. Mas confesso que, assim que li sua carta, pensei que fosse um assunto tolo e imprudente, e não muito provável a fazer bem para ambos, pois com o quê viveriam, supondo que ficassem juntos? Vocês têm, juntos, alguma coisa, estou certa, mas, hoje em dia, não é pouca coisa que sustentará uma família. Apesar de tudo o que os romancistas dizem, não há como dar certo sem dinheiro. Apenas me pergunto por que John pensou nisso. Decerto não recebeu minha última carta”.

“Você me isenta então de ter feito alguma coisa errada? Você está convencida de que nunca quis enganar seu irmão, nem suspeitei que ele gostasse de mim até este momento?”

“Oh! Quanto a isso”, respondeu Isabella sorridente, “não pretendo determinar como foram seus pensamentos e planos no passado. Você sabe bem melhor sobre eles. Um pequeno e inofensivo flerte irá ocorrer e, às vezes, se é levado a dar mais incentivos do que o outro deseja receber. Mas você pode ficar certa de que sou a última pessoa no mundo que a julga tão severamente. Tudo isso deve ser perdoado, pela juventude e pelo bom humor. O que se diz em um dia, você sabe, pode ter mudado no outro. As circunstâncias mudam, as opiniões se alteram”.

“Mas minha opinião sobre seu irmão nunca se alterou. Sempre foi a mesma. Você está descrevendo o que nunca aconteceu”.

“Minha querida Catherine”, continuou a outra sem sequer escutá-la, “eu não seria, por nada deste mundo, o instrumento para apressá-la em um noivado antes de você saber o que está se passando. Eu não acho que nada me justificaria em desejar que você sacrificasse toda sua felicidade apenas para agradar ao meu irmão, porque ele é meu irmão, o qual talvez, apesar de tudo, você sabe, poderia ser tão feliz sem você, pois as pessoas raramente sabem onde estarão, os jovens rapazes principalmente, eles são tão incrivelmente voláteis e inconstantes. O que eu digo é, por que a felicidade de um irmão me seria mais querida do que a de uma amiga? Você sabe que coloco minhas ideias de amizade bem altas. Mas, acima de tudo, minha querida Catherine, não se apresse. Aceite meu conselho, pois se você se apressar muito, certamente viverá para se arrepender disso. Tilney diz que não há nada em que as pessoas se enganam tanto quanto sobre o estado de suas próprias afeições, e acredito que ele esteja bem certo. Ah! Eis que ele chega. Não se importe, ele não nos verá, estou certa”.

Catherine, subindo o olhar, percebeu o capitão Tilney, e Isabella, fixando firmemente seu olhar nele, enquanto falava, logo capturou sua atenção. Ele as abordou imediatamente e ocupou o assento ao qual os movimentos dela o

convidaram. Sua primeira frase fez Catherine pular. Embora dita em voz baixa, ela pôde distinguir, “O que! Sempre a ser observada, seja em pessoa, seja por procuração!”.

“Psui, que besteira!” foi a resposta de Isabella no mesmo sussurro. “Por que você coloca estas coisas na minha cabeça? Se eu pudesse acreditar. Meu espírito, você sabe, é bem independente”.

“Queria que seu coração fosse independente. Isso me seria o bastante”.

“Meu coração, de fato! O que você sabe sobre corações? Nenhum de vocês homens têm coração”.

“Se não temos corações, temos olhos, e eles nos dão tormentos suficientes”.

“Dão? Lamento por isso. Lamento que tenham encontrado algo tão desagradável em mim. Olharei para o outro lado. Espero que isso lhe agrade (voltando suas costas para ele); espero que seus olhos não fiquem atormentados agora”.

“Nunca estive mais, pois o contorno de um rosto corado ainda posso ver. De uma vez, muito e pouco”.

Catherine escutou a tudo isso e, bem transtornada, não podia ouvir mais. Surpresa por Isabella suportar a isso e ciumenta pelo seu irmão, ela se levantou e, dizendo que iria se juntar à senhora Allen, propôs que caminhassem. Porém, para isso, Isabella não mostrou a menor inclinação. Ela estava tão surpreendentemente cansada, e era tão odioso desfilar pela casa de bombas. Se ela saísse de seu lugar, se desencontraria de suas irmãs. Ela as esperava a qualquer momento, assim sua querida Catherine deveria desculpá-la e se sentar tranquilamente outra vez. Entretanto, Catherine também podia ser teimosa. Com a senhora Allen chegando naquele instante para propor que voltassem para casa, Catherine se juntou a ela e saiu da casa de bombas, deixando Isabella ainda sentada com o capitão Tilney. Muito intranquila, ela, portanto, deixou-os. Parecia-lhe que o capitão Tilney estava se apaixonando por Isabella, e esta, o incentivando inconscientemente; inconscientemente, deveria ser, pois a união de Isabella com James estava tão certa e tão reconhecida quanto seu noivado. Duvidar da sinceridade ou das boas intenções dela era impossível e, ainda durante toda a conversa, os modos dela foram estranhos. Ela desejou que Isabella falasse mais como lhe era habitual e não tanto sobre dinheiro, e também não tivesse ficado tão satisfeita ao ver o capitão Tilney. Como era estranho que ela não percebesse a admiração dele! Catherine ansiou por lhe dar uma pista sobre isso, colocá-la em guarda, e evitar toda a dor que o comportamento tão vívido dela poderia, por outro lado, criar tanto para ele e como para o irmão dela.

O elogio da afeição de John Thorpe não corrigiu essa negligência na irmã dele. Catherine estava quase a ponto de acreditar, como também a desejar que fosse sincero, pois ela não tinha esquecido que ele podia se equivocar, e sua

afirmação sobre o pedido e sobre o incentivo da irmã a convenceu de que estes erros podiam ser, às vezes, bem graves. Em termos de vaidade, seus ganhos eram irrisórios. Seu maior lucro estava na surpresa. Que ele julgasse valer à pena se imaginar apaixonado por ela era uma questão muito surpreendente. Isabella lhe falou de suas atenções, mas ela nunca foi sensível a alguma. Contudo, Isabella disse tantas coisas, que ela esperava terem sido ditas apressadamente, e nunca mais repetidas. Com isso, ela ficou feliz em descansar, por completo, no presente tranquilo e confortável.

CAPÍTULO 19

Poucos dias se passaram, e Catherine, embora não se permitindo suspeitar de sua amiga, não pôde deixar de vigiá-la bem de perto. O resultado de suas observações não foi agradável. Quando ela a via, de certo, cercada apenas pelas amigas imediatas em Edgar's Buildings ou em Pulteney Street, a mudança de seus modos era tão insignificante que, se não tivesse ido mais além, teria passado despercebida. Alguma coisa de lânguida indiferença, ou daquela apregoada ausência de espírito que Catherine nunca tinha ouvido falar antes, ocasionalmente lhe vinha, mas nada pior tinha aparecido que pudesse apenas ter espargido um novo encanto e inspirado um interesse mais caloroso. Porém, quando Catherine a via em público admitindo as atenções do capitão Tilney, tão prontamente quanto eram oferecidas e lhe concedendo quase uma porção igual a de James em sua atenção e em seus sorrisos, a alteração se tornava muito evidente para ser ignorada. O significado de tal conduta vacilante, que sua amiga tinha, estava além de sua compreensão. Isabella não estava ciente da dor que ela estava causando, mas era um grau de voluntariosa negligência com o qual Catherine não podia deixar de se ressentir. James era quem sofria. Ela o via grave e intranquilo e, embora indiferente de seu presente conforto pudesse ficar a mulher que lhe dera seu coração, para ela isso sempre foi motivo de objeção. Também estava muito preocupada com pobre capitão Tilney. Embora seus olhares não lhe agradassem, seu nome era um passaporte para o bem-estar dela. Era o que ela achava com sincera compaixão de seu iminente desapontamento, pois, apesar do que ela mesma acreditava ter ouvido na casa de bombas, seu comportamento era tão incompatível com o conhecimento do noivado de Isabella, que ela não podia, depois de refletir, imaginar que ele estivesse ciente disso. Ele podia ter ciúmes do irmão dela, como um rival, mas, se mais parecesse implícito, a culpa deveria recair sobre o mal-entendido dela. Ela desejava, por uma gentil reprimenda, lembrar Isabella de sua situação e fazê-la ciente desta dupla crueldade, mas, quanto à reprimenda, tanto a oportunidade quanto a compreensão estavam sempre contra ela. Se fosse capaz de dar uma deixa, Isabella nunca poderia compreendê-la. Nesta agonia, a planejada partida da família Tilney se tornou seu maior consolo. Sua jornada até Gloucestershire deveria ocorrer dentro de poucos dias, e a ausência do capitão Tilney ao menos restauraria a paz a cada coração, menos ao dele próprio. Porém, o capitão Tilney não tinha, no momento, intenção de partir. Ele não deveria se integrar ao grupo que iria a Northanger. Ele deveria continuar em Bath. Quando Catherine soube disso, sua decisão foi imediatamente tomada. Ela conversou com Henry Tilney sobre o assunto, lamentando a evidente inclinação do irmão dele para com a senhorita Thorpe, e rogando para que ele comunicasse ao capitão o prévio comprometimento dela.

“Meu irmão sabe disso”, foi a resposta de Henry.

“Sabe? Então por que ele permanecerá aqui?”

Ele não respondeu e estava começando a falar de outra coisa, mas ela ansiosamente continuou, “Por que você não o convence a ir embora? Quanto mais ele ficar, pior será para ele, ao final. Por favor, aconselhe o que for melhor para ele e para todos. Aconselhe para que ele deixe Bath imediatamente. A ausência fará com que, pelo tempo, ele fique confortável novamente, mas ele não terá esperanças aqui, e, permanecendo, ficará infeliz”.

Henry sorriu e disse, “Estou certo de que meu irmão não desejaria fazer isso”.

“Então você o convencerá a partir?”

“Persuasão não está ao comando; porém desculpe-me se eu nem mesmo tentar convencê-lo. Eu mesmo já lhe disse que a senhorita Thorpe já está comprometida. Ele sabe o que faz e deve ser seu próprio guia”.

“Não, ele não sabe o que faz”, exclamou Catherine; “ele não sabe a dor que causa ao meu irmão. Não que James me tenha dito, mas estou certa de que ele está muito desconfortável”.

“E você está certa de que isso é decorrência do que meu irmão está fazendo?”

“Sim, bem certa”.

“São as atenções de meu irmão à senhorita Thorpe, ou a aceitação delas pela senhorita Thorpe, que causam a dor?”

“Não são a mesma coisa?”

“Acho que o senhor Morland reconheceria a diferença. Nenhum homem é ofendido pela admiração de outro homem à mulher que ele ama. É apenas a mulher que pode fazer disso uma tormenta”.

Catherine corou pela sua amiga e disse, “Isabella está errada. Mas estou certa de que ela não quer atormentar, pois ela é muito ligada ao meu irmão. Ela está apaixonada por ele desde o primeiro dia em que se conheceram e, enquanto o consentimento de meu pai era incerto, ela se perturbou tanto a ponto de quase ter febre. Você sabe que ela deve ser ligada a ele”.

“Compreendo; ela está apaixonada por James e flerta com Frederick”.

“Oh! Não, não flerta. Uma mulher apaixonada por um homem não pode flertar com outro”.

“É provável que ela nem ame tão bem, nem flerte tão bem, quanto poderia fazer solteira. Os cavalheiros devem, cada um, ceder um pouco”.

Depois de uma curta pausa, ela retomou com, “Então você não acredita que Isabella seja tão ligada ao meu irmão?”

“Não posso ter opinião alguma sobre este assunto”.

“Mas o que pode seu irmão querer? Se ele sabe do noivado dela, o que ele quer com seu comportamento?”

“Você é uma inquiridora persistente”.

“Sou? Apenas pergunto o que quero que seja dito”.

“Mas você só pergunta o que eu devo falar?”

“Sim, acho que sim, pois você deve conhecer o coração de seu irmão”.

“Do coração de meu irmão, como você diz, no presente momento, só posso adivinhar, asseguro-lhe”

“Bem?”

“Bem! Não, se for adivinhação, vamos adivinhar nós mesmos. Ser guiado por uma hipótese usada é doloroso. As premissas estão diante de você. Meu irmão é jovem rapaz vivido e, talvez, às vezes, impensante. Ele conheceu sua amiga por uma semana e soube do noivado dela quase ao mesmo tempo em que a conheceu”.

“Bem”, disse Catherine depois de considerar por alguns momentos, “você pode ser capaz de adivinhar as intenções de seu irmão disso tudo, mas estou certa de que eu não. Mas seu pai não está desconfortável com tudo isso? Ele não deseja que o capitão Tilney se vá? Claro, se seu pai falasse com ele, ele obedeceria”.

“Minha querida senhorita Morland”, disse Henry, “neste amável pedido pelo conforto de seu irmão, será que você não está um pouco equivocada? Você não foi um pouco longe demais? Será que ele lhe agradecerá, tanto por ele quanto pela senhorita Thorpe, por supor que a afeição dela, ou ao menos seu bom comportamento, devesse ser garantida somente quando ela não visse o capitão Tilney? Ficará ele seguro apenas na solidão? Ou será que o coração dela é fiel a ele apenas quando deixado de lado por todos? Ele não pode achar isso, e você pode estar certa de que ele não acha que você ache isso. Eu não direi, ‘Não fique preocupada, porque sei que você está assim neste momento, mas fique o menos preocupada que puder. Não tenha dúvida da ligação mútua entre seu irmão e sua amiga; confie nisso, portanto, que o verdadeiro ciúme nunca poderá existir entre eles. Confie que nenhuma discórdia entre eles poderá durar. Seus corações estão abertos um ao outro, como nenhum coração pode estar para você. Eles sabem exatamente o que é necessário e o que deve ser suportado. E você pode estar certa de que nenhum provocará o outro além do que se sabe ser agradável!”.

Percebendo que ela ainda parecia em dúvida e preocupada, ele adicionou, “Embora Frederick não deixe Bath conosco, ele provavelmente ficará por pouco tempo, talvez poucos dias depois de nós. Sua permissão de ausência logo expirará e ele deverá voltar para seu regimento. E o que será então da amizade deles? A cantina irá embebedar Isabella Thorpe por quinze dias e ela rirá, com seu irmão, da paixão do pobre Tilney por um mês”.

Catherine não mais lutava contra o conforto. Ela tinha resistido às suas abordagens durante toda a duração de um discurso, mas agora ela a seguia cativa. Henry Tilney deveria saber melhor. Ela se culpou pela extensão de seus

medos e decidiu nunca mais pensar tão seriamente no assunto novamente.

Sua decisão foi apoiada pelo comportamento de Isabella na sua despedida. Os Thorpe passaram a última noite no alojamento de Catherine, em Pulteney Street, e nada se passou entre os enamorados para levantar sua intranquilidade, ou deixá-la apreensiva. James estava de ótimo humor, e Isabella, muito encantadoramente plácida. Sua ternura para com sua amiga parecia bem o primeiro sentimento de seu coração, mas isso, naquele momento, era perdoável. Uma vez ela deu ao seu noivo uma manifesta objeção e, em outra, ela retirou sua mão, mas Catherine se lembrou das recomendações de Henry e justificou tudo isso por uma judiciosa afeição. Os abraços, lágrimas e promessas da despedida entre as belas podem ser imaginados.

CAPÍTULO 20

O senhor e a senhora Allen estavam muito tristes por perderem sua jovem amiga, cujo bom humor e alegria tinham feito dela uma valiosa companheira e, na promoção desta alegria, elevou a deles também. A alegria de Catherine ao partir com a senhorita Tilney, porém, evitou que pedissem o contrário e, como permaneceriam apenas uma semana a mais em Bath, o fato de ela deixá-los agora não deveria ser sentido por muito tempo. O senhor Allen a levou até Milson Street, onde ela deveria tomar o café da manhã, e a viu sentada com a mais bondosa recepção de boas vindas, entre seus novos amigos. Mas tão grande era sua agitação por se ver como uma da família e tão temerosa estava de não fazer exatamente o que era certo, e de não ser capaz de preservar a boa opinião que tinham dela, que, no constrangimento dos primeiros cinco minutos, ela quase desejou ter retornado com ele para Pulteney Street.

Os modos da senhorita Tilney e o sorriso de Henry logo esvaíram alguns dos seus sentimentos desagradáveis, mas ainda estava longe de estar tranquila. Nem as incessantes atenções do próprio general reafirmaram sua segurança. Não, caprichosas como pareciam, ela duvidou se não poderia ter sentido menos, fosse ela menos mimada. A ansiedade pelo seu conforto, suas contínuas solicitações para que comesse, e seus repetidos medos de ela não encontrar nada de que gostasse, embora nunca na sua vida ela observasse tanta variedade em uma mesa de desjejum, tornavam impossível que esquecesse, por um momento, que era uma visitante. Ela se sentiu extremamente indigna de tal respeito e não sabia como retribuí-lo. Sua tranquilidade não aumentou pela impaciência do general para que seu filho mais velho aparecesse, nem pelo desprazer que ele confessou com a preguiça do capitão Tilney, quando ele finalmente apareceu. Ela estava muito incomodada pela severidade da repreensão do pai dele, o que pareceu desproporcional à sua ofensa. Sua preocupação se elevou muito quando ela se descobriu a principal causa da reprimenda, e que o atraso dele foi principalmente ressentido por ser desrespeitoso com ela. Isso a colocou em uma situação bem desconfortável, e ela sentiu grande compaixão pelo capitão Tilney, sem ser capaz de esperar pela sua boa vontade.

Ele escutou o pai em silêncio e não tentou se defender, o que confirmou os medos dela pela inquietude de sua mente, por causa de Isabella que, ao mantê-lo sem dormir por muito tempo, teria sido a verdadeira causa de seu despertar tardio. Era a primeira vez que ela decididamente estava na companhia dele, e ela esperava ser agora capaz de ter uma opinião sobre ele, mas Catherine mal ouviu sua voz enquanto o seu pai permaneceu na sala. Mesmo depois, tanto que seu humor foi afetado, ela nada podia distinguir além destas palavras, sussurradas para Eleanor: “Como ficarei feliz quando vocês forem embora”.

A agitação da partida não foi agradável. O relógio bateu 10 horas, enquanto as bagagens ainda subiam para as carroças, e o general determinou a partida de Milson Street para aquele horário. Seu sobretudo, em vez de lhe ser trazido para uso imediato, foi jogado na carruagem em que ele deveria acompanhar seu filho. O assento intermediário do veículo não tinha sido puxado, embora houvesse três pessoas para subir nela, e a camareira de sua filha o tinha enchido com tantos embrulhos que a senhorita Morland não tinha lugar para se sentar. O general foi levado pela apreensão a tal ponto, ao ajudá-la a subir, que ela teve alguma dificuldade em evitar que seu caderno fosse jogado à rua. Por fim, porém, a porta se fechou sobre as três damas, e elas partiram com o sóbrio passo dos quatro belos e bem alimentados cavalos de um cavaleiro, os quais iriam percorrer a jornada de 48 quilômetros: tal era a distância de Bath a Northanger, que seria dividida então em duas fases iguais. O humor de Catherine se reavivou assim que se afastou da porta, pois, com a senhorita Tilney, ela não se sentia coibida. Interessada por uma estrada que lhe era completamente nova, por uma abadia adiante e por uma carruagem atrás, ela olhou pela última vez para Bath, sem qualquer arrependimento, e via todos os marcos da estrada com surpresa. Ao tédio de uma espera de duas horas em Petty France, onde nada havia para ser feito, além de comer sem estar com fome e passar o tempo sem nada para ver, seguido – apesar de sua admiração pelo estilo em que viajavam e da sofisticada carruagem de quatro cavalos – por cavaleiros guias, finamente uniformizados, que se erguiam sempre regularmente em seus estribos e numerosos batedores apropriadamente montados, o humor de Catherine decaiu um pouco, sob esta conseqüente inconveniência. Fosse seu grupo perfeitamente agradável, o atraso não teria sido nada, mas o general Tilney, embora um homem tão encantador, parecia ser sempre um obstáculo ao humor de seus filhos, e quase nada era dito, senão por ele. A observação disso, com seu descontentamento sobre tudo o que a estalagem proporcionava e sua nervosa impaciência com os garçons, fizeram Catherine se apavorar cada vez mais com ele, e as duas horas pareciam se estender em quatro. Por fim, a ordem de partida foi dada, e Catherine muito se surpreendeu, então, com a proposta do general para que ela tomasse o lugar dele, na carruagem do filho, para o restante da viagem: “o dia estava bom e ele estava ansioso para que ela visse tanto do campo quanto possível”.

A lembrança da opinião da senhora Allen a respeito de carruagens abertas, de jovens rapazes, a fez corar com a menção de tal plano e seu primeiro pensamento foi o de declinar o convite, mas o seu segundo foi de maior deferência ao julgamento do general Tilney. Ele não poderia propor nada impróprio para ela. No correr de alguns minutos, ela se encontrou com Henry na carruagem, tão feliz como nunca tinha sido antes. Uma avaliação bem curta a convenceu de que uma carruagem aberta era o mais belo veículo no mundo. A

carruagem de quatro cavalos partiu com certa grandeza, claro, mas era algo pesado e incômodo, e ela não podia esquecer facilmente que parou por duas horas em Petty France. Metade do tempo teria sido o bastante para a carruagem aberta, e os leves cavalos dispostos a correr eram tão ágeis que, se não tivesse o general escolhido que sua própria carruagem abrisse caminho, eles o teriam ultrapassado com facilidade em meio minuto. Porém, o mérito da carruagem aberta não pertencia apenas aos cavalos. Henry os dirigia tão bem, tão tranquilamente, sem fazer qualquer perturbação, sem desfilar para ela, ou falar mal dos animais, tão diferente do único cavaleiro cocheiro com o qual ela podia compará-lo! E seu chapéu caiu tão bem e as inúmeras capas de seu sobretudo pareciam tão apropriadamente convenientes! Ser levada por ele, depois de dançar com ele, era certamente a maior felicidade no mundo. Além de qualquer outro prazer, agora ela tinha aquele de ouvir elogios de si mesma; de ser agradecida, pelo menos por conta da irmã dele, pela sua bondade em visitá-los; de ouvir que era considerada uma amiga verdadeira e descrita como a criar real gratidão. Sua irmã, ele disse, estava em circunstâncias desfavoráveis, pois ela não tinha nenhuma companhia feminina e, com a frequente ausência de seu pai, ficava, às vezes, sem companhia alguma.

“Mas como isso pode ser?”, disse Catherine. “Você não fica com ela?”

“Northanger não é mais do que minha meia casa. Tenho um estabelecimento em minha própria casa, em Woodston, que fica à quase 35 quilômetros de distância da do meu pai, e um pouco do meu tempo é gasto necessariamente ali”.

“Como você deve lamentar isso!”.

“Sempre lamento deixar Eleanor”.

“Sim; mas, além de sua afeição por ela, você deve gostar tanto da abadia! Depois de se acostumar a morar em uma, um presbitério comum deve ser muito desagradável”.

Ele sorriu e disse, “Você fez uma ideia muito favorável da abadia”.

“Certamente que sim. Não é um lugar antigo e bonito, igual ao que se lê?”

“E você está preparada para encontrar todos os horrores que um prédio ‘igual aos que se lê’ podem proporcionar? Seu coração é resistente? Seus nervos são adequados para estantes deslizantes e tapeçarias?”

“Oh! Sim – não acho que serei facilmente assustada porque haverá tanta gente na casa e, além disso, nunca foi desabitada ou deixada abandonada por anos, para que então a família voltasse sem desconfiar, sem dar notícia alguma, como geralmente acontece”.

“Não, certamente. Não teremos de achar nosso caminho por um corredor mal iluminado pelas brasas arrefecidas de uma fogueira, nem seremos obrigados a espalhar nossas camas pelo chão de uma sala sem janelas, portas ou

móveis. Mas você deve estar ciente de que quando uma jovem dama, de qualquer modo, é apresentada a uma residência deste tipo, ela sempre é acolhida separadamente do restante da família. Enquanto eles se retiram confortavelmente para sua própria parte da casa, ela é formalmente conduzida por Dorothy, a governanta anciã, por uma escada diferente e, entre muitas passagens sombrias, até um quarto nunca usado, desde que alguma prima ou parente morreu nele há alguns vinte anos. Você pode aguentar tal cerimônia? Será que sua mente não se aterrorizará quando você se encontrar em tal câmara escura, muito alta e ampla para você, com apenas os raios débeis de uma única vela para você apreender todo o tamanho, suas paredes decoradas com tapetes exibindo figuras maiores que a vida, e a cama, de algo verde-escuro ou de veludo purpúreo, apresentando mesmo uma aparência funérea? Seu coração não se afundará dentro de você?"

"Oh! Mas isso não ocorrerá comigo, estou certa".

"Com que temor você examinará a mobília de seu quarto? E o que você discernirá? Nada de mesas, toaletes, armários ou gavetas, mas de um lado, talvez, os restos de um alaúde quebrado, do outro, um pesado cofre que nenhum esforço fará abrir, e sobre a lareira, um retrato de algum belo guerreiro, cuja feição inexplicavelmente a surpreenderá, e do qual você não será capaz de tirar os olhos. Dorothy, enquanto isso, não menos surpresa pela sua aparência, irá encará-la com grande agitação e soltará algumas pistas ininteligíveis. Para melhorar seu ânimo, porém, ela lhe dará razão para supor que a parte da abadia em que você se hospedará é, sem dúvida alguma, mal assombrada e lhe informará que não haverá nenhum criado perto quando chamar. Com esta cordial despedida, ela sai com uma reverência. Você ouve o som dos seus passos se distanciando até que o último eco a atinja e, quando, com o vigor fragilizado, você tentar trancar sua porta, descobrirá, com crescente alarme, que ela não tem fechadura".

"Oh! Senhor Tilney, que assustador! Isso é igual ao livro! Mas não pode realmente acontecer comigo. Estou certa de que sua governanta não é realmente a Dorothy. Bem, e daí?"

"Pode ser que nada mais alarmante ocorra na primeira noite. Depois de vencer seu incontrolável horror pela cama, você se deitará para descansar e terá algumas horas de sono perturbado. Mas na segunda, ou ao máximo na terceira noite depois de sua chegada, haverá uma violenta tempestade. Trovoadas ribombando tão alto que farão tremer o edifício, e até suas fundações rolarão pelas montanhas próximas, e durante as assustadoras rajadas de vento que as acompanharão, você provavelmente achará ter visto, pois sua vela ainda não será apagada, uma parte da cortina se agitando mais violentamente que o resto. Incapaz, claro, de reprimir sua curiosidade em um momento tão favorável para ceder a ela, você se levantará rapidamente e, jogando seu roupão por cima

de si, seguirá para desvendar este mistério. Depois de uma pequena busca, você descobrirá uma divisão na tapeçaria tão arditamente construída como a desafiar a mais minuciosa inspeção e, ao abri-la, uma porta imediatamente surgirá, a qual é trancada apenas por sólidas barras e por um cadeado, e você conseguirá, depois de algum esforço, abri-la e, com a vela na mão, passará por ela até uma pequena sala abobadada”.

“Não, de fato. Eu estaria muito assustada para fazer tal coisa”.

“Que nada! Não quando Dorothy der a entender que há uma comunicação subterrânea secreta entre seu quarto e a capela de Saint Anthony, a uns três quilômetros e tanto. Você poderia se refrear diante de uma aventura tão simples? Não, não, você avançará por essa pequena sala abobadada, e, através dela, por muitas outras, sem perceber nada muito notável em todas. Pode ser que em alguma haja uma adaga, em outra, umas gotas de sangue e, em uma terceira, os restos de algum instrumento de tortura, mas não havendo nada fora do comum, e sua vela estando ao fim, você voltará para o seu quarto. Ao passar novamente pela pequena sala abobadada, porém, seus olhos serão levados para um enorme e antiquado armário, de ébano e ouro, o qual, embora tendo examinado atentamente a mobília, antes, você não tinha notado. Empurrada por um pressentimento irresistível, você irá ansiosamente até ele, destrancando suas portas e vasculhando cada gaveta mas, por algum tempo, sem descobrir nada importante, talvez nada mais além de um considerável tesouro de diamantes. Por fim, porém, ao tocar em uma mola secreta, um compartimento interior se abrirá e um maço de papéis aparecerá. Você o pegará. Serão muitas folhas de um manuscrito. Você se apressará com o precioso tesouro até seu próprio quarto, mas mal foi capaz de decifrar “Oh! Tu, sejas quem fores, em vossas mãos estas memórias da miserável Matilda poderão cair”, quando sua vela subitamente se apagará no castiçal, deixando-a em completa escuridão”.

“Oh! Não, não. Não diga isso. Bem, continue”.

Entretanto, Henry, que estava por demais surpreso pelo interesse que ele tinha suscitado, foi incapaz de prosseguir. Ele já não podia mais controlar a solenidade tanto do tema quanto da voz e foi obrigado a rogar que ela usasse sua própria imaginação na leitura dos terrores de Matilda. Catherine, recompondo-se, envergonhou-se de sua ansiedade e começou a lhe assegurar, honestamente, que sua atenção se fixou, sem a menor preocupação de realmente encontrar tudo o que ele tinha descrito. A senhorita Tilney – ela estava certa – nunca a colocaria em um quarto como aquele que ele descreveu! Ela não estava com medo algum.

Enquanto se aproximavam do fim da viagem, a impaciência dela por avistar a abadia, que por algum tempo fora suspensa, pois ele tinha falado de assuntos bem diferentes, voltou com carga total, e cada curva da estrada era esperada com solene pavor de que mostrasse um relance de suas sólidas paredes de pedra cinza, erguendo-se por entre um bosque de velhos carvalhos, com os

últimos raios de sol brincando em belo esplendor, em suas altas janelas góticas. Porém, tão baixo era o prédio, que ela se encontrou passando pelos grandes portões da habitação até a adjacência de Northanger, sem mesmo discernir uma antiga chaminé.

Ela não sabia que tinha direito algum de estar surpresa, mas havia algo neste tipo de abordagem que ela não esperava. Passar por entre ajolamentos de aparência moderna, encontrar-se tão facilmente nos próprios arredores da abadia, e ser levada tão rapidamente por uma ágil e plana estrada de cascalho, sem obstáculos, alarme ou solenidade de qualquer tipo, surpreendeu-a como algo estranho e contraditório. Ela não tinha muito tempo, porém, para estas considerações. Uma pancada súbita de chuva a atingiu em cheio no rosto, tornando impossível que ela observasse algo mais, e prendeu todos os seus pensamentos no estado de seu novo chapéu de palha. Ela estava, na verdade, sob as paredes da abadia, estava pulando, com a ajuda de Henry, da carruagem para o abrigo do velho alpendre, no qual se tinha uma passagem para o corredor, onde sua amiga e o general a esperavam para recepcioná-la, sem sentir um terrível mau presságio ou um minuto de suspeita de quaisquer cenas antigas de horror que se passassem dentro do solene edifício. A brisa não parecia soprar os suspiros dos assassinados até ela. Não soprou nada pior do que uma chuva espessa e contínua. Tendo dado uma boa chacoalhada em seus trajés, ela estava pronta para ser levada à sala de estar comum, e foi capaz de considerar onde estava.

Uma abadia! Sim, era prazeroso estar de fato em uma abadia! Mas ela duvidava, enquanto olhava ao redor da sala, se algo dentro de sua observação poderia lhe dar a consciência. A mobília tinha toda a profusão e a elegância do gosto moderno. A lareira, a qual ela esperava a ampla largura e os imponentes entalhes dos tempos idos, diminuiu-se a uma do tipo Rumford, com placas de mármore, liso, porém belo, e ornamentos sobre estas da mais bonita porcelana inglesa. As janelas, as quais ela olhava com peculiar confiança, por ter ouvido o general falar de que as preservava em suas formas góticas com cuidado reverencial, eram ainda menos do que sua imaginação tinha retratado. Para estar certa, as abóbas pintadas foram preservadas – a forma delas era gótica. Podiam ser até mesmo batentes de janela, mas cada painel era tão largo, tão claro, tão leve! Para uma imaginação que ansiou pelas menores divisões e as mais pesadas pedrarias, por vidros pintados, sujeira e teias de aranha, a diferença era bem perturbadora.

O general, notando como os olhos dela se ocupavam, começou a falar sobre a pequenez da sala e a simplicidade da mobília, onde tudo, sendo para uso diário, pretendia apenas dar conforto etc.; elogiando-se, porém, que havia alguns apartamentos na Abadia não indignos da atenção dela, e estava procedendo a mencionar a cara douração de um, em particular, quando, tomando seu relógio, ele se interrompeu para anunciar com surpresa que já eram cinco e vinte! Esta

parecia a ordem de separação, e Catherine se encontrou levada pela senhorita Tilney, a qual a convenceu de que a mais estrita pontualidade para as horas da família deveria ser esperada em Northanger.

Voltando por meio do enorme e alto corredor, subiram por uma ampla escada de reluzente carvalho, a qual, depois de muitos lances e muitos degraus amplos, levou-as para uma longa e extensa galeria. De um lado havia uma fileira de portas que estava iluminada, do outro, por janelas, as quais Catherine apenas teve tempo para descobrir que davam para um pátio, antes que a senhorita Tilney a conduzisse para uma câmara. Mal permanecendo para esperar que ela a achasse confortável, deixou-lhe com o pedido ansioso para que Catherine alterasse o mínimo possível de suas roupas.

CAPÍTULO 21

O relancear de um momento foi o bastante para comprovar a Catherine que seu quarto era bem diferente daquele com que Henry tinha tentado assustá-la pela sua descrição. Não era, de modo algum, irracionalmente grande e não continha nem tapeçarias ou veludo. As paredes eram revestidas de papéis e o chão era acarpetado. As janelas não eram menos perfeitas ou mais obscuras do que aquelas da sala de estar abaixo. Os móveis, embora não da última moda, eram bonitos e confortáveis, e o tom da sala, em seu conjunto, estava longe de ser triste. Com seu coração instantaneamente tranquilo com isso, ela decidiu não perder tempo com um exame detalhado de coisa alguma, pois temia muito irritar o general com qualquer atraso. Suas roupas, portanto, foram retiradas com a maior pressa, e ela se preparava para abrir a mala de linho, sendo que uma poltrona lhe proporcionava rápido uso, quando seus olhos caíram subitamente em um grande e alto cofre, recuado em profundo recesso, em um lado da lareira. A visão daquilo a fez pular e, esquecendo-se de todo o resto, ela ficou a encará-lo com imóvel surpresa, enquanto os pensamentos lhe ocorriam: “Isso é muito estranho! Não esperava ver algo como isso! Um cofre imenso e pesado! O que ele pode conter? Por que deveria ser colocado aqui? E recuado também, como se fosse para escondê-lo! Vou olhar dentro dele, custe o que custar, vou olhar, e imediatamente, também, à luz do dia. Se eu permanecer até a noite, minha vela se apagará”. Ela avançou e o examinou de perto. Era de cedro, curiosamente ornado com alguma madeira escura, e suspenso, quase a um pé do chão, por um apoio entalhado igual. A fechadura era de prata, embora manchada pelo tempo. A cada extremidade havia os restos imperfeitos de uma maçaneta, também de prata, quebrada talvez prematuramente por alguma estranha violência. E, ao centro da porta, havia um código misterioso, no mesmo metal. Catherine se inclinou sobre ele com curiosidade, mas sem ser capaz de distinguir nada com certeza. Ela não podia, em qualquer direção que o olhasse, acreditar que a última letra fosse um T. E, ainda que pudesse ser qualquer coisa mais naquela casa, era uma circunstância a suscitar algum grau comum de surpresa. Se não fosse originalmente deles, por quais estranhos eventos teria caído em posse da família Tilney?

Sua temerosa curiosidade crescia a cada momento e, agarrando com mãos trêmulas o ferrolho da fechadura, ela resolveu, contra todos os riscos, satisfazer-se quanto ao seu conteúdo. Com dificuldade, pois algo parecia resistir aos seus esforços, ela abriu a porta por algumas polegadas. Mas, naquele momento, uma súbita batida na porta a fez, com um pulo, soltar a porta, que se fechou com alarmante violência. A inconveniente intrusa era a ama da senhorita Tilney, enviada pela sua patroa para ajudá-la. Embora Catherine a tenha dispensado imediatamente, voltou-lhe o senso de o que ela deveria fazer,

forçando-a, apesar de seu ansioso desejo de penetrar nesse mistério, a continuar a se vestir sem mais atrasos. Seu progresso não foi rápido, pois seus pensamentos e seus olhos estavam ainda voltados ao objeto tão bem calculado a interessar e assustar. Embora ela não ousasse perder um momento com uma segunda tentativa, ela não podia permanecer a muitos passos do cofre. Por fim, porém, tendo deslizado um braço por entre seu vestido, sua preparação parecia quase terminada a ponto de que a impaciência de sua curiosidade não pudesse ser mais combatida. Certamente um momento podia ser poupado. Tão desesperado deveria ser o uso de sua força que, a menos que fosse protegido por forças sobrenaturais, a porta deveria ser escancarada a qualquer momento. Com este espírito, ela se jogou adiante e sua confiança não a enganou. Seu esforço decidido fez a porta ceder e deu a seus olhos surpresos a visão de uma colcha branca de algodão, devidamente dobrada, repousando em um canto do cofre livre para ser apoderada!

Ela a fitava com o primeiro corar da surpresa quando a senhorita Tilney, ansiosa para que sua amiga estivesse pronta, entrou no quarto e, à vergonha crescente por ter acalentado uma expectativa absurda por alguns minutos, acrescentou-se a vergonha de ser pega em uma busca inútil. “Este é um cofre velho e curioso, não é?”, perguntou a senhorita Tilney, enquanto Catherine o fechava apressadamente e se virava para a janela. “É impossível dizer há quantas gerações está aqui. Nem sei como veio parar aqui, mas não o mudei de lugar porque achei que poderia ser útil, às vezes, para colocar chapéus e gorros. O pior dele é que seu peso o faz difícil de abrir. Neste canto, porém, pelo menos fica fora do caminho”.

Catherine não tinha tempo para falar, pois, de uma só vez, ela corava, amarrava seu vestido e tomava sábias decisões com a mais violenta pressa. A senhorita Tilney deu a entender, gentilmente, seu medo por estar atrasada e, em meio minuto, correram pelas escadas juntas, em um alarme não totalmente infundado, pois o general Tilney estava andando pela sala de estar, relógio em punho, e tendo, no instante em que elas entravam, puxado a sineta com violência, ordenando “O jantar na mesa, imediatamente!”

Catherine tremeu com a ênfase a qual ele falou, e sentou-se pálida e sem respirar, de modo bem humilde, preocupada com os filhos dele, e detestando cofres velhos. O general, recuperando sua polidez enquanto olhava para ela, passou o resto de seu tempo ralhando com sua filha por tolamente apressar sua bela amiga, a qual estava completamente sem fôlego pela afobação, quando não havia a menor ocasião para pressa nesse mundo. Mas Catherine não podia, de modo algum, superar o incômodo duplo de ter envolvido sua amiga em uma bronca e ter sido ela mesma uma simplória, até que todos se sentaram felizes à mesa de jantar, e os sorrisos complacentes do general e o bom apetite dela mesma devolveram-lhe a paz. A sala de jantar era nobre, adequada

em suas dimensões para uma sala de estar bem mais larga do que aquela em uso comum, e com uma decoração em um estilo de luxo e de gostos, a qual se perdeu aos olhos sem prática de Catherine, que via pouco mais que seu espaço e o número de habitantes. Sobre o primeiro, ela pronunciou em voz alta sua admiração, e o general, com um rosto muito gracioso, reconheceu que não era, de modo nenhum, uma sala de tamanho inadequado e, depois, confessou que, embora tão indiferente em tais assuntos quanto à maioria das pessoas, ele considerava que uma sala de jantar razoavelmente grande era uma necessidade da vida. Ele supunha, porém, “que ela devesse estar acostumada com cômodos de tamanho muito melhor na casa do senhor Allen”.

“Não, de fato”, foi a garantia honesta de Catherine; “a sala de jantar do Senhor Allen não é nem metade da sua”, e ela nunca vira uma sala tão grande quanto aquela em toda a sua vida. O bom humor do general aumentou. Ora, como tinha tantos quartos, ele pensou que seria simples não fazer uso de todos, mas, pela sua honra, ele acreditava que poderia haver mais conforto em salas somente com a metade daquele tamanho. A casa do senhor Allen, ele estava certo, deveria ser do tamanho verdadeiro da felicidade racional.

A noite transcorreu sem mais inconveniências e, na ausência ocasional do general Tilney, com muito mais alegria, decerto. Era apenas na presença dele que Catherine sentia a menor fadiga pela viagem, e, mesmo assim, em momentos de abatimento ou contenção, um senso de felicidade geral prevalecia, e ela podia pensar em seus amigos em Bath, sem desejo algum de estar com eles.

A noite foi chuvosa. O vento tinha se acentuado aos poucos, pela tarde inteira. E, ao horário em que o grupo se desfez, ventava e chovia violentamente. Catherine, enquanto atravessava o corredor, ouvia a tempestade com sensação de pavor. Quando ela ouviu a chuva fustigar um canto do velho edifício e fechar com súbita fúria uma porta distante, Catherine sentiu pela primeira vez que realmente estava em uma abadia. Sim, aqueles eram sons característicos. Traziam, até ela, lembranças de incontáveis variedades de terríveis situações e cenas horríveis que tais edifícios haviam testemunhado e que tais tempestades haviam levado. Ardorosamente ela se regozijou com as circunstâncias mais felizes de entrar e estar protegida por paredes tão solenes! Ela nada tinha a temer sobre assassinos da meia-noite ou galãs bêbados. Certamente Henry estava apenas zombando sobre tudo o que havia dito naquela manhã. Em uma casa tão fornida e tão guardada, ela nada teria a explorar ou fazer, e podia ir para cama tão segura quanto se estivesse em sua própria câmara em Fullerton. Assim, fortificando sabiamente sua mente enquanto subia as escadas, ela teve condições, especialmente ao perceber que a senhorita Tilney dormia a apenas duas portas dela, de entrar em seu quarto com um coração razoavelmente corajoso, e seu humor foi imediatamente ajudado pelo alegre brilhar de uma lareira acesa.

“Como isso é muito melhor”, ela disse, enquanto caminhava até a grade da lareira. “Como é muito melhor encontrar o fogo já aceso do que ter de tremer de frio até que toda a família se deite, como muitas garotas pobres têm sido obrigadas a fazer, ou então ter um fiel e velho criado assustando alguém ao entrar com um pacote! Como estou feliz por Northanger ser o que é! Se fosse como em outros lugares, imagino que, numa noite com esta, eu não poderia garantir a minha coragem. Mas agora, certamente, não há nada com que me alarmar”.

Ela olhou ao redor do quarto. As cortinas da janela pareciam se mover. Não podia ser nada além da violência do vento penetrando por entre as divisões das persianas. Ela avançou resoluta, assobiando indiferentemente uma melodia para assegurar sua resolução, espiou com coragem atrás de cada cortina, nada viu no parapeito da janela baixa que a assustasse e, ao colocar uma mão sobre a persiana, sentiu a mais forte convicção da força do vento. Um olhar de relance ao velho cofre, enquanto se voltava deste exame, não foi de todo inútil. Ela desdenhou os medos infundados de uma fantasia tola e começou, com a mais feliz indiferença, a se preparar para dormir. “Ela deveria se dar um tempo. Ela não deveria se apressar. Ela não se importava se fosse a última pessoa a despertar na casa. Mas ela não acenderia o fogo. Isso pareceria covardia, como se quisesse a proteção da luz depois de se deitar”. O fogo, portanto, esmaeceu, e Catherine, tendo passado boa parte da hora em seus preparativos, estava começando a pensar em se deitar quando, ao dar um relance de despedida ao quarto, surpreendeu-se com a aparição de um alto e antiquado armário negro que, embora em uma situação bastante evidente, nunca tinha chamado sua atenção. As palavras de Henry e sua descrição do armário de ébano, o qual deveria escapar de sua percepção imediata, logo vieram à memória de Catherine. Embora não pudesse realmente haver algo nele, havia algo fantástico. Era certamente uma coincidência muito notável! Ela pegou sua vela e olhou o armário de perto. Não era todo de ébano e ouro, mas era de laquê, preto e amarelo, mas do mais belo laquê e, enquanto segurava sua vela, o amarelo ganhava em muito o efeito do ouro. A chave estava na porta, e ela teve a estranha fantasia de olhar dentro dele. Não, porém, com a menor expectativa de encontrar algo, mas era muito estranho depois do que Henry havia dito. Em resumo, ela não dormiria enquanto não o inspecionasse. Assim, colocando a vela com grande cuidado sobre uma cadeira, ela agarrou a chave com a mão bem trêmula e tentou girá-la, mas a chave resistiu ao seu esforço mais extremo. Alarmada, mas não frustrada, ela tentou de outra maneira. A trava se moveu e ela acreditou ter conseguido. Mas que estranho mistério! A porta ainda estava imóvel. Ela parou por um momento em uma surpresa sem fôlego. O vento se despejava pela chaminé, a chuva batia em torrentes contra as janelas, e tudo parecia pronunciar o pavor de sua situação. Voltar para a cama, porém,

insatisfeita com aquilo, seria em vão, já que o sono seria impossível sabendo que um armário tão misteriosamente fechado estava perto dela. Novamente, portanto, ela tentou virar a chave e, depois de movê-la de todos os modos possíveis por alguns instantes, com a celeridade determinada da esperança pelo último esforço, a porta subitamente cedeu à sua mão. Seu coração pulou de contentamento por tal vitória e, tendo aberto cada porta, sendo que a segunda estava presa apenas por parafusos de construção, menos maravilhosos que a trava, embora nisso seus olhos nada pudessem perceber de diferente, uma dupla fileira de gavetas se mostrou, com algumas gavetas mais largas acima e abaixo dela. Ao centro, uma pequena porta, também fechada com uma trava e com uma chave, assegurava, entre todas as probabilidades, um recôndito de importância.

O coração de Catherine bateu acelerado, mas sua coragem não lhe faltou. Com o rosto corado pela esperança e os olhos pulsando de curiosidade, seus dedos agarraram o puxador de uma gaveta e o puxaram. Estava totalmente vazia. Com menos alarme e maior ansiedade, ela abriu uma segunda, uma terceira, uma quarta. Cada uma igualmente vazia. Nenhuma foi deixada sem investigação, e em nenhuma algo foi encontrado. Bem entendida na arte de ocultar um tesouro, a possibilidade de revestimentos falsos nas gavetas não lhe escapou, e ela apalpou cada uma delas com ansiosa precisão, mas em vão. Apenas aquele lugar ao meio permanecia inexplorado. Embora ela “nunca, desde o começo, tivesse a menor ideia de encontrar algo em parte alguma do armário, e não estava nem ao menos desapontada com seu fracasso até então, seria tolo não examiná-lo completamente, enquanto ela estava nisso”. Levou algum tempo, porém, até que pudesse destrancar a porta, com a mesma dificuldade ocorrendo no cuidado com a trava interna, quanto com a externa. Mas por fim ela a abriu, e não em vão, como era sua busca, até então. Seus olhos rápidos logo se deitaram sobre um rolo de papéis empurrados para o fundo da cavidade, aparentemente por esconderijo, e seus sentimentos naquele momento foram indescritíveis. Seu coração palpitou, seus joelhos tremeram e seu rosto empalideceu. Com mãos incertas ela pegou o precioso manuscrito, pois meio relance garantiu que havia letras escritas. Enquanto reconhecia com terríveis sensações esta surpreendente coincidência com o que Henry tinha previsto, ela resolveu ler atentamente cada linha antes de dormir.

A fraqueza da luz que sua vela emitia fez com que ela se voltasse com alarme. Mas não havia perigo de que se apagasse subitamente. Ainda queimaria por algumas horas. Para que não tivesse maior dificuldade em distinguir a escrita mais do que sua antiga data poderia ocasionar, ela apressadamente cortou o que já havia queimado do seu pavio. Pronto! Isso foi feito e a vela imediatamente se apagou. Uma lamparina não poderia ter expirado com efeito ainda mais terrível. Catherine, por alguns momentos, ficou imóvel de horror. Apagou-se

completamente. Nem um resto de luz no pavio poderia dar esperança a sua respiração vacilante. A escuridão impenetrável e imóvel preencheu o quarto. Um violento jorro de vento, erguendo-se com inesperada fúria, acrescentou novo terror ao momento. Catherine tremeu dos pés à cabeça. Na pausa que se sucedeu, um som como passos se afastando e o bater de uma distante porta chegaram aos seus ouvidos assustados. A natureza humana não podia mais aguentar. O frio suor surgiu em sua testa, o manuscrito caiu de suas mãos e, buscando seu caminho para a cama, pulou nela apressadamente e buscou suspender sua agonia ao tremer debaixo das cobertas. Ela sentia que fechar seus olhos para dormir naquela noite estava inteiramente fora de questão. Com a curiosidade tão recentemente despertada e os sentimentos agitados de todo jeito, repousar seria absolutamente impossível. A tempestade lá fora estava terrível! Ela não acostumava se alarmar com o vento, mas agora cada rajada parecia carregada com terríveis informações. O manuscrito, tão surpreendentemente encontrado, cumpriu exemplarmente com a predição da manhã. Como isso deveria ser explicado? O que ele conteria? A quem foi escrito? De que jeito ele foi por tanto tempo escondido? E como era singularmente estranho que coubesse a ela descobri-lo! Até que ela se tornasse dona de seu conteúdo, porém, ela não teria nem repouso ou conforto. E com os primeiros raios do sol, ela estava determinada a lê-lo. Porém, muitas ainda eram as horas tediosas que deveriam se suceder. Ela tremeu, virou-se em sua cama e invejou cada um que dormia tranquilo. A tormenta ainda caía pesada e vários eram os ruídos. Mais terrível ainda era o vento que se chocava intermitentemente em seu ouvido assustado. As próprias cortinas de sua cama pareciam se mover em um momento, e em outro, a tranca da sua porta era agitada, como se alguém tentasse entrar. Murmúrios ocos pareciam crepitar ao longo da galeria e, mais de uma vez, seu sangue gelara com o som de gemidos longínquos. As horas se passaram uma a uma, e a cansada Catherine ouviu todos os relógios baterem três horas, antes que a tempestade diminuísse, ou ela caísse inconscientemente no sono.

CAPÍTULO 22

A governanta abrindo suas persianas às oito da manhã foi o primeiro som que despertou Catherine. Ela abriu seus olhos, perguntando-se se chegaram a ficar fechados. Sua lareira já estava acesa e uma manhã radiante se sucedeu à tempestade da noite. Instantaneamente, com a consciência da existência, voltou-lhe a lembrança do manuscrito e, pulando da cama assim que a empregada se foi, ela ansiosamente recolheu cada folha espalhada que havia se soltado do rolo ao cair no chão e voltou para apreciar o luxo de sua leitura ao travesseiro. Ela via claramente, agora, que não deveria esperar por um manuscrito de igual tamanho com a generalidade que a tinha feito estremecer nos livros, pois o rolo, parecendo consistir somente de algumas folhas soltas, era, no conjunto, muito pequeno e muito menos do que ela supôs ser.

Seus olhos ambiciosos relancearam rapidamente por uma página. Ela pulou com o que leu. Poderia ser possível ou seus sentidos a enganavam? Um inventário de linho, em letras comuns e modernas, parecia tudo o que estava diante dela! Se a evidência da visão devesse ser confiada, ela tinha uma conta de lavanderia em suas mãos. Ela pegou outra folha e viu os mesmos artigos, com pequenas mudanças. Uma terceira, uma quarta e uma quinta não apresentaram nada de novo. Camisas, meias, gravatas e coletes a encaravam em cada folha. Duas outras, escritas pela mesma mão, marcavam uma despesa pouco mais interessante, em letras, pó de cabelo, cadarço e limpador de calças. E a folha maior, que continha as demais, parecia, pela sua linha inicial – “para aplicar um emplastro na égua castanha” –, uma conta de veterinário! Tal era a coleção de papéis (deixados, talvez, como ela supunha, pela negligência de um criado no lugar de onde ela os pegou) que a encheu de expectativa e de alarme e a roubou metade de uma noite de descanso! Ela se sentia rebaixada ao pó. Não pôde a aventura com o cofre lhe ter ensinado algo? Um canto dele, surgindo aos seus olhos enquanto ela se deitava, parecia se erguer em julgamento dela. Nada poderia estar mais claro agora do que o absurdo de suas fantasias recentes. Supor que um manuscrito de muitas gerações atrás pudesse permanecer oculto em um quarto como aquele, tão moderno, tão confortável! Ou que ela fosse a primeira a possuir a habilidade de destrancar um armário, cuja chave estava ao alcance de todos!

Como ela pode dominar tanto a si mesma? Que os céus não deixem Henry Tilney saber de sua fantasia! E foi, em larga medida, tudo coisa dele, pois, se não tivesse o armário aparecido tão exatamente quanto a coincidir com a descrição das suas aventuras, ela nunca teria sentido a menor curiosidade sobre ele. Este era o único consolo que lhe ocorria. Impaciente para se ver livre dessas odiosas provas de sua folia, desses detestáveis papéis então espalhados pela cama, ela imediatamente se levantou e, dobrando-os ao máximo na mesma

forma em que estavam antes, devolveu-os ao mesmo local dentro do armário, com um desejo bem sincero de que nenhum acidente desagradável pudesse revelá-los novamente, para desgraçá-la, até mesmo consigo mesma.

Por que as fechaduras foram tão difíceis de abrir, porém, era ainda algo notável, pois agora ela podia manejá-las com perfeita facilidade. Nisso certamente havia algo misterioso, e ela cedeu à atraente sugestão por meio minuto, até que a possibilidade da porta estar primeiramente aberta, e de ter ela mesmo a trancado, passou pela sua cabeça, e lhe custou outro corar.

Ela deixou assim que pôde o cômodo no qual sua conduta tinha produzido tais desagradáveis reflexões e seguiu rapidamente à sala de desjejum, como foi apontado pela senhorita Tilney na noite anterior. Henry estava ali, sozinho. Sua esperança imediata de que ela não tivesse se perturbado com a tempestade, com uma sutil referência ao tipo de edifício que habitavam, foi bem incômoda. Por nada no mundo ela teria sua fraqueza suspeitada e, ainda incapaz de falsidade absoluta, estava limitada a reconhecer que o vento a manteve desperta por pouco tempo. “Mas que bela manhã depois disso”, ela acrescentou, desejando se ver livre do assunto; “e tempestades e insônia não são nada depois que passam. Que belos jacintos! Acabei de aprender a apreciar jacintos”.

“E como você aprendeu? Por coincidência ou discussão?”

“Sua irmã me ensinou. Não posso dizer como. A senhora Allen costumava se incomodar, ano após ano, a me ensinar a apreciá-los, mas nunca pude, até que os vi dia desses em Milson Street. Sou naturalmente indiferente a flores”.

“Mas agora você ama os jacintos. Tanto melhor. Você ganhou nova fonte de diversão, e é muito bom ter algumas que contenham a felicidade quanto possível. Além disso, gosto por flores é algo desejável em seu sexo, como um meio de se sair e praticar mais exercícios do que frequentemente se faria. Embora o amor pelo jacinto possa ser bem doméstico, quem pode dizer que, uma vez surgido tal sentimento, você não possa, com o tempo, apreciar uma rosa?”

“Mas não quero tal atividade para me fazer sair. O prazer de caminhar e respirar o ar puro já me basta e, em tempo bom, saio mais que a metade de meu tempo. Minha mãe diz que nunca estou em casa”.

“De qualquer forma, porém, estou feliz por você ter aprendido como apreciar um jacinto. O simples hábito de amar é o principal, e a tendência de ensinar uma disposição em uma jovem dama é uma grande bênção. Minha irmã tem um modo agradável de instrução?”

Catherine foi salva do embaraço em tentar uma resposta com a entrada do general, cujos sorridentes elogios anunciaram um estado de espírito feliz, mas cuja gentil deixa sobre o simpático cedo despertar não melhorou a compostura dela.

A elegância da disposição do café da manhã se impôs sobre a atenção de Catherine quando se sentaram à mesa, e claramente tinha sido a escolha do general. Ele se encantou com a aprovação dela pelo seu gosto, confessou que a mesa era bonita e simples e pensou ser certo incentivar a manufatura de seu país. Da parte dele, ao seu paladar nada crítico, o chá estava muito bem com o gosto da argila de Staffordshire, como as de Dresden ou do Save. Mas aquele era um conjunto bem velho, comprado dois anos atrás. A manufatura tinha melhorado muito desde então. Ele já tinha visto alguns belos conjuntos quando esteve pela última vez na cidade e, não fosse ele tão perfeitamente sem vaidade deste tipo, poderia ser tentado a comprar um novo conjunto. Ele confiava, porém, que uma oportunidade não demoraria muito para que ele comprasse um, embora não para ele mesmo. Catherine era provavelmente a única do grupo que não compreendeu.

Logo depois do desjejum, Henry os deixou e seguiu para Woodston, cujo negócio o requeria por dois ou três dias. Todos se juntaram ao corredor para vê-lo montar em seu cavalo e, imediatamente ao voltar para a sala do café da manhã, Catherine foi até a janela com a esperança de capturar outro relance de sua figura. “Este é um desafio um tanto duro para a força de seu irmão”, observou o general para Eleanor. “Woodston não será mais do que uma aparência sombria, hoje”.

“É um lugar bonito?”, perguntou Catherine.

“O que você diz, Eleanor? Diga sua opinião, pois as damas podem falar melhor sobre o gosto das damas, quanto a lugares, e também quanto aos homens. Acho que isso seria reconhecido pelos olhos mais imparciais a ter muitas recomendações. A casa fica entre cinco belos bosques, virada para o sudeste, com um excelente jardim de cozinha, no mesmo aspecto. Os muros que a circundam, eu mesmo construí e empilhei, cerca de dez anos atrás, para meu filho. É uma residência familiar, senhorita Morland. A propriedade sendo principalmente minha, você poderá crer que farei de tudo para que não seja tão ruim. Se a renda de Henry dependesse apenas deste aluguel, ele não passaria necessidades. Talvez pareça estranho que, com apenas dois filhos jovens, eu ache que uma profissão seja necessária para ele, e certamente há momentos em que desejamos que ele se livre de todos os laços comerciais. Porém, embora eu não possa converter vocês, jovens damas, estou certo de que seu pai, senhorita Morland, concordaria comigo ao achar útil dar a todos os jovens rapazes algum emprego. O dinheiro não é nada, não é um objetivo, mas o emprego é o que importa. Mesmo Frederick, meu filho mais velho, você vê, que talvez herde uma propriedade tão considerável quanto qualquer outro cidadão neste condado, tem sua profissão”.

O imponente efeito deste último argumento foi igual aos desejos dele. O silêncio da dama provou que não havia resposta.

Na noite anterior, foi-se dito para que a casa fosse mostrada a Catherine e, agora, ele se oferecia como seu guia. Embora Catherine tivesse esperado explorá-la acompanhada apenas de sua filha, era uma proposta tão feliz em si mesma, sob quaisquer circunstâncias, para que não fosse aceita com satisfação, pois ela já estava a 18 horas na abadia, e tinha visto apenas alguns de seus cômodos. A caixa de rendas, aberta apenas para matar o tempo, foi fechada com alegre pressa, e ela estava pronta para se juntar a ele em um momento. “E quando eles saíram pela casa, ele prometeu ainda mais o prazer de acompanhá-la pelos arbustos e pelo jardim”. Ela reverenciou sua aprovação. “Mas talvez seja mais agradável para ela fazer disso o primeiro objeto. O clima está tão favorável agora e, nesta época do ano, a incerteza é muito grande de que continue assim. O que ela preferiria? Ele estava igualmente ao seu dispor. O que sua filha achava que estaria mais em consonância com os desejos de sua bela amiga? Mas ele achou que poderia descobrir. Sim, ele certamente lia nos olhos da senhorita Morland um desejo judicioso de aproveitar o clima sorridente de agora. Mas, e quando ela errar no julgamento? A abadia sempre será segura e seca. Ele cedeu implicitamente, agarrou seu chapéu e se juntou a elas em um instante”. Ele deixou a sala, e Catherine, com um rosto desapontado e ansioso, começou a falar de sua falta de vontade de que ele as levasse para fora contra sua própria inclinação, sob a ideia equivocada de agradá-la, mas ela foi interrompida pela senhorita Tilney dizendo, um pouco confusa, “Acredito que será melhor aproveitar a manhã enquanto está boa; e não se perturbe com meu pai; ele sempre caminha a esta hora do dia”.

Catherine não sabia exatamente como compreender isso. Por que estava a senhorita Tilney desconcertada? Poderia haver alguma falta de vontade, da parte do general, para lhe mostrar a abadia? A proposta tinha sido dele. E não era estranho que ele sempre caminhasse tão cedo? Nem seu pai e nem o senhor Allen faziam isso. Certamente que era muito provocador. Ela estava muito impaciente em ver a casa, e mal tinha alguma curiosidade sobre os arredores. Se Henry ainda estivesse com eles! Mas agora ela não devia saber o que era pitoresco ao ver. Tais eram seus pensamentos, mas ela os mantinha consigo mesma, colocando seu chapéu em paciente descontentamento.

Ela se surpreendeu, porém, além de suas expectativas, pela grandeza da abadia, como ela a via do gramado pela primeira vez. O prédio inteiro abrigava um grande pátio. Dois lados do quadrilátero, rico em ornamentos góticos, destacavam-se para admiração. O restante estava bloqueado por montículos de velhas árvores, ou abundantes arvoredos, e as escarpadas colinas cheias de árvores, sendo que estas serviam como abrigos, eram belas mesmo no mês desfolhante de março. Catherine nada tinha visto para ter uma comparação, e seus sentimentos de prazer eram tão fortes que, sem esperar por maior autoridade, vigorosamente despejou sua surpresa e seu elogio. O general ouvia

com assentida gratidão. Parecia como se a própria estima dele por Northanger tivesse aguardado, indefinida, até aquele momento.

A jardim de cozinha era o próximo a ser admirado, e ele abriu o caminho até ela por uma pequena porção do parque.

O número de acres contido nesse jardim era tamanho, que Catherine não podia ficar senão boquiaberta, pois era mais que o dobro da extensão de toda a propriedade do senhor Allen, assim como a de seu pai, incluindo o jardim da igreja e o orquidário. Os muros pareciam incontáveis em termos de número, infinitos em extensão. Uma vila de estufas parecia se erguer entre eles, e uma paróquia inteira a trabalhar dentro de seus limites. O general estava convencido pelos olhares de surpresa dela, os quais lhe diziam bem claramente, e logo ele a forçou a dizer em palavras, que ela nunca tinha visto jardins sequer iguais àqueles antes. Ele então reconheceu modestamente que “sem qualquer ambição deste tipo nele próprio, sem pedido para isso, ele acreditava que não tinham rivais no reino. Se ele tivesse um cavalo de passeio, seria isso. Ele amava um jardim. Embora indiferente o bastante em questões de alimentação, ele amava boas frutas, ou, se ele não, seus amigos e filhos sim. Havia grandes inconvenientes, porém, em cuidar de um jardim como o dele. O extremo cuidado nem sempre poderia garantir as mais valiosas frutas. A plantação de abacaxis tinha produzido apenas cem frutas no último ano. O senhor Allen, ele supunha, deveria sentir estas inconveniências tanto quanto ele”.

“Não, nem um pouco. O senhor Allen não se preocupa com o jardim, e nunca vai até ele”.

Com um sorriso triunfante de satisfação própria, o general desejou que ele pudesse fazer o mesmo, pois ele nunca entrou no próprio jardim sem se irritar de uma maneira ou de outra, por sempre faltar algo em seu plano.

“Como funcionavam os viveiros do senhor Allen?”, descrevendo a natureza das dele próprias enquanto adentravam por elas.

“O senhor Allen tinha apenas uma pequena estufa, a qual a senhora Allen usava para suas plantas no inverno, e havia incêndios de vez em quando”.

“Ele é um homem feliz!”, disse o general com um olhar de desprezo muito feliz.

Tendo a levado em cada divisão e a conduzido a cada muro até que ela estivesse entusiasticamente cansada de ver e de se deslumbrar, ele fez com que as garotas, ao fim, se aproveitassem de uma porta externa e, então expressando seu desejo de examinar os efeitos de algumas mudanças recentes na estufa de chá, propôs que fosse uma extensão nada desagradável de sua caminhada, se a senhorita Morland não estivesse cansada. “Mas onde está indo, Eleanor? Porque você escolheu esse caminho frio e úmido? A senhorita Morland ficará molhada. O melhor caminho é atravessar o parque”.

“Eu gosto tanto deste caminho”, disse a senhorita Tilney, “que sempre

penso ser o melhor e mais rápido. Mas talvez esteja úmido”.

Era uma passagem estreita através de um espesso bosque de velhos abetos escoceses. Catherine, surpresa com seu aspecto sombrio, e ansiosa por entrar nele, não podia, mesmo com a desaprovação do general, ser impedida de avançar. Ele percebeu sua vontade, e tendo renovado ao argumento sobre a saúde em vão, foi muito polido para se opor ainda mais. Ele evitou, porém, juntar-se a elas: “Os raios do sol não estavam muito animadores para ele, e ele se juntaria a elas por outro caminho”. Ele se voltou, e Catherine se chocou ao descobrir o quanto seu humor se aliviou com a separação. O choque, porém, sendo menos verdadeiro que o alívio, não a afligia, e ela começou a falar com tranquila alegria da deliciosa melancolia que tal bosque inspirava.

“Eu amo particularmente este lugar”, disse sua companheira com um suspiro. “Era o caminho preferido da minha mãe”.

Catherine nunca ouviu a senhora Tilney ser mencionada pela família antes, e o interesse surgiu com esta terna lembrança demonstrada diretamente em seu rosto alterado e na pausa atenta com que ela esperou por algo mais.

“Eu andava por aqui tantas vezes com ela!”, acrescentou Eleanor; “embora eu não amasse este lugar como amo desde então. Naquele tempo, de fato, eu costumava me surpreender com a escolha dela. Mas sua memória o faz querido agora”.

“E não deveria”, refletiu Catherine, “fazer-se querido para o marido dela? Porém, o general não entra aqui”. Com a senhorita Tilney ainda em silêncio, ela se aventurou a dizer, “A morte dela deve ter sido uma grande aflição!”

“Grande e crescente”, replicou a outra em voz baixa. “Eu tinha apenas 13 anos quando aconteceu. Embora eu sentisse a minha perda talvez tão forte quanto alguém muito jovem pudesse sentir, eu não sabia, eu não poderia saber então, saber que perda era aquela”. Ela parou por um momento e então acrescentou com muita firmeza, “Não tenho irmãs, você sabe e, embora Henry... embora meus irmãos sejam bem afetuosos, e Henry fique muito tempo aqui, pelo que sou muito grata, é impossível, para mim, não me sentir muitas vezes sozinha”.

“Estou certa de que você sente muita saudade dele”.

“Uma mãe estaria sempre presente. Uma mãe teria sido uma amiga constante. Sua influência superaria todas as outras”.

“Ela era uma mulher encantadora? Ela era bonita? Há algum retrato dela na abadia? E por que ela gostava tanto deste bosque? Era para aliviar a tristeza?” eram perguntas agora despejadas ansiosamente. As três primeiras receberam uma pronta afirmativa, as outras duas foram ignoradas. O interesse de Catherine na falecida senhora Tilney aumentava com cada questão,

respondida ou não. Ela se sentia convencida da infelicidade dela com o casamento. O general certamente foi um mau marido. Ele não gostava do passeio dela. Poderia, portanto, tê-la amado? E, além disso, bonito como ele era, havia algo no jeito de seus traços denunciando que ele não se comportou bem com ela.

“O quadro dela, suponho”, corando com a artimanha consumada em sua própria questão, “está no quarto de seu pai?”

“Não; foi planejado para a sala de estar, mas meu pai ficou insatisfeito com a pintura e, por algum tempo, ele ficou sem lugar. Logo depois da morte dela, eu fiquei com ele e o pendurei em meu quarto de dormir, onde ficarei feliz em lhe mostrar. É muito parecido”. Eis outra prova. Um retrato, bem semelhante, de uma esposa que se foi, não prezado pelo marido! Ele deve ter sido terrivelmente cruel com ela!

Catherine não mais tentou esconder de si mesma a natureza dos sentimentos, os quais, apesar de toda sua atenção, foram previamente causados por ele. E o que foi terror e desprazer antes, agora era aversão absoluta. Sim, aversão! Sua crueldade com tal encantadora mulher o fez odioso a ela. Ela tinha lido com frequência sobre tais personagens, personagens que o senhor Allen se acostumou a chamar de artificiais e exagerados, mas eis uma prova positiva do contrário.

Ela tinha acabado de se acertar neste ponto quando o fim do caminho as levou diretamente ao general. Apesar de toda sua virtuosa indignação, ela se encontrou novamente obrigada a caminhar com ele, ouvi-lo, e mesmo a sorrir quando ele sorria. Não sendo mais capaz, porém, de obter prazer dos objetos adjacentes, ela logo começou a caminhar com lassidão. O general se apercebeu e, preocupado com sua saúde – o que parecia reprová-la quanto a sua opinião por ele – urgiu ainda mais para que retornasse com sua filha para casa. Ele as seguiria em 15 minutos. Novamente se separaram, mas Eleanor foi chamada de volta em meio minuto para receber uma ordem estrita para não levar sua amiga ao redor da abadia até que ele voltasse. Este segundo exemplo da ansiedade dele em atrasar o que ela tanto queria pareceu muito notável a Catherine.

CAPÍTULO 23

Uma hora se passou antes que o general aparecesse, e sua jovem convidada fez uma consideração não muito favorável para com seu caráter. “Esta prolongada ausência, estes passeios solitários, não anunciam uma mente tranquila, ou uma consciência vazia de condenações.” Por fim, ele apareceu e, fosse como fosse a tristeza de suas meditações, ainda podia sorrir com ela. A senhorita Tilney, compreendendo em parte a curiosidade de sua amiga em ver a casa, logo trouxe o assunto à tona novamente. Seu pai, que, contrariamente às expectativas de Catherine, foi desguarnecido de pretensões por mais atrasos, além daquele de parar por cinco minutos para ordenar que refrescos estivessem na sala quando voltassem, estava, por fim, pronto para acompanhá-las.

E saíram. Com uma empáfia e um passo ostentoso, o que atraía o olhar, mas que não balançava as dúvidas da bem informada Catherine, ele abriu caminho através do corredor, por entre a sala de estar comum e uma inútil antecâmara, para uma sala magnífica, tanto em tamanho quanto em mobília – a verdadeira sala de estar, usada apenas com visitas importantes. Era muito nobre. Muito imponente. Muito encantadora! Foi tudo o que Catherine tinha a dizer, pois seus olhos indiscriminados mal discerniam a cor da seda. Todos os elogios pormenorizados e todos os elogios que tinham muitos significados foram dados pelo general. A opulência ou a elegância da decoração de qualquer sala não poderia ser nada para ela, visto que ela não se importava por nenhuma mobília mais contemporânea do que a do século XV. Quando o general satisfez sua própria curiosidade, em uma detalhada inspeção de todos os conhecidos ornamentos, eles seguiram para a biblioteca, um cômodo, a seu modo, de igual magnificência, onde se exibia uma coleção de livros, a qual um homem modesto teria olhado com orgulho. Catherine ouviu, admirou e se surpreendeu com mais sentimentos genuínos do que antes. Ela reuniu tudo o que podia deste depósito de conhecimento, ao passar pelos títulos de meia estante, e estava pronta para continuar. Mas as suítes de cômodos não corresponderam aos seus desejos. Grande como era o edifício, ela já havia visitado a maior parte. Embora, ao lhe ser dito isso, com a adição da cozinha, as seis ou sete salas que ela tinha visto compreendiam três lados do pátio, ela mal podia acreditar ou suspeitar de que houvesse mais câmaras escondidas. Foi com algum alívio, porém, que retornavam aos cômodos de uso comum, ao passar por alguns de menor importância, olhando para o pátio que, com passagens ocasionais, não totalmente ocultas, conectava diferentes lados. Ela ficou ainda mais aliviada com seu progresso ao lhe contarem que ela estava caminhando por onde tinha sido um claustro, com os traços de celas lhe sendo mostrados, e observando várias portas que não estavam nem abertas, e tampouco lhe foram explicadas, e, depois, encontrando-se sucessivamente na sala de bilhar e no cômodo privado do

general, sem compreender sua conexão ou ser capaz de se virar ao lado certo quando ela os deixou. Por fim, ao passar por uma pequena sala escura, reconheceu a autoridade de Henry, pois era preenchida com a desordem dos livros, armas e sobretudo dele.

Da sala de jantar, a qual, tendo já sido vista, e sempre a ser vista às cinco horas, o general não podia abrir mão do prazer de percorrer sua extensão, dando mais algumas informações para a senhorita Morland, quanto ao que ela não duvidava nem se importava, eles seguiram por uma rápida passagem à cozinha – a antiga cozinha do convento, rica em sólidas paredes e fumaça dos velhos dias, e em fornos e armários aquecidos do presente. O toque de perfeição do general não havia se desperdiçado aqui. Cada invenção moderna para facilitar o trabalho dos cozinheiros foi adotada dentro desse espaço teatral deles. Quando o gênio de outros falhou, o dele próprio produziu a melhora desejada. Seus dotes a este único local poderiam, a qualquer tempo, tê-lo colocado bem alto entre os benfeitores do convento.

Com as paredes da cozinha, terminava-se toda a antiguidade do convento. Já o quarto lado do pátio foi, por causa de seu estado decadente, removido pelo pai do general, e o atual, construído em seu lugar. Tudo o que era venerável terminava aqui. O novo edifício não era apenas novo, mas se declarava assim. Planejado apenas para serviços e contido atrás por estábulos, nenhuma uniformidade arquitetônica se julgou necessária. Catherine poderia ter se enfurecido com a mão que destruiu o que teria valor maior que o resto, com o propósito de simples economia doméstica, e teria, de bom grado, poupado a humilhação de um passeio por cenários tão decaídos, tivesse o general permitido. Mas, se ele fosse vaidoso, seria com o arranjo de suas áreas de trabalho. Como ele estava convencido de que, para uma mente como a da senhorita Morland, ver as acomodações e o conforto, pelos quais o trabalho de seus subordinados era atenuado, sempre deveria ser gratificante, ele não se desculpou ao conduzi-la para lá. Fizeram uma leve inspeção de tudo, e Catherine estava impressionada, além de suas expectativas, pela sua multiplicidade e pela sua conveniência. Os fins pelos quais algumas copas de formadas e uma área de lavagem sem conforto foram julgadas suficientes em Fullerton, aqui, elas eram efetuadas em divisões apropriadas, cômodas e amplas. O número de criados que apareciam constantemente não a surpreendeu menos do que o número dos seus compartimentos. Aonde eles iam, alguma garota uniformizada os parava para cumprimentá-los, ou algum laçao em roupa de dormir os espiava. E isso ainda era uma abadia! Que diferença sem expressão destes arranjos domésticos em comparação aos que ela já tinha lido sobre abadias e castelos, nos quais, embora certamente maiores que Northanger, todo o trabalho sujo da casa deveria ser feito por dois pares de mãos femininas, ao máximo. Como elas podiam dar conta de tudo, às vezes, surpreendia Catherine e, quando ela viu o que era necessário

aqui, começou ela mesma a se surpreender.

Voltaram ao corredor para que subissem a escada principal, e a beleza de sua madeira e os ornamentos de fino entalhe poderiam ser indicados. Tendo chegado ao topo, tomaram a direção oposta a da galeria onde ficava o quarto de Catherine, e logo entraram em uma no mesmo plano, mas superior em extensão e amplitude. Ela foi levada sucessivamente a três grandes quartos de dormir, com salas de vestir mais completas e sofisticadamente decoradas. Tudo que o dinheiro e o gosto poderiam fazer para dar conforto e elegância aos apartamentos foi investido neles, sendo que eles foram mobiliados nos últimos cinco anos e eram perfeitos e agradáveis em tudo o que poderiam ser, mas também tudo o que poderia dar prazer a Catherine. Enquanto examinavam o último, o general, depois de mencionar de passagem alguns dos distintos nomes por quem já foram honrados em certas ocasiões, voltou-se com um rosto sorridente para Catherine e se aventurou a esperar que, de agora em diante, alguns dos seus próximos inquilinos pudessem ser “nossos amigos de Fullerton”. Ela sentiu o inesperado elogio e lamentou profundamente a impossibilidade de pensar bem de um homem tão bondosamente disposto para com ela e tão cheio de civilidades para com a sua família.

A galeria terminava em portas fechadas, as quais a senhorita Tilney, avançando, abriu-as e passou. Parecendo que iria fazer o mesmo com a primeira porta à esquerda; em outro longo braço da galeria, o general, adiantando-se, chamou-a apressadamente e, enquanto Catherine pensava, bem nervoso, perguntou para onde ela estava indo, o que mais havia para ser visto, se a senhorita Morland já não tinha visto tudo o que valia sua atenção, e se ela não deveria supor que a amiga pudesse ficar feliz com algum refresco depois de tantos exercícios. A senhorita Tilney recuou imediatamente, e as pesadas portas se fecharam sobre a constrangida Catherine, a qual viu, em um relance momentâneo atrás delas, uma passagem mais estreita, mais numerosas aberturas e sinais de uma ampla escada, o que ela acreditou, por fim, ser algo que valia sua atenção. Ela sentiu ainda, enquanto caminhava de má vontade de volta pela galeria, que ela preferiria ser permitida a explorar aquele canto da casa do que ver toda a sofisticação do restante. O evidente desejo do general de evitar tal exame foi um estimulante adicional. Algo certamente deveria ser escondido. Sua imaginação, embora lhe tenha trespassado uma ou duas vezes, ultimamente, não poderia enganá-la ali. Sobre isso, uma curta frase da senhorita Tilney, enquanto seguiam o general a certa distância, escada abaixo, parecia pontuar. “Eu ia levá-la ao quarto que era de minha mãe. O quarto onde ela faleceu” foram suas palavras. Mas poucas como eram, entregaram páginas de informação a Catherine. Não surpreendia que o general recuasse ante a visão de tais objetos que aquele quarto deveria conter. Um quarto provavelmente nunca adentrado por ele desde que terrível cenário se passou, desde que sua sofridora esposa foi

libertada e o deixou às afezroadas da consciência.

Ela se aventurou, quando novamente a sós com Eleanor, a expressar seu desejo de ser permitida a ver o quarto, assim como tudo mais daquele lado da casa, e Eleanor prometeu levá-la lá, quando fosse o momento apropriado. Catherine a compreendeu: o general deveria estar fora de casa, antes que pudessem entrar naquele quarto. “Suponho que ele permaneça como era?”, disse Catherine, em um tom de pesar.

“Sim, totalmente”.

“E há quanto tempo sua mãe faleceu?”

“Ela faleceu há nove anos”. E nove anos, Catherine sabia, era pouquíssimo tempo, comparado com o que se passava depois da morte de uma esposa adoentada e antes que seu quarto voltasse a uso.

“Você esteve com ela, suponho, até o fim?”

“Não”, disse a senhorita Tilney suspirando; “Infelizmente, eu estava fora de casa. Sua doença foi súbita e curta e, antes que eu chegasse, tudo estava acabado”.

O sangue de Catherine gelou com as terríveis sugestões que saltaram naturalmente destas palavras. Seria possível? Seria possível que o pai de Henry...? E ainda muitos eram os exemplos para justificar até mesmo as mais negras suspeitas! E quando ela o viu à noite, embora trabalhasse com sua amiga, caminhando lentamente pela sala de estar por uma hora inteira, em silenciosos pensamentos, com os olhos baixos e a fronte cerrada, ela se sentiu segura de toda a possibilidade de estar equivocada com ele. Era o tom e a atitude de um Montoni[1]! O que mais claramente poderia anunciar os sombrios trabalhos de uma mente não totalmente morta a qualquer senso de humanidade em seu assustado reviver de cenas passadas de culpa? Homem infeliz! E a ansiedade de seus espíritos direcionou os olhos àquela figura tão repetidamente, a ponto de captar a atenção da senhorita Tilney. “Meu pai”, ela suspirou, “muitas vezes caminha pela sala deste jeito; não é nada incomum”.

“Tanto pior!”, pensou Catherine. Tal exercício fora de hora era um pouco da estranha irracionalidade dos seus passeios matinais, e não prenunciava nada bom.

Depois de uma noite, cuja pouca variedade e aparente extensão a fez peculiarmente sensível à importância de Henry entre eles, ela ficou sinceramente feliz de ser dispensada, embora fosse por um olhar do general, planejado para que ela não visse, que fez sua filha tocar a sineta. Quando o mordomo foi acender a vela de seu patrão, porém, isso não foi permitido. Ele ainda não iria se retirar. “Tenho muitos panfletos a terminar”, ele disse a Catherine, “antes que eu possa fechar meus olhos, e talvez tenha de me afundar nos assuntos da nação por horas depois de você dormir. Pode cada um de nós estar mais bem empregado? Meus olhos cegarão pelo bem dos outros, e os seus,

preparando-se com o descanso para enganos futuros”.

Entretanto, nem a alegada ocupação, nem o magnífico elogio poderiam conquistar Catherine em não pensar que algum objeto muito diferente deveria causar um atraso tão sério de um descanso apropriado. Ficar acordado por horas, depois que a família tenha se deitado, por causa de estúpidos panfletos, não era muito provável. Deveria haver algum motivo mais profundo, algo que só deveria ser feito enquanto o lar dormisse. A probabilidade de que a senhora Tilney ainda vivesse trancada por razões desconhecidas e recebendo, das mãos inclementes de seu marido, uma porção noturna de péssima comida, foi a conclusão que se seguiu naturalmente. Chocante como era a ideia, ao menos era melhor do que uma morte injustamente apressada, pois, no curso natural das coisas, ela não levaria muito tempo para ser libertada. A rapidez de sua atribuída doença, a ausência de sua filha, e provavelmente de seus outros filhos, naquele momento, tudo favorecia a suposição de seu aprisionamento. Sua causa – ciúme, talvez, ou devassa crueldade – ainda estava a ser desbaratada.

Ao revolver estas ideias enquanto se despia, subitamente lhe ocorreu, como não improvável, que ela tenha passado, durante a manhã, próximo ao lugar exato do confinamento desta desafortunada mulher – Catherine poderia ter estado a alguns passos da cela na qual ela penava seus dias. Pois qual parte da abadia seria mais apropriada para este fim do que aquele que ainda carregava os traços de monástica divisão? Na passagem de alta abóbada, pavimentada de pedras, que ela já tinha pisado com peculiar pavor, ela bem se lembrava das portas que o general não tinha dado conta. Para onde aquelas portas levavam? A ajudar na plausibilidade desta conjectura, ocorreu-lhe ainda que devessem levar para a galeria proibida, na qual ficavam os cômodos da desafortunada senhora Tilney, tão certo quanto sua memória poderia guiá-la, exatamente para essa fileira suspeita de celas, e a escadaria ao lado daqueles quartos, da qual ela tinha tido um rápido relance, unindo por algum meio secreto aquelas celas, poderia ajudar os bárbaros rituais de seu marido. Talvez descendo aquela escada ela fosse levada em um estado de insensibilidade bem preparado!

Catherine, às vezes, se assustava com a ousadia de suas próprias premissas e, às vezes, esperava ou temia que tivesse ido muito longe, mas elas se apoiavam pelas mesmas aparências que faziam sua rejeição impossível.

Com o lado do pátio, no qual ela supunha que a condenável cena fosse executada, sendo, como ela acreditava, apenas oposto ao quarto dela, então lhe ocorreu que, se cuidadosamente observada, alguns raios de luz da vela do general poderiam reluzir pelas janelas inferiores, enquanto ele passava para a prisão de sua esposa. Por duas vezes antes de entrar na cama, ela saiu silenciosamente de seu quarto para a janela correspondente, na galeria, para ver se apareciam, mas tudo adiante era escuro, e ainda deveria ser muito cedo. Os vários ruídos que subiam a convenciam de que os criados ainda deveriam estar de pé. Até a meia-

noite, ela supunha ser inútil observar. Mas, então, quando o relógio batesse doze, e tudo estivesse quieto, ela sairia, se não estivesse muito atemorizada pela escuridão, e olharia mais uma vez. O relógio bateu doze, e Catherine dormia há meia hora.

[1] Referência ao Conde Montoni, o vilão do romance “Os Mistérios de Udolpho”.

CAPÍTULO 24

O dia seguinte não proporcionou oportunidade para a combinada inspeção dos misteriosos cômodos. Era domingo, e todo o tempo, entre as missas da manhã e da tarde, o general exigiu que se fizessem exercícios externos ou frias refeições em casa. Grande como era a curiosidade de Catherine, sua coragem não era a mesma quanto o desejo de explorar a abadia depois do jantar, tanto com a luz baça do céu entre as seis e as sete horas, como pela mais parcial, porém mais forte iluminação de uma traiçoeira vela. O dia não foi marcado, portanto, por nada que aticasse sua imaginação, além da visão de um monumento muito elegante à memória da senhora Tilney, o qual estava diretamente defronte ao assento da família na igreja. Por ele, seus olhos foram imediatamente atraídos e, por muito tempo, retidos. A leitura do epitáfio muito manchado, no qual cada virtude lhe era atribuída pelo inconsolável marido, o qual deveria ser, de um modo ou de outro, seu destruidor, afetou-a a ponto de chorar.

Que o general, tendo erguido tal monumento, fosse capaz de encará-lo, não era lá muito estranho e, ainda que ele pudesse se sentar tão imponentemente composto, podendo vê-lo, manter um ar tão elevado, um olhar tão corajosamente alheio, não que ele sequer devesse entrar na igreja, parecia maravilhoso a Catherine. Não, porém, que muitos exemplos de seres igualmente embrutecidos pela culpa não pudessem ser produzidos. Ela poderia se lembrar de dúzias que perseveraram em cada vício possível, indo de crime em crime, assassinando qualquer um que eles quisessem, sem sentimento algum de humanidade ou remorso, até que uma morte violenta ou um retiro religioso encerrava suas negras carreiras. A construção do próprio monumento não podia, ao menos, afetar suas dúvidas sobre a verdadeira morte da senhora Tilney. Fosse ela mesma descer à catacumba da família onde suas cinzas deveriam repousar, fosse ela observar o caixão no qual eles disseram que ela deveria estar encerrada, o que isso poderia ajudar neste caso? Catherine tinha lido o bastante para não estar perfeitamente ciente da facilidade com que uma figura de cera poderia ser introduzida, e um falso funeral.

A manhã seguinte prometia algo melhor. A caminhada matutina, inconveniente como era de todos os modos, ajudou-a aqui. Quando ela soube que ele estaria fora de casa, propôs imediatamente à senhorita Tilney que cumprisse com sua promessa. Eleanor estava pronta a satisfazê-la, mas, como Catherine a lembrou de outra promessa, sua primeira visita, em consequência, seria ao retrato em seu quarto de dormir. O retrato representava uma mulher muito amável, com uma suave e pensativa feição, justificando, até então, as expectativas de sua nova observadora. Mas elas não foram atendidas em nenhum aspecto, pois Catherine achou que encontraria traços, cabelo e compleição que

seriam as próprias contrapartidas, a própria imagem, senão de Henry, de Eleanor – os únicos retratos dos quais ela tinha o hábito de pensar, tendo sempre igual lembrança da mãe e da filha. Um rosto emoldurado permanece por gerações. Então ela era obrigada a olhar, considerar e buscar a semelhança. Ela o contemplava, porém, apesar dessa decepção, com muita emoção e, não fosse um interesse mais forte, teria o deixado de má vontade.

Sua agitação, enquanto entravam pela grande galeria, era demais para qualquer tentativa de conversa. Ela podia apenas olhar sua companheira. As feições de Eleanor estavam prostradas, ou melhor, sedadas. Sua compostura denunciava estar acostumada a todos os objetos sombrios por onde avançavam. Novamente ela passou pelas portas fechadas e novamente sua mão estava sobre a importante tranca. Catherine, mal podendo respirar, voltava-se para fechar as portas anteriores com temeroso cuidado, quando a figura – a terrível figura do próprio general, na ponta extrema da galeria – ficou diante dela! O nome de “Eleanor”, no mesmo instante, em seu tom mais alto, ressoou pelo edifício, dando a sua filha a primeira intimação de sua presença, e a Catherine, terror em cima de terror. Uma tentativa de se esconder foi seu primeiro movimento instintivo ao percebê-lo, ainda que ela mal pudesse esperar ter escapado dos olhos dele. Quando sua amiga, que com um olhar de desculpas lançado apressadamente a ela, juntou-se e desapareceu com ele, Catherine correu por segurança para seu próprio quarto e, trancando-se nele, acreditou que nunca teria coragem de descer novamente. Ela permaneceu lá por pelo menos uma hora, na maior agitação, lamentando profundamente o estado de sua própria amiga e esperando um chamado para ela mesma do bravo general, para encontrá-lo em seu próprio quarto. Nenhum chamado, porém, chegou. Por fim, ao ver uma carruagem subir até a abadia, ela se encorajou a descer e encontrá-lo sob a proteção de visitantes. A sala de desjejum estava alegre com companhias, e ela foi nomeada pelo general como a amiga de sua filha, em um estilo elogioso, que tão bem ocultava sua ressentida ira, fazendo-a sentir-se segura, pelo menos naquele momento. E Eleanor, com um controle de aparência que honrava sua preocupação pelo caráter dele, aproveitou a primeira ocasião para dizer a ela, “Meu pai apenas queria que eu respondesse uma mensagem”, ela começou a ter esperanças de que sequer teria sido vista pelo general, ou que, por alguma consideração de política, ela fosse permitida a se supor assim. Assim confiando, ela ousou ainda permanecer em sua presença, depois que os visitantes os deixaram, e nada ocorreu para perturbá-la.

No decorrer das reflexões matinais, ela decidiu fazer sua próxima tentativa sozinha à porta proibida. Seria muito melhor, sob todos os pontos de vista, que Eleanor nada soubesse sobre isso. Envolvê-la no perigo de uma segunda detecção, acompanhá-la a um quarto que deveria apertar o coração dela, não poderia ser o ofício de uma amiga. A mais extrema ira do general não

poderia ser, para ela, o que seria a uma filha. Além disso, ela achava que a própria inspeção seria mais satisfatória se feita sem nenhuma companhia. Seria impossível explicar a Eleanor as suspeitas das quais tinha sido, com todas as probabilidades, até então, felizmente isenta. Nem ela podia, portanto, na presença dela, buscar por aquelas provas da crueldade do general, embora ainda tenham escapado da descoberta, ela sentia-se confiante de obtê-las em algum lugar, na forma de alguma página de um diário, indo até o último fôlego. Ela dominava completamente o caminho até o quarto. Como desejava ir até lá antes da volta de Henry, o qual era esperado no dia seguinte, não havia tempo a perder. O dia estava brilhante, sua coragem, alta. Seria às quatro, o sol ainda duas horas acima do horizonte, apenas meia hora antes de ela se retirar habitualmente para se vestir.

Isso foi feito. Catherine se encontrava sozinha na galeria, antes que os relógios parassem de bater. Não havia tempo para pensar. Ela se apressou, deslizou com o menor ruído possível por entre as portas fechadas e, sem parar para olhar ou respirar, correu adiante para aquela em questão. A tranca cedeu à sua mão e, por sorte, sem nenhum som súbito que pudesse alarmar um ser humano. Entrou na ponta dos pés. O quarto estava diante dela, mas, só alguns minutos depois, deu outro passo. Observou o que a fixava ao local e reparava em cada traço. Viu um quarto grande e bem distribuído, uma bela cama de pique, arrumada com um cuidado de criada, um brilhante forno de Bath, guarda-roupas de mogno, e aconchegantes cadeiras pintadas, sobre as quais um sol ocidental alegremente despejava por duas vidraças seus cálidos raios! Catherine esperava que seus sentimentos operassem. E eles operaram. Primeiro, a surpresa e a dúvida os agarraram. Um rio de senso comum, que logo se seguiu, acrescentou um pouco de amargas emoções de vergonha. Ela não poderia ter se equivocado quanto ao quarto. Mas como tinha se enganado redondamente quanto ao resto, na interpretação da senhorita Tilney e nos próprios cálculos! Este quarto, ao qual ela tinha dado uma data tão antiga, uma posição tão terrível, provou estar situado na extremidade em que o pai do general tinha construído. Havia outros dois quartos na câmara, levando provavelmente às salas de vestir, mas ela não tinha vontade de abrir nenhum. Seria o véu com o qual a senhora Tilney tinha caminhado pela última vez, ou o volume que tinha lido por último, permanecendo para dizer que nada mais era permitido sussurrar? Não. Quaisquer que tenham sido os crimes do general, ela certamente teve muito gênio para deixar pistas. Catherine estava cansada de explorar e desejou estar segura em seu quarto, com seu próprio coração apenas fechado em sua fantasia. Ela estava a ponto de voltar, tão suavemente como havia entrado, quando o som de passos – mal podia dizer de onde – a fez parar e tremer. Ser encontrada ali, mesmo por um criado, seria desagradável, mas pelo general (e ele sempre parecia estar por perto quando menos desejado), muito pior! Ela ouvia. O som tinha parado e, resolvendo não

perder um momento, passou adiante e fechou a porta. Naquele instante, uma porta abaixo foi rapidamente aberta. Alguém parecia, com passos ágeis, subir a escada, pelo fim da qual ela ainda tinha de passar, antes de ganhar a galeria. Ela não tinha forças para se mover. Com um sentimento de terror não muito definível, fixou os olhos na escada e, em poucos momentos, Henry apareceu diante dela. “Senhor Tilney!”, exclamou em voz de surpresa mais do que comum. Ele também parecia surpreso. “Bom Deus!”, ela continuou, não respondendo a ele. “Como veio até aqui? Como você subiu aquela escada?”

“Como subi aquela escada!”, ele replicou, bem surpreendido. “Porque é o caminho mais perto do estábulo para o meu próprio quarto. E por que eu não deveria subir?”

Catherine se recompôs, corou profundamente e nada mais podia dizer. Ele parecia procurar no rosto dela por aquela explicação que seus lábios não podiam dar. Ela se moveu na direção da galeria. “E não posso eu, na minha vez”, ele disse, enquanto abria as portas, “perguntar-lhe como você chegou aqui? Esta passagem é, ao menos, uma estrada extraordinária da sala de desjejum para seu apartamento, como aquela escada pode ser dos estábulos para o meu”.

“Eu estive”, disse Catherine, baixando os olhos, “vendo o quarto de sua mãe”.

“O quarto de minha mãe! Há algo de extraordinário para ser visto lá?”

“Não, nada. Pensei que você não fosse voltar até amanhã”.

“Eu não esperava poder voltar antes, quando fui embora; mas três horas antes, tive o prazer de nada encontrar o quê me deter. Você está pálida. Temo tê-la alarmado por ter subido tão rápido estes degraus. Talvez você não soubesse... você não sabia que era de uso comum aos criados?”

“Não, eu não sabia. Você teve um bom dia para sua cavalgada”.

“Muito; e Eleanor a deixou a descobrir o caminho de todos os quartos na casa sozinha?”

“Oh! Não, ela me mostrou a maior parte no sábado... e estávamos vindo juntas a estes quartos, mas só que – baixando a voz – seu pai estava conosco”.

“E isso as impediu”, disse Henry, olhando sinceramente para ela. “Você já olhou a todos os quartos nesta passagem?”

“Não, apenas queria ver. Não é muito tarde? Devo ir para me vestir”.

“São apenas quatro e quinze”, mostrando seu relógio – “e você não está agora em Bath. Nada de teatros, nem salões para se preparar. Meia hora em Northanger deve bastar”.

Ela não podia contradizê-lo e, portanto, sujeitou-se a ser detida, embora seu terror por mais perguntas a fez, pela primeira vez desde que se conheceram, desejar deixá-lo. Eles caminharam lentamente pela galeria. “Você recebeu alguma carta de Bath desde que a vi?”

“Não, e estou bem surpresa. Isabella prometeu tão fielmente escrever imediatamente”.

“Prometeu tão fielmente! Uma promessa fiel! Isso me intriga. Ouve algo sobre um desempenho fiel. Mas uma promessa fiel... a fidelidade de prometer! Pouco vale saber, porém, já que isso pode enganar e machucá-la. O quarto de minha mãe é bem cômodo, não é? Grande e de aparência alegre, e as salas de vestir tão bem dispostas! Sempre me surpreende que seja o mais confortável quarto na casa, e muito me pergunto se Eleanor não deveria ficar com ele. Ela lhe pediu para que o olhasse, suponho?”

“Não”.

“Foi tudo obra sua?” Catherine nada disse. Depois de um curto silêncio, durante o qual ele a observou de perto, ele acrescentou, “Como nada há no quarto para suscitar curiosidade, isso deve ser consequência de um sentimento de respeito pelo caráter de minha mãe, como descrito por Eleanor, que honra a memória dela. O mundo, acredito, nunca viu uma mulher melhor. Mas não é muito comum que a virtude possa levantar um interesse tal como este. Os méritos domésticos e desprezíveis de uma pessoa nunca conhecida nem sempre criam este tipo de fervente e venerável ternura que acarretaria em uma visita como a sua. Eleanor, suponho, falou muito sobre ela?”

“Sim, muito. Ou seja... não, não muito, mas o que ela disse foi bem interessante. Ela morrer tão subitamente...” (lentamente, e com que hesitação isso foi falado), “e vocês, nenhum de vocês estando em casa, e seu pai, eu pensei, talvez não estivesse muito apaixonado por ela”.

“E destas circunstâncias”, ele replicou (seus rápidos olhos fixados aos dela), “você deduz, talvez, a probabilidade de alguma negligência, algum... – (ela balançou a cabeça involuntariamente) – “ou pode ser, de algo ainda menos perdoável”. Ela ergueu seus olhos para ele ainda mais abertos do que jamais tinha feito antes. “A doença de minha mãe”, ele continuou, “o ataque que resultou em sua morte foi súbito. A própria doença, aquela que ela frequentemente tinha sofrido, uma febre biliosa... sua causa, portanto, foi constitucional. No terceiro dia, em resumo, assim que ela pôde ser convencida disso, um médico lhe atendeu, um homem muito respeitável, e alguém em quem ela sempre colocava grande confiança. Com a opinião do perigo que ela passava, dois outros foram chamados no dia seguinte, e permaneceram em quase atendimento constante por 24 horas. No quinto dia, ela faleceu. Durante a evolução de sua doença, Frederick e eu, estávamos ambos em casa, vimo-la repetidamente. Pela nossa própria observação, podemos testemunhar que ela recebeu toda atenção possível que poderia nascer daqueles ao redor dela, ou que a situação dela na vida poderia exigir. A pobre Eleanor estava ausente e, a tal distância, somente retornou para ver a mãe em seu caixão”.

“Mas seu pai”, disse Catherine, “ele ficou aflito?”

“Por um tempo, muito”. “Você errou ao supor que ele não fosse ligado a ela. Ele a amava, eu estou convencido, tanto quanto era possível ele amar. Nem todos nós temos, você sabe, a mesma ternura de disposição, e não pretenderei dizer que, enquanto ela viveu, ela não teve muito com o que se preocupar, às vezes, mas, embora o temperamento dele a tenha ferido, seu julgamento, nunca. O valor que ele lhe dava era sincero e, se não permanente, ele foi verdadeiramente afligido pela sua morte”.

“Estou muito feliz por isso”, disse Catherine; “teria sido muito chocante!”.

“Se a entendi corretamente, você formou premissas de tal horror que eu mal tenho palavras para... querida senhorita Morland, considere a horrível natureza das suspeitas que você acalentou. O que você estava julgando? Lembre-se do país e da época em que vivemos. Lembre-se de que somos ingleses, que somos cristãos. Consulte sua compreensão, seu próprio senso do provável, sua própria observação do que está se passando ao seu redor. Nossa educação nos prepara para tais atrocidades? Nossas leis se concluíam com elas? Podem elas ser cometidas sem serem descobertas, em um país como este, onde o relacionamento social e literário é em tal base, onde cada homem é cercado por uma vizinhança de voluntários espões, e onde estradas e jornais se abrem em todos os lugares? Querida senhorita Morland, quais ideias você estava admitindo?”

Eles chegaram ao fim da galeria e, com lágrimas de vergonha, ela correu para seu próprio quarto.

CAPÍTULO 25

As visões de romance terminaram. Catherine estava completamente alvoroçada. O discurso de Henry, curto como foi, tinha aberto completamente seus olhos para a extravagância de suas últimas fantasias, mais do que todos os vários desapontamentos tinham feito. Ela estava humilhada e muito triste. Chorou com muito amargor. Não era apenas por si mesma que estava arrasada, mas por Henry. Sua fantasia, que agora parecia até mesmo criminosa, tinha sido totalmente exposta a ele, e ele deveria desprezá-la para sempre. A liberdade com que a imaginação dela ousava tomar o caráter de seu pai poderia ser perdoada? O absurdo da curiosidade e dos medos dela poderia ser esquecido? Ela se odiava mais do que poderia expressar. Ele tinha – ela pensou que tinha –, uma ou duas vezes antes desta manhã fatal, mostrado algo como afeição por ela. Mas, agora, em resumo, ela se fez tão miserável quanto possível por cerca de meia hora, desceu quando o relógio deu cinco horas, com o coração partido, e mal podia dar uma resposta inteligível para Eleanor quando esta perguntou se ela estava bem. O formidável Henry logo a seguiu para a sala, e a única diferença em seu comportamento para com ela é que ele agora lhe dava mais atenção do que habitualmente. Catherine nunca quis mais conforto do que antes, e ele parecia estar ciente disso.

A noite se passou sem nenhum abatimento a esta refrescante polidez, e seus espíritos se ergueram gradualmente para uma tranquilidade modesta. Ela não sabia como esquecer e nem defender o que tinha se passado, mas tinha esperança de que nunca se espalhasse, e de que, talvez, isso pudesse não custar toda a consideração de Henry. Estando seus pensamentos ainda fixados no que ela, com tanto terror, sem fundamento, tinha sentido e feito, tudo estaria esclarecido tão logo se fosse uma ilusão voluntária e criada por ela mesma, se cada insignificante circunstância não recebesse informações de uma imaginação baseada em alarme. Tudo foi forçado a se inclinar a um propósito por uma mente que, antes de adentrar na abadia, tinha sido cravada a ficar assustada. Ela se lembrava com quais sentimentos tinha se preparado para conhecer Northanger. Ela via que a paixão tinha sido criada, o engano estabelecido, muito antes de deixar Bath, e parecia como se tudo pudesse ser traçado à influência daquele tipo de leitura à qual ela havia se entregado.

Encantadores como eram todos os trabalhos da senhora Radcliffe, e encantadores mesmo como eram os trabalhos de todos os seus imitadores, não estavam neles, talvez, o que a natureza humana, pelo menos nos condados em Midland, na Inglaterra, deveria buscar. Dos Alpes e dos Pireneus, com seus pinheirais e seus vícios, eles podiam dar uma fiel delineação. A Itália, a Suíça e o sul da França poderiam ser fartos em horrores, como eram representados. Catherine não ousava duvidar além de seu próprio país, e mesmo dele, se

duramente pressionada, cederia às extremidades norte e oeste. Mas, na parte central da Inglaterra, certamente haveria alguma segurança mesmo para a existência de uma esposa não amada, nas leis da terra e nos modos do tempo. O assassinato não era tolerado, criados não eram escravos, e nem venenos ou poções de dormir eram solicitados, como o ruibarbo, para qualquer químico. Entre os Alpes e os Pireneus, talvez não existissem personagens promíscuos. Lá, não haveria ninguém tão manchado quanto um anjo que pudesse ter as disposições de um demônio. Mas, na Inglaterra, não era assim. Entre os ingleses, ela acreditava, em seus corações e em seus hábitos, havia uma mistura geral, se bem que desigual, entre bons e maus. Com esta convicção, ela não se surpreenderia se mesmo em Henry e em Eleanor Tilney alguma pequena imperfeição pudesse, então, surgir. Por esta convicção, ela não precisaria temer algumas verdadeiras manchas no caráter do pai deles, o qual, embora absolvido das repulsivas e insultantes suspeitas que ela sempre se envergonharia de ter acalentado, ela acreditava, depois de séria consideração, não era perfeitamente amigável.

Tendo se decidido sobre esses vários assuntos, e tomado sua resolução de sempre julgar e agir com o maior bom senso, ela nada mais tinha a fazer senão se perdoar e ser mais feliz do que nunca. A leniente mão do tempo lhe fez muito com as imperceptíveis gradações do decorrer do dia seguinte. A surpreendente generosidade e a nobreza da conduta de Henry em nunca aludir, de modo algum, ao que tinha se passado eram de grande ajuda para ela. Mais rápido do que ela supunha ser possível ao começo de sua agonia, seu humor se tornou absolutamente confortável e capaz, como até então, de contínua melhora por tudo o que ele dizia. Ainda havia alguns assuntos, de fato, sob os quais acreditava que deveria tremer, como a menção de um cofre ou de um armário, por exemplo; e ela não gostava da visão de laquê em nenhum formato, mas concederia que, em um momento ocasional de passadas fantasias, embora doloroso, não ficaria sem uso.

As ansiedades da vida comum logo se sucederam às preocupações do romance. Seu desejo de saber como estava Isabella crescia a cada dia. Ela estava muito impaciente para saber como o mundo de Bath ia e como eram frequentados os salões. Em especial, estava ansiosa pela certeza de Isabella ter encontrado um pouco de bom algodão para coser, para o qual ela tinha deixado seu intento, e ter continuado em bons termos com James. Sua única confiança de informação de qualquer tipo estava em Isabella. James tinha protestado em escrever para ela até que voltasse para Oxford, e a senhora Allen não tinha lhe dado esperança alguma de carta até que retornasse para Fullerton. Mas Isabella prometeu e prometeu de novo. Quando ela prometia algo, era tão escrupulosa em cumprir! Isso tornava o caso tão particularmente estranho!

Por nove sucessivas manhãs, Catherine se surpreendeu com a repetição

de um desapontamento, o que tornava mais severa cada manhã. Porém, na décima, quando ela adentrou na sala de desjejum, seu primeiro objeto era uma carta, a qual era segurada pela mão caridosa de Henry. Ela lhe agradeceu tão sinceramente como se ele mesmo a tivesse escrito. “É de James, apenas”, enquanto olhava ao remetente. Ela a abriu. Era de Oxford, e com este propósito:

Querida Catherine,

Embora, Deus saiba, com pouca vontade de escrever, acho que é meu dever lhe contar que tudo terminou entre a senhorita Thorpe e eu. Deixei-a, e deixei Bath, ontem, para nunca mais vê-los novamente. Não entrarei em detalhe. Eles apenas a machucarão mais. Logo você saberá o bastante, de outra parte, para saber quem culpar. Espero que você isente seu irmão de tudo, além da fantasia de pensar tão facilmente que sua afeição fosse retribuída. Graças a Deus! Meus olhos se abriram em tempo! Mas foi um duro golpe! Depois que o consentimento de meu pai foi dado tão bondosamente... mas, nada mais sobre isso. Ela me fez triste para sempre! Escreva-me logo, querida Catherine. Você é minha única amiga. Sobre seu amor eu me apoio. Desejo que sua visita a Northanger termine antes que o capitão Tilney comunique seu noivado, ou você passará por constrangimentos. O pobre Thorpe está na cidade. Temo vê-lo. Seu honesto coração sentiria muito. Escrevi para ele e para meu pai. A traição dela me machucou mais do que tudo. Até o último minuto, se eu pensasse com ela, ela se declarava tão ligada a mim como nunca, e ria de meus medos. Tenho vergonha em pensar por quanto tempo suportei isso, mas se algum homem tivesse motivos para se acreditar amado, eu seria este homem. Não posso compreender ainda agora o que ela pretendia, pois não haveria necessidade de brincar comigo para lhe assegurar Tilney. Separamo-nos, finalmente, de mútuo acordo. Feliz estaria eu se nunca nos encontrássemos! Não posso esperar nunca conhecer outra mulher igual! Querida Catherine, cuidado como você dá seu coração. Acredite em mim etc.

Catherine mal tinha lido três linhas, antes da súbita mudança de feição, e curtas exclamações de magoadas surpresas declaravam que ela tinha recebido desagradáveis notícias. Henry, observando-a fixamente durante a carta inteira, viu claramente que ela tinha terminado nada melhor do que começado. Porém, foi impedido sequer de olhar para sua surpresa, por causa da entrada de seu pai. Seguiram imediatamente ao café da manhã, mas Catherine mal podia comer qualquer coisa. Lágrimas enchiam seus olhos e corriam pelo seu rosto enquanto ela se sentava. A carta estava em um momento em suas mãos, então, em seu colo, e depois, em seu bolso. Ela parecia sem saber o que fazer. O general, entre

seu chocolate e seu jornal, por sorte, não tinha tempo para notá-la, mas, para os outros dois, sua agonia era igualmente visível. Assim que ela deixou a mesa, correu para seu quarto, mas as criadas estavam ocupadas nele, e ela foi forçada a descer novamente. Ela se voltou para a sala de estar, pela privacidade, mas Henry e Eleanor se retiraram igualmente para lá, e estavam, naquele momento, em profundas consultas sobre ela. Ela se retirou, tentando obter o perdão deles, mas foi, com gentil violência, forçada a voltar. Os outros saíram, depois de Eleanor afetuosamente expressar seu desejo de lhe ser útil ou confortá-la.

Depois de se entregar livremente ao pesar e à reflexão por meia hora, Catherine se sentiu em condições de estar com seus amigos, mas se ela deveria contar sua agonia a eles, era outra consideração. Talvez, se perguntada com minúcias, ela pudesse dar uma ideia, apenas uma deixa distante, porém, nada mais. Expor uma amiga, uma amiga tal como Isabella foi para com ela, e então, o próprio irmão deles, tão intimamente envolvido nisso! Ela acreditava que deveria evitar o assunto completamente. Henry e Eleanor estavam sozinhos na sala de desjejum. Cada um, assim que ela entrou, olhou para ela com ansiedade. Catherine ocupou seu lugar à mesa e, depois de um curto silêncio, Eleanor disse, “Espero que não tenha recebido nenhuma má notícia de Fullerton. O senhor e a senhora Morland – seus irmãos e irmãs – espero que nenhum deles esteja doente”.

“Não, obrigada”, suspirando enquanto falava. “Estão todos muito bem. Minha carta era de meu irmão em Oxford”.

Nada mais foi dito por alguns minutos. E, então, falando por meio de suas lágrimas, ela acrescentou, “não acho que desejarei outra carta novamente!”

“Ela continha algo pior do que qualquer um poderia supor! Pobre James, tão infeliz! Vocês logo saberão o porquê”.

“Ter uma irmã tão generosa e tão afetuosa”, replicou Henry calorosamente, “deve ser um conforto para ele sob qualquer problema”.

“Tenho um favor a pedir”, disse Catherine, logo depois, de maneira agitada, “que, se seu irmão vier para cá, vocês me avisem antes, para que eu possa partir”.

“Nosso irmão! Frederick!”

“Sim; estou certa de que sentiria muito em deixá-los tão rápido, mas algo aconteceu que faria estar na mesma casa que o Capitão Tilney muito difícil para mim”.

Eleanor suspendeu seu trabalho enquanto olhava com crescente surpresa. Mas Henry começou a suspeitar a verdade, e algo em que se incluiu o nome da senhorita Thorpe passou pelos seus lábios.

“Como você é rápido!”, exclamou Catherine: “você adivinhou, eu declaro! E, ainda, quando conversamos sobre isso em Bath, você mal pensou que terminaria assim. Isabella... sim, agora não me surpreendo que não tenha me

escrito, abandonou meu irmão e irá se casar com o de vocês! Você acreditaria que houve tanta inconstância e instabilidade e tudo o que é ruim no mundo?”

“Espero, no que diz respeito ao meu irmão, que você esteja mal informada. Espero que ele não tenha tido nenhuma participação material no desapontamento do senhor Morland. Seu casamento com a senhorita Thorpe não é provável. Acho que, até agora, você está enganada. Lamento muito pelo senhor Morland. Lamento que qualquer um que você ame esteja infeliz, mas minha surpresa seria maior com Frederick casando-se com ela, do que com qualquer outra parte da história”.

“Porém, isso é bem verdade. Leia você mesmo a carta de James. Aqui. Eis uma parte...” , lembrando-se, com um corar, a última linha.

“Você se incomoda em ler para nós as passagens que se relacionam ao meu irmão?”

“Não, leia você mesmo”, exclamou Catherine, com pensamentos novos e mais claros. “Não sei o que passou pela minha cabeça” – corando novamente por ter corado antes – “James apenas deseja me dar um bom conselho”.

Ele recebeu animado a carta e, tendo-a lido inteira com forte atenção, devolveu-a dizendo, “Bom, se é para ser assim, apenas posso dizer que lamento. Frederick não será o primeiro homem a escolher uma esposa com menos senso do que sua família esperava. Não invejo a situação dele, tanto como um enamorado quanto como um filho”.

A senhorita Tilney, por um convite de Catherine, agora lia a carta da mesma maneira e, tendo também expressado sua preocupação e sua surpresa, começou a perguntar pelas conexões e pela fortuna da senhorita Thorpe.

“Sua mãe é de um bom tipo de mulher”, foi a resposta de Catherine.

“O que era o pai dela?”

“Um advogado, acho. Vivem em Putney”.

“Eles são uma família rica?”

“Não, não muito. Não acho que Isabella tenha alguma fortuna, mas isso não tem valor para sua família. Seu pai é tão liberal! Ele me disse, um dia desses, que apenas valorizava o dinheiro que o permitisse promover a felicidade de seus filhos”. O irmão e a irmã se entreolharam. “Mas”, disse Eleanor depois de uma curta pausa, “seria para promover a felicidade dele, capacitar a casar com tal garota? Ela deve ser uma sem princípios, ou não teria usado seu irmão assim. E como é estranho! Uma paixão do lado de Frederick! Uma garota que, diante de seus olhos, está violando um noivado que ela começou voluntariamente com outro homem! Não é inconcebível, Henry? Frederick também, que sempre ostentou seu coração tão orgulhosamente! Que não encontrou mulher boa o suficiente para ser amada!”

“Esta é a circunstância menos promissora, a mais forte presunção

contra ele. Quando penso em suas declarações passadas, eu desisto dele. Além do mais, tenho uma boa opinião sobre a prudência da senhorita Thorpe para supor que ela se separaria com um cavalheiro, antes que o outro estivesse garantido. Está tudo acabado com Frederick também! Ele é um morto. Um defunto de compreensão. Prepare-se para sua cunhada, Eleanor. Tal cunhada que você terá muito prazer! Franca, cândida, inocente, sincera, com afeições fortes, porém simples, sem formar ambições e sem saber disfarçar”.

“Com tal cunhada, Henry, eu teria muito prazer”, disse Eleanor com um sorriso.

“Mas, talvez”, observou Catherine, “embora ela tenha se comportado tão mal com a nossa família – observou Catherine –, ela possa se comportar melhor com a sua. Agora que ela tem de fato o homem que ela quer, ela pode ser constante”.

“De fato, temo que ela será”, replicou Henry; “temo que ela seja muito constante, a menos que um barão passe pelo caminho dela; esta é a única chance de Frederick Pegarei o jornal de Bath e verei as chegadas”.

“Você acha que é tudo pela ambição, então? E, com a minha palavra, há algumas coisas que se parecem com isso. Não posso esquecer que, quando ela primeiro soube o que meu pai faria por eles, ela ficou bem desapontada por não ter sido mais. Nunca fui tão enganada sobre o caráter de uma pessoa em minha vida, antes”.

“Entre a grande variedade que você conheceu e estudou”.

“Meu próprio desapontamento e minha perda com ela são muito grandes. Mas, quanto ao próprio James, suponho que ele dificilmente se recupere disso”.

“Seu irmão está certamente se lamentando muito agora, mas não devemos, na preocupação pelos sofrimentos dele, desvalorizar os seus. Você sente, suponho, que ao perder Isabella, você perca metade de si mesma. Você sente um vazio em seu coração que nada mais pode ocupar. A companhia se torna irritante. Quanto às diversões as quais você se habituou em Bath, a própria ideia delas, sem ela, é abominável. Você não iria, por exemplo, a um baile por nada neste mundo. Você sente que não tem mais amigas com quem possa conversar abertamente, ou possa confiar alguma consideração, ou, ainda, em qualquer dificuldade, possa contar. Você sente tudo isso?”

“Não”, disse Catherine, depois de pensar por alguns momentos, “não sinto. Deveria? Para dizer a verdade, embora esteja machucada e magoada, ainda que eu não possa amá-la, que eu nunca mais saiba dela e, talvez, nunca mais a veja novamente, não me sinto tão aflita o quanto alguém pode pensar”.

“Você sente, como sempre, que é mais coisa da natureza humana. Tais sentimentos devem ser investigados para que se possa conhecê-los”.

Catherine, por algum acaso, descobriu seu humor tão aliviado por esta

conversa que não se arrependeria por ter sido levada, embora tão irresponsavelmente, a mencionar a circunstância que a tinha causado.

CAPÍTULO 26

A partir daquele momento, o assunto foi frequentemente tratado pelos três jovens. Catherine descobriu, com alguma surpresa, que seus dois amigos concordavam perfeitamente em considerar o desejo de Isabella por importância e fortuna, como se estivessem lançado grandes dificuldades no caminho do casamento com o irmão deles. Estavam convencidos de que o general, baseado apenas nisso, independentemente da objeção que poderia ser colocada contra o caráter dela, iria se opor ao casamento, e isso influenciou seus sentimentos, deixando-a mais preocupada ainda consigo mesma. Ela era tão insignificante e talvez tão mal aquinhoadada, quanto Isabella. Se o herdeiro das propriedades dos Tilney não tivesse grandeza e fortuna o bastante consigo mesmo, a quais pontos de interesse eram as exigências de seu irmão mais novo quanto ao resto? As próprias reflexões às quais isto levava poderiam ser apenas dispersas por uma confiança no efeito daquela particular parcialidade, a qual, como se deu a ela compreender pelas palavras dele, assim como por suas ações, ela foi, desde o começo, tão afortunada a excitar, em geral. Pela lembrança de alguns dos mais generosos e desinteressados sentimentos sobre o tema financeiro, o qual ela o ouviu expressar mais de uma vez, ela tentava pensar apenas que sua disposição sobre estes assuntos eram incompreendidos pelos seus filhos.

Estavam todos tão convencidos, porém, de que o irmão deles não teria coragem de pedir pessoalmente o consentimento de seu pai, e tão repetidamente eles lhe asseguraram que nunca na vida ele deveria vir a Northanger, quanto no presente momento, que isto fez com que sua mente se tranquilizasse, quanto à necessidade de partir abruptamente. Mas como não se deveria supor que o capitão Tilney, quando fizesse seu pedido, daria ao seu pai uma ideia exata da conduta de Isabella, Catherine achou, como altamente necessário, que Henry explicasse ao pai todo o caso como o era de fato, possibilitando ao general, assim, formar uma opinião fria e imparcial, e preparar suas objeções em bases mais honestas do que pela desigualdade de situações. Ela assim lhe propôs, mas ele não adotou o plano tão ansiosamente quanto ela tinha esperado. “Não”, disse ele, “as mãos de meu pai não precisam ser fortalecidas, e a confissão da fantasia de Frederick não precisa ser antecipada. Ele deve contar sua própria história”.

“Ele contará apenas metade dela”.

“Um quarto já será o bastante”.

Um ou dois dias se passaram sem trazer notícias do capitão Tilney. Seu irmão e sua irmã não sabiam o que pensar. Às vezes, parecia que o silêncio deles era o resultado natural do noivado suspeito, e em outros momentos, era a total incompatibilidade com isso. O general, no meio tempo, embora ofendido a cada manhã pela negligência de Frederick em escrever, estava livre de qualquer verdadeira ansiedade com relação a ele e não tinha maior preocupação do que

aquela em fazer a estada da senhorita Morland, em Northanger, passar mais agradavelmente. Ele frequentemente expressava sua intranquilidade com o assunto; temia a mesmice da companhia diária e das ocupações que a fariam desgostosa com o lugar; desejava que Lady Frasers estivesse no campo; falava de vez em quando em ter um grande grupo para o jantar e, por uma ou duas vezes, começou mesmo a calcular o número de jovens dançarinos na vizinhança. Porém, era um tempo tão morto no ano. Nada de caça às aves, ou de caça alguma, e as Lady Frasers não estavam no campo. E tudo terminou, quando ele disse a Henry, em uma manhã, que, quando ele fosse da próxima vez a Woodston, eles o visitariam de surpresa algum dia ou outro, e comeriam um carneiro com ele. Henry ficou muito honrado e feliz, e Catherine ficou deveras prazerosa com o plano. “E quando acha, senhor, que eu posso esperar por este prazer? Devo estar em Woodston na segunda-feira para comparecer à reunião da paróquia e, provavelmente, serei obrigada a permanecer por dois ou três dias”.

“Bem, bem, arriscaremos em algum destes dias. Não precisamos agendar. Você não precisa se incomodar muito. Que seja aquilo que você tiver em sua casa, estaremos de acordo. Acho que posso responder pelas jovens damas, que nos satisfaremos com uma mesa de solteiro. Deixe-me ver. Segunda-feira será um dia ocupado para você, então não iremos na segunda. Terça-feira será um dia ocupado para mim. Espero pelo meu pesquisador de Brockham com seu relatório pela manhã. Depois, não posso, pela decência, não comparecer ao clube. Realmente não poderia encarar meus conhecidos se me mantivesse distante agora, pois, como sabem que eu estou no campo, isso seria excessivamente indevido. É uma regra para mim, senhorita Morland, nunca ofender qualquer um de meus vizinhos, se um pequeno sacrifício de tempo e atenção puder ser evitado. Eles são um grupo de homens muito digno. Recebem uma pequena pensão de Northanger por duas vezes ao ano. Eu janto com eles sempre que posso. Terça-feira, portanto, podemos dizer que está fora de questão. Mas, na quarta-feira, eu acho, Henry, que você poderá nos esperar. Devemos estar com você bem cedo, para que tenhamos tempo de nos cuidar. Suponho que duas horas e 45 minutos nos levarão até Woodston. Devemos embarcar na carruagem às 10 horas, assim, perto de meio-dia e quarenta e cinco, na quarta, você poderá no aguardar”.

Um próprio baile não teria sido mais bem recebido por Catherine do que esta pequena excursão, tanto era seu desejo de conhecer Woodston. Seu coração ainda transbordava de alegria quando Henry, cerca de uma hora depois, de botas e de sobretudo, foi até a sala onde ela e Eleanor se sentavam e disse, “Venho, jovens damas, com uma sugestão bem moralizadora, a observar que nossos prazeres neste mundo sempre devem ser pagos, e que nós frequentemente os adquirimos a um alto preço, dando já uma felicidade verdadeira e já paga por um esboço de futuro, a qual não possa ser honrada. Sou minha própria

testemunha, nesta presente hora. Por mais que o tempo ruim, ou vinte outras causas, possam impedi-los, devo esperar pela satisfação de vê-los em Woodston, na quarta-feira, no entanto devo partir imediatamente, dois dias antes do que eu queria”.

“Ir embora!”, disse Catherine com o rosto bem contrariado. “E por quê?”

“Ora! Como você pode perguntar isso? Porque não há tempo a perder em assustar minha velha governanta a ponto de ela perder o humor, porque devo ir e preparar um jantar para vocês, estejam certas”.

“Oh! Não está falando sério!”

“Ah, e com tristeza também, pois bem que eu queria ficar”.

“Mas como você pode pensar em tal coisa, depois do que o general disse? Quando ele tão particularmente desejou não lhe dar qualquer problema, porque qualquer coisa serviria”.

Henry apenas sorriu. “Estou certo de que é bem desnecessário, pela minha irmã e por mim. Você deve saber que é assim. O general deixou bem claro que você não deve providenciar nada de extraordinário. Além disso, se ele não tivesse dito metade do que disse, sendo que ele sempre tem um jantar tão excelente em casa, sentar-se em um jantar mais humilde, por um dia, não faria nenhuma diferença”.

“Queria pensar como você, pelo bem dele e o meu próprio. Adeus. Como amanhã é domingo, Eleanor, não deverei voltar”.

Ele saiu. Sempre sendo uma operação muito mais simples para Catherine duvidar de seu próprio julgamento do que o de Henry, ela logo foi obrigada a lhe dar crédito por estar certo, embora fosse desagradável para ela que ele partisse. Mas a impossibilidade de explicar a conduta do general se deteve muito nos pensamentos dela. Que ele fosse detalhista com sua alimentação, ela tinha, pela sua própria independente observação, já descoberto. Mas por que ele deveria dizer uma coisa tão clara e dar a entender outra, durante o tempo todo, era o mais inexplicável! Como as pessoas deveriam, desta forma, ser compreendidas? Quem, além de Henry, poderia estar ciente do que seu pai queria dizer?

De sábado a quarta, portanto, deveriam ficar sem Henry. Este foi o triste final de cada reflexão: a carta do capitão Tilney certamente chegaria em sua ausência e, quarta-feira, ela tinha certeza de que estaria úmido. O passado, o presente e o futuro estavam igualmente sombrios. Seu irmão, tão infeliz, e a perda da amizade com Isabella, tão grande. E o humor de Eleanor sempre afetado pela ausência de Henry! O que havia para interessá-la ou entretê-la? Ela estava cansada de árvores e arbustos, sempre tão rápidos e tão secos. E a própria abadia não era mais para ela do que qualquer outra casa. A dolorosa lembrança da fantasia que a ajudou a nutrir e a aperfeiçoar era a única emoção que poderia

nascer de uma consideração sobre o prédio. Que revolução em suas ideias! Ela que tanto ansiou por estar em uma abadia! Agora, não havia nada tão encantador na imaginação dela, quanto o desprezioso conforto de uma casa paroquial bem planejada, algo como Fullerton, porém melhor. Fullerton tinha suas falhas, mas Woodston, talvez, nenhuma. Se a quarta-feira pudesse chegar!

E ela chegou, exatamente quando deveria ser racionalmente esperada. Chegou e estava ótima, e Catherine passeava sobre o ar. Às 10 horas, a carruagem levou as duas da abadia. Depois de um agradável passeio de quase 32 quilômetros, eles adentraram em Woodston, uma grande e populosa vila, em uma situação nada desagradável. Catherine estava envergonhada em dizer como achou a vila bonita, enquanto o general parecia achar necessário se desculpar pela planura do campo e pelo tamanho da vila. Mas, em seu coração, ela preferia este lugar a qualquer outro em que já estivera, e olhava com grande admiração a cada aconchegante casa acima da classificação de cabana, e em todas as pequenas lojas de velas pelas quais passavam. Na ponta extrema da vila, e razoavelmente separado de todo o resto, ficava o presbitério, uma casa de pedras portentosa e recém-construída, com sua curva semicircular e portões verdes. Enquanto seguiam até a porta, Henry, com os amigos de sua solidão, um grande filhote newfoundland e dois ou três terriers, estava pronto para recebê-los e ficar com eles.

A mente de Catherine estava tão repleta, enquanto entrava pela casa, para que observasse ou falasse muita coisa. Quando chamada pelo general para dar sua opinião sobre a casa, ela mal tinha ideia do cômodo em que estava. Olhando ao redor, então, ela percebeu, em um momento, que era o cômodo mais confortável no mundo. Mas ela era muito reservada para dizer isso, e a frieza de seu elogio o desapontou.

“Não estamos a chamando de uma boa casa”, ele disse. “Não estamos a comparando com Fullerton ou Northanger. Estamos considerando como um mero presbitério, pequeno e confinado, mas o concedemos como decente, talvez, e habitável, em seu todo, porém não inferior ao que se tem por aí. Em outras palavras, acredito que haja poucos presbitérios na Inglaterra que, nem pela metade deste, sejam tão bons. Pode ser que precise de melhoras, porém. Longe de mim dizer o contrário. Qualquer coisa em razão, um arco quebrado, talvez, embora, entre nós, se há algo mais que outro que desperte minha aversão, é um arco remendado”.

Catherine não ouviu o bastante deste discurso para compreender ou ser molestada por ele. Outros assuntos sendo meticulosamente abordados e sustentados por Henry, ao mesmo tempo em que uma bandeja cheia de refrescos era levada pelo seu criado, fizeram com que o general logo retornasse a sua complacência, e Catherine, a toda sua habitual tranquilidade de humor.

O cômodo em questão era de um tamanho confortável e bem

distribuído, e finamente decorado como uma sala de jantar. Ao deixá-lo para caminhar pelos arredores, primeiro, em um pequeno cômodo, pertencendo peculiarmente ao dono da casa, e extraordinariamente limpo para a ocasião e, depois, no que deveria ser a sala de estar – com a aparência de uma, embora desmobiada – Catherine gostou o suficiente para satisfazer o general. Era uma sala de formato bonito, as janelas dando para os arredores e a vista por elas agradável, embora apenas para bosques verdes. Ela expressava sua admiração, no momento, com toda a honesta simplicidade com que ela a sentia. “Oh! Porque você não decora este cômodo, senhor Tilney? Que pena não tê-lo decorado! É a sala mais bonita que já vi; é a mais bela sala no mundo!”

“Confio”, disse o general, com um sorriso muito satisfeito, “que será rapidamente mobiliada. Espera apenas pelo gosto de uma dama!”

“Bem, se fosse minha casa, eu nunca me sentaria em qualquer outro lugar. Oh! Que doce cabaninha entre as árvores. Também macieiras! É a mais bela cabana!”

“Se você gosta, se você a aprova como um objeto, é o bastante. Henry, lembre-se de falar com Robinson sobre ela. A cabana permanece”.

Tal elogio trouxe de volta toda a consciência a Catherine e a silenciou imediatamente. Embora evidentemente solicitada pelo general a dar sua escolha da cor predominante do papel e das cortinas, nada como uma opinião sobre o assunto pôde ser arrancado dela. A influência dos novos objetos e do ar fresco, porém, foi de grande utilidade para dissipar estas constrangedoras associações. Tendo chegado à parte ornamental da casa, o que consistiu em uma caminhada ao redor de dois lados de um bosque, no qual o gênio de Henry tinha começado a agir há meio ano, ela estava suficientemente recuperada para achá-lo mais belo do que qualquer jardim em que estivera antes, embora não houvesse um arbusto nele mais alto do que o banco verde ao canto.

Um passeio por outros bosques e por parte da vila, com uma visita aos estábulos para examinar alguns cavalos melhores, e uma encantadora brincadeira com alguns filhotes, os quais eram capazes de rolar ao chão, levaram-nos até às quatro horas, quando Catherine mal pensava que poderiam ser três. Às quatro deveriam jantar, e às seis, ir embora. Nunca um dia passou tão rápido!

Ela não podia deixar de observar que a abundância do jantar não parecia criar a menor surpresa ao general. Não que ele mesmo estivesse olhando à mesa de lado pelo rosbife que não estava lá. As observações de seu filho e de sua filha eram de tipos diferentes. Eles raramente o tinham visto comer tão vigorosamente em qualquer mesa, além da dele própria, e nunca o viram tão pouco incomodado por a manteiga derretida estar oleosa.

Às seis horas, tendo o general tomado seu café, a carruagem novamente os recebeu. Tão gratificante foi o tom de sua conduta por toda a

visita, tão bem certa estava sua mente sobre o assunto de suas expectativas que, pudesse ela sentir-se igualmente confiante dos desejos de seu filho, Catherine teria deixado Woodston com pouca ansiedade sobre o como e o quando ela poderia retornar para lá.

CAPÍTULO 27

A manhã seguinte trouxe a seguinte carta inesperada de Isabella:

Bath, abril:

Minha querida Catherine, recebi suas duas bondosas cartas com o maior prazer, e receba mil desculpas por não tê-las respondido mais cedo. Realmente estou envergonhada de minha ociosidade, mas, neste lugar horrível, pode-se encontrar tempo para nada. Tive minha pena na mão para começar uma carta para você quase todos os dias desde que você deixou Bath, mas sempre fui impedida por alguma coisinha tola ou outra. Por favor, escreva-me rapidamente e diretamente para minha casa. Graças a Deus, partimos deste lugar vil amanhã. Desde que você foi embora, não tive prazer aqui. O pó supera a tudo. E todo mundo com quem nos importamos se foi. Acredito que se eu pudesse vê-la, não deveria me importar com o resto, pois você é mais querida para mim do que qualquer um pode conceber. Estou bem intranquila com seu querido irmão, não tendo notícias dele desde que voltou para Oxford. Estou temerosa de algum erro de entendimento. Seus bons serviços ajustarão tudo. Ele é o único homem que eu sempre amei e eu confio que você o convença disso. As modas da primavera estão parcialmente caídas e os chapéus são os mais assustadores que você poderia imaginar. Espero que passe seu tempo agradavelmente, mas temo que nunca pense em mim. Não direi tudo o que poderia sobre a família com quem você está, porque não serei maldosa, ou não a colocaria contra aqueles que você estima. Mas é muito difícil saber em quem confiar e os jovens homens nunca sabem o que querem por dois dias seguidos. Fico contente em dizer que o jovem rapaz que, entre todos os outros, eu mais abomino deixou Bath. Você saberá, por esta descrição, que me refiro ao capitão Tilney, o qual, como você pode lembrar, estava surpreendentemente disposto a me seguir e a me provocar, antes de você ir embora. Ele ficou pior depois e bem que se tornou minha sombra. Muitas garotas teriam cedido, pois nunca teriam tais atenções, mas eu conheço o sexo instável muito bem. Ele partiu para seu regimento há dois dias, e confio que nunca serei aborrecida por ele novamente. Ele é a maior soberba que já vi e surpreendentemente desagradável. Ele esteve sempre ao lado de Charlotte Davis nos dois últimos dias. Lamentei seu gosto, mas não dei atenção a ele. A última vez em que nos encontramos foi na Bath Street, e entrei diretamente em uma loja para que ele não pudesse falar comigo. Nem mesmo eu olharia para ele. Depois, ele foi para a casa de bombas, mas eu não o segui por nada deste mundo. Que contraste entre ele e seu irmão! Por favor, mande-me notícias sobre o último. Estou bem infeliz com ele. Ele parecia tão desconfortável quando foi embora, com uma febre ou algo que afetava seu humor. Eu mesma escreveria para ele, mas não encontro seu endereço. Como dei a entender acima, não quero que ele pense que algo de minha conduta tenha sido inadequada. Por favor, explique tudo para satisfazê-lo.

Ou se ele ainda tiver alguma dúvida, uma linha dele mesmo para mim, ou uma visita em Putney quando estiver na cidade, poderia acertar tudo. Não fui aos salões nessa fase, nem ao teatro, exceto na noite passada, com os Hodges, por uma brincadeira, a meio preço. Levaram-me a isso. Fui determinada para que não pensassem que me tranquei porque Tilney se foi. Aconteceu de que me sentei ao lado dos Mitchell e eles fingiram estar bem surpresos em me ver sair. Conheço a maldade deles. Em um momento não podiam ser educados comigo, mas agora são todos amigos. Porém não sou tão tola a ponto de ser enganada por eles. Você sabe que tenho um humor muito bom. Anne Mitchell tentou colocar um turbante como o meu, igual ao que eu usava na semana anterior ao concerto, mas fez um mau trabalho com ele. Aconteceu de fazer meu rosto ficar estranho, acredito, pelo menos Tilney assim me disse na ocasião, e disse que todos os olhos estavam sobre mim, mas ele é o último homem de quem eu consideraria a palavra. Não uso nada mais do que púrpura agora. Sei que fico horrível nele, mas não importa. É a cor favorita de seu irmão. Não perca tempo, minha querida, minha doce Catherine, em escrever para ele e para mim. Que sempre estará etc.

Tal pressão de raso artifício não poderia se impor mesmo sobre Catherine. Suas inconsistências, contradições e falsidade a atingiram desde o início. Ela estava envergonhada mesmo por ter a amado. Suas juras de união eram agora tão desgostosas quanto suas desculpas eram vazias, e suas exigências, insolentes. “Escrever para James por ela! Não, James nunca ouvirá o nome de Isabella mencionado novamente.”

Com a chegada de Henry, de Woodston, ela lhe comunicou e a Eleanor a segurança do irmão deles, felicitando-os com sinceridade por isso, e lendo em voz alta as passagens mais significativas da carta dela com forte indignação. Quando ela terminou, exclamou, “Tanto por Isabella e por toda a nossa intimidade! Ela deve achar que sou idiota, ou não poderia ter escrito isso. Mas, talvez, isso tenha servido para fazer seu caráter melhor conhecido para mim do que o meu para ela. Vejo o que ela tramou. Ela é uma paqueradora vã e seus truques não funcionaram. Não acredito que ela tenha tido alguma consideração por James ou por mim, e queria nunca tê-la conhecido”.

“Logo será como se você nunca tivesse”, disse Henry.

“Há apenas uma coisa que não entendo. Vejo que ela tinha planos para o capitão Tilney, os quais falharam. Mas não entendo o que o capitão Tilney tinha em mente esse tempo todo. Por que ele deveria dar tantas atenções a ela, a ponto de fazê-la brigar com meu irmão, e então ele mesmo ir embora?”

“Tenho muito pouco a dizer sobre os motivos de Frederick, tais como acredito que foram. Ele tem suas vaidades, assim como a senhorita Thorpe tem as dela; a grande diferença é que, tendo ele mais argúcia, estas ainda não o feriram. Se a consequência do comportamento dele não lhe oferece explicação, melhor não buscarmos a causa”.

“Então você não supõe que ele realmente tenha se importado com ela?”

“Estou convencido de que ele nunca se importou”.

“E apenas fez crer se importar, por puro engano?”

Henry indicou sua concordância.

“Bem, então devo dizer que não gosto nem um pouco dele. Embora tudo tenha acabado tão bem para nós, não gosto dele nem um pouco. Como se passou, e nenhum mal foi feito, não acho que Isabella tenha algum coração a perder. Mas suponha que ele a tenha feito se apaixonar por ele?”

“Mas primeiro devemos supor que Isabella tenha tido um coração a perder. Consequentemente, ela teria sido uma criatura bem diferente, e nesse caso, ela deveria ter recebido um tratamento bem diferente”.

“É muito justo que você fique ao lado de seu irmão”.

“E se você ficasse do lado do seu, não ficaria tão incomodada pelo desapontamento da senhorita Thorpe. Mas sua mente está distorcida pelo princípio inato da integridade geral e, portanto, não está acessível ao frio pensamento da parcialidade familiar, ou de um desejo de vingança”.

Catherine foi salva de maior amargura. Frederick não podia ser imperdoavelmente culpado, embora Henry o tenha pintado tão agradável. Ela decidiu não responder a carta de Isabella e tentou não mais pensar nisso.

CAPÍTULO 28

Logo depois disso, o general se viu obrigado a ir até Londres por uma semana. Ele deixou Northanger, lamentando sinceramente por qualquer necessidade que o roubasse, mesmo por uma hora, da companhia da senhorita Morland, e ansiosamente recomendando o estudo de seu conforto e diversão para seus filhos, como o principal objetivo na ausência dele. Sua partida deu a Catherine a primeira convicção prática de que uma perda pode ser, às vezes, um ganho. A felicidade com que o tempo deles agora se passava, cada ocupação voluntária, cada risada solta, em cada jantar uma cena de tranquilidade e bom humor, caminhando por onde queriam e quando queriam, suas horas, prazeres e cansaços, ao comando deles mesmos, tudo isso a fez inteiramente ciente quanto ao controle que a presença do general lhes impunha, e muito grata ao sentir a presença dos dois irmãos, livre do pai. Tal tranquilidade e tais prazeres a fizeram amar o lugar e as pessoas mais e mais, a cada dia. Se não fosse a apreensão de não ser igualmente amada por um, e pelo terror de logo ter de deixar a outra, ela teria, a cada momento de cada dia, sido perfeitamente feliz. Mas ela estava agora na quarta semana de sua visita. Antes de o general voltar para casa, a quarta semana estaria findada, e talvez parecesse uma intrusão se ela ficasse por mais tempo. Esta era uma consideração dolorosa, sempre que lhe ocorria. Ansiosa por se livrar de tal peso em sua mente, ela logo decidiu falar com Eleanor sobre isso de uma vez, propor ir embora e ser guiada pela conduta dela, conforme o modo com que sua proposta fosse recebida.

Ciente de que, se desse muito tempo, ela sentiria dificuldade em tocar em um assunto tão desagradável, Catherine aproveitou a primeira oportunidade de estar repentinamente sozinha com Eleanor, estando esta no meio de uma conversa sobre algo bem diferente, para adiantar sua obrigação de ir embora em breve. Eleanor a olhou e se declarou bem preocupada. Ela “esperava pelo prazer de sua companhia por muito mais tempo, mas se enganou (talvez pelos seus desejos) em supor que uma visita bem mais longa fosse prometida, e não podia deixar de pensar que, se o senhor e a senhora Morland soubessem do prazer que era, para ela, tê-la ali, eles seriam muito generosos em não apressar seu retorno”. Catherine explicou: “Oh! Quanto a isso, papai e mamãe não tinham pressa alguma. Enquanto ela estivesse feliz, eles sempre estariam satisfeitos”.

“Então por que, posso perguntar, há tanta pressa em nos deixar?”

“Oh! Porque eu já fiquei aqui por muito tempo”.

“Não, se você pode usar tal palavra, não lhe pedirei mais. Se você acha que é muito...”

“Oh! Não, não acho de forma alguma. Pelo meu próprio prazer, eu poderia ficar o mesmo tanto novamente”. E foi imediatamente acertado que, até que ela fosse obrigada, sua partida não seria sequer considerada. Por ter esta

causa de intranquilidade tão agradavelmente dissipada, a força de outra igualmente se enfraqueceu. A bondade e a sinceridade dos modos de Eleanor em pressioná-la a ficar, e o olhar grato de Henry ao saber que a permanência dela estava decidida, eram tais doces provas da sua importância para eles, como depositar nela tanta consideração, quanto a mente humana nunca poderia ficar tranquila, se não a tivesse. Ela acreditava, quase sempre, que Henry a amava e, quase sempre, que seu pai e sua irmã a amavam também e mesmo queriam que ela pertencesse a eles. Acreditando a este ponto, suas dúvidas e seus anseios eram apenas irritações travessas.

Henry não pôde obedecer à ordem de seu pai de permanecer o tempo inteiro em Northanger, acompanhando as damas durante sua ausência em Londres, pois os compromissos de seu pároco, em Woodston, obrigaram-no a deixá-las, no sábado, por duas noites. Sua perda não era, agora, como teria sido se o general estivesse em casa. Diminuiu a alegria, mas não destruiu o conforto. As duas garotas, concordando em ocupação e aproximando a intimidade, descobriram que se bastavam tanto naquele momento – eram onze horas, uma hora bem tardia na abadia –, antes de deixarem a sala de jantar, no dia da partida de Henry. Tinham acabado de chegar ao fim da escada, quando pareceu, tanto quanto a espessura das paredes permitiria julgar, que uma carruagem se dirigia para a porta e, o momento seguinte, confirmou a ideia pelo alto ruído da sineta de entrada. Depois que a primeira perturbação de surpresa se passou em um “Pelos céus! O que pode ser?”, foi-se rapidamente intuído por Eleanor que seria seu irmão mais velho, cuja chegada era frequentemente abrupta, senão tão irracional e, de acordo, ela desceu apressadamente para recebê-lo.

Catherine foi para o seu quarto, tomando a resolução – tanto, quanto podia – de travar relações com o capitão Tilney, consolando a si mesma pela desagradável impressão que a conduta dele tinha lhe causado, convencida de que certamente ele seria um fino cavalheiro para aceitá-la, e que, ao fim, eles não deveriam, sob nenhuma circunstância, se encontrar, pois tal encontro se tornaria substancialmente doloroso. Ela confiava que ele nunca mencionaria a senhorita Thorpe. De fato, enquanto ele estivesse envergonhado do papel que interpretara, não poderia haver perigo quanto a isso. Enquanto todas as menções às cenas de Bath fossem evitadas, ela achava que poderia se comportar muito educadamente para com ele. Em tais considerações, passou-se o tempo, e era certamente por causa do irmão que Eleanor estava tão feliz e tinha tanto a dizer, pois quase meia hora tinha se passado desde sua chegada, e Eleanor não tinha subido.

Naquele momento, Catherine pensou ouvir os passos dela na galeria, e esperou sua continuidade, mas tudo era silêncio. Mal, porém, ela tinha se convencido da fantasia de seu erro, quando o barulho de algo se movendo próximo à sua porta a fez se assustar. Parecia como se alguém estivesse tocando a porta e, em outro momento, um leve movimento da fechadura provou que

alguma mão deveria estar sobre ela. Ela tremeu um pouco com a ideia de alguém se aproximando tão cuidadosamente, mas, resolvida a não ser dominada novamente por triviais aparências de alarme, ou enganada por uma imaginação exacerbada, ela deu um passo tranquilo e abriu a porta. Eleanor e apenas Eleanor estava lá. O humor de Catherine, porém, ficou tranquilo por apenas um instante, pois o rosto de Eleanor estava pálido, e seus modos, muito agitados. Embora evidentemente querendo entrar, parecia ser um esforço adentrar ao quarto, e um ainda maior falar, uma vez lá dentro. Catherine, supondo alguma intranquilidade por causa do capitão Tilney, e apenas expressando sua preocupação por uma silenciosa atenção, obrigou-a a se sentar, esfregou sua têmpora com água de lavanda e se sentou ao seu lado com afetuosa solicitude. “Minha querida Catherine, você não deve, de fato, não deve”, foram as primeiras palavras concatenadas por Eleanor. “Estou muito bem. Esta bondade me distrai – não posso suportá-la – venho até você com tal missão!”

Missão! Para mim!”

“Como devo lhe contar! Oh! Como devo lhe contar!”

Uma nova ideia então se lançou através da mente de Catherine e, ficando tão pálida quanto sua amiga, ela exclamou, “É um mensageiro de Woodston!”

“De fato, você está errada”, devolveu Eleanor, olhando para ela com muita compaixão. “Não é ninguém de Woodston. É meu próprio pai”. Sua voz lhe faltou e seus olhos caíram ao chão enquanto mencionava seu nome. Seu retorno inesperado era, por si só, de fazer murchar o coração de Catherine e, por alguns momentos, ela mal supôs que houvesse algo pior a ser dito. Ela não disse nada. Eleanor, tentando se recompor e falar com firmeza, mas com os olhos ainda baixos, logo prosseguiu. “Você é muito boa, estou certa, para pensar o pior de mim por causa do papel que sou obrigada a executar. De fato, sou uma mensageira bem indesejável. Depois do que se passou ultimamente, do que acertamos ultimamente, de modo tão alegre, tão grato de meu lado, sobre você continuar aqui, como eu esperava, por muitas, muitas semanas mais, como posso lhe dizer que sua bondade não pode ser aceita, e que a felicidade que sua companhia até agora nos deu deve ser retribuída, mas não devo confiar em mim mesma com as palavras. Minha querida Catherine, devemos nos separar. Meu pai se lembrou de um compromisso que exige a saída de toda nossa família na segunda-feira. Devemos ir à casa de Lorde Longtown, próximo a Hereford, por uma quinzena. Explicações e desculpas são igualmente impossíveis. Não posso tentar nenhuma delas”.

“Minha querida Eleanor”, exclamou Catherine, reprimindo seus sentimentos tão bem quanto podia, “não devemos ficar agoniadas. Um segundo compromisso deve dar sequência ao primeiro. Lamento muito, muito, pela nossa separação, tão rápida, e tão abrupta também, mas não ofendida, de fato que não.

Posso encerrar minha visita aqui, você sabe, a qualquer tempo. Ou espero que você me visite. Você pode, quando voltar desse lorde, ir até Fullerton?”

“Não estará em meu poder, Catherine”.

“Vá quando puder, então”.

Eleanor não respondeu e Catherine, recorrendo em seus pensamentos a algo mais imediatamente interessante, acrescentou, pensando alto, “Segunda, tão rápido como segunda. E todos vocês irão. Bem, estou certa de que serei capaz de me despedir. Não preciso ir até quase você partir, você sabe. Não se incomode, Eleanor, posso partir segunda muito bem. Que meu pai e minha mãe não saibam disso é de pequena monta. O general enviará um criado comigo, ousou dizer, até a metade do caminho e, então, logo estarei em Salisbury e, depois, a apenas quase 15 quilômetros de casa”.

“Ah, Catherine! Fosse isso assim ajustado, seria um pouco menos intolerável, embora por tais comuns atenções você teria recebido apenas metade do que deveria. Mas, como posso lhe dizer? Sua despedida está marcada para amanhã de manhã, e nem mesmo a hora você pode escolher. A carruagem foi solicitada e estará aqui às 7 horas e nenhum criado lhe foi oferecido”.

Catherine sentou-se, sem respirar e sem falar. “Mal pude acreditar em meus sentidos, quando ouvi isso. Nenhum desprazer, nenhum ressentimento que você possa sentir neste momento, embora justamente grande, pode ser maior que o meu próprio, mas não devo falar o que eu senti. Oh! Se eu pudesse sugerir qualquer coisa para aliviar! Bom Deus! O que dirão seu pai e sua mãe! Depois de tirá-la da proteção de amigos verdadeiros para isso! Quase o dobro da distância de sua casa! Ter você levada daqui, sem mesmo as considerações de decente educação! Querida, querida Catherine, ao ser a portadora de tal mensagem, pareço eu mesma culpada por todo este insulto. Ainda confio que você me absolverá, pois você esteve o bastante nesta casa para ver que sou uma patroa apenas no nome, que meu poder real é nada”.

“Eu ofendi o general?”, disse Catherine, com uma voz débil.

“Ah! Pelos meus sentimentos como filha, tudo o que sei, tudo o que posso responder é que você não lhe deu nenhuma causa justa de ofensa. Ele certamente está muito, muito descomposto. Raramente eu o vi assim. Seu temperamento não está feliz, e algo ocorreu para agitá-lo a um grau incomum. Algum desapontamento, alguma irritação que, justo neste momento, parece importante, mas que eu mal posso supor se você está envolvida, pois como é possível?”

Era com dor que Catherine podia falar, e era apenas pelo bem de Eleanor que ela tentou. “Estou certa”, ela disse, “que lamento muito se eu o ofendi. Era a última coisa que eu teria feito de bom grado. Mas não fique triste, Eleanor. Um compromisso, você sabe, deve ser mantido. Apenas lamento que não tenha sido lembrado antes, para que eu pudesse ter escrito para casa. Mas

isso não importa”.

“Eu espero, sinceramente espero que, para sua real segurança, isso não seja nada. Mas, para tudo o mais, é de grande consequência: ao conforto, aparência, propriedade, para sua família, para o mundo. Estivessem seus amigos, os Allen, ainda em Bath, você poderia voltar com eles com relativa tranquilidade. Em poucas horas você estaria lá, mas uma jornada de praticamente 113 quilômetros, a ser tomada por correio, na sua idade, sozinha, desacompanhada!”

“Oh, a jornada não é nada. Nem pense nisso. E se devemos nos separar, poucas horas antes ou depois, você sabe, não faz diferença. Posso estar pronta às 7 horas. Faça com que eu seja chamada em tempo”. Eleanor viu que ela queria ficar sozinha; e, acreditando ser melhor para cada uma que elas evitassem qualquer outra conversa, a deixou com “Eu lhe verei pela manhã”.

O coração dolorido de Catherine necessitava de alívio. Na presença de Eleanor, a amizade e o orgulho tinham igualmente contido suas lágrimas mas, assim que ela se foi, elas jorraram em torrentes. Dispensada da casa, e de que maneira! Sem nenhum motivo que pudesse justificar, sem desculpa que pudesse reparar a brusquidão, a rudeza, a insolência. Henry longe, nem mesmo capaz de se despedir dela. Cada esperança, cada expectativa por ele em suspenso, pelo menos, e quem poderia dizer por quanto tempo? Quem poderia dizer quando se veriam novamente? E tudo isso por tal homem como o general Tilney, tão polido, tão educado e, até então, tão particularmente apaixonado por ela! Isso era tão incompreensível quanto constrangedor e triste. De tudo o que isso poderia sugerir, e aonde isso poderia chegar eram considerações de igual perplexidade e preocupação. A maneira como isso foi feito foi tão rudemente grosseira, apressando sua despedida, sem nenhuma referência à própria conveniência dela, ou lhe permitindo mesmo a aparência de escolha quanto ao tempo ou modo de sua viagem. De dois dias para o quanto antes a ser marcado, e quase na primeira hora do dia, como se tivesse decidido a tê-la distante antes de se espreguiçar pela manhã, para que não fosse mesmo obrigado a vê-la. O que isso tudo poderia significar, além de uma afronta intencional? Por algum meio ou outro, ela teve o infortúnio de ofendê-lo. Eleanor quis poupá-la de uma ideia tão dolorosa, mas Catherine não acreditava ser possível que qualquer ofensa ou infortúnio poderia provocar tamanha má vontade contra uma pessoa não relacionada, ou, pelo menos, aparentemente não relacionada com ela.

A noite passou-se pesada. O sono, ou o repouso que merecia o nome de sono, estava fora de questão. Aquele quarto, no qual sua imaginação perturbada atormentou sua chegada, era novamente o cenário de mente agitada e descansos intranquilos. Como ainda era diferente a fonte de sua inquietude pelo que então tinha acontecido, e quão era melancolicamente superior em realidade e substância! Sua ansiedade era fundamentada em fatos, e seus medos, em probabilidade. Com uma mente tão ocupada na contemplação de males

verdadeiros e naturais, a solidão de sua situação, a escuridão de sua câmara e a idade do edifício eram sentidos e considerados sem a menor emoção. Embora o vento estivesse veloz e frequentemente produzindo estranhos e súbitos ruídos por toda a casa, ela os ouvia enquanto insone, hora após hora, sem curiosidade ou terror.

Logo depois das 6 horas, Eleanor entrou em seu quarto, ansiosa para mostrar atenção ou ajudar no que fosse possível, mas pouco restava a ser feito. Catherine não se demorou. Estava quase vestida e suas malas quase prontas. A possibilidade de alguma mensagem conciliadora do general lhe ocorreu quando sua filha apareceu. O que era mais natural, já que a ira deveria se dissipar e o arrependimento sucedê-la. Porém, ela apenas queria saber até que ponto, depois do que tinha se passado, uma desculpa seria apropriadamente recebida por ela. Mas o conhecimento teria sido inútil aqui. Isso não ocorreu. Nem clemência nem a dignidade se puseram à prova. Eleanor não trazia mensagem alguma. Pouco se passou entre elas durante o encontro. Cada uma encontrou mais segurança no silêncio, e poucas e triviais foram as frases trocadas enquanto permaneceram no quarto, com Catherine em ocupada agitação, completando suas vestes, e Eleanor, com mais boa vontade do que experiência, tentando encher o baú. Quando tudo estava pronto, deixaram o quarto, com Catherine apenas se demorando meio minuto atrás de sua amiga, pois lançou um olhar de despedida para cada objeto, querido e bem conhecido, e desceu para a sala de desjejum, onde o café da manhã era preparado. Catherine tentou comer, assim como se poupar da dor de ser levada a fazer sua amiga confortável, mas ela não tinha apetite e não poderia engolir muitas mordidas. O contraste entre este e seu último café da manhã, no dia anterior, naquela sala, dava-lhe nova tristeza, e fortalecia seu desgosto por tudo diante dela. Não foram nem 24 horas atrás desde que se encontraram para aquele mesmo repasto, mas em circunstâncias tão diferentes! Com que alegre tranquilidade, que feliz, porém falsa, segurança ela tinha então olhado ao seu redor, apreciando tudo no presente e temendo pouco no futuro, além de Henry ir para Woodston por um dia! Feliz, feliz desjejum! Pois Henry estava lá. Henry tinha se sentado ao seu lado e a tinha ajudado. Estas reflexões foram, por muito tempo, apreciadas sem perturbação de qualquer frase pela sua companheira, a qual se sentava tão imersa em seus pensamentos como ela mesma. E a aparição da carruagem foi a primeira coisa a despertar e a lembrá-las do presente momento. A cor de Catherine acendeu ao vê-la, e a indignidade com que foi tratada, atingindo-a naquele instante em sua mente, com força peculiar, a fez, por pouco tempo, sensível apenas ao ressentimento. Eleanor parecia agora empurrada a falar.

“Você tem de escrever para mim, Catherine”, ela exclamou; “você tem de me avisar tão logo quanto possível. Até que eu saiba que você está segura em casa, não terei uma hora de conforto. Pois uma carta, por todos os riscos,

todos os perigos, eu posso rogar. Deixe-me ter a satisfação de saber que você chegou segura em Fullerton e que encontrou sua família bem e, então, até que eu possa pedir para me corresponder com você, como deverei fazer, não esperarei mais. Envie para a casa de Lorde Longtown e, eu devo pedir, como se fosse para Alice”.

“Não, Eleanor, se você não está autorizada a receber uma carta de mim, estou certa de que é melhor não escrever. Não haverá dúvidas de que chegarei com segurança em casa”.

Eleanor apenas respondeu, “Não posso me surpreender com seus sentimentos. Não a importunarei. Confiarei na própria bondade de seu coração, quando estiver longe de você”. Mas isto, com o olhar de mágoa que acompanhava, foi o bastante para derreter o orgulho de Catherine em um momento, e ela imediatamente disse, “Oh, Eleanor, claro que escreverei para você”.

Havia ainda outro assunto que a senhorita Tilney estava ansiosa para acertar, embora um pouco embaraçada em mencionar. Ocorreu-lhe que depois de tão longa ausência de casa, Catherine poderia não ter dinheiro suficiente para os gastos da sua jornada e, ao dar deixas sobre isso com as mais afetuosas ofertas de acomodação, provou-se ser exatamente o caso. Catherine nunca tinha pensado no assunto até aquele momento, mas, ao examinar sua bolsa, ficou convencida de que se não fosse pela bondade de sua amiga, ela sairia da casa sem mesmo ter os meios para voltar; e o incômodo que ela teria tido, portanto, envolvendo as mentes das duas, fez com que mal trocassem outras palavras durante o tempo em que ficaram juntas. Curto, porém, foi este tempo. Logo se anunciou que a carruagem estava pronta. Catherine, ergueu-se instantaneamente; um longo e afetuoso abraço substituiu a linguagem, ao se despedirem. Enquanto adentravam o corredor, Catherine, incapaz de deixar a casa sem mencionar aquele cujo nome ainda não tinha sido falado por ambas, parou um momento e, com trêmulos lábios, apenas fez inteligível que ela deixava “sua terna lembrança pelo amigo ausente”. Mas esta aproximação ao nome dele terminou com qualquer possibilidade de conter seus sentimentos. Escondendo seu rosto tão bem quanto podia, com seu lenço, ela correu através do corredor, pulou para a carruagem e, em um momento, afastou-se da porta.

CAPÍTULO 29

Catherine estava muito triste para ser temerosa. A jornada em si não a atemorizou e ela começou, sem que Catherine temesse sua duração ou sentisse solidão. Apoiando-se no canto da carruagem, em um violento irromper de lágrimas, ela foi levada por alguns quilômetros além dos muros da abadia, antes de erguer sua cabeça. E o mais alto ponto dos arredores dentro do parque estava quase oculto de sua visão, antes que ela fosse capaz de voltar seus olhos para lá. Infelizmente, a estrada em que agora viajava era a mesma que, há apenas dez dias, ela tinha transcorrido tão feliz, indo e voltando de Woodston. E, por quase 23 quilômetros, cada sentimento amargo se tornava mais severo pela lembrança dos objetos que ela viu pela primeira vez sob impressões tão distintas. Cada milha que a levava para mais perto de Woodston aumentava seus sofrimentos e, quando a menos de oito quilômetros de distância ela passou a curva que conduzia para lá, e com o pensamento em Henry, tão perto, e ainda tão inconsciente, sua tristeza e sua agitação foram excessivas.

O dia em que passou naquele lugar foi um dos mais felizes de sua vida. Foi ali, naquele dia, que o general fez uso de tais expressões com respeito a Henry e ela mesma, dando-lhe, daquele modo que falou e olhou, a mais certa convicção de querer realmente o casamento deles. Sim, apenas dez dias atrás ele a tinha glorificado pela sua acentuada consideração. Ele tinha mesmo a confundido pela sua deveras significativa referência! E agora, o que ela tinha feito, ou que se omitido a fazer, para merecer tamanha mudança?

A única ofensa contra ele da qual ela poderia se acusar era tão minimamente possível que chegasse ao seu conhecimento. Henry e o próprio coração dela eram muito particulares às chocantes suspeitas que ela tinha tão ociosamente acalentado e, igualmente segura, ela acreditava em seu segredo com ambos. Henry, pelo menos intencionalmente, não poderia traí-la. Se, de fato, por algum acidente, ou se pudesse ter descoberto o que ela ousava pensar e procurar de suas infundadas fantasias e ofensivos exames, ela não poderia se surpreender em grau algum com a indignação dele. Se ele estava ciente de que ela o viu como assassino, ela não poderia se admirar por ele mesmo a ter dispensado da casa. Mas uma justificativa tão cheia de tortura contra ela própria, ela confiava, não poderia estar no poder dele.

Ansiosa com todas as suas hipóteses sobre este assunto, ela não mais se demorou com elas. Havia um pensamento ainda mais próximo, uma preocupação mais forte e mais impetuosa. O que Henry pensaria, sentiria e veria, ao retornar no dia seguinte para Northanger e ouvir que ela se fora, era uma questão de força e de interesse para se erguer sobre todas as outras, a ser nunca findada, o que irritava e consolava Catherine, alternadamente. Às vezes, sugeria o terror de sua calma aceitação, em outras era respondida pela mais

doce confiança em seu arrependimento e ressentimento. Ao general, claro, ele não ousaria falar, mas para Eleanor... o que ele não poderia dizer a Eleanor sobre ela?

Nesta incessante sequência de dúvidas e perguntas, em qualquer artigo do qual sua mente seria incapaz de, mais do que momentaneamente, se deter as horas se passaram e sua viagem avançava bem mais rápida do que ela esperava. As prementes ansiedades de pensamento que a evitavam perceber qualquer coisa diante dela, somente os arredores de Woodston, poupavam-na, ao mesmo tempo, de observar seu progresso. Embora nenhum objeto na estrada pudesse atrair um momento de atenção, ela não achou nada entediante. Por isso, ela também foi preservada por outra causa, ao sentir nenhuma ansiedade pela conclusão de sua jornada. Retornar daquela maneira a Fullerton era quase destruir o prazer de se encontrar com aqueles que ela mais amava, mesmo depois de uma ausência como a dela, uma ausência de 11 semanas. O que ela tinha a dizer que não humilhasse a si mesma e machucasse sua família, que não aumentasse sua própria tristeza pela confissão disso, que prolongasse um inútil ressentimento e talvez envolvesse os inocentes com os culpados em uma abrangente má vontade? Ela nunca poderia fazer justiça aos méritos de Henry e de Eleanor. Ela sentia tudo muito fortemente para expressar. Por um desgosto ser tomado contra eles, ou por eles serem considerados desfavoravelmente, ou por causa do pai deles, isso a machucaria muito.

Com estes sentimentos, ela mais temia do que buscava a primeira visão daquele bem conhecido pináculo, o qual anunciaria estar a menos de 32 quilômetros de casa. Ela sabia que Salisbury era seu ponto ao deixar Northanger, mas, depois da primeira fase, ela estava em dívida com os carteiros pelos nomes dos lugares por onde deveriam conduzi-la, em razão de sua ignorância do caminho. Ela não encontrou nada, porém, a incomodar ou assustá-la. Sua juventude, seus modos educados e o livre pagamento atraíam para Catherine toda a atenção que uma viajante como ela poderia exigir. Parando apenas para trocar de cavalos, ela viajou por 11 horas sem acidente ou preocupação e, entre seis e sete horas, encontrou-se adentrando em Fullerton.

Uma heroína retornando, ao fim de sua carreira, a sua vila nativa, com todo o triunfo de uma reputação recuperada e toda a dignidade de uma condessa, com um longo encadeamento de nobres amigos em suas várias carruagens, e três amas em outra carruagem, atrás dela, era um evento o qual a pena da escritora poderia bem se deliciar ao se deter. Isso dá crédito a todo final, e a autora deveria compartilhar a glória que ela tão liberalmente proporciona. Mas meu caso é bem diferente. Levo minha heroína de volta a casa solitária e desgraçada, e nenhuma doce elação de espírito pode me levar aos detalhes. Uma heroína em uma carruagem alugada dos correios é tal golpe contra o sentimento, que nenhuma tentativa de grandeza ou paixão desmedida pode superar.

Rapidamente, portanto, deveria o carteiro conduzi-la pela vila, entre o olhar dos grupos dominicais, e, velozmente, ela deveria descer da carruagem.

Porém, seja qual fosse a agonia da mente de Catherine, enquanto ela assim avançava pelo presbitério, e seja qual fosse a humilhação de sua biógrafa ao relatar, ela estava preparando uma alegria de uma natureza incomum por aqueles a quem ela ia encontrar. Primeiro, na aparição de sua carruagem e, em segundo, nela mesma. A carruagem de um viajante, sendo uma rara visão em Fullerton, fez com que toda a família fosse imediatamente à janela. Ver que a carruagem parou no portão de entrada era um prazer a acender todos os olhos e a ocupar todas as fantasias, um prazer bem inesperado por todos, menos os dois filhos mais novos, um garoto de seis anos e uma garota de quatro, que esperavam um irmão ou uma irmã em qualquer carruagem. Feliz o relance que primeiro revelou Catherine! Feliz a voz que anunciou a descoberta! Mas se tal felicidade foi propriedade de direito de George e de Harriet, nunca pôde ser exatamente compreendido.

Seu pai, sua mãe, Sarah, George e Harriet, todos reunidos à porta para recebê-la com afetuosa ansiedade, era uma visão para despertar os melhores sentimentos do coração de Catherine. No abraço de cada, enquanto descia da carruagem, ela se descobria aliviada, além de tudo o que acreditava possível. Assim cercada, assim acariciada, ela era mesmo feliz! Na alegria do amor familiar, tudo, por um tempo, subjugou-se e, com o prazer de vê-la, deixando-os no início com pouco tempo para calma curiosidade, todos se sentaram ao redor da mesa de chá, a qual a senhora Morland apressou para o conforto da pobre viajante, cuja aparência pálida e esgotada logo atraíu sua atenção, antes de qualquer pergunta mais direta quanto a exigir uma resposta clara lhe fosse dirigida.

Relutantemente, e com muita hesitação, ela então começou com o que, talvez, ao fim de meia hora, poderia ser chamado, pela cortesia dos seus ouvintes, de explicação. Mas mal podiam, naquele momento, descobrir a causa ou juntar os detalhes de seu súbito retorno. Estavam longe de ser uma raça irritável. Longe de qualquer rapidez em compreender, ou amargura em ressentimentos a afrontas. Mas, aqui, quando tudo foi revelado, era um insulto não ser ignorado, nem, pela primeira meia hora, ser facilmente perdoado. Sem sofrer nenhuma preocupação romântica na consideração da longa e solitária jornada de sua filha, o senhor e a senhora Morland não poderiam deixar de sentir que poderia ser produtivo tanto desagrado para com ela. Era o que eles nunca poderiam a ter feito passar voluntariamente, e que, ao forçá-la a tal medida, o general Tilney não tinha agido nem honrável ou sentimentalmente, nem como um cavalheiro ou como um pai. O porquê de ele assim ter feito, o que o teria provocado a tal falta de hospitalidade, e tão subitamente inverter sua parcial consideração pela sua filha em verdadeira má vontade, eram perguntas que eles

estavam tão longe de adivinhar quanto a própria Catherine. Mas isso não os oprimia tanto, de modo algum. Depois de um devido decorrer de inúteis conjecturas, que “era um negócio estranho, e que ele deveria ser um homem muito estranho”, em muito aumentou a surpresa e a indignação deles. Embora Sarah, de fato, entregava-se às doçuras da incompreensão, exclamando e supondo com jovem ardor. “Minha querida, você se entrega em muito para um problema desnecessário”, disse sua mãe, por fim; “confie nisso, que não é algo que mereça compreensão”.

“Apenas concordo com ele querer que Catherine se fosse, ao se lembrar deste compromisso”, disse Sarah, “mas por que não fazer isso educadamente?”

“Lamento pelos jovens”, respondeu a senhora Morland; “eles devem ter tido horas bem tristes, mas quanto ao resto, não importa agora; Catherine está segura em casa, e nosso conforto não depende do general Tilney”, Catherine suspirou. “Bem”, continuou sua filosófica mãe, “estou feliz por ter sabido de sua viagem em tempo, mas, agora que tudo terminou, talvez não haja nenhum mal. É sempre bom para os jovens serem colocados em extremo esforço. Você sabe, minha querida Catherine, que você sempre foi uma triste criatura de pouco cérebro, mas agora você foi forçada a usar seu gênio, com tanta troca de carruagens e tal. Espero que você não tenha gasto além do que podia”.

Catherine também esperava e tentou sentir interesse em sua própria melhora, mas seu humor estava muito gasto. Como seu único desejo era ficar sozinha e em silêncio, ela prontamente concordou com o próximo conselho de sua mãe: de logo ir para a cama. Seus pais, não vendo nada na má aparência dela e em sua agitação, senão a consequência natural dos constrangidos sentimentos, e do esforço incomum e da fadiga de tal jornada, despediram-se de Catherine sem qualquer dúvida de que logo ela dormiria. Embora, quando se encontraram na manhã seguinte, sua recuperação não correspondeu às esperanças deles, ainda assim estavam perfeitamente sem suspeita de haver algum mal maior. Nunca pensaram no coração dela uma única vez, o que, para os pais de uma jovem dama de 17 anos, recém-egressa da primeira excursão longe de casa, era bem estranho!

Assim que o desjejum terminou, ela se sentou para cumprir sua promessa para com a senhorita Tilney, cuja confiança no efeito do tempo e da distância sobre a disposição de sua amiga já se justificava, pois Catherine já tinha se reprovado por ter se separado tão friamente de Eleanor, sem ter valorizado seus méritos ou bondade o bastante, e nunca ter lamentado com ela o bastante pelo que ela tinha suportado no dia anterior. A força destes sentimentos, porém, estava longe de ajudar sua pena. Nunca foi tão difícil para ela escrever do que endereçar para Eleanor Tilney. Compor uma carta que faria, de uma vez, justiça aos seus sentimentos e à sua situação, levar gratidão sem arrependimento servil,

estar protegida da frieza, e ser honesta sem ressentimento, uma carta que não machucaria Eleanor com sua leitura e, acima de tudo, que não a deixasse corada se Henry tivesse uma chance de ler, era uma tarefa a espantar todos os seus poderes de desempenho. Depois de muito pensar e muita perplexidade, ser bem breve foi tudo o que ela decidiu com toda a confiança da segurança. O dinheiro que Eleanor tinha emprestado também foi anexado com pouco mais do que agradecimentos e mil bons desejos de um coração bem afetuoso.

“Este foi um relacionamento estranho”, observou a senhora Morland quando a carta foi terminada; “logo feito e logo encerrado. Lamento que tenha sido assim, pois a senhora Allen os julgou ser um bom tipo de jovens. E você também está sem sorte com sua Isabella. Ah! Pobre James! Bem, vivendo e aprendendo. Espero que as próximas amigas que você fizer sejam mais dignas de manter”.

Catherine corou enquanto respondia calorosamente, “Nenhuma amiga pode ser mais digna de manter do que Eleanor”.

“Se é assim, minha querida, ousou dizer que vocês se encontrarão novamente uma hora ou outra. Não se desespere. Dez contra um que vocês se verão novamente no curso de poucos anos. E então, que prazer isso será!”

A senhora Morland não ficou feliz com sua tentativa de consolo. A esperança de um reencontro no decorrer de alguns anos colocaria apenas na cabeça de Catherine o que poderia acontecer, dentro daquele tempo, para fazer o encontro terrível. Ela não poderia esquecer Henry Tilney, ou pensar nele com menos ternura do que fazia no momento, mas ele poderia esquecê-la. Neste caso, encontrar. Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto ela imaginava sua amizade tão renovada. Sua mãe, percebendo que suas confortáveis ideias não tinham tido um bom efeito, propôs, como outro recurso para restaurar seu espírito, que visitassem a senhora Allen.

As duas casas eram separadas por apenas um quarto de milha e, enquanto caminhavam, a senhora Morland logo despachou tudo o que sentia em relação ao desapontamento de James. “Lamentamos muito por ele”, ela disse; “mas, por outro lado, não há mal em que o casamento tenha se desfeito, pois não seria algo desejável tê-lo comprometido com uma garota a quem não temos o menor relacionamento, e quem estava tão inteiramente sem fortuna. Agora, depois de tal comportamento, não poderemos pensar bem sobre ela. Neste momento, é bem difícil para o pobre James, mas isso não durará para sempre. Ouso dizer que ele será um homem mais judicioso por toda sua vida, depois da tolice da sua primeira escolha”.

Tal era a visão resumida do caso como Catherine escutava. Outra frase poderia arriscar sua gentileza e fazer sua resposta menos racional, pois logo seus poderes de raciocínio se afundaram na reflexão da sua própria mudança de sentimento e de humor desde que trilhou aquela bem conhecida estrada pela

última vez. Não se completaram três meses desde que, louca de alegre expectativa, ela tinha corrido para lá e para cá dez vezes ao dia, às vezes, com o coração leve, alegre e independente, esperando por prazeres inéditos e puros, livre da apreensão do mal pelo conhecimento dele. Há três meses, ela viu tudo isso, e agora, como ela voltava diferente!

Ela foi recebida pelos Allen com toda a bondade que sua aparição inesperada, agindo em firme afeição, naturalmente despertaria. Grande foi a surpresa deles, e calorosos seus desprazeres, ao saber como ela foi tratada, embora o relato da senhora Morland não fosse nenhuma representação exagerada ou um estudado apelo as suas paixões. “Catherine nos pegou bem de surpresa ontem à noite”, ela disse. “Ela viajou todo o caminho com o correio sozinha, sem saber que iria embora até a noite de sábado, pois o general Tilney, por alguma estranha fantasia, ou outro motivo, de repente se cansou de tê-la por lá, e quase a dispensou da casa. Pouco amigável, certamente. Ele deve ser um homem bem estranho, mas estamos tão felizes por tê-la entre nós de novo! É um grande conforto ver que ela não é uma pobre criatura inútil, mas que pode se virar muito bem sozinha”.

O senhor Allen se expressou na ocasião com o compreensível ressentimento de um sensível amigo, e a senhora Allen julgou suas expressões boas o suficiente para ser imediatamente usadas novamente por ela mesma. Sua surpresa, hipóteses e explicações vieram em seguida, com a adição deste único comentário, enchendo qualquer pausa acidental: “Eu realmente não tenho paciência com o general.” Esta frase foi repetida mais duas vezes depois que o senhor Allen deixou a sala, sem relaxar a ira ou alguma substancial digressão de pensamento. Um grau mais considerável de devaneio se juntou à terceira repetição e, depois de completar a quarta, ela imediatamente acrescentou, “Apenas pense, minha querida, eu consegui, antes de deixar Bath, que aquele grande rasgo em minha melhor renda [\[1\]](#) fosse tão encantadoramente costurado, o qual só se via com muita dificuldade. Devo lhe mostrar em algum dia desses. Bath é um ótimo lugar, Catherine, no fim das contas. Eu lhe asseguro que não gostei nem a metade de voltar. A senhora Thorpe estando lá foi de muito conforto para nós, não? Você sabe, nós estávamos um pouco isoladas no início”.

“Sim, mas isso não durou muito”, disse Catherine, com seus olhos brilhando com a lembrança do que primeiro tinha dado espírito a sua existência ali.

“Bem verdade: logo nos encontramos com a senhora Thorpe e, então, não queríamos mais nada. Minha querida, não acha que estas luvas de seda caem muito bem? Eu as coloquei pela primeira vez quando fomos conhecer os Salões Inferiores, você sabe, e eu as tenho usado muito desde então. Você se lembra daquela noite?”

“Lembro! Oh! Perfeitamente”.

“Foi muito agradável, não? O senhor Tilney bebeu chá conosco e sempre pensei muito nele, ele é muito agradável. Tenho uma lembrança de que você dançou com ele, mas não estou bem certa. Lembro que usava meu vestido favorito”.

Catherine não pôde responder. Depois de uma curta análise de outros assuntos, a senhora Allen novamente voltou a: “Realmente não tenho paciência com o general! Um homem tão agradável e digno ele parecia ser! Não suponho, senhora Morland, que você já tenha visto um homem tão educado em sua vida. Suas habitações foram ocupadas no mesmo dia em que ele as deixou, Catherine. Mas não me surpreende. Milson Street, você conhece”.

Enquanto caminhavam de volta para casa, a senhora Morland tentou imprimir na mente de sua filha a felicidade de ter aqueles firmes amigos – o senhor e a senhora Allen –, e a ínfima desconsideração que a negligência ou a maldade do leve relacionamento que os Tilney deveriam ter com ela, embora ela pudesse preservar a boa opinião e a afeição de seus amigos mais antigos. Havia muito bom senso nisso tudo. Mas há algumas situações da mente humana nas quais o bom senso tem muito pouco poder. Os sentimentos de Catherine contradiziam quase todas as posições que sua mãe afirmava. Era sobre o comportamento deste ínfimo relacionamento que toda a sua felicidade atual dependia. Enquanto a senhora Morland exitosamente confirmava suas próprias opiniões pela justiça de suas próprias representações, Catherine estava refletindo silenciosamente a respeito de que agora Henry deveria ter chegado em Northanger, agora ele deveria saber de sua partida, e agora, talvez, estivessem todos indo para Hereford.

[1] Tecido originário da cidade de Mechlin, na Bélgica.

CAPÍTULO 30

A disposição de Catherine não era naturalmente sedentária, nem seus hábitos tinham sido muito laboriosos, mas, fossem até então como eram seus defeitos deste tipo, sua mãe não poderia perceber agora, que em muito tinham se elevado. Ela não podia ficar sentada ou se ocupar por dez minutos, e já estava caminhando pelo jardim e pelo orquidário repetidamente, como se nada além do movimento fosse voluntário. Era como se ela pudesse vaguear pela casa tanto quanto permanecer entretida por qualquer tempo na sala de estar. A perda de seu humor era uma alteração ainda maior. Em seu divagar e ócio, ela podia ser apenas uma caricatura de si mesma, mas, em seu silêncio e tristeza, era bem o inverso de tudo o que tinha sido até então.

A senhora Morland permitiu que isso se passasse sem uma deixa mas, quando o descanso da terceira noite não restaurou sua alegria, nem melhorou sua atividade útil ou deu mais vontade para coser, ela não pôde mais se conter em dar uma gentil bronca, “Minha querida Catherine, temo que você esteja se tornando uma dama muito fina. Não sei quando as gravatas do pobre Richard serão feitas, se ele não tem outra amiga além de você. Sua cabeça está por demais em Bath, mas há um tempo para tudo, um tempo para bailes e teatro, e um tempo para o trabalho. Você se divertiu muito e agora você deve tentar ser útil”.

Catherine se entregou ao trabalho imediatamente, dizendo com voz deprimida que “sua cabeça não estava muito em Bath”.

“Então você está se preocupando com o general Tilney, e isso é muito simplório de sua parte, pois dez contra um se você o verá novamente. Você nunca deve se importar com ninharias”. Depois de um curto silêncio – “espero, minha Catherine, que você não esteja perdendo o humor com seu lar porque não é tão grandioso quanto Northanger. Que isso transforme sua visita em um mal, de fato. Você deve se contentar onde estiver, mas, especialmente no seu lar, porque é onde você passará a maior parte de seu tempo. Não gosto muito de ouvir, no café da manhã, você falar tanto sobre pães franceses em Northanger”.

“Estou certa de que não me importo muito com o pão. Dá tudo na mesma aquilo que eu como”.

“Há um ensaio muito bom em um dos livros lá em cima sobre tal tema, sobre jovens damas que foram mimadas em casa por uma grande amizade. The Mirror [1], acho. Procurarei por ele um dia desses, pois estou certa de que lhe fará muito bem”.

Catherine nada mais disse e, tentando fazer o certo, aplicou-se em seu trabalho, mas, depois de alguns minutos, afundou-se novamente, sem se aperceber disso ela própria, lânguida e desinteressadamente, movendo-se em sua cadeira, por causa da irritação do cansaço, muito mais frequentemente do que

movia sua agulha. A senhora Morland observava o progresso de seu relaxamento e, vendo no olhar ausente e insatisfeito de sua filha a prova integral daquele espírito amofinado, ao qual ela agora começava a atribuir a falta de alegria da filha, apressadamente deixou a sala para pegar o livro em questão, ansiosa em não mais perder tempo em atacar tão terrível doença. Levou algum tempo até que ela encontrasse o que procurava e, ocorrendo outras questões familiares para detê-la, quinze minutos se passaram antes que descesse as escadas com o esperado volume. Suas ocupações acima, tendo calado todo o barulho, além do que ela mesma fazia, impediram que soubesse que um visitante havia chegado nos últimos minutos, até que, ao entrar na sala, a primeira coisa que observou foi um jovem rapaz que ela nunca tinha visto antes. Com um olhar de muito respeito, ele ergueu-se imediatamente e, sendo-lhe apresentado como o “senhor Henry Tilney”, pela sua consciente filha, visivelmente constrangido, começou a se desculpar pela sua aparição ali, reconhecendo que, depois do que tinha se passado, ele tinha pouco direito de esperar uma boa recepção em Fullerton, e declarando sua impaciência em ser assegurado de que a senhorita Morland tivesse chegado em casa com segurança, como a causa de sua intrusão. Ele não se dirigiu a um implacável juiz ou um coração ressentido. Longe de incluí-lo ou sua irmã na falha de conduta de seu pai, a senhora Morland sempre esteve bondosamente disposta para com ambos e, instantaneamente satisfeita com sua presença, recebeu-o com as simples atribuições de sincera benevolência, agradecendo-lhe por tanta atenção pela sua filha, assegurando-lhe que os amigos de seus filhos sempre eram bem-vindos lá, e rogando-lhe a não dizer nenhuma outra palavra sobre o passado.

Ele não tinha má vontade em obedecer a este pedido, pois, embora seu coração estivesse muito aliviado por tal inesperada amabilidade, não estava, até aquele momento, em seu poder dizer qualquer coisa sobre o propósito. Voltando em silêncio a se sentar, portanto, ele permaneceu por alguns minutos respondendo, com muita educação, a todos os comuns comentários da senhora Morland sobre o clima e sobre as estradas. Enquanto isso, Catherine – a ansiosa, agitada, feliz e febril Catherine – não disse nada, mas seu reluzente rosto e seus olhos acesos fizeram sua mãe confiar que esta honesta visita, pelo menos, tranquilizaria seu coração por um tempo e, contente, ela deixou o primeiro volume de *The Mirror* para uma hora futura.

Desejando a ajuda do senhor Morland para encorajá-la a encontrar assunto com seu convidado, cujo pai ela podia sinceramente perdoar por ter causado embaraço, a senhora Morland tinha, bem antes, enviado um de seus filhos para chamá-lo, mas o senhor Morland não estava em casa e, estando assim sem sua assistência, ao final de quinze minutos ela nada tinha a dizer. Depois de um silêncio de um par de minutos, Henry, voltando-se para Catherine pela primeira vez, desde que sua mãe tinha adentrado, perguntou-lhe, com súbita

rapidez, se o senhor e a senhora Allen estavam, naquele momento, em Fullerton. Dentre toda a perplexidade dela nas palavras da resposta, o significado que uma curta sílaba teria dado, imediatamente expressou sua intenção de lhes prestar seu respeito e, corando-se, perguntou se ela não teria a bondade de lhe mostrar o caminho. “Você pode ver a casa por esta janela, senhor”, foi a informação dada por Sarah, o que produziu apenas uma reverência de reconhecimento por parte do cavalheiro e um meneio de silêncio de sua mãe. A senhora Morland, achando provável, como uma secundária consideração do seu desejo em visitar seus dignos vizinhos, que ele pudesse ter alguma explicação a dar sobre o comportamento de seu pai, e que lhe agradaria dizer apenas para Catherine, de maneira alguma impediu que ela o acompanhasse. Eles começaram sua caminhada, e a senhora Morland não estava totalmente enganada nos motivos dele por tal desejo. Ele tinha alguma explicação a dar sobre seu pai, mas seu primeiro propósito era o de explicar sobre ele mesmo e, antes que chegassem às adjacências do senhor Allen, ele fez isso tão bem que Catherine não achou que seria mesmo repetido muito frequentemente. Ela estava certa da afeição dele, e de que seu coração seria pedido em troca, o qual, talvez, ambos igualmente soubessem que já era totalmente dele. Embora Henry estivesse agora sinceramente ligado a ela, embora ele sentisse e se deliciasse com todas as excelências do caráter dela, e verdadeiramente amasse sua companhia, devo confessar que sua afeição se originava em nada melhor do que gratidão, ou, em outras palavras, que o convencimento da parcialidade dela por ele era a única causa de dar a ela um pensamento sério. É uma nova circunstância em romance, reconheço, e terrivelmente depreciativa da dignidade de uma heroína, mas, se for tão novo para a vida comum, o crédito de uma louca imaginação será, pelo menos, totalmente meu.

Foi uma visita muito curta à senhora Allen, na qual Henry falou aleatoriamente, sem sentido ou conexão, e Catherine, enlevada com a contemplação de sua própria inenarrável felicidade, mal abria seus lábios, dispensando-os ao êxtase de outra conversa em particular. E antes que se passasse ao final, ela era capaz de julgar o quanto ele tinha sido sancionado pela autoridade paternal em seu presente pedido. Em seu retorno de Woodston, dois dias antes, ele se encontrara, próximo à abadia, com seu impaciente pai; e fora apressadamente informado da partida da senhorita Morland, em termos irados, e ordenado a não mais pensar nela.

Tal era a permissão com a qual ele lhe tinha oferecido sua mão. A amedrontada Catherine, dentre todos os terrores da expectativa, enquanto ouvia este relato, não podia senão se regozijar com o bondoso cuidado com que Henry a poupava da necessidade de uma consciente rejeição, ao obter sua fé antes que ele mencionasse o assunto. Enquanto ele prosseguia com os detalhes, explicando os motivos da conduta de seu pai, os sentimentos dela logo se robusteceram a um

triumfante prazer. O general nada tinha para acusá-la, nada para apontá-la como culpada, nada além de ela ser o objeto de uma decepção involuntária e inconsciente, decepção a qual o orgulho dele não perdoaria, e que um orgulho melhor teria se envergonhado em reconhecer. Ela foi culpada apenas de ser menos rica do que ele supunha que ela fosse. Sob uma equivocada persuasão de suas posses e direitos, ele tinha cortejado seu relacionamento em Bath, solicitado sua companhia em Northanger e a querido como nora. Ao descobrir seu erro, dispensá-la de casa pareceu o melhor, embora fossem os sentimentos dele uma prova inadequada de seu ressentimento contra ela própria e de seu desprezo pela família dela.

O primeiro a enganá-lo foi John Thorpe. O general, percebendo que seu filho, em uma noite no teatro, estava prestando considerável atenção à senhorita Morland, perguntou corriqueiramente a Thorpe se ele sabia mais sobre ela do que seu nome. Thorpe, mais do que feliz por estar em condições de conversar com um homem da importância do general Tilney, foi alegre e orgulhosamente comunicativo. Estando, naquele tempo, não apenas na diátria expectativa de Morland noivar com Isabella, mas igualmente bem resolvido a se casar com Catherine, Thorpe foi levado pela sua vaidade a representar a família como ainda mais rica do que sua vaidade e avareza o tinha feito acreditar que fosse. Fosse quem fossem as pessoas com quem estivesse, ou provavelmente com quem fosse relacionado, sua própria importância sempre requeria que a deles fosse maior e, à medida que sua intimidade com qualquer amizade crescia, sua fortuna também. As expectativas de seu amigo Morland, portanto, primeiramente sobrevalorizada, tinha, desde que apresentado a Isabella, aumentado gradualmente. Por ter meramente acrescentado o dobro para a grandeza do momento, duplicado o que escolheu pensar sobre a promoção de Morland, triplicado sua fortuna pessoal, investido em uma tia rica e apagado metade dos filhos, ele foi capaz de representar toda a família com o mais respeitável aspecto ao general. Pois, para Catherine, o peculiar objeto da curiosidade do general, e de suas próprias especulações, ele ainda tinha mais em reserva, e as 10 ou 15 mil libras que seu pai poderia lhe dar seriam uma bela adição à propriedade do senhor Allen. A intimidade dela ali fez com que ele seriamente determinasse para ela um belo legado, dali em diante. E falar dela, portanto, como a quase reconhecida futura herdeira de Fullerton, naturalmente se seguiu. Com tais informações, o general avançou, pois nunca lhe ocorreu duvidar de sua veracidade. O interesse de Thorpe sobre a família, pela iminente conexão de sua irmã com um de seus membros, e suas próprias opiniões sobre a outra (circunstâncias das quais ele tinha se gabado com quase igual franqueza), pareciam testemunhas suficientes de sua veracidade. E a estes, juntaram-se os fatos absolutos de os Allen serem ricos e sem filhos, de a senhorita Morland estar sob os cuidados deles e, assim que sua amizade lhe permitiu julgar, de eles a

tratarem com bondade paternal. Sua decisão logo estava tomada. Ele já discernia um gostar da senhorita Morland, no rosto de seu filho e, agradecido pela informação do senhor Thorpe, ele quase imediatamente determinou não poupar esforços para enfraquecer seu apregoado interesse e em arruinar suas mais queridas esperanças. A própria Catherine não poderia estar mais alheia a tudo isso, naquele momento, do que Henry e Eleanor. Os dois, nada percebendo, na situação dela, plausível para obter o respeito particular de seu pai, viram atônitos a rapidez, a continuidade e a extensão de sua atenção. Embora, por algumas deixas que acompanharam um controle quase total do filho, em fazer tudo a seu alcance para se aproximar de Catherine, Henry estivesse convencido de que seu pai acreditava ser aquela uma conexão vantajosa, só foi na última explicação em Northanger, que eles tiveram alguma ideia das falsas maquinações com as quais ele tinha se apressado. Que eram falsas, o general soube da própria pessoa que as sugeriu, do próprio Thorpe, pois ele coincidentemente o encontrou novamente na cidade, e foi quem, sob a influência de sentimentos exatamente opostos, irritado pela recusa de Catherine, e ainda mais pela falha de uma recente tentativa de obter a reconciliação entre Morland e Isabella, convencido de que estavam separados para sempre, e rejeitando uma amizade que não mais lhe seria útil, apressou-se a contradizer tudo o que ele tinha dito antes, em benefício dos Morland, confessando ter se enganado totalmente sobre as circunstâncias e o caráter da família, iludido pela fanfarronice de seu amigo a acreditar que o pai dele era um homem de valor e de crédito, quando as transações das duas ou três últimas semanas lhe provaram não ser nem um nem outro. Depois de ansiosamente adiantar, em primeira mão, um casamento entre as famílias, com as mais liberais propostas, e ser levado ao assunto pela astúcia do contador, o general foi forçado a reconhecer a si mesmo como incapaz de dar aos jovens sequer um suporte decente. Era, de fato, uma família em necessidade, numerosa, de modo algum respeitadas em sua própria vizinhança, como ele teve, finalmente, oportunidades específicas de descobrir; almejando um estilo de vida que sua fortuna não poderia garantir; buscando melhorar sua situação por conexões mais ricas; um tipo de gente prepotente, arrogante, astuciosa.

O aterrorizado general pronunciou o nome de Allen com um olhar inquisitivo e, aqui também, Thorpe reconheceu seu erro. Os Allen, ele acreditava, viviam perto deles há muito tempo e ele conhecia o jovem rapaz a quem a propriedade de Fullerton deveria ser entregue. O general não precisava de mais nada. Enraivecido com quase todos no mundo, além dele mesmo, ele partiu no dia seguinte para a abadia, onde seus atos foram vistos.

Deixo aos meus leitores a sagacidade de determinar quanto disso tudo foi possível a Henry comunicar naquele momento a Catherine, quanto disso ele pôde descobrir de seu pai, em quais assuntos suas próprias hipóteses poderiam lhe ter ajudado, e o que ainda resta a ser dito por uma carta de James. Agreguei,

para o caso deles, o que eles devem dividir para o meu. Catherine, de qualquer forma, ouviu o suficiente para sentir que, ao suspeitar que o general Tilney pudesse assassinar ou prender sua esposa, pouco ela tinha pecado contra o caráter dele, ou aumentado sua crueldade.

Henry, por ter relatado tais coisas sobre seu pai, era quase tão perdoável quanto na primeira declaração deles a ele próprio. Ele corou pelo parecer imbecil que foi obrigado a expor. A conversa entre eles em Northanger tinha sido do tipo mais hostil. A indignação de Henry ao saber como Catherine tinha sido tratada, ao compreender as opiniões de seu pai e ser obrigado a sujeitar-se a elas, foi franca e ousada. O general, acostumado a cada ocasião comum em ditar a lei a sua família, preparou-se para nenhuma resistência, senão a do sentimento. Nenhum desejo adversário que ousasse se revestir de palavras poderia abortar a oposição de seu filho, firme como a sanção da razão e o ditame da consciência poderiam fazê-lo. Porém, em tal caso, sua ira, embora devesse chocar, não poderia intimidar Henry, pois este estava apoiado em seu propósito pela convicção de sua justiça. Ele se sentia unido, tanto pela honra quanto pela afeição, à senhorita Morland e, acreditando que o coração dela seria seu, ao qual ele tinha sido direcionado a conquistar, nenhuma indigna retração de um tácito consentimento, nenhum decreto de injustificável ira poderia balançar sua fidelidade ou influenciar as decisões a que isso levava.

Ele firmemente recusou-se a acompanhar seu pai até Herefordshire, um compromisso tomado quase no momento de se livrar de Catherine e, tão firme quanto antes, declarou sua intenção de pedi-la em casamento. O general se enfureceu e separaram-se, em terrível desacordo. Henry, em uma agitação mental que só poderia ser aplacada por muitas e solitárias horas, retornou imediatamente para Woodston e, na tarde do dia seguinte, começou sua jornada para Fullerton.

[1] A senhora Morland refere-se ao ensaio *Consequence to Little Folks of Intimacy with Great Ones* (Consequências aos inferiores da intimidade com superiores), escrito por Henry Mackenzie e publicado na edição número 12 do jornal *The Mirror*, datado de 6 de março de 1779, em Edimburgo.

CAPÍTULO 31

A surpresa do senhor e da senhora Morland com o pedido do senhor Tilney por seus consentimentos para se casar com sua filha foi, por alguns minutos, considerável, pois nunca entrou em suas cabeças uma suspeita de paixão de lado algum. Mas, como nada, afinal, poderia ser mais natural do que Catherine ser amada, eles logo souberam como considerá-lo, apenas com a feliz agitação de um orgulho satisfeito e, até o ponto em que eles se envolveram, não havia uma única objeção de início. Seus modos agradáveis e seu bom senso eram evidentes recomendações a ele mesmo. Nunca tendo ouvido nada de mal sobre ele, não lhes era possível supor que algo de ruim pudesse ser dito. Com a boa vontade substituindo a experiência, seu caráter não precisava de atestado. “Catherine seria uma triste e descuidada dona de casa, estou certa”, foi o comentário pressagioso de sua mãe, mas rápido foi o consolo de não haver nada como a prática.

Havia apenas um obstáculo, em resumo, a ser mencionado, mas, até que fosse removido, da parte deles, seria impossível sancionar o noivado. O temperamento deles era suave, mas seus princípios, firmes e, enquanto o pai dele proibisse tão claramente a união, eles não poderiam se permitir a encorajá-lo. Eles não eram refinados o suficiente para fazer qualquer exigência de demonstração, como o general se adiantar em solicitar a aliança ou que ele mesmo a aprovasse com ênfase, mas a decente aparência de consentimento teria de ser dada e, uma vez obtida – e os próprios corações deles confiavam que não seria, por muito tempo, negada –, a desejosa aprovação deles seria instantaneamente obtida. O consentimento dele era tudo o que desejavam. Eles não estavam mais inclinados do que capacitados a exigir seu dinheiro. De uma fortuna bem considerável seu filho estava, por acordos matrimoniais, consequentemente seguro. Sua renda atual era uma renda de independência e de conforto e, sob qualquer aspecto financeiro, era um casamento acima do que sua filha poderia pedir.

O jovem casal não poderia ficar surpreso com uma decisão como esta. Sentiram e lamentaram, mas não podiam se ressentir, e se separaram, tentando manter a esperança de que tal mudança no general, o que cada um acreditava quase impossível, poderia rapidamente ocorrer, para uni-los no todo de uma afeição privilegiada. Henry voltou ao que era agora seu único lar, para cuidar de suas jovens plantações e estender suas melhoras para o bem dela, com quem ele esperava ansiosamente compartilhar, e Catherine permaneceu em Fullerton, para chorar. Não iremos perguntar se as tormentas da ausência foram aliviadas por uma correspondência clandestina. O senhor e a senhora Morland nunca quiseram saber – tinham sido muito bondosos para exigir qualquer promessa. Sempre que Catherine recebia uma carta, o que, naquele momento, acontecia

com bastante frequência, eles sempre olhavam para o outro lado.

A ansiedade, que neste estado de paixão deveria ser a porção de Henry e de Catherine, e de todos que amavam a ambos, quanto ao seu evento final, mal pode se estender, temo, ao peito de meus leitores, os quais verão na reveladora condensação das páginas diante de si que estamos todos nos apressando juntos para a perfeita felicidade. O modo como seu casamento logo se efetuou pode ser a única dúvida: que provável circunstância poderia operar sobre um temperamento como o do general? O fato que prevaleceu, em grande parte, foi o casamento de sua filha com um homem de fortuna e importância, o que ocorreu no decorrer do verão – um acesso de dignidade que o lançou em um acesso de bom humor, do qual ele não se recuperou até depois que Eleanor obtivesse seu perdão a Henry, e sua permissão para que ele “fosse um tolo, se quiser!”.

O casamento de Eleanor Tilney, sua partida de todos os males de tal lar como Northanger, os quais foram causados pelo banimento de Henry, o lar de sua escolha e o homem de sua escolha, são eventos que espero dar satisfação geral entre todos os conhecidos dela. Minha própria alegria na ocasião foi muito sincera. Não conheço ninguém mais habilitado, por desprezioso mérito, ou melhor, preparado pelo sofrimento habitual, a receber e a apreciar a felicidade. Sua inclinação para com esse cavalheiro não era de origem recente. Ele apenas se conteve pela inferioridade de situação para se dirigir a ela. Seu acesso inesperado a um título e à fortuna removeu todas as suas dificuldades. O general nunca havia amado tanto sua filha em todas as suas horas de companhia, utilidade e paciente resistência, como quando ele primeiro cumprimentou sua filha por “Vossa Senhoria!” Seu marido realmente a merecia, independente de sua nobreza, sua riqueza e de sua paixão, sendo precisamente o mais encantador jovem rapaz no mundo. Qualquer outra definição de seus méritos é desnecessária. O mais encantador jovem rapaz no mundo está imediatamente diante da imaginação de nós todos. Com relação a este em questão, portanto, tenho apenas a acrescentar – ciente de que as regras da composição de uma trama proibem a introdução de um personagem não relacionado a minha fábula – que ele era o próprio cavalheiro, cujo negligente criado tinha se esquecido daquela coleção de contas de lavanderia, resultante de uma longa visita a Northanger, situação a qual minha heroína se envolveu em uma das suas mais alarmantes aventuras.

A influência do visconde e da viscondessa sobre o caso de seu irmão foi ajudada pela correta compreensão das circunstâncias, as quais, assim que o general se permitiu ser informado, eles estavam qualificados a dar. Isso lhe ensinou que ele tinha sido ligeiramente mais iludido pela primeira maledicência de Thorpe, sobre a riqueza da família, do que pelo subsequente e malicioso destruir dela; que em nenhum sentido da palavra eles eram necessitados ou pobres; e que Catherine teria 3 mil libras. Isto era uma correção tão substancial

de suas passadas expectativas que em muito contribuiu para suavizar a queda de seu orgulho. De modo algum era, sem efeito, a informação confidencial de que ele estava com algum problema em confirmar se a propriedade de Fullerton, estando inteiramente à disposição de seu proprietário atual, estava consequentemente lançada a toda ambiciosa especulação.

Impelido por isso, o general, logo após o casamento de Eleanor, permitiu que seu filho voltasse a Northanger, e aí o fez portador de seu consentimento, escrito de modo cortês, em uma página cheia de confissões vazias ao senhor Morland. O evento que tinha sido autorizado logo se seguiu: Henry e Catherine estavam casados, os sinos soaram e todos sorriram. Como isso ocorreu em um ano desde que se encontraram pela primeira vez, não parecerá, depois de todos os terríveis atrasos causados pela crueldade do general, que foram substancialmente feridos por ela. Para começar a perfeita felicidade, com as respectivas idades de 26 e 18, estava bastante conveniente. Professando-me mais ainda convencida de que a injusta interferência do general, longe de ser realmente danosa à felicidade deles, sendo, talvez, o que a conduziu, ao aumentar o conhecimento um do outro, e acrescentar força a sua paixão, deixo que seja determinado, a quem possa se interessar, se a tendência desta obra, em seu todo, é a de recomendar a tirania paterna ou a de compensar a desobediência filial.

FIM

UMA NOTA SOBRE O TEXTO

A Abadia de Northanger foi escrita de 1797 a 1798, sob outro título. O manuscrito foi revisado em 1803 e vendido a um editor de Londres, Crosbie & Co., que o revendeu em 1816. O texto da Signet Classic foi baseado na primeira edição, publicada por John Murray, em Londres, no ano de 1818 – o ano seguinte à morte da senhorita Austen. A gramática e a pontuação foram em grande medida adaptados ao uso moderno britânico.

NORTHANGER ABBEY

ADVERTISEMENT BY THE AUTHORESS TO NORTHANGER ABBEY

THIS little work was finished in the year 1803, and intended for immediate publication. It was disposed of to a bookseller, it was even advertised, and why the business proceeded no farther, the author has never been able to learn. That any bookseller should think it worth-while to purchase what he did not think it worth-while to publish seems extraordinary. But with this, neither the author nor the public have any other concern than as some observation is necessary upon those parts of the work which thirteen years have made comparatively obsolete. The public are entreated to bear in mind that thirteen years have passed since it was finished, many more since it was begun, and that during that period, places, manners, books, and opinions have undergone considerable changes.

CHAPTER 1

No one who had ever seen Catherine Morland in her infancy would have supposed her born to be an heroine. Her situation in life, the character of her father and mother, her own person and disposition, were all equally against her. Her father was a clergyman, without being neglected, or poor, and a very respectable man, though his name was Richard... and he had never been handsome. He had a considerable independence besides two good livings – and he was not in the least addicted to locking up his daughters. Her mother was a woman of useful plain sense, with a good temper, and, what is more remarkable, with a good constitution. She had three sons before Catherine was born; and instead of dying in bringing the latter into the world, as anybody might expect, she still lived on – lived to have six children more – to see them growing up around her, and to enjoy excellent health herself. A family of ten children will be always called a fine family, where there are heads and arms and legs enough for the number; but the Morlands had little other right to the word, for they were in general very plain, and Catherine, for many years of her life, as plain as any. She had a thin awkward figure, a sallow skin without colour, dark lank hair, and strong features – so much for her person; and not less unpropitious for heroism seemed her mind. She was fond of all boy's plays, and greatly preferred cricket not merely to dolls, but to the more heroic enjoyments of infancy, nursing a dormouse, feeding a canary-bird, or watering a rose-bush. Indeed she had no taste for a garden; and if she gathered flowers at all, it was chiefly for the pleasure of mischief – at least so it was conjectured from her always preferring those which she was forbidden to take. Such were her propensities – her abilities were quite as extraordinary. She never could learn or understand anything before she was taught; and sometimes not even then, for she was often inattentive, and occasionally stupid. Her mother was three months in teaching her only to repeat the “Beggar's Petition”; and after all, her next sister, Sally, could say it better than she did. Not that Catherine was always stupid – by no means; she learnt the fable of “The Hare and Many Friends” as quickly as any girl in England. Her mother wished her to learn music; and Catherine was sure she should like it, for she was very fond of tinkling the keys of the old forlorn spinnet; so, at eight years old she began. She learnt a year, and could not bear it; and Mrs. Morland, who did not insist on her daughters being accomplished in spite of incapacity or distaste, allowed her to leave off. The day which dismissed the music-master was one of the happiest of Catherine's life. Her taste for drawing was not superior; though whenever she could obtain the outside of a letter from her mother or seize upon any other odd piece of paper, she did what she could in that way, by drawing houses and trees, hens and chickens, all very much like one another. Writing and accounts she was taught by her father; French by her mother: her proficiency in

either was not remarkable, and she shirked her lessons in both whenever she could. What a strange, unaccountable character! – for with all these symptoms of profligacy at ten years old, she had neither a bad heart nor a bad temper, was seldom stubborn, scarcely ever quarrelsome, and very kind to the little ones, with few interruptions of tyranny; she was moreover noisy and wild, hated confinement and cleanliness, and loved nothing so well in the world as rolling down the green slope at the back of the house.

Such was Catherine Morland at ten. At fifteen, appearances were mending; she began to curl her hair and long for balls; her complexion improved, her features were softened by plumpness and colour, her eyes gained more animation, and her figure more consequence. Her love of dirt gave way to an inclination for finery, and she grew clean as she grew smart; she had now the pleasure of sometimes hearing her father and mother remark on her personal improvement. “Catherine grows quite a good-looking girl – she is almost pretty today,” were words which caught her ears now and then; and how welcome were the sounds! To look almost pretty is an acquisition of higher delight to a girl who has been looking plain the first fifteen years of her life than a beauty from her cradle can ever receive.

Mrs. Morland was a very good woman, and wished to see her children everything they ought to be; but her time was so much occupied in lying-in and teaching the little ones, that her elder daughters were inevitably left to shift for themselves; and it was not very wonderful that Catherine, who had by nature nothing heroic about her, should prefer cricket, baseball, riding on horseback, and running about the country at the age of fourteen, to books – or at least books of information – for, provided that nothing like useful knowledge could be gained from them, provided they were all story and no reflection, she had never any objection to books at all. But from fifteen to seventeen she was in training for a heroine; she read all such works as heroines must read to supply their memories with those quotations which are so serviceable and so soothing in the vicissitudes of their eventful lives.

From Pope, she learnt to censure those who
“bear about the mockery of woe.”

From Gray, that

“Many a flower is born to blush unseen,
“And waste its fragrance on the desert air.”

From Thompson, that

“It is a delightful task
To teach the young idea how to shoot.”

And from Shakespeare she gained a great store of information –

amongst the rest, that

“Trifles light as air,
Are, to the jealous, confirmation strong,
As proofs of Holy Writ.”
That,
“The poor beetle, which we tread upon,
In corporal sufferance feels a pang as great
As when a giant dies.”
And that a young woman in love always looks,
“like Patience on a monument
Smiling at Grief.”

So far her improvement was sufficient, and in many other points she came on exceedingly well; for though she could not write sonnets, she brought herself to read them; and though there seemed no chance of her throwing a whole party into raptures by a prelude on the pianoforte, of her own composition, she could listen to other people's performance with very little fatigue. Her greatest deficiency was in the pencil – she had no notion of drawing – not enough even to attempt a sketch of her lover's profile, that she might be detected in the design. There she fell miserably short of the true heroic height. At present she did not know her own poverty, for she had no lover to portray. She had reached the age of seventeen, without having seen one amiable youth who could call forth her sensibility, without having inspired one real passion, and without having excited even any admiration but what was very moderate and very transient. This was strange indeed! But strange things may be generally accounted for if their cause be fairly searched out. There was not one lord in the neighbourhood; no, not even a baronet. There was not one family among their acquaintance who had reared and supported a boy accidentally found at their door – not one young man whose origin was unknown. Her father had no ward, and the squire of the parish no children.

But when a young lady is to be a heroine, the perverseness of forty surround-ing families cannot prevent her. Something must and will happen to throw a hero in her way.

Mr. Allen, who owned the chief of the property about Fullerton, the village in Wiltshire where the Morlands lived, was ordered to Bath for the benefit of a gouty constitution – and his lady, a good-humoured woman, fond of Miss Morland, and probably aware that if adventures will not befall a young lady in her own village, she must seek them abroad, invited her to go with them. Mr. and Mrs. Morland were all compliance, and Catherine all happiness.

CHAPTER 2

In addition to what has been already said of Catherine Morland's personal and mental endowments, when about to be launched into all the difficulties and dangers of a six weeks' residence in Bath, it may be stated, for the reader's more certain information, lest the following pages should otherwise fail of giving any idea of what her character is meant to be, that her heart was affectionate; her disposition cheerful and open, without conceit or affectation of any kind – her manners just removed from the awkwardness and shyness of a girl; her person pleasing, and, when in good looks, pretty – and her mind about as ignorant and uninformed as the female mind at seventeen usually is.

When the hour of departure drew near, the maternal anxiety of Mrs. Morland will be naturally supposed to be most severe. A thousand alarming presentiments of evil to her beloved Catherine from this terrific separation must oppress her heart with sadness, and drown her in tears for the last day or two of their being together; and advice of the most important and applicable nature must of course flow from her wise lips in their parting conference in her closet. Cautions against the violence of such noblemen and baronets as delight in forcing young ladies away to some remote farm-house, must, at such a moment, relieve the fulness of her heart. Who would not think so? But Mrs. Morland knew so little of lords and baronets, that she entertained no notion of their general mischievousness, and was wholly unsuspecting of danger to her daughter from their machinations. Her cautions were confined to the following points. "I beg, Catherine, you will always wrap yourself up very warm about the throat, when you come from the rooms at night; and I wish you would try to keep some account of the money you spend; I will give you this little book on purpose."

Sally, or rather Sarah (for what young lady of common gentility will reach the age of sixteen without altering her name as far as she can?), must from situation be at this time the intimate friend and confidante of her sister. It is remarkable, however, that she neither insisted on Catherine's writing by every post, nor exacted her promise of transmitting the character of every new acquaintance, nor a detail of every interesting conversation that Bath might produce. Every thing indeed relative to this important journey was done, on the part of the Morlands, with a degree of moderation and composure, which seemed rather consistent with the common feelings of common life, than with the refined susceptibilities, the tender emotions which the first separation of a heroine from her family ought always to excite. Her father, instead of giving her an unlimited order on his banker, or even putting an hundred pounds bank-bill into her hands, gave her only ten guineas, and promised her more when she wanted it.

Under these unpromising auspices, the parting took place, and the journey began. It was performed with suitable quietness and uneventful safety.

Neither robbers nor tempests befriended them, nor one lucky overturn to introduce them to the hero. Nothing more alarming occurred than a fear, on Mrs. Allen's side, of having once left her clogs behind her at an inn, and that fortunately proved to be groundless.

They arrived at Bath. Catherine was all eager delight – her eyes were here, there, everywhere, as they approached its fine and striking environs, and afterwards drove through those streets which conducted them to the hotel. She was come to be happy, and she felt happy already.

They were soon settled in comfortable lodgings in Pulteney Street.

It is now expedient to give some description of Mrs. Allen, that the reader may be able to judge in what manner her actions will hereafter tend to promote the general distress of the work, and how she will, probably, contribute to reduce poor Catherine to all the desperate wretchedness of which a last volume is capable – whether by her imprudence, vulgarity or jealousy – whether by intercepting her letters, ruining her character, or turning her out of doors.

Mrs. Allen was one of that numerous class of females, whose society can raise no other emotion than surprise at there being any men in the world who could like them well enough to marry them. She had neither beauty, genius, accomplishment, nor manner. The air of a gentlewoman, a great deal of quiet, inactive good temper, and a trifling turn of mind were all that could account for her being the choice of a sensible, intelligent man like Mr. Allen. In one respect she was admirably fitted to introduce a young lady into public, being as fond of going everywhere and seeing everything herself as any young lady could be. Dress was her passion. She had a most harmless delight in being fine; and our heroine's entree into life could not take place till after three or four days had been spent in learning what was mostly worn, and her chaperone was provided with a dress of the newest fashion. Catherine too made some purchases herself, and when all these matters were arranged, the important evening came which was to usher her into the Upper Rooms. Her hair was cut and dressed by the best hand, her clothes put on with care, and both Mrs. Allen and her maid declared she looked quite as she should do. With such encouragement, Catherine hoped at least to pass uncensur-ed through the crowd. As for admiration, it was always very welcome when it came, but she did not depend on it.

Mrs. Allen was so long in dressing that they did not enter the ballroom till late. The season was full, the room crowded, and the two ladies squeezed in as well as they could. As for Mr. Allen, he repaired directly to the card-room, and left them to enjoy a mob by themselves. With more care for the safety of her new gown than for the comfort of her protegee, Mrs. Allen made her way through the throng of men by the door, as swiftly as the necessary caution would allow; Catherine, however, kept close at her side, and linked her arm too firmly within her friend's to be torn asunder by any common effort of a struggling

assembly. But to her utter amazement she found that to proceed along the room was by no means the way to disengage themselves from the crowd; it seemed rather to increase as they went on, whereas she had imagined that when once fairly within the door, they should easily find seats and be able to watch the dances with perfect convenience. But this was far from being the case, and though by unwearied diligence they gained even the top of the room, their situation was just the same; they saw nothing of the dancers but the high feathers of some of the ladies. Still they moved on – something better was yet in view; and by a continued exertion of strength and ingenuity they found themselves at last in the passage behind the highest bench. Here there was something less of crowd than below; and hence Miss Morland had a comprehensive view of all the company beneath her, and of all the dangers of her late passage through them. It was a splendid sight, and she began, for the first time that evening, to feel herself at a ball: she longed to dance, but she had not an acquaintance in the room. Mrs. Allen did all that she could do in such a case by saying very placidly, every now and then, “I wish you could dance, my dear – I wish you could get a partner.” For some time her young friend felt obliged to her for these wishes; but they were repeated so often, and proved so totally ineffectual, that Catherine grew tired at last, and would thank her no more.

They were not long able, however, to enjoy the repose of the eminence they had so laboriously gained. Everybody was shortly in motion for tea, and they must squeeze out like the rest. Catherine began to feel something of disappointment – she was tired of being continually pressed against by people, the generality of whose faces possessed nothing to interest, and with all of whom she was so wholly unacquainted that she could not relieve the irksomeness of imprisonment by the exchange of a syllable with any of her fellow captives; and when at last arrived in the tea-room, she felt yet more the awkwardness of having no party to join, no acquaintance to claim, no gentleman to assist them. They saw nothing of Mr. Allen; and after looking about them in vain for a more eligible situation, were obliged to sit down at the end of a table, at which a large party were already placed, without having anything to do there, or anybody to speak to, except each other.

Mrs. Allen congratulated herself, as soon as they were seated, on having preserved her gown from injury. “It would have been very shocking to have it torn,” said she, “would not it? It is such a delicate muslin. For my part I have not seen anything I like so well in the whole room, I assure you.”

“How uncomfortable it is,” whispered Catherine, “not to have a single acquaintance here!”

“Yes, my dear,” replied Mrs. Allen, with perfect serenity, “it is very uncomfortable indeed.”

“What shall we do? The gentlemen and ladies at this table look as if they

wondered why we came here – we seem forcing ourselves into their party.”

“Aye, so we do. That is very disagreeable. I wish we had a large acquaintance here.”

“I wish we had any – it would be somebody to go to.”

“Very true, my dear; and if we knew anybody we would join them directly. The Skinners were here last year – I wish they were here now.”

“Had not we better go away as it is? Here are no tea-things for us, you see.”

“No more there are, indeed. How very provoking! But I think we had better sit still, for one gets so tumbled in such a crowd! How is my head, my dear? Somebody gave me a push that has hurt it, I am afraid.”

“No, indeed, it looks very nice. But, dear Mrs. Allen, are you sure there is nobody you know in all this multitude of people? I think you must know somebody.”

“I don’t, upon my word... I wish I did. I wish I had a large acquaintance here with all my heart, and then I should get you a partner. I should be so glad to have you dance. There goes a strange-looking woman! What an odd gown she has got on! How old-fashioned it is! Look at the back”

After some time they received an offer of tea from one of their neighbours; it was thankfully accepted, and this introduced a light conversation with the gentleman who offered it, which was the only time that anybody spoke to them during the evening, till they were discovered and joined by Mr. Allen when the dance was over.

“Well, Miss Morland,” said he, directly, “I hope you have had an agreeable ball.”

“Very agreeable indeed,” she replied, vainly endeavouring to hide a great yawn.

“I wish she had been able to dance,” said his wife; “I wish we could have got a partner for her. I have been saying how glad I should be if the Skinners were here this winter instead of last; or if the Parrys had come, as they talked of once, she might have danced with George Parry. I am so sorry she has not had a partner!”

“We shall do better another evening I hope,” was Mr. Allen’s consolation.

The company began to disperse when the dancing was over – enough to leave space for the remainder to walk about in some comfort; and now was the time for a heroine, who had not yet played a very distinguished part in the events of the evening, to be noticed and admired. Every five minutes, by removing some of the crowd, gave greater openings for her charms. She was now seen by many young men who had not been near her before. Not one, however, started with rapturous wonder on beholding her, no whisper of eager inquiry ran round

the room, nor was she once called a divinity by anybody. Yet Catherine was in very good looks, and had the company only seen her three years before, they would now have thought her exceedingly handsome.

She was looked at, however, and with some admiration; for, in her own hearing, two gentlemen pronounced her to be a pretty girl. Such words had their due effect; she immediately thought the evening pleasanter than she had found it before – her humble vanity was contented – she felt more obliged to the two young men for this simple praise than a true-quality heroine would have been for fifteen sonnets in celebration of her charms, and went to her chair in good humour with every body, and perfectly satisfied with her share of public attention.

CHAPTER 3

Every morning now brought its regular duties – shops were to be visited; some new part of the town to be looked at; and the pump-room to be attended, where they paraded up and down for an hour, looking at everybody and speaking to no one. The wish of a numerous acquaintance in Bath was still uppermost with Mrs. Allen, and she repeated it after every fresh proof, which every morning brought, of her knowing nobody at all.

They made their appearance in the Lower Rooms; and here fortune was more favourable to our heroine. The master of the ceremonies introduced to her a very gentlemanlike young man as a partner; his name was Tilney. He seemed to be about four or five and twenty, was rather tall, had a pleasing countenance, a very intelligent and lively eye, and, if not quite handsome, was very near it. His address was good, and Catherine felt herself in high luck. There was little leisure for speaking while they danced; but when they were seated at tea, she found him as agreeable as she had already given him credit for being. He talked with fluency and spirit – and there was an archness and pleasantry in his manner which interested, though it was hardly understood by her. After chatting some time on such matters as naturally arose from the objects around them, he suddenly addressed her with – “I have hitherto been very remiss, madam, in the proper attentions of a partner here; I have not yet asked you how long you have been in Bath; whether you were ever here before; whether you have been at the Upper Rooms, the theatre, and the concert; and how you like the place altogether. I have been very negligent – but are you now at leisure to satisfy me in these particulars? If you are I will begin directly.”

“You need not give yourself that trouble, sir.”

“No trouble, I assure you, madam.” Then forming his features into a set smile, and affectedly softening his voice, he added, with a simpering air, “Have you been long in Bath, madam?”

“About a week, sir,” replied Catherine, trying not to laugh.

“Really!” with affected astonishment.

“Why should you be surprised, sir?”

“Why, indeed!” said he, in his natural tone. “But some emotion must appear to be raised by your reply, and surprise is more easily assumed, and not less reasonable than any other. Now let us go on. Were you never here before, madam?”

“Never, sir.”

“Indeed! Have you yet honoured the Upper Rooms?”

“Yes, sir, I was there last Monday.”

“Have you been to the theatre?”

“Yes, sir, I was at the play on Tuesday.”

“To the concert?”

“Yes, sir, on Wednesday.”

“And are you altogether pleased with Bath?”

“Yes – I like it very well.”

“Now I must give one smirk, and then we may be rational again.”

Catherine turned away her head, not knowing whether she might venture to laugh. “I see what you think of me,” said he gravely – “I shall make but a poor figure in your journal tomorrow.”

“My journal!”

“Yes, I know exactly what you will say: Friday, went to the Lower Rooms; wore my sprigged muslin robe with blue trimmings – plain black shoes – appeared to much advantage; but was strangely harassed by a queer, half-witted man, who would make me dance with him, and distressed me by his nonsense.”

“Indeed I shall say no such thing.”

“Shall I tell you what you ought to say?”

“If you please.”

“I danced with a very agreeable young man, introduced by Mr. King; had a great deal of conversation with him – seems a most extraordinary genius – hope I may know more of him. That, madam, is what I wish you to say.”

“But, perhaps, I keep no journal.”

“Perhaps you are not sitting in this room, and I am not sitting by you. These are points in which a doubt is equally possible. Not keep a journal! How are your absent cousins to understand the tenour of your life in Bath without one? How are the civilities and compliments of every day to be related as they ought to be, unless noted down every evening in a journal? How are your various dresses to be remembered, and the particular state of your complexion, and curl of your hair to be described in all their diversities, without having constant recourse to a journal? My dear madam, I am not so ignorant of young ladies’ ways as you wish to believe me; it is this delightful habit of journaling which largely contributes to form the easy style of writing for which ladies are so generally celebrated. Everybody allows that the talent of writing agreeable letters is peculiarly female. Nature may have done something, but I am sure it must be essentially assisted by the practice of keeping a journal.”

“I have sometimes thought,” said Catherine, doubtfully, “whether ladies do write so much better letters than gentlemen! That is – I should not think the superiority was always on our side.”

“As far as I have had opportunity of judging, it appears to me that the usual style of letter-writing among women is faultless, except in three particulars.”

“And what are they?”

“A general deficiency of subject, a total inattention to stops, and a very

frequent ignorance of grammar.”

“Upon my word! I need not have been afraid of disclaiming the compliment. You do not think too highly of us in that way.”

“I should no more lay it down as a general rule that women write better letters than men, than that they sing better duets, or draw better landscapes. In every power, of which taste is the foundation, excellence is pretty fairly divided between the sexes.”

They were interrupted by Mrs. Allen: “My dear Catherine,” said she, “do take this pin out of my sleeve; I am afraid it has torn a hole already; I shall be quite sorry if it has, for this is a favourite gown, though it cost but nine shillings a yard.”

“That is exactly what I should have guessed it, madam,” said Mr. Tilney, looking at the muslin.

“Do you understand muslins, sir?”

“Particularly well; I always buy my own cravats, and am allowed to be an excellent judge; and my sister has often trusted me in the choice of a gown. I bought one for her the other day, and it was pronounced to be a prodigious bargain by every lady who saw it. I gave but five shillings a yard for it, and a true Indian muslin.”

Mrs. Allen was quite struck by his genius. “Men commonly take so little notice of those things,” said she; “I can never get Mr. Allen to know one of my gowns from another. You must be a great comfort to your sister, sir.”

“I hope I am, madam.”

“And pray, sir, what do you think of Miss Morland’s gown?”

“It is very pretty, madam,” said he, gravely examining it; “but I do not think it will wash well; I am afraid it will fray.”

“How can you,” said Catherine, laughing, “be so – “ She had almost said “strange.”

“I am quite of your opinion, sir,” replied Mrs. Allen; “and so I told Miss Morland when she bought it.”

“But then you know, madam, muslin always turns to some account or other; Miss Morland will get enough out of it for a handkerchief, or a cap, or a cloak. Muslin can never be said to be wasted. I have heard my sister say so forty times, when she has been extravagant in buying more than she wanted, or careless in cutting it to pieces.”

“Bath is a charming place, sir; there are so many good shops here. We are sadly off in the country; not but what we have very good shops in Salisbury, but it is so far to go – eight miles is a long way; Mr. Allen says it is nine, measured nine; but I am sure it cannot be more than eight; and it is such a fag – I come back tired to death. Now, here one can step out of doors and get a thing in five minutes.”

Mr. Tilney was polite enough to seem interested in what she said; and she kept him on the subject of muslins till the dancing recommenced. Catherine feared, as she listened to their discourse, that he indulged himself a little too much with the foibles of others. "What are you thinking of so earnestly?" said he, as they walked back to the ballroom; "not of your partner, I hope, for, by that shake of the head, your meditations are not satisfactory."

Catherine coloured, and said, "I was not thinking of anything."

"That is artful and deep, to be sure; but I had rather be told at once that you will not tell me."

"Well then, I will not."

"Thank you; for now we shall soon be acquainted, as I am authorized to tease you on this subject whenever we meet, and nothing in the world advances intimacy so much."

They danced again; and, when the assembly closed, parted, on the lady's side at least, with a strong inclination for continuing the acquaintance. Whether she thought of him so much, while she drank her warm wine and water, and prepared herself for bed, as to dream of him when there, cannot be ascertained; but I hope it was no more than in a slight slumber, or a morning doze at most; for if it be true, as a celebrated writer has maintained, that no young lady can be justified in falling in love before the gentleman's love is declared,* it must be very improper that a young lady should dream of a gentleman before the gentleman is first known to have dreamt of her. How proper Mr. Tilney might be as a dreamer or a lover had not yet perhaps entered Mr. Allen's head, but that he was not objectionable as a common acquaintance for his young charge he was on inquiry satisfied; for he had early in the evening taken pains to know who her partner was, and had been assured of Mr. Tilney's being a clergyman, and of a very respectable family in Gloucestershire.

CHAPTER 4

With more than usual eagerness did Catherine hasten to the pump-room the next day, secure within herself of seeing Mr. Tilney there before the morning were over, and ready to meet him with a smile; but no smile was demanded – Mr. Tilney did not appear. Every creature in Bath, except himself, was to be seen in the room at different periods of the fashionable hours; crowds of people were every moment passing in and out, up the steps and down; people whom nobody cared about, and nobody wanted to see; and he only was absent. “What a delightful place Bath is,” said Mrs. Allen as they sat down near the great clock, after parading the room till they were tired; “and how pleasant it would be if we had any acquaintance here.”

This sentiment had been uttered so often in vain that Mrs. Allen had no particular reason to hope it would be followed with more advantage now; but we are told to “despair of nothing we would attain,” as “unwearied diligence our point would gain”; and the unwearied diligence with which she had every day wished for the same thing was at length to have its just reward, for hardly had she been seated ten minutes before a lady of about her own age, who was sitting by her, and had been looking at her attentively for several minutes, addressed her with great complaisance in these words: “I think, madam, I cannot be mistaken; it is a long time since I had the pleasure of seeing you, but is not your name Allen?” This question answered, as it readily was, the stranger pronounced hers to be Thorpe; and Mrs. Allen immediately recognized the features of a former schoolfellow and intimate, whom she had seen only once since their respective marriages, and that many years ago. Their joy on this meeting was very great, as well it might, since they had been contented to know nothing of each other for the last fifteen years. Compliments on good looks now passed; and, after observing how time had slipped away since they were last together, how little they had thought of meeting in Bath, and what a pleasure it was to see an old friend, they proceeded to make inquiries and give intelligence as to their families, sisters, and cousins, talking both together, far more ready to give than to receive information, and each hearing very little of what the other said. Mrs. Thorpe, however, had one great advantage as a talker, over Mrs. Allen, in a family of children; and when she expatiated on the talents of her sons, and the beauty of her daughters, when she related their different situations and views – that John was at Oxford, Edward at Merchant Taylors’, and William at sea – and all of them more beloved and respected in their different station than any other three beings ever were, Mrs. Allen had no similar information to give, no similar triumphs to press on the unwilling and unbelieving ear of her friend, and was forced to sit and appear to listen to all these maternal effusions, consoling herself, however, with the discovery, which her keen eye soon made, that the lace on Mrs. Thorpe’s

pelisse was not half so handsome as that on her own.

"Here come my dear girls," cried Mrs. Thorpe, pointing at three smart-looking females who, arm in arm, were then moving towards her. "My dear Mrs. Allen, I long to introduce them; they will be so delighted to see you: the tallest is Isabella, my eldest; is not she a fine young woman? The others are very much admired too, but I believe Isabella is the handsomest."

The Miss Thorpes were introduced; and Miss Morland, who had been for a short time forgotten, was introduced likewise. The name seemed to strike them all; and, after speaking to her with great civility, the eldest young lady observed aloud to the rest, "How excessively like her brother Miss Morland is!"

"The very picture of him indeed!" cried the mother – and "I should have known her anywhere for his sister!" was repeated by them all, two or three times over. For a moment Catherine was surprised; but Mrs. Thorpe and her daughters had scarcely begun the history of their acquaintance with Mr. James Morland, before she remembered that her eldest brother had lately formed an intimacy with a young man of his own college, of the name of Thorpe; and that he had spent the last week of the Christmas vacation with his family, near London.

The whole being explained, many obliging things were said by the Miss Thorpes of their wish of being better acquainted with her; of being considered as already friends, through the friendship of their brothers, etc., which Catherine heard with pleasure, and answered with all the pretty expressions she could command; and, as the first proof of amity, she was soon invited to accept an arm of the eldest Miss Thorpe, and take a turn with her about the room. Catherine was delighted with this ex-tension of her Bath acquaintance, and almost forgot Mr. Tilney while she talked to Miss Thorpe. Friendship is certainly the finest balm for the pangs of disappointed love.

Their conversation turned upon those subjects, of which the free discussion has generally much to do in perfecting a sudden intimacy between two young ladies: such as dress, balls, flirtations, and quizzes. Miss Thorpe, however, being four years older than Miss Morland, and at least four years better informed, had a very decided advantage in discussing such points; she could compare the balls of Bath with those of Tunbridge, its fashions with the fashions of London; could rectify the opinions of her new friend in many articles of tasteful attire; could discover a flirtation between any gentleman and lady who only smiled on each other; and point out a quiz through the thickness of a crowd. These powers received due admiration from Catherine, to whom they were entirely new; and the respect which they naturally inspired might have been too great for familiarity, had not the easy gaiety of Miss Thorpe's manners, and her frequent expressions of delight on this acquaintance with her, softened down every feeling of awe, and left nothing but tender affection. Their increasing attachment was not to be satisfied with half a dozen turns in the pump-room, but

required, when they all quitted it together, that Miss Thorpe should accompany Miss Morland to the very door of Mr. Allen's house; and that they should there part with a most affectionate and lengthened shake of hands, after learning, to their mutual relief, that they should see each other across the theatre at night, and say their prayers in the same chapel the next morning. Catherine then ran directly upstairs, and watched Miss Thorpe's progress down the street from the drawing-room window; admired the graceful spirit of her walk, the fashionable air of her figure and dress; and felt grateful, as well she might, for the chance which had procured her such a friend.

Mrs. Thorpe was a widow, and not a very rich one; she was a good-humoured, well-meaning woman, and a very indulgent mother. Her eldest daughter had great personal beauty, and the younger ones, by pretending to be as handsome as their sister, imitating her air, and dressing in the same style, did very well.

This brief account of the family is intended to supersede the necessity of a long and minute detail from Mrs. Thorpe herself, of her past adventures and sufferings, which might otherwise be expected to occupy the three or four following chapters; in which the worthlessness of lords and attorneys might be set forth, and conversations, which had passed twenty years before, be minutely repeated.

CHAPTER 5

Catherine was not so much engaged at the theatre that evening, in returning the nods and smiles of Miss Thorpe, though they certainly claimed much of her leisure, as to forget to look with an inquiring eye for Mr. Tilney in every box which her eye could reach; but she looked in vain. Mr. Tilney was no fonder of the play than the pump-room. She hoped to be more fortunate the next day; and when her wishes for fine weather were answered by seeing a beautiful morning, she hardly felt a doubt of it; for a fine Sunday in Bath empties every house of its inhabitants, and all the world appears on such an occasion to walk about and tell their acquaintance what a charming day it is.

As soon as divine service was over, the Thorpes and Allens eagerly joined each other; and after staying long enough in the pump-room to discover that the crowd was insupportable, and that there was not a genteel face to be seen, which everybody discovers every Sunday throughout the season, they hastened away to the Crescent, to breathe the fresh air of better company. Here Catherine and Isabella, arm in arm, again tasted the sweets of friendship in an unreserved conversation; they talked much, and with much enjoyment; but again was Catherine disappointed in her hope of reseeing her partner. He was nowhere to be met with; every search for him was equally unsuccessful, in morning lounges or evening assemblies; neither at the Upper nor Lower Rooms, at dressed or undressed balls, was he perceivable; nor among the walkers, the horsemen, or the curricule-drivers of the morning. His name was not in the pump-room book, and curiosity could do no more. He must be gone from Bath. Yet he had not mentioned that his stay would be so short! This sort of mysteriousness, which is always so becoming in a hero, threw a fresh grace in Catherine's imagination around his person and manners, and increased her anxiety to know more of him. From the Thorpes she could learn nothing, for they had been only two days in Bath before they met with Mrs. Allen. It was a subject, however, in which she often indulged with her fair friend, from whom she received every possible encouragement to continue to think of him; and his impression on her fancy was not suffered therefore to weaken. Isabella was very sure that he must be a charming young man, and was equally sure that he must have been delighted with her dear Catherine, and would therefore shortly return. She liked him the better for being a clergyman, "for she must confess herself very partial to the profession"; and something like a sigh escaped her as she said it. Perhaps Catherine was wrong in not demanding the cause of that gentle emotion – but she was not experienced enough in the finesse of love, or the duties of friendship, to know when delicate raillery was properly called for, or when a confidence should be forced.

Mrs. Allen was now quite happy – quite satisfied with Bath. She had

found some acquaintance, had been so lucky too as to find in them the family of a most worthy old friend; and, as the completion of good fortune, had found these friends by no means so expensively dressed as herself. Her daily expressions were no longer, "I wish we had some acquaintance in Bath!" They were changed into, "How glad I am we have met with Mrs. Thorpe!" and she was as eager in promoting the intercourse of the two families, as her young charge and Isabella themselves could be; never satisfied with the day unless she spent the chief of it by the side of Mrs. Thorpe, in what they called conversation, but in which there was scarcely ever any exchange of opinion, and not often any resemblance of subject, for Mrs. Thorpe talked chiefly of her children, and Mrs. Allen of her gowns.

The progress of the friendship between Catherine and Isabella was quick as its beginning had been warm, and they passed so rapidly through every gradation of increasing tenderness that there was shortly no fresh proof of it to be given to their friends or themselves. They called each other by their Christian name, were always arm in arm when they walked, pinned up each other's train for the dance, and were not to be divided in the set; and if a rainy morning deprived them of other enjoyments, they were still resolute in meeting in defiance of wet and dirt, and shut themselves up, to read novels together. Yes, novels; for I will not adopt that ungenerous and impolitic custom so common with novel-writers, of degrading by their contemptuous censure the very performances, to the number of which they are themselves adding – joining with their greatest enemies in bestowing the harshest epithets on such works, and scarcely ever permitting them to be read by their own heroine, who, if she accidentally take up a novel, is sure to turn over its insipid pages with disgust. Alas! If the heroine of one novel be not patronized by the heroine of another, from whom can she expect protection and regard? I cannot approve of it. Let us leave it to the reviewers to abuse such effusions of fancy at their leisure, and over every new novel to talk in threadbare strains of the trash with which the press now groans. Let us not desert one another; we are an injured body. Although our productions have afforded more extensive and unaffected pleasure than those of any other literary corporation in the world, no species of composition has been so much decried. From pride, ignorance, or fashion, our foes are almost as many as our readers. And while the abilities of the nine-hundredth abridger of the History of England, or of the man who collects and publishes in a volume some dozen lines of Milton, Pope, and Prior, with a paper from the Spectator, and a chapter from Sterne, are eulogized by a thousand pens – there seems almost a general wish of decrying the capacity and undervaluing the labour of the novelist, and of slighting the performances which have only genius, wit, and taste to recommend them. "I am no novel-reader – I seldom look into novels. Do not imagine that I often read novels – It is really very well for a novel." Such is the common cant.

“And what are you reading, Miss...?” “Oh! It is only a novel!” replies the young lady, while she lays down her book with affected indifference, or momentary shame. “It is only Cecilia, or Camilla, or Belinda”; or, in short, only some work in which the greatest powers of the mind are displayed, in which the most thorough knowledge of human nature, the happiest delineation of its varieties, the liveliest effusions of wit and humour, are conveyed to the world in the best-chosen language. Now, had the same young lady been engaged with a volume of the Spectator, instead of such a work, how proudly would she have produced the book, and told its name; though the chances must be against her being occupied by any part of that voluminous publication, of which either the matter or manner would not disgust a young person of taste: the substance of its papers so often consisting in the statement of improbable circumstances, unnatural characters, and topics of conversation which no longer concern anyone living; and their language, too, frequently so coarse as to give no very favourable idea of the age that could endure it.

CHAPTER 6

The following conversation, which took place between the two friends in the pump-room one morning, after an acquaintance of eight or nine days, is given as a specimen of their very warm attachment, and of the delicacy, discretion, originality of thought, and literary taste which marked the reasonableness of that attachment.

They met by appointment; and as Isabella had arrived nearly five minutes before her friend, her first address naturally was, "My dearest creature, what can have made you so late? I have been waiting for you at least this age!"

"Have you, indeed! I am very sorry for it; but really I thought I was in very good time. It is but just one. I hope you have not been here long?"

"Oh! These ten ages at least. I am sure I have been here this half hour. But now, let us go and sit down at the other end of the room, and enjoy ourselves. I have an hundred things to say to you. In the first place, I was so afraid it would rain this morning, just as I wanted to set off; it looked very showery, and that would have thrown me into agonies! Do you know, I saw the prettiest hat you can imagine, in a shop window in Milsom Street just now – very like yours, only with coquelicot ribbons instead of green; I quite longed for it. But, my dearest Catherine, what have you been doing with yourself all this morning? Have you gone on with Udolpho?"

"Yes, I have been reading it ever since I woke; and I am got to the black veil."

"Are you, indeed? How delightful! Oh! I would not tell you what is behind the black veil for the world! Are not you wild to know?"

"Oh! Yes, quite; what can it be? But do not tell me – I would not be told upon any account. I know it must be a skeleton, I am sure it is Laurentina's skeleton. Oh! I am delighted with the book! I should like to spend my whole life in reading it. I assure you, if it had not been to meet you, I would not have come away from it for all the world."

"Dear creature! How much I am obliged to you; and when you have finished Udolpho, we will read the Italian together; and I have made out a list of ten or twelve more of the same kind for you."

"Have you, indeed! How glad I am! What are they all?"

"I will read you their names directly; here they are, in my pocketbook "Castle of Wolfenbach", "Clermont", "Mysterious Warnings", "Necromancer of the Black Forest", "Midnight Bell", "Orphan of the Rhine", and "Horrid Mysteries". Those will last us some time."

"Yes, pretty well; but are they all horrid, are you sure they are all horrid?"

"Yes, quite sure; for a particular friend of mine, a Miss Andrews, a

sweet girl, one of the sweetest creatures in the world, has read every one of them. I wish you knew Miss Andrews, you would be delighted with her. She is netting herself the sweetest cloak you can conceive. I think her as beautiful as an angel, and I am so vexed with the men for not admiring her! I scold them all amazingly about it.”

“Scold them! Do you scold them for not admiring her?”

“Yes, that I do. There is nothing I would not do for those who are really my friends. I have no notion of loving people by halves; it is not my nature. My attachments are always excessively strong. I told Captain Hunt at one of our assemblies this winter that if he was to tease me all night, I would not dance with him, unless he would allow Miss Andrews to be as beautiful as an angel. The men think us incapable of real friendship, you know, and I am determined to show them the difference. Now, if I were to hear anybody speak slightly of you, I should fire up in a moment: but that is not at all likely, for you are just the kind of girl to be a great favourite with the men.”

“Oh, dear!” cried Catherine, colouring. “How can you say so?”

“I know you very well; you have so much animation, which is exactly what Miss Andrews wants, for I must confess there is something amazingly insipid about her. Oh! I must tell you, that just after we parted yesterday, I saw a young man looking at you so earnestly – I am sure he is in love with you.” Catherine coloured, and disclaimed again. Isabella laughed. “It is very true, upon my honour, but I see how it is; you are indifferent to everybody’s admiration, except that of one gentleman, who shall be nameless. Nay, I cannot blame you” – speaking more seriously – “your feelings are easily understood. Where the heart is really attached, I know very well how little one can be pleased with the attention of anybody else. Everything is so insipid, so uninteresting, that does not relate to the beloved object! I can perfectly comprehend your feelings.”

“But you should not persuade me that I think so very much about Mr. Tilney, for perhaps I may never see him again.”

“Not see him again! My dearest creature, do not talk of it. I am sure you would be miserable if you thought so!”

“No, indeed, I should not. I do not pretend to say that I was not very much pleased with him; but while I have Udolpho to read, I feel as if nobody could make me miserable. Oh! The dreadful black veil! My dear Isabella, I am sure there must be Laurentina’s skeleton behind it.”

“It is so odd to me, that you should never have read Udolpho before; but I suppose Mrs. Morland objects to novels.”

“No, she does not. She very often reads Sir Charles Grandison herself; but new books do not fall in our way.”

“Sir Charles Grandison! That is an amazing horrid book, is it not? I remember Miss Andrews could not get through the first volume.”

“It is not like Udolpho at all; but yet I think it is very entertaining.”

“Do you indeed! You surprise me; I thought it had not been readable. But, my dearest Catherine, have you settled what to wear on your head tonight? I am determined at all events to be dressed exactly like you. The men take notice of that sometimes, you know.”

“But it does not signify if they do,” said Catherine, very innocently.

“Signify! Oh, heavens! I make it a rule never to mind what they say. They are very often amazingly impertinent if you do not treat them with spirit, and make them keep their distance.”

“Are they? Well, I never observed that. They always behave very well to me.”

“Oh! They give themselves such airs. They are the most conceited creatures in the world, and think themselves of so much importance! By the by, though I have thought of it a hundred times, I have always forgot to ask you what is your favourite complexion in a man. Do you like them best dark or fair?”

“I hardly know. I never much thought about it. Something between both, I think Brown – not fair, and – and not very dark”

“Very well, Catherine. That is exactly he. I have not forgot your description of Mr. Tilney – ‘a brown skin, with dark eyes, and rather dark hair.’ Well, my taste is different. I prefer light eyes, and as to complexion – do you know – I like a sallow better than any other. You must not betray me, if you should ever meet with one of your acquaintance answering that description.”

“Betray you! What do you mean?”

“Nay, do not distress me. I believe I have said too much. Let us drop the subject.”

Catherine, in some amazement, complied, and after remaining a few moments silent, was on the point of reverting to what interested her at that time rather more than anything else in the world, Laurentina’s skeleton, when her friend prevented her, by saying, “For heaven’s sake! Let us move away from this end of the room. Do you know, there are two odious young men who have been staring at me this half hour. They really put me quite out of countenance. Let us go and look at the arrivals. They will hardly follow us there.”

Away they walked to the book; and while Isabella examined the names, it was Catherine’s employment to watch the proceedings of these alarming young men.

“They are not coming this way, are they? I hope they are not so impertinent as to follow us. Pray let me know if they are coming. I am determined I will not look up.”

In a few moments Catherine, with unaffected pleasure, assured her that she need not be longer uneasy, as the gentlemen had just left the pump-room.

“And which way are they gone?” said Isabella, turning hastily round.

“One was a very good-looking young man.”

“They went towards the church-yard.”

“Well, I am amazingly glad I have got rid of them! And now, what say you to going to Edgar’s Buildings with me, and looking at my new hat? You said you should like to see it.”

Catherine readily agreed. “Only,” she added, “perhaps we may overtake the two young men.”

“Oh! Never mind that. If we make haste, we shall pass by them presently, and I am dying to show you my hat.”

“But if we only wait a few minutes, there will be no danger of our seeing them at all.”

“I shall not pay them any such compliment, I assure you. I have no notion of treating men with such respect. That is the way to spoil them.”

Catherine had nothing to oppose against such reasoning; and therefore, to show the independence of Miss Thorpe, and her resolution of humbling the sex, they set off immediately as fast as they could walk, in pursuit of the two young men.

CHAPTER 7

Half a minute conducted them through the pump-yard to the archway, opposite Union Passage; but here they were stopped. Everybody acquainted with Bath may remember the difficulties of crossing Cheap Street at this point; it is indeed a street of so impertinent a nature, so unfortunately connected with the great London and Oxford roads, and the principal inn of the city, that a day never passes in which parties of ladies, however important their business, whether in quest of pastry, millinery, or even (as in the present case) of young men, are not detained on one side or other by carriages, horsemen, or carts. This evil had been felt and lamented, at least three times a day, by Isabella since her residence in Bath; and she was now fated to feel and lament it once more, for at the very moment of coming opposite to Union Passage, and within view of the two gentlemen who were proceeding through the crowds, and threading the gutters of that interesting alley, they were prevented crossing by the approach of a gig, driven along on bad pavement by a most knowing-looking coachman with all the vehemence that could most fitly endanger the lives of himself, his companion, and his horse.

"Oh, these odious gigs!" said Isabella, looking up. "How I detest them." But this detestation, though so just, was of short duration, for she looked again and exclaimed, "Delightful! Mr. Morland and my brother!"

"Good heaven! 'Tis James!" was uttered at the same moment by Catherine; and, on catching the young men's eyes, the horse was immediately checked with a violence which almost threw him on his haunches, and the servant having now scampered up, the gentlemen jumped out, and the equipage was delivered to his care.

Catherine, by whom this meeting was wholly unexpected, received her brother with the liveliest pleasure; and he, being of a very amiable disposition, and sincerely attached to her, gave every proof on his side of equal satisfaction, which he could have leisure to do, while the bright eyes of Miss Thorpe were incessantly challenging his notice; and to her his devoirs were speedily paid, with a mixture of joy and embar-rassment which might have informed Catherine, had she been more expert in the development of other people's feelings, and less simply engrossed by her own, that her brother thought her friend quite as pretty as she could do herself.

John Thorpe, who in the meantime had been giving orders about the horses, soon joined them, and from him she directly received the amends which were her due; for while he slightly and carelessly touched the hand of Isabella, on her he bestowed a whole scrape and half a short bow. He was a stout young man of middling height, who, with a plain face and un-graceful form, seemed fearful of being too handsome unless he wore the dress of a groom, and too much

like a gentleman unless he were easy where he ought to be civil, and impudent where he might be allowed to be easy. He took out his watch: "How long do you think we have been running it from Tetbury, Miss Morland?"

"I do not know the distance." Her brother told her that it was twenty-three miles.

"Three and twenty!" cried Thorpe. "Five and twenty if it is an inch." Morland remonstrated, pleaded the authority of road-books, innkeepers, and milestones; but his friend disregarded them all; he had a surer test of distance. "I know it must be five and twenty," said he, "by the time we have been doing it. It is now half after one; we drove out of the inn-yard at Tetbury as the town clock struck eleven; and I defy any man in England to make my horse go less than ten miles an hour in harness; that makes it exactly twenty-five."

"You have lost an hour," said Morland; "it was only ten o'clock when we came from Tetbury."

"Ten o'clock! It was eleven, upon my soul! I counted every stroke. This brother of yours would persuade me out of my senses, Miss Morland; do but look at my horse; did you ever see an animal so made for speed in your life?" (The servant had just mounted the carriage and was driving off.) "Such true blood! Three hours and a half indeed coming only three and twenty miles! Look at that creature, and suppose it possible if you can."

"He does look very hot, to be sure."

"Hot! He had not turned a hair till we came to Walcot Church; but look at his forehead; look at his loins; only see how he moves; that horse cannot go less than ten miles an hour: tie his legs and he will get on. What do you think of my gig, Miss Morland? A neat one, is not it? Well hung; town-built; I have not had it a month. It was built for a Christchurch man, a friend of mine, a very good sort of fellow; he ran it a few weeks, till, I believe, it was convenient to have done with it. I happened just then to be looking out for some light thing of the kind, though I had pretty well determined on a curricle too; but I chanced to meet him on Magdalen Bridge, as he was driving into Oxford, last term: 'Ah! Thorpe,' said he, 'do you happen to want such a little thing as this? It is a capital one of the kind, but I am cursed tired of it.' 'Oh! D...,' said I; 'I am your man; what do you ask?' And how much do you think he did, Miss Morland?"

"I am sure I cannot guess at all."

"Curricle-hung, you see; seat, trunk, sword-case, splashing-board, lamps, silver moulding, all you see complete; the iron-work as good as new, or better. He asked fifty guineas; I closed with him directly, threw down the money, and the carriage was mine."

"And I am sure," said Catherine, "I know so little of such things that I cannot judge whether it was cheap or dear."

"Neither one nor t'other; I might have got it for less, I dare say; but I

hate haggling, and poor Freeman wanted cash.”

“That was very good-natured of you,” said Catherine, quite pleased.

“Oh! D... it, when one has the means of doing a kind thing by a friend, I hate to be pitiful.”

An inquiry now took place into the intended movements of the young ladies; and, on finding whither they were going, it was decided that the gentlemen should accompany them to Edgar’s Buildings, and pay their respects to Mrs. Thorpe. James and Isabella led the way; and so well satisfied was the latter with her lot, so contentedly was she endeavouring to ensure a pleasant walk to him who brought the double recommendation of being her brother’s friend, and her friend’s brother, so pure and uncoquettish were her feelings, that, though they overtook and passed the two offending young men in Milsom Street, she was so far from seeking to attract their notice, that she looked back at them only three times.

John Thorpe kept of course with Catherine, and, after a few minutes’ silence, renewed the conversation about his gig. “You will find, however, Miss Morland, it would be reckoned a cheap thing by some people, for I might have sold it for ten guineas more the next day; Jackson, of Oriel, bid me sixty at once; Morland was with me at the time.”

“Yes,” said Morland, who overheard this; “but you forget that your horse was included.”

“My horse! Oh, d... it! I would not sell my horse for a hundred. Are you fond of an open carriage, Miss Morland?”

“Yes, very; I have hardly ever an opportunity of being in one; but I am particularly fond of it.”

“I am glad of it; I will drive you out in mine every day.”

“Thank you,” said Catherine, in some distress, from a doubt of the propriety of accepting such an offer.

“I will drive you up Lansdown Hill tomorrow.”

“Thank you; but will not your horse want rest?”

“Rest! He has only come three and twenty miles today; all nonsense; nothing ruins horses so much as rest; nothing knocks them up so soon. No, no; I shall exercise mine at the average of four hours every day while I am here.”

“Shall you indeed!” said Catherine very seriously. “That will be forty miles a day.”

“Forty! Aye, fifty, for what I care. Well, I will drive you up Lansdown tomorrow; mind, I am engaged.”

“How delightful that will be!” cried Isabella, turning round. “My dearest Catherine, I quite envy you; but I am afraid, brother, you will not have room for a third.”

“A third indeed! No, no; I did not come to Bath to drive my sisters

about; that would be a good joke, faith! Morland must take care of you."

This brought on a dialogue of civilities between the other two; but Catherine heard neither the particulars nor the result. Her companion's discourse now sunk from its hitherto animated pitch to nothing more than a short decisive sentence of praise or condemnation on the face of every woman they met; and Catherine, after listening and agreeing as long as she could, with all the civility and deference of the youthful female mind, fearful of hazarding an opinion of its own in opposition to that of a self-assured man, especially where the beauty of her own sex is concerned, ventured at length to vary the subject by a question which had been long uppermost in her thoughts; it was, "Have you ever read Udolpho, Mr. Thorpe?"

"Udolpho! Oh, Lord! Not I; I never read novels; I have something else to do."

Catherine, humbled and ashamed, was going to apologize for her question, but he prevented her by saying, "Novels are all so full of nonsense and stuff; there has not been a tolerably decent one come out since Tom Jones, except The Monk; I read that t'other day; but as for all the others, they are the stupidest things in creation."

"I think you must like Udolpho, if you were to read it; it is so very interesting."

"Not I, faith! No, if I read any, it shall be Mrs. Radcliffe's; her novels are amusing enough; they are worth reading; some fun and nature in them."

"Udolpho was written by Mrs. Radcliffe," said Catherine, with some hesitation, from the fear of mortifying him.

"No sure; was it? Aye, I remember, so it was; I was thinking of that other stupid book, written by that woman they make such a fuss about, she who married the French emigrant."

"I suppose you mean Camilla?"

"Yes, that's the book; such unnatural stuff! An old man playing at see-saw, I took up the first volume once and looked it over, but I soon found it would not do; indeed I guessed what sort of stuff it must be before I saw it: as soon as I heard she had married an emigrant, I was sure I should never be able to get through it."

"I have never read it."

"You had no loss, I assure you; it is the horridest nonsense you can imagine; there is nothing in the world in it but an old man's playing at see-saw and learning Latin; upon my soul there is not."

This critique, the justness of which was unfortunately lost on poor Catherine, brought them to the door of Mrs. Thorpe's lodgings, and the feelings of the discerning and unprejudiced reader of Camilla gave way to the feelings of the dutiful and affectionate son, as they met Mrs. Thorpe, who had descried them

from above, in the passage. "Ah, Mother! How do you do?" said he, giving her a hearty shake of the hand. "Where did you get that quiz of a hat? It makes you look like an old witch. Here is Morland and I come to stay a few days with you, so you must look out for a couple of good beds somewhere near." And this address seemed to satisfy all the fondest wishes of the mother's heart, for she received him with the most delighted and exulting affection. On his two younger sisters he then bestowed an equal portion of his fraternal tenderness, for he asked each of them how they did, and observed that they both looked very ugly.

These manners did not please Catherine; but he was James's friend and Isabella's brother; and her judgment was further bought off by Isabella's assuring her, when they withdrew to see the new hat, that John thought her the most charming girl in the world, and by John's engaging her before they parted to dance with him that evening. Had she been older or vainer, such attacks might have done little; but, where youth and diffidence are united, it requires uncommon steadiness of reason to resist the attraction of being called the most charming girl in the world, and of being so very early engaged as a partner; and the consequence was that, when the two Morlands, after sitting an hour with the Thorpes, set off to walk together to Mr. Allen's, and James, as the door was closed on them, said, "Well, Catherine, how do you like my friend Thorpe?" instead of answering, as she probably would have done, had there been no friendship and no flattery in the case, "I do not like him at all," she directly replied, "I like him very much; he seems very agreeable."

"He is as good-natured a fellow as ever lived; a little of a rattle; but that will recommend him to your sex, I believe: and how do you like the rest of the family?"

"Very, very much indeed: Isabella particularly."

"I am very glad to hear you say so; she is just the kind of young woman I could wish to see you attached to; she has so much good sense, and is so thoroughly unaffected and amiable; I always wanted you to know her; and she seems very fond of you. She said the highest things in your praise that could possibly be; and the praise of such a girl as Miss Thorpe even you, Catherine," taking her hand with affection, "may be proud of."

"Indeed I am," she replied; "I love her exceedingly, and am delighted to find that you like her too. You hardly mention-ed anything of her when you wrote to me after your visit there."

"Because I thought I should soon see you myself. I hope you will be a great deal together while you are in Bath. She is a most amiable girl; such a superior understanding! How fond all the family are of her; she is evidently the general favourite; and how much she must be admired in such a place as this, is not she?"

"Yes, very much indeed, I fancy; Mr. Allen thinks her the prettiest girl

in Bath.”

“I dare say he does; and I do not know any man who is a better judge of beauty than Mr. Allen. I need not ask you whether you are happy here, my dear Catherine; with such a companion and friend as Isabella Thorpe, it would be impossible for you to be otherwise; and the Allens, I am sure, are very kind to you?”

“Yes, very kind; I never was so happy before; and now you are come it will be more delightful than ever; how good it is of you to come so far on purpose to see me.”

James accepted this tribute of gratitude, and qualified his conscience for accepting it too, by saying with perfect sincerity, “Indeed, Catherine, I love you dearly.”

Inquiries and communications concerning brothers and sisters, the situation of some, the growth of the rest, and other family matters now passed between them, and continued, with only one small digression on James’s part, in praise of Miss Thorpe, till they reached Pulteney Street, where he was welcomed with great kindness by Mr. and Mrs. Allen, invited by the former to dine with them, and summoned by the latter to guess the price and weigh the merits of a new muff and tippet. A pre-engagement in Edgar’s Buildings prevented his accepting the invitation of one friend, and obliged him to hurry away as soon as he had satisfied the demands of the other. The time of the two parties uniting in the Octagon Room being correctly adjusted, Catherine was then left to the luxury of a raised, restless, and frightened imagination over the pages of Udolpho, lost from all worldly concerns of dressing and dinner, incapable of soothing Mrs. Allen’s fears on the delay of an expected dressmaker, and having only one minute in sixty to bestow even on the reflection of her own felicity, in being already engaged for the evening.

CHAPTER 8

In spite of Udolpho and the dressmaker, however, the party from Pulteney Street reached the Upper Rooms in very good time. The Thorpes and James Morland were there only two minutes before them; and Isabella having gone through the usual ceremonial of meeting her friend with the most smiling and affectionate haste, of admiring the set of her gown, and envying the curl of her hair, they followed their chaperones, arm in arm, into the ballroom, whispering to each other whenever a thought occurred, and supplying the place of many ideas by a squeeze of the hand or a smile of affection.

The dancing began within a few minutes after they were seated; and James, who had been engaged quite as long as his sister, was very importunate with Isabella to stand up; but John was gone into the card-room to speak to a friend, and nothing, she declared, should induce her to join the set before her dear Catherine could join it too. "I assure you," said she, "I would not stand up without your dear sister for all the world; for if I did we should certainly be separated the whole evening." Catherine accepted this kindness with gratitude, and they continued as they were for three minutes longer, when Isabella, who had been talking to James on the other side of her, turned again to his sister and whispered, "My dear creature, I am afraid I must leave you, your brother is so amazingly impatient to begin; I know you will not mind my going away, and I dare say John will be back in a moment, and then you may easily find me out." Catherine, though a little disappointed, had too much good nature to make any opposition, and the others rising up, Isabella had only time to press her friend's hand and say, "Good-bye, my dear love," before they hurried off. The younger Miss Thorpes being also dancing, Catherine was left to the mercy of Mrs. Thorpe and Mrs. Allen, between whom she now remained. She could not help being vexed at the non-appearance of Mr. Thorpe, for she not only longed to be dancing, but was likewise aware that, as the real dignity of her situation could not be known, she was sharing with the scores of other young ladies still sitting down all the discredit of wanting a partner. To be disgraced in the eye of the world, to wear the appearance of infamy while her heart is all purity, her actions all innocence, and the misconduct of another the true source of her debasement, is one of those circumstances which peculiarly belong to the heroine's life, and her fortitude under it what particularly dignifies her character. Catherine had fortitude too; she suffered, but no murmur passed her lips.

From this state of humiliation, she was roused, at the end of ten minutes, to a pleasanter feeling, by seeing, not Mr. Thorpe, but Mr. Tilney, within three yards of the place where they sat; he seemed to be moving that way, but he did not see her, and therefore the smile and the blush, which his sudden reappearance raised in Catherine, passed away without sullyng her heroic importance. He

looked as handsome and as lively as ever, and was talking with interest to a fashionable and pleasing-looking young woman, who leant on his arm, and whom Catherine immediately guessed to be his sister; thus unthinkingly throwing away a fair opportunity of considering him lost to her forever, by being married already. But guided only by what was simple and probable, it had never entered her head that Mr. Tilney could be married; he had not behaved, he had not talked, like the married men to whom she had been used; he had never mentioned a wife, and he had acknowledged a sister. From these circumstances sprang the instant conclusion of his sister's now being by his side; and therefore, instead of turning of a deathlike paleness and falling in a fit on Mrs. Allen's bosom, Catherine sat erect, in the perfect use of her senses, and with cheeks only a little redder than usual.

Mr. Tilney and his companion, who continued, though slowly, to approach, were immediately preceded by a lady, an acquaintance of Mrs. Thorpe; and this lady stopping to speak to her, they, as belonging to her, stopped likewise, and Catherine, catching Mr. Tilney's eye, instantly received from him the smiling tribute of recognition. She returned it with pleasure, and then advancing still nearer, he spoke both to her and Mrs. Allen, by whom he was very civilly acknowledged. "I am very happy to see you again, sir, indeed; I was afraid you had left Bath." He thanked her for her fears, and said that he had quitted it for a week, on the very morning after his having had the pleasure of seeing her.

"Well, sir, and I dare say you are not sorry to be back again, for it is just the place for young people – and indeed for everybody else too. I tell Mr. Allen, when he talks of being sick of it, that I am sure he should not complain, for it is so very agreeable a place, that it is much better to be here than at home at this dull time of year. I tell him he is quite in luck to be sent here for his health."

"And I hope, madam, that Mr. Allen will be obliged to like the place, from finding it of service to him."

"Thank you, sir. I have no doubt that he will. A neighbour of ours, Dr. Skinner, was here for his health last winter, and came away quite stout."

"That circumstance must give great encouragement."

"Yes, sir, and Dr. Skinner and his family were here three months; so I tell Mr. Allen he must not be in a hurry to get away."

Here they were interrupted by a request from Mrs. Thorpe to Mrs. Allen, that she would move a little to accommodate Mrs. Hughes and Miss Tilney with seats, as they had agreed to join their party. This was accordingly done, Mr. Tilney still continuing standing before them; and after a few minutes' consideration, he asked Catherine to dance with him. This compliment, delightful as it was, produced severe mortification to the lady; and in giving her denial, she expressed her sorrow on the occasion so very much as if she really felt it that had Thorpe, who joined her just afterwards, been half a minute earlier, he might

have thought her sufferings rather too acute. The very easy manner in which he then told her that he had kept her waiting did not by any means reconcile her more to her lot; nor did the particulars which he entered into while they were standing up, of the horses and dogs of the friend whom he had just left, and of a proposed exchange of terriers between them, interest her so much as to prevent her looking very often towards that part of the room where she had left Mr. Tilney. Of her dear Isabella, to whom she particularly longed to point out that gentleman, she could see nothing. They were in different sets. She was separated from all her party, and away from all her acquaintance; one mortification succeeded another, and from the whole she deduced this useful lesson, that to go previously engaged to a ball does not necessarily increase either the dignity or enjoyment of a young lady. From such a moralizing strain as this, she was suddenly roused by a touch on the shoulder, and turning round, perceived Mrs. Hughes directly behind her, attended by Miss Tilney and a gentleman. "I beg your pardon, Miss Morland," said she, "for this liberty – but I cannot any how get to Miss Thorpe, and Mrs. Thorpe said she was sure you would not have the least objection to letting in this young lady by you." Mrs. Hughes could not have applied to any creature in the room more happy to oblige her than Catherine. The young ladies were introduced to each other, Miss Tilney expressing a proper sense of such goodness, Miss Morland with the real delicacy of a generous mind making light of the obligation; and Mrs. Hughes, satisfied with having so respectably settled her young charge, returned to her party.

Miss Tilney had a good figure, a pretty face, and a very agreeable countenance; and her air, though it had not all the decided pretension, the resolute stylishness of Miss Thorpe's, had more real elegance. Her manners showed good sense and good breeding; they were neither shy nor affectedly open; and she seemed capable of being young, attractive, and at a ball without wanting to fix the attention of every man near her, and without exaggerated feelings of ecstatic delight or inconceivable vexation on every little trifling occurrence. Catherine, interested at once by her appearance and her relationship to Mr. Tilney, was desirous of being acquainted with her, and readily talked therefore whenever she could think of anything to say, and had courage and leisure for saying it. But the hindrance thrown in the way of a very speedy intimacy, by the frequent want of one or more of these requisites, prevented their doing more than going through the first rudiments of an acquaintance, by informing themselves how well the other liked Bath, how much she admired its buildings and surrounding country, whether she drew, or played, or sang, and whether she was fond of riding on horseback.

The two dances were scarcely concluded before Catherine found her arm gently seized by her faithful Isabella, who in great spirits exclaimed, "At last I have got you. My dearest creature, I have been looking for you this hour. What

could induce you to come into this set, when you knew I was in the other? I have been quite wretched without you.”

“My dear Isabella, how was it possible for me to get at you? I could not even see where you were.”

“So I told your brother all the time, but he would not believe me. Do go and see for her, Mr. Morland, said I, but all in vain, he would not stir an inch. Was not it so, Mr. Morland? But you men are all so immoderately lazy! I have been scolding him to such a degree, my dear Catherine, you would be quite amazed. You know I never stand upon ceremony with such people.”

“Look at that young lady with the white beads round her head,” whispered Catherine, detaching her friend from James. “It is Mr. Tilney’s sister.”

“Oh! Heavens! You don’t say so! Let me look at her this moment. What a delightful girl! I never saw anything half so beautiful! But where is her all-conquering brother? Is he in the room? Point him out to me this instant, if he is. I die to see him. Mr. Morland, you are not to listen. We are not talking about you.”

“But what is all this whispering about? What is going on?”

“There now, I knew how it would be. You men have such restless curiosity! Talk of the curiosity of women, indeed! ’Tis nothing. But be satisfied, for you are not to know anything at all of the matter.”

“And is that likely to satisfy me, do you think?”

“Well, I declare I never knew anything like you. What can it signify to you, what we are talking of. Perhaps we are talking about you; therefore I would advise you not to listen, or you may happen to hear something not very agreeable.”

In this commonplace chatter, which lasted some time, the original subject seemed entirely forgotten; and though Catherine was very well pleased to have it dropped for a while, she could not avoid a little suspicion at the total suspension of all Isabella’s impatient desire to see Mr. Tilney. When the orchestra struck up a fresh dance, James would have led his fair partner away, but she resisted. “I tell you, Mr. Morland,” she cried, “I would not do such a thing for all the world. How can you be so teasing; only conceive, my dear Catherine, what your brother wants me to do. He wants me to dance with him again, though I tell him that it is a most improper thing, and entirely against the rules. It would make us the talk of the place, if we were not to change partners.”

“Upon my honour,” said James, “in these public assemblies, it is as often done as not.”

“Nonsense, how can you say so? But when you men have a point to carry, you never stick at anything. My sweet Catherine, do support me; persuade your brother how impossible it is. Tell him that it would quite shock you to see me do such a thing; now would not it?”

“No, not at all; but if you think it wrong, you had much better change.”

“There,” cried Isabella, “you hear what your sister says, and yet you will not mind her. Well, remember that it is not my fault, if we set all the old ladies in Bath in a bustle. Come along, my dearest Catherine, for heaven’s sake, and stand by me.” And off they went, to regain their former place. John Thorpe, in the meanwhile, had walked away; and Catherine, ever willing to give Mr. Tilney an opportunity of repeating the agreeable request which had already flattered her once, made her way to Mrs. Allen and Mrs. Thorpe as fast as she could, in the hope of finding him still with them – a hope which, when it proved to be fruitless, she felt to have been highly unreasonable. “Well, my dear,” said Mrs. Thorpe, impatient for praise of her son, “I hope you have had an agreeable partner.”

“Very agreeable, madam.”

“I am glad of it. John has charming spirits, has not he?”

“Did you meet Mr. Tilney, my dear?” said Mrs. Allen.

“No, where is he?”

“He was with us just now, and said he was so tired of lounging about, that he was resolved to go and dance; so I thought perhaps he would ask you, if he met with you.”

“Where can he be?” said Catherine, looking round; but she had not looked round long before she saw him leading a young lady to the dance.

“Ah! He has got a partner; I wish he had asked you,” said Mrs. Allen; and after a short silence, she added, “he is a very agreeable young man.”

“Indeed he is, Mrs. Allen,” said Mrs. Thorpe, smiling complacently; “I must say it, though I am his mother, that there is not a more agreeable young man in the world.”

This inapplicable answer might have been too much for the comprehension of many; but it did not puzzle Mrs. Allen, for after only a moment’s consideration, she said, in a whisper to Catherine, “I dare say she thought I was speaking of her son.”

Catherine was disappointed and vexed. She seemed to have missed by so little the very object she had had in view; and this persuasion did not incline her to a very gracious reply, when John Thorpe came up to her soon afterwards and said, “Well, Miss Morland, I suppose you and I are to stand up and jig it together again.”

“Oh, no; I am much obliged to you, our two dances are over; and, besides, I am tired, and do not mean to dance any more.”

“Do not you? Then let us walk about and quiz people. Come along with me, and I will show you the four greatest quizzers in the room; my two younger sisters and their partners. I have been laughing at them this half hour.”

Again Catherine excused herself; and at last he walked off to quiz his sisters by himself. The rest of the evening she found very dull; Mr. Tilney was

drawn away from their party at tea, to attend that of his partner; Miss Tilney, though belonging to it, did not sit near her, and James and Isabella were so much engaged in conversing together that the latter had no leisure to bestow more on her friend than one smile, one squeeze, and one “dearest Catherine.”

CHAPTER 9

The progress of Catherine's unhappiness from the events of the evening was as follows. It appeared first in a general dissatisfaction with everybody about her, while she remained in the rooms, which speedily brought on considerable weariness and a violent desire to go home. This, on arriving in Pulteney Street, took the direction of extraordinary hunger, and when that was appeased, changed into an earnest longing to be in bed; such was the extreme point of her distress; for when there she immediately fell into a sound sleep which lasted nine hours, and from which she awoke perfectly revived, in excellent spirits, with fresh hopes and fresh schemes. The first wish of her heart was to improve her acquaintance with Miss Tilney, and almost her first resolution, to seek her for that purpose, in the pump-room at noon. In the pump-room, one so newly arrived in Bath must be met with, and that building she had already found so favourable for the discovery of female excellence, and the completion of female intimacy, so admirably adapted for secret discourses and unlimited confidence, that she was most reasonably encouraged to expect another friend from within its walls. Her plan for the morning thus settled, she sat quietly down to her book after breakfast, resolving to remain in the same place and the same employment till the clock struck one; and from habitude very little incommoded by the remarks and ejaculations of Mrs. Allen, whose vacancy of mind and incapacity for thinking were such, that as she never talked a great deal, so she could never be entirely silent; and, therefore, while she sat at her work, if she lost her needle or broke her thread, if she heard a carriage in the street, or saw a speck upon her gown, she must observe it aloud, whether there were any one at leisure to answer her or not. At about half past twelve, a remarkably loud rap drew her in haste to the window, and scarcely had she time to inform Catherine of there being two open carriages at the door, in the first only a servant, her brother driving Miss Thorpe in the second, before John Thorpe came running upstairs, calling out, "Well, Miss Morland, here I am. Have you been waiting long? We could not come before; the old devil of a coachmaker was such an eternity finding out a thing fit to be got into, and now it is ten thousand to one but they break down before we are out of the street. How do you do, Mrs. Allen? A famous ball last night, was not it? Come, Miss Morland, be quick, for the others are in a confounded hurry to be off. They want to get their tumble over."

"What do you mean?" said Catherine. "Where are you all going to?"

"Going to? Why, you have not forgot our engagement! Did not we agree together to take a drive this morning? What a head you have! We are going up Claverton Down."

"Something was said about it, I remember," said Catherine, looking at Mrs. Allen for her opinion; "but really I did not expect you."

“Not expect me! That’s a good one! And what a dust you would have made, if I had not come.”

Catherine’s silent appeal to her friend, meanwhile, was entirely thrown away, for Mrs. Allen, not being at all in the habit of conveying any expression herself by a look, was not aware of its being ever intended by anybody else; and Catherine, whose desire of seeing Miss Tilney again could at that moment bear a short delay in favour of a drive, and who thought there could be no impropriety in her going with Mr. Thorpe, as Isabella was going at the same time with James, was therefore obliged to speak plainer. “Well, ma’am, what do you say to it? Can you spare me for an hour or two? Shall I go?”

“Do just as you please, my dear,” replied Mrs. Allen, with the most placid indifference. Catherine took the advice, and ran off to get ready. In a very few minutes she reappeared, having scarcely allowed the two others time enough to get through a few short sentences in her praise, after Thorpe had procured Mrs. Allen’s admiration of his gig; and then receiving her friend’s parting good wishes, they both hurried downstairs. “My dearest creature,” cried Isabella, to whom the duty of friendship immediately called her before she could get into the carriage, “you have been at least three hours getting ready. I was afraid you were ill. What a delightful ball we had last night. I have a thousand things to say to you; but make haste and get in, for I long to be off.”

Catherine followed her orders and turned away, but not too soon to hear her friend exclaim aloud to James, “What a sweet girl she is! I quite dote on her.”

“You will not be frightened, Miss Morland,” said Thorpe, as he handed her in, “if my horse should dance about a little at first setting off. He will, most likely, give a plunge or two, and perhaps take the rest for a minute; but he will soon know his master. He is full of spirits, playful as can be, but there is no vice in him.”

Catherine did not think the portrait a very inviting one, but it was too late to retreat, and she was too young to own herself frightened; so, resigning herself to her fate, and trusting to the animal’s boasted knowledge of its owner, she sat peaceably down, and saw Thorpe sit down by her. Everything being then arranged, the servant who stood at the horse’s head was bid in an important voice “to let him go,” and off they went in the quietest manner imaginable, without a plunge or a caper, or anything like one. Catherine, delighted at so happy an escape, spoke her pleasure aloud with grateful surprise; and her companion immediately made the matter perfectly simple by assuring her that it was entirely owing to the peculiarly judicious manner in which he had then held the reins, and the singular discernment and dexterity with which he had directed his whip. Catherine, though she could not help wondering that with such perfect command of his horse, he should think it necessary to alarm her with a relation of its tricks, congratulated herself sincerely on being under the care of so excellent a

coachman; and perceiving that the animal continued to go on in the same quiet manner, without showing the smallest propensity towards any unpleasant vivacity, and (considering its inevitable pace was ten miles an hour) by no means alarmingly fast, gave herself up to all the enjoyment of air and exercise of the most invigorating kind, in a fine mild day of February, with the consciousness of safety. A silence of several minutes succeeded their first short dialogue; it was broken by Thorpe's saying very abruptly, "Old Allen is as rich as a Jew – is not he?" Catherine did not understand him – and he repeated his question, adding in explanation, "Old Allen, the man you are with."

"Oh! Mr. Allen, you mean. Yes, I believe, he is very rich."

"And no children at all?"

"No, not any."

"A famous thing for his next heirs. He is your godfather, is not he?"

"My godfather! No."

"But you are always very much with them."

"Yes, very much."

"Aye, that is what I meant. He seems a good kind of old fellow enough, and has lived very well in his time, I dare say; he is not gouty for nothing. Does he drink his bottle a day now?"

"His bottle a day! No. Why should you think of such a thing? He is a very temperate man, and you could not fancy him in liquor last night?"

"Lord help you! You women are always thinking of men's being in liquor. Why, you do not suppose a man is upset by a bottle? I am sure of this... that if everybody was to drink their bottle a day, there would not be half the disorders in the world there are now. It would be a famous good thing for us all."

"I cannot believe it."

"Oh! Lord, it would be the saving of thousands. There is not the hundredth part of the wine consumed in this kingdom that there ought to be. Our foggy climate wants help."

"And yet I have heard that there is a great deal of wine drunk in Oxford."

"Oxford! There is no drinking at Oxford now, I assure you. Nobody drinks there. You would hardly meet with a man who goes beyond his four pints at the utmost. Now, for instance, it was reckoned a remarkable thing, at the last party in my rooms, that upon an average we cleared about five pints a head. It was looked upon as something out of the common way. Mine is famous good stuff, to be sure. You would not often meet with anything like it in Oxford – and that may account for it. But this will just give you a notion of the general rate of drinking there."

"Yes, it does give a notion," said Catherine warmly, "and that is, that you all drink a great deal more wine than I thought you did. However, I am sure

James does not drink so much.”

This declaration brought on a loud and overpowering reply, of which no part was very distinct, except the frequent exclamations, amounting almost to oaths, which adorned it, and Catherine was left, when it ended, with rather a strengthened belief of there being a great deal of wine drunk in Oxford, and the same happy conviction of her brother's comparative sobriety.

Thorpe's ideas then all reverted to the merits of his own equipage, and she was called on to admire the spirit and freedom with which his horse moved along, and the ease which his paces, as well as the excellence of the springs, gave the motion of the carriage. She followed him in all his admiration as well as she could. To go before or beyond him was impossible. His knowledge and her ignorance of the subject, his rapidity of expression, and her diffidence of herself put that out of her power; she could strike out nothing new in commendation, but she readily echoed whatever he chose to assert, and it was finally settled between them without any difficulty that his equipage was altogether the most complete of its kind in England, his carriage the neatest, his horse the best goer, and himself the best coachman. “You do not really think, Mr. Thorpe,” said Catherine, venturing after some time to consider the matter as entirely decided, and to offer some little variation on the subject, “that James's gig will break down?”

“Break down! Oh! Lord! Did you ever see such a little tittuppy thing in your life? There is not a sound piece of iron about it. The wheels have been fairly worn out these ten years at least – and as for the body! Upon my soul, you might shake it to pieces yourself with a touch. It is the most devilish little rickety business I ever beheld! Thank God! we have got a better. I would not be bound to go two miles in it for fifty thousand pounds.”

“Good heavens!” cried Catherine, quite frightened. “Then pray let us turn back; they will certainly meet with an accident if we go on. Do let us turn back, Mr. Thorpe; stop and speak to my brother, and tell him how very unsafe it is.”

“Unsafe! Oh, lord! What is there in that? They will only get a roll if it does break down; and there is plenty of dirt; it will be excellent falling. Oh, curse it! The carriage is safe enough, if a man knows how to drive it; a thing of that sort in good hands will last above twenty years after it is fairly worn out. Lord bless you! I would undertake for five pounds to drive it to York and back again, without losing a nail.”

Catherine listened with astonishment; she knew not how to reconcile two such very different accounts of the same thing; for she had not been brought up to understand the propensities of a rattle, nor to know to how many idle assertions and impudent falsehoods the excess of vanity will lead. Her own family were plain, matter-of-fact people who seldom aimed at wit of any kind; her father, at the utmost, being contented with a pun, and her mother with a proverb; they were

not in the habit therefore of telling lies to increase their importance, or of asserting at one moment what they would contradict the next. She reflected on the affair for some time in much perplexity, and was more than once on the point of requesting from Mr. Thorpe a clearer insight into his real opinion on the subject; but she checked herself, because it appeared to her that he did not excel in giving those clearer insights, in making those things plain which he had before made ambiguous; and, joining to this, the consideration that he would not really suffer his sister and his friend to be exposed to a danger from which he might easily preserve them, she concluded at last that he must know the carriage to be in fact perfectly safe, and therefore would alarm herself no longer. By him the whole matter seemed entirely forgotten; and all the rest of his conversation, or rather talk, began and ended with himself and his own concerns. He told her of horses which he had bought for a trifle and sold for incredible sums; of racing matches, in which his judgment had infallibly foretold the winner; of shooting parties, in which he had killed more birds (though without having one good shot) than all his companions together; and described to her some famous day's sport, with the fox-hounds, in which his foresight and skill in directing the dogs had repaired the mistakes of the most experienced huntsman, and in which the boldness of his riding, though it had never endangered his own life for a moment, had been constantly leading others into difficulties, which he calmly concluded had broken the necks of many.

Little as Catherine was in the habit of judging for herself, and unfixed as were her general notions of what men ought to be, she could not entirely repress a doubt, while she bore with the effusions of his endless conceit, of his being altogether completely agreeable. It was a bold surmise, for he was Isabella's brother; and she had been assured by James that his manners would recommend him to all her sex; but in spite of this, the extreme weariness of his company, which crept over her before they had been out an hour, and which continued unceasingly to increase till they stopped in Pulteney Street again, induced her, in some small degree, to resist such high authority, and to distrust his powers of giving universal pleasure.

When they arrived at Mrs. Allen's door, the astonishment of Isabella was hardly to be expressed, on finding that it was too late in the day for them to attend her friend into the house: "Past three o'clock!" It was inconceivable, incredible, impossible! And she would neither believe her own watch, nor her brother's, nor the servant's; she would believe no assurance of it founded on reason or reality, till Morland produced his watch, and ascertained the fact; to have doubted a moment longer then would have been equally inconceivable, incredible, and impossible; and she could only protest, over and over again, that no two hours and a half had ever gone off so swiftly before, as Catherine was called on to confirm; Catherine could not tell a falsehood even to please Isabella;

but the latter was spared the misery of her friend's dissenting voice, by not waiting for her answer. Her own feelings entirely engrossed her; her wretchedness was most acute on finding herself obliged to go directly home. It was ages since she had had a moment's conversation with her dearest Catherine; and, though she had such thousands of things to say to her, it appeared as if they were never to be together again; so, with smiles of most exquisite misery, and the laughing eye of utter despondency, she bade her friend adieu and went on.

Catherine found Mrs. Allen just returned from all the busy idleness of the morning, and was immediately greeted with, "Well, my dear, here you are," a truth which she had no greater inclination than power to dispute; "and I hope you have had a pleasant airing?"

"Yes, ma'am, I thank you; we could not have had a nicer day."

"So Mrs. Thorpe said; she was vastly pleased at your all going."

"You have seen Mrs. Thorpe, then?"

"Yes, I went to the pump-room as soon as you were gone, and there I met her, and we had a great deal of talk together. She says there was hardly any veal to be got at market this morning, it is so uncommonly scarce."

"Did you see anybody else of our acquaintance?"

"Yes; we agreed to take a turn in the Crescent, and there we met Mrs. Hughes, and Mr. and Miss Tilney walking with her."

"Did you indeed? And did they speak to you?"

"Yes, we walked along the Crescent together for half an hour. They seem very agreeable people. Miss Tilney was in a very pretty spotted muslin, and I fancy, by what I can learn, that she always dresses very handsomely. Mrs. Hughes talked to me a great deal about the family."

"And what did she tell you of them?"

"Oh! A vast deal indeed; she hardly talked of anything else."

"Did she tell you what part of Gloucestershire they come from?"

"Yes, she did; but I cannot recollect now. But they are very good kind of people, and very rich. Mrs. Tilney was a Miss Drummond, and she and Mrs. Hughes were schoolfellows; and Miss Drummond had a very large fortune; and, when she married, her father gave her twenty thousand pounds, and five hundred to buy wedding-clothes. Mrs. Hughes saw all the clothes after they came from the warehouse."

"And are Mr. and Mrs. Tilney in Bath?"

"Yes, I fancy they are, but I am not quite certain. Upon recollection, however, I have a notion they are both dead; at least the mother is; yes, I am sure Mrs. Tilney is dead, because Mrs. Hughes told me there was a very beautiful set of pearls that Mr. Drummond gave his daughter on her wedding-day and that Miss Tilney has got now, for they were put by for her when her mother died."

"And is Mr. Tilney, my partner, the only son?"

“I cannot be quite positive about that, my dear; I have some idea he is; but, however, he is a very fine young man, Mrs. Hughes says, and likely to do very well.”

Catherine inquired no further; she had heard enough to feel that Mrs. Allen had no real intelligence to give, and that she was most particularly unfortunate herself in having missed such a meeting with both brother and sister. Could she have foreseen such a circumstance, nothing should have persuaded her to go out with the others; and, as it was, she could only lament her ill luck, and think over what she had lost, till it was clear to her that the drive had by no means been very pleasant and that John Thorpe himself was quite disagreeable.

CHAPTER 10

The Allens, Thorpes, and Morlands all met in the evening at the theatre; and, as Catherine and Isabella sat together, there was then an opportunity for the latter to utter some few of the many thousand things which had been collecting within her for communication in the immeasurable length of time which had divided them. "Oh, heavens! My beloved Catherine, have I got you at last?" was her address on Catherine's entering the box and sitting by her. "Now, Mr. Morland," for he was close to her on the other side, "I shall not speak another word to you all the rest of the evening; so I charge you not to expect it. My sweetest Catherine, how have you been this long age? But I need not ask you, for you look delightfully. You really have done your hair in a more heavenly style than ever; you mischievous creature, do you want to attract everybody? I assure you, my brother is quite in love with you already; and as for Mr. Tilney – but that is a settled thing – even your modesty cannot doubt his attachment now; his coming back to Bath makes it too plain. Oh! What would not I give to see him! I really am quite wild with impatience. My mother says he is the most delightful young man in the world; she saw him this morning, you know; you must introduce him to me. Is he in the house now? Look about, for heaven's sake! I assure you, I can hardly exist till I see him."

"No," said Catherine, "he is not here; I cannot see him any where."

"Oh, horrid! Am I never to be acquainted with him? How do you like my gown? I think it does not look amiss; the sleeves were entirely my own thought. Do you know, I get so immoderately sick of Bath; your brother and I were agreeing this morning that, though it is vastly well to be here for a few weeks, we would not live here for millions. We soon found out that our tastes were exactly alike in preferring the country to every other place; really, our opinions were so exactly the same, it was quite ridiculous! There was not a single point in which we differed; I would not have had you by for the world; you are such a sly thing, I am sure you would have made some droll remark or other about it."

"No, indeed I should not."

"Oh, yes you would indeed; I know you better than you know yourself. You would have told us that we seemed born for each other, or some nonsense of that kind, which would have distressed me beyond conception; my cheeks would have been as red as your roses; I would not have had you by for the world."

"Indeed you do me injustice; I would not have made so improper a remark upon any account; and besides, I am sure it would never have entered my head."

Isabella smiled incredulously and talked the rest of the evening to James.

Catherine's resolution of endeavouring to meet Miss Tilney again

continued in full force the next morning; and till the usual moment of going to the pump-room, she felt some alarm from the dread of a second prevention. But nothing of that kind occurred, no visitors appeared to delay them, and they all three set off in good time for the pump-room, where the ordinary course of events and conversation took place; Mr. Allen, after drinking his glass of water, joined some gentlemen to talk over the politics of the day and compare the accounts of their newspapers; and the ladies walked about together, noticing every new face, and almost every new bonnet in the room. The female part of the Thorpe family, attended by James Morland, appeared among the crowd in less than a quarter of an hour, and Catherine immediately took her usual place by the side of her friend. James, who was now in constant attendance, maintained a similar position, and separating them-selves from the rest of their party, they walked in that manner for some time, till Catherine began to doubt the happiness of a situation which, confining her entirely to her friend and brother, gave her very little share in the notice of either. They were always engaged in some sentimental discussion or lively dispute, but their sentiment was conveyed in such whispering voices, and their vivacity attended with so much laughter, that though Catherine's supporting opinion was not unfrequently called for by one or the other, she was never able to give any, from not having heard a word of the subject. At length however she was empowered to disengage herself from her friend, by the avowed necessity of speaking to Miss Tilney, whom she most joyfully saw just entering the room with Mrs. Hughes, and whom she instantly joined, with a firmer determination to be acquainted, than she might have had courage to command, had she not been urged by the disappointment of the day before. Miss Tilney met her with great civility, returned her advances with equal goodwill, and they continued talking together as long as both parties remained in the room; and though in all probability not an observation was made, nor an expression used by either which had not been made and used some thousands of times before, under that roof, in every Bath season, yet the merit of their being spoken with simplicity and truth, and without personal conceit, might be something uncommon.

"How well you brother dances!" was an artless exclamation of Catherine's towards the close of their conversation, which at once surprised and amused her companion.

"Henry!" she replied with a smile. "Yes, he does dance very well."

"He must have thought it very odd to hear me say I was engaged the other evening, when he saw me sitting down. But I really had been engaged the whole day to Mr. Thorpe." Miss Tilney could only bow. "You cannot think," added Catherine after a moment's silence, "how surprised I was to see him again. I felt so sure of his being quite gone away."

"When Henry had the pleasure of seeing you before, he was in Bath

but for a couple of days. He came only to engage lodgings for us.”

“That never occurred to me; and of course, not seeing him any where, I thought he must be gone. Was not the young lady he danced with on Monday a Miss Smith?”

“Yes, an acquaintance of Mrs. Hughes.”

“I dare say she was very glad to dance. Do you think her pretty?”

“Not very.”

“He never comes to the pump-room, I suppose?”

“Yes, sometimes; but he has rid out this morning with my father.”

Mrs. Hughes now joined them, and asked Miss Tilney if she was ready to go. “I hope I shall have the pleasure of seeing you again soon,” said Catherine. “Shall you be at the cotillion ball tomorrow?”

“Perhaps we... Yes, I think we certainly shall.”

“I am glad of it, for we shall all be there.” This civility was duly returned; and they parted – on Miss Tilney’s side with some knowledge of her new acquaintance’s feelings, and on Catherine’s, without the smallest consciousness of having explained them.

She went home very happy. The morning had answered all her hopes, and the evening of the following day was now the object of expectation, the future good. What gown and what head-dress she should wear on the occasion became her chief concern. She cannot be justified in it. Dress is at all times a frivolous distinction, and excessive solicitude about it often destroys its own aim. Catherine knew all this very well; her great aunt had read her a lecture on the subject only the Christmas before; and yet she lay awake ten minutes on Wednesday night debating between her spotted and her tamboured muslin, and nothing but the shortness of the time prevented her buying a new one for the evening. This would have been an error in judgment, great though not uncommon, from which one of the other sex rather than her own, a brother rather than a great aunt, might have warned her, for man only can be aware of the insensibility of man towards a new gown. It would be mortifying to the feelings of many ladies, could they be made to understand how little the heart of man is affected by what is costly or new in their attire; how little it is biased by the texture of their muslin, and how unsusceptible of peculiar tenderness towards the spotted, the sprigged, the mull, or the jackonet. Woman is fine for her own satisfaction alone. No man will admire her the more, no woman will like her the better for it. Neatness and fashion are enough for the former, and a something of shabbiness or impropriety will be most endearing to the latter. But not one of these grave reflections troubled the tranquillity of Catherine.

She entered the rooms on Thursday evening with feelings very different from what had attended her thither the Monday before. She had then been exulting in her engagement to Thorpe, and was now chiefly anxious to avoid

his sight, lest he should engage her again; for though she could not, dared not expect that Mr. Tilney should ask her a third time to dance, her wishes, hopes, and plans all centred in nothing less. Every young lady may feel for my heroine in this critical moment, for every young lady has at some time or other known the same agitation. All have been, or at least all have believed themselves to be, in danger from the pursuit of someone whom they wished to avoid; and all have been anxious for the attentions of someone whom they wished to please. As soon as they were joined by the Thorpes, Catherine's agony began; she fidgeted about if John Thorpe came towards her, hid herself as much as possible from his view, and when he spoke to her pretended not to hear him. The cotillions were over, the country-dancing beginning, and she saw nothing of the Tilneys.

"Do not be frightened, my dear Catherine," whispered Isabella, "but I am really going to dance with your brother again. I declare positively it is quite shocking. I tell him he ought to be ashamed of himself, but you and John must keep us in countenance. Make haste, my dear creature, and come to us. John is just walked off, but he will be back in a moment."

Catherine had neither time nor inclination to answer. The others walked away, John Thorpe was still in view, and she gave herself up for lost. That she might not appear, however, to observe or expect him, she kept her eyes intently fixed on her fan; and a self-condemnation for her folly, in supposing that among such a crowd they should even meet with the Tilneys in any reasonable time, had just passed through her mind, when she suddenly found herself addressed and again solicited to dance, by Mr. Tilney himself. With what sparkling eyes and ready motion she granted his request, and with how pleasing a flutter of heart she went with him to the set, may be easily imagined. To escape, and, as she believed, so narrowly escape John Thorpe, and to be asked, so immediately on his joining her, asked by Mr. Tilney, as if he had sought her on purpose! it did not appear to her that life could supply any greater felicity.

Scarcely had they worked themselves into the quiet possession of a place, however, when her attention was claimed by John Thorpe, who stood behind her. "Heyday, Miss Morland!" said he. "What is the meaning of this? I thought you and I were to dance together."

"I wonder you should think so, for you never asked me."

"That is a good one, by Jove! I asked you as soon as I came into the room, and I was just going to ask you again, but when I turned round, you were gone! This is a cursed shabby trick! I only came for the sake of dancing with you, and I firmly believe you were engaged to me ever since Monday. Yes; I remember, I asked you while you were waiting in the lobby for your cloak. And here have I been telling all my acquaintance that I was going to dance with the prettiest girl in the room; and when they see you standing up with somebody else, they will quiz me famously."

“Oh, no; they will never think of me, after such a description as that.”

“By heavens, if they do not, I will kick them out of the room for blockheads. What chap have you there?” Catherine satisfied his curiosity. “Tilney,” he repeated. “Hum, I do not know him. A good figure of a man; well put together. Does he want a horse? Here is a friend of mine, Sam Fletcher, has got one to sell that would suit anybody. A famous clever animal for the road – only forty guineas. I had fifty minds to buy it myself, for it is one of my maxims always to buy a good horse when I meet with one; but it would not answer my purpose, it would not do for the field. I would give any money for a real good hunter. I have three now, the best that ever were backed. I would not take eight hundred guineas for them. Fletcher and I mean to get a house in Leicestershire, against the next season. It is so d... uncomfortable, living at an inn.”

This was the last sentence by which he could weary Catherine’s attention, for he was just then borne off by the resistless pressure of a long string of passing ladies. Her partner now drew near, and said, “That gentleman would have put me out of patience, had he stayed with you half a minute longer. He has no business to withdraw the attention of my partner from me. We have entered into a contract of mutual agreeableness for the space of an evening, and all our agreeableness belongs solely to each other for that time. Nobody can fasten themselves on the notice of one, without injuring the rights of the other. I consider a country-dance as an emblem of marriage. Fidelity and complaisance are the principal duties of both; and those men who do not choose to dance or marry themselves, have no business with the partners or wives of their neighbours.”

“But they are such very different things!”

“That you think they cannot be compared together.”

“To be sure not. People that marry can never part, but must go and keep house together. People that dance only stand opposite each other in a long room for half an hour.”

“And such is your definition of matrimony and dancing. Taken in that light certainly, their resemblance is not striking; but I think I could place them in such a view. You will allow, that in both, man has the advantage of choice, woman only the power of refusal; that in both, it is an engagement between man and woman, formed for the advantage of each; and that when once entered into, they belong exclusively to each other till the moment of its dissolution; that it is their duty, each to endeavour to give the other no cause for wishing that he or she had bestowed themselves elsewhere, and their best interest to keep their own imaginations from wandering towards the perfections of their neighbours, or fancying that they should have been better off with anyone else. You will allow all this?”

“Yes, to be sure, as you state it, all this sounds very well; but still they are so very different. I cannot look upon them at all in the same light, nor think the

same duties belong to them.”

“In one respect, there certainly is a difference. In marriage, the man is supposed to provide for the support of the woman, the woman to make the home agreeable to the man; he is to purvey, and she is to smile. But in dancing, their duties are exactly changed; the agreeableness, the compliance are expected from him, while she furnishes the fan and the lavender water. That, I suppose, was the difference of duties which struck you, as rendering the conditions incapable of comparison.”

“No, indeed, I never thought of that.”

“Then I am quite at a loss. One thing, however, I must observe. This disposition on your side is rather alarming. You totally disallow any similarity in the obligations; and may I not thence infer that your notions of the duties of the dancing state are not so strict as your partner might wish? Have I not reason to fear that if the gentleman who spoke to you just now were to return, or if any other gentleman were to address you, there would be nothing to restrain you from conversing with him as long as you chose?”

“Mr. Thorpe is such a very particular friend of my brother’s, that if he talks to me, I must talk to him again; but there are hardly three young men in the room besides him that I have any acquaintance with.”

“And is that to be my only security? Alas, alas!”

“Nay, I am sure you cannot have a better; for if I do not know anybody, it is impossible for me to talk to them; and, besides, I do not want to talk to anybody.”

“Now you have given me a security worth having; and I shall proceed with courage. Do you find Bath as agreeable as when I had the honour of making the inquiry before?”

“Yes, quite. More so, indeed.”

“More so! Take care, or you will forget to be tired of it at the proper time. You ought to be tired at the end of six weeks.”

“I do not think I should be tired, if I were to stay here six months.”

“Bath, compared with London, has little variety, and so everybody finds out every year. ‘For six weeks, I allow Bath is pleasant enough; but beyond that, it is the most tiresome place in the world.’ You would be told so by people of all descriptions, who come regularly every winter, lengthen their six weeks into ten or twelve, and go away at last because they can afford to stay no longer.”

“Well, other people must judge for themselves, and those who go to London may think nothing of Bath. But I, who live in a small retired village in the country, can never find greater sameness in such a place as this than in my own home; for here are a variety of amusements, a variety of things to be seen and done all day long, which I can know nothing of there.”

“You are not fond of the country.”

“Yes, I am. I have always lived there, and always been very happy. But certainly there is much more sameness in a country life than in a Bath life. One day in the country is exactly like another.”

“But then you spend your time so much more rationally in the country.”

“Do I?”

“Do you not?”

“I do not believe there is much difference.”

“Here you are in pursuit only of amusement all day long.”

“And so I am at home – only I do not find so much of it. I walk about here, and so I do there; but here I see a variety of people in every street, and there I can only go and call on Mrs. Allen.”

Mr. Tilney was very much amused.

“Only go and call on Mrs. Allen!” he repeated. “What a picture of intellectual poverty! However, when you sink into this abyss again, you will have more to say. You will be able to talk of Bath, and of all that you did here.”

“Oh! Yes. I shall never be in want of something to talk of again to Mrs. Allen, or anybody else. I really believe I shall always be talking of Bath, when I am at home again – I do like it so very much. If I could but have Papa and Mamma, and the rest of them here, I suppose I should be too happy! James’s coming (my eldest brother) is quite delightful – and especially as it turns out that the very family we are just got so intimate with are his intimate friends already. Oh! Who can ever be tired of Bath?”

“Not those who bring such fresh feelings of every sort to it as you do. But papas and mammas, and brothers, and intimate friends are a good deal gone by, to most of the frequenters of Bath – and the honest relish of balls and plays, and everyday sights, is past with them.” Here their conversation closed, the demands of the dance becoming now too importunate for a divided attention.

Soon after their reaching the bottom of the set, Catherine perceived herself to be earnestly regarded by a gentleman who stood among the lookers-on, immediately behind her partner. He was a very handsome man, of a commanding aspect, past the bloom, but not past the vigour of life; and with his eye still directed towards her, she saw him presently address Mr. Tilney in a familiar whisper. Confused by his notice, and blushing from the fear of its being excited by something wrong in her appearance, she turned away her head. But while she did so, the gentleman retreated, and her partner, coming nearer, said, “I see that you guess what I have just been asked. That gentleman knows your name, and you have a right to know his. It is General Tilney, my father.”

Catherine’s answer was only “Oh!” – but it was an “Oh!” expressing everything needful: attention to his words, and perfect reliance on their truth. With real interest and strong admiration did her eye now follow the general, as he

moved through the crowd, and “How handsome a family they are!” was her secret remark.

In chatting with Miss Tilney before the evening concluded, a new source of felicity arose to her. She had never taken a country walk since her arrival in Bath. Miss Tilney, to whom all the commonly frequented environs were familiar, spoke of them in terms which made her all eagerness to know them too; and on her openly fearing that she might find nobody to go with her, it was proposed by the brother and sister that they should join in a walk, some morning or other. “I shall like it,” she cried, “beyond anything in the world; and do not let us put it off – let us go tomorrow.” This was readily agreed to, with only a proviso of Miss Tilney’s, that it did not rain, which Catherine was sure it would not. At twelve o’clock, they were to call for her in Pulteney Street; and “Remember – twelve o’clock,” was her parting speech to her new friend. Of her other, her older, her more established friend, Isabella, of whose fidelity and worth she had enjoyed a fortnight’s experience, she scarcely saw anything during the evening. Yet, though longing to make her acquainted with her happiness, she cheerfully submitted to the wish of Mr. Allen, which took them rather early away, and her spirits danced within her, as she danced in her chair all the way home.

CHAPTER 11

The morrow brought a very sober-looking morning, the sun making only a few efforts to appear, and Catherine augured from it everything most favourable to her wishes. A bright morning so early in the year, she allowed, would generally turn to rain, but a cloudy one foretold improvement as the day advanced. She applied to Mr. Allen for confirmation of her hopes, but Mr. Allen, not having his own skies and barometer about him, declined giving any absolute promise of sunshine. She applied to Mrs. Allen, and Mrs. Allen's opinion was more positive. "She had no doubt in the world of its being a very fine day, if the clouds would only go off, and the sun keep out."

At about eleven o'clock, however, a few specks of small rain upon the windows caught Catherine's watchful eye, and "Oh! dear, I do believe it will be wet," broke from her in a most desponding tone.

"I thought how it would be," said Mrs. Allen.

"No walk for me today," sighed Catherine; "but perhaps it may come to nothing, or it may hold up before twelve."

"Perhaps it may, but then, my dear, it will be so dirty."

"Oh! That will not signify; I never mind dirt."

"No," replied her friend very placidly, "I know you never mind dirt."

After a short pause, "It comes on faster and faster!" said Catherine, as she stood watching at a window.

"So it does indeed. If it keeps raining, the streets will be very wet."

"There are four umbrellas up already. How I hate the sight of an umbrella!"

"They are disagreeable things to carry. I would much rather take a chair at any time."

"It was such a nice-looking morning! I felt so convinced it would be dry!"

"Anybody would have thought so indeed. There will be very few people in the pump-room, if it rains all the morning. I hope Mr. Allen will put on his greatcoat when he goes, but I dare say he will not, for he had rather do anything in the world than walk out in a greatcoat; I wonder he should dislike it, it must be so comfortable."

The rain continued – fast, though not heavy. Catherine went every five minutes to the clock, threatening on each return that, if it still kept on raining another five minutes, she would give up the matter as hopeless. The clock struck twelve, and it still rained. "You will not be able to go, my dear."

"I do not quite despair yet. I shall not give it up till a quarter after twelve. This is just the time of day for it to clear up, and I do think it looks a little lighter. There, it is twenty minutes after twelve, and now I shall give it up entirely."

Oh! That we had such weather here as they had at Udolpho, or at least in Tuscany and the south of France! – the night that poor St. Aubin died! – such beautiful weather!”

At half past twelve, when Catherine’s anxious attention to the weather was over and she could no longer claim any merit from its amendment, the sky began voluntarily to clear. A gleam of sunshine took her quite by surprise; she looked round; the clouds were parting, and she instantly returned to the window to watch over and encourage the happy appearance. Ten minutes more made it certain that a bright afternoon would succeed, and justified the opinion of Mrs. Allen, who had “always thought it would clear up.” But whether Catherine might still expect her friends, whether there had not been too much rain for Miss Tilney to venture, must yet be a question.

It was too dirty for Mrs. Allen to accompany her husband to the pump-room; he accordingly set off by himself, and Catherine had barely watched him down the street when her notice was claimed by the approach of the same two open carriages, containing the same three people that had surprised her so much a few mornings back

“Isabella, my brother, and Mr. Thorpe, I declare! They are coming for me perhaps – but I shall not go – I cannot go indeed, for you know Miss Tilney may still call.” Mrs. Allen agreed to it. John Thorpe was soon with them, and his voice was with them yet sooner, for on the stairs he was calling out to Miss Morland to be quick “Make haste! Make haste!” as he threw open the door. “Put on your hat this moment – there is no time to be lost – we are going to Bristol. How d’ye do, Mrs. Allen?”

“To Bristol! Is not that a great way off? But, however, I cannot go with you today, because I am engaged; I expect some friends every moment.” This was of course vehemently talked down as no reason at all; Mrs. Allen was called on to second him, and the two others walked in, to give their assistance. “My sweetest Catherine, is not this delightful? We shall have a most heavenly drive. You are to thank your brother and me for the scheme; it darted into our heads at breakfast-time, I verily believe at the same instant; and we should have been off two hours ago if it had not been for this detestable rain. But it does not signify, the nights are moonlight, and we shall do delightfully. Oh! I am in such ecstasies at the thoughts of a little country air and quiet! So much better than going to the Lower Rooms. We shall drive directly to Clifton and dine there; and, as soon as dinner is over, if there is time for it, go on to Kingsweston.”

“I doubt our being able to do so much,” said Morland.

“You croaking fellow!” cried Thorpe. “We shall be able to do ten times more. Kingsweston! Aye, and Blaize Castle too, and anything else we can hear of; but here is your sister says she will not go.”

“Blaize Castle!” cried Catherine. “What is that?”

“The finest place in England – worth going fifty miles at any time to see.”

“What, is it really a castle, an old castle?”

“The oldest in the kingdom.”

“But is it like what one reads of?”

“Exactly – the very same.”

“But now really – are there towers and long galleries?”

“By dozens.”

“Then I should like to see it; but I cannot. I cannot go.

“Not go! My beloved creature, what do you mean?”

“I cannot go, because” – looking down as she spoke, fearful of Isabella’s smile – “I expect Miss Tilney and her brother to call on me to take a country walk. They promised to come at twelve, only it rained; but now, as it is so fine, I dare say they will be here soon.”

“Not they indeed,” cried Thorpe; “for, as we turned into Broad Street, I saw them – does he not drive a phaeton with bright chestnuts?”

“I do not know indeed.”

“Yes, I know he does; I saw him. You are talking of the man you danced with last night, are not you?”

“Yes.

“Well, I saw him at that moment turn up the Lansdown Road, driving a smart-looking girl.”

“Did you indeed?”

“Did upon my soul; knew him again directly, and he seemed to have got some very pretty cattle too.”

“It is very odd! But I suppose they thought it would be too dirty for a walk.”

“And well they might, for I never saw so much dirt in my life. Walk! You could no more walk than you could fly! It has not been so dirty the whole winter; it is ankle-deep everywhere.”

Isabella corroborated it: “My dearest Catherine, you cannot form an idea of the dirt; come, you must go; you cannot refuse going now.”

“I should like to see the castle; but may we go all over it? May we go up every staircase, and into every suite of rooms?”

“Yes, yes, every hole and corner.”

“But then, if they should only be gone out for an hour till it is dryer, and call by and by?”

“Make yourself easy, there is no danger of that, for I heard Tilney hallooing to a man who was just passing by on horseback, that they were going as far as Wick Rocks.”

“Then I will. Shall I go, Mrs. Allen?”

“Just as you please, my dear.”

“Mrs. Allen, you must persuade her to go,” was the general cry. Mrs. Allen was not inattentive to it: “Well, my dear,” said she, “suppose you go.” And in two minutes they were off.

Catherine’s feelings, as she got into the carriage, were in a very unsettled state; divided between regret for the loss of one great pleasure, and the hope of soon enjoying another, almost its equal in degree, however unlike in kind. She could not think the Tilneys had acted quite well by her, in so readily giving up their engagement, without sending her any message of excuse. It was now but an hour later than the time fixed on for the beginning of their walk; and, in spite of what she had heard of the prodigious accumulation of dirt in the course of that hour, she could not from her own observation help thinking that they might have gone with very little inconvenience. To feel herself slighted by them was very painful. On the other hand, the delight of exploring an edifice like Udolpho, as her fancy represented Blaize Castle to be, was such a counterpoise of good as might console her for almost any thing.

They passed briskly down Pulteney Street, and through Laura Place, without the exchange of many words. Thorpe talked to his horse, and she meditated, by turns, on broken promises and broken arches, phaetons and false hangings, Tilneys and trap-doors. As they entered Argyle Buildings, however, she was roused by this address from her companion, “Who is that girl who looked at you so hard as she went by?”

“Who? Where?”

“On the right-hand pavement – she must be almost out of sight now.” Catherine looked round and saw Miss Tilney leaning on her brother’s arm, walking slowly down the street. She saw them both looking back at her. “Stop, stop, Mr. Thorpe,” she impatiently cried; “it is Miss Tilney; it is indeed. How could you tell me they were gone? Stop, stop, I will get out this moment and go to them.” But to what purpose did she speak? Thorpe only lashed his horse into a brisker trot; the Tilneys, who had soon ceased to look after her, were in a moment out of sight round the corner of Laura Place, and in another moment she was herself whisked into the marketplace. Still, however, and during the length of another street, she entreated him to stop. “Pray, pray stop, Mr. Thorpe. I cannot go on. I will not go on. I must go back to Miss Tilney.” But Mr. Thorpe only laughed, smacked his whip, encouraged his horse, made odd noises, and drove on; and Catherine, angry and vexed as she was, having no power of getting away, was obliged to give up the point and submit. Her reproaches, however, were not spared. “How could you deceive me so, Mr. Thorpe? How could you say that you saw them driving up the Lansdown Road? I would not have had it happen so for the world. They must think it so strange, so rude of me! To go by them, too, without saying a word! You do not know how vexed I am; I shall have no pleasure at Clifton, nor in

anything else. I had rather, ten thousand times rather, get out now, and walk back to them. How could you say you saw them driving out in a phaeton?" Thorpe defended himself very stoutly, declared he had never seen two men so much alike in his life, and would hardly give up the point of its having been Tilney himself.

Their drive, even when this subject was over, was not likely to be very agreeable. Catherine's complaisance was no longer what it had been in their former airing. She listened reluctantly, and her replies were short. Blaize Castle remained her only comfort; towards that, she still looked at intervals with pleasure; though rather than be disappointed of the promised walk, and especially rather than be thought ill of by the Tilneys, she would willingly have given up all the happiness which its walls could supply – the happiness of a progress through a long suite of lofty rooms, exhibiting the remains of magnificent furniture, though now for many years deserted – the happiness of being stopped in their way along narrow, winding vaults, by a low, grated door; or even of having their lamp, their only lamp, extinguished by a sudden gust of wind, and of being left in total darkness. In the meanwhile, they proceeded on their journey without any mischance, and were within view of the town of Keynsham, when a halloo from Morland, who was behind them, made his friend pull up, to know what was the matter. The others then came close enough for conversation, and Morland said, "We had better go back, Thorpe; it is too late to go on today; your sister thinks so as well as I. We have been exactly an hour coming from Pulteney Street, very little more than seven miles; and, I suppose, we have at least eight more to go. It will never do. We set out a great deal too late. We had much better put it off till another day, and turn round."

"It is all one to me," replied Thorpe rather angrily; and instantly turning his horse, they were on their way back to Bath.

"If your brother had not got such a d – beast to drive," said he soon afterwards, "we might have done it very well. My horse would have trotted to Clifton within the hour, if left to himself, and I have almost broke my arm with pulling him in to that cursed broken-winded jade's pace. Morland is a fool for not keeping a horse and gig of his own."

"No, he is not," said Catherine warmly, "for I am sure he could not afford it."

"And why cannot he afford it?"

"Because he has not money enough."

"And whose fault is that?"

"Nobody's, that I know of." Thorpe then said something in the loud, incoherent way to which he had often recourse, about its being a d – thing to be miserly; and that if people who rolled in money could not afford things, he did not know who could, which Catherine did not even endeavour to understand.

Disappointed of what was to have been the consolation for her first disappointment, she was less and less disposed either to be agreeable herself or to find her companion so; and they returned to Pulteney Street without her speaking twenty words.

As she entered the house, the footman told her that a gentleman and lady had called and inquired for her a few minutes after her setting off; that, when he told them she was gone out with Mr. Thorpe, the lady had asked whether any message had been left for her; and on his saying no, had felt for a card, but said she had none about her, and went away. Pondering over these heart-rending tidings, Catherine walked slowly upstairs. At the head of them she was met by Mr. Allen, who, on hearing the reason of their speedy return, said, "I am glad your brother had so much sense; I am glad you are come back. It was a strange, wild scheme."

They all spent the evening together at Thorpe's. Catherine was disturbed and out of spirits; but Isabella seemed to find a pool of commerce, in the fate of which she shared, by private partnership with Morland, a very good equivalent for the quiet and country air of an inn at Clifton. Her satisfaction, too, in not being at the Lower Rooms was spoken more than once. "How I pity the poor creatures that are going there! How glad I am that I am not amongst them! I wonder whether it will be a full ball or not! They have not begun dancing yet. I would not be there for all the world. It is so delightful to have an evening now and then to oneself. I dare say it will not be a very good ball. I know the Mitchells will not be there. I am sure I pity everybody that is. But I dare say, Mr. Morland, you long to be at it, do not you? I am sure you do. Well, pray do not let anybody here be a restraint on you. I dare say we could do very well without you; but you men think yourselves of such consequence."

Catherine could almost have accused Isabella of being wanting in tenderness towards herself and her sorrows, so very little did they appear to dwell on her mind, and so very inadequate was the comfort she offered. "Do not be so dull, my dearest creature," she whispered. "You will quite break my heart. It was amazingly shocking, to be sure; but the Tilneys were entirely to blame. Why were not they more punctual? It was dirty, indeed, but what did that signify? I am sure John and I should not have minded it. I never mind going through anything, where a friend is concerned; that is my disposition, and John is just the same; he has amazing strong feelings. Good heavens! What a delightful hand you have got! Kings, I vow! I never was so happy in my life! I would fifty times rather you should have them than myself."

And now I may dismiss my heroine to the sleepless couch, which is the true heroine's portion; to a pillow strewn with thorns and wet with tears. And lucky may she think herself, if she get another good night's rest in the course of the next three months.

CHAPTER 12

“Mrs. Allen,” said Catherine the next morning, “will there be any harm in my calling on Miss Tilney today? I shall not be easy till I have explained everything.”

“Go, by all means, my dear; only put on a white gown; Miss Tilney always wears white.”

Catherine cheerfully complied, and being properly equipped, was more impatient than ever to be at the pump-room, that she might inform herself of General Tilney’s lodgings, for though she believed they were in Milsom Street, she was not certain of the house, and Mrs. Allen’s wavering convictions only made it more doubtful. To Milsom Street she was directed, and having made herself perfect in the number, hastened away with eager steps and a beating heart to pay her visit, explain her conduct, and be forgiven; tripping lightly through the church-yard, and resolutely turning away her eyes, that she might not be obliged to see her beloved Isabella and her dear family, who, she had reason to believe, were in a shop hard by. She reached the house without any impediment, looked at the number, knocked at the door, and inquired for Miss Tilney. The man believed Miss Tilney to be at home, but was not quite certain. Would she be pleased to send up her name? She gave her card. In a few minutes the servant returned, and with a look which did not quite confirm his words, said he had been mistaken, for that Miss Tilney was walked out. Catherine, with a blush of mortification, left the house. She felt almost persuaded that Miss Tilney was at home, and too much offended to admit her; and as she retired down the street, could not withhold one glance at the drawing-room windows, in expectation of seeing her there, but no one appeared at them. At the bottom of the street, however, she looked back again, and then, not at a window, but issuing from the door, she saw Miss Tilney herself. She was followed by a gentleman, whom Catherine believed to be her father, and they turned up towards Edgar’s Buildings. Catherine, in deep mortification, proceeded on her way. She could almost be angry herself at such angry incivility; but she checked the resentful sensation; she remembered her own ignorance. She knew not how such an offence as hers might be classed by the laws of worldly politeness, to what a degree of unforgiveness it might with propriety lead, nor to what rigours of rudeness in return it might justly make her amenable.

Dejected and humbled, she had even some thoughts of not going with the others to the theatre that night; but it must be confessed that they were not of long continuance, for she soon recollected, in the first place, that she was without any excuse for staying at home; and, in the second, that it was a play she wanted very much to see. To the theatre accordingly they all went; no Tilneys appeared to plague or please her; she feared that, amongst the many perfections of the

family, a fondness for plays was not to be ranked; but perhaps it was because they were habituated to the finer performances of the London stage, which she knew, on Isabella's authority, rendered everything else of the kind "quite horrid." She was not deceived in her own expectation of pleasure; the comedy so well suspended her care that no one, observing her during the first four acts, would have supposed she had any wretchedness about her. On the beginning of the fifth, however, the sudden view of Mr. Henry Tilney and his father, joining a party in the opposite box, recalled her to anxiety and distress. The stage could no longer excite genuine merriment – no longer keep her whole attention. Every other look upon an average was directed towards the opposite box; and, for the space of two entire scenes, did she thus watch Henry Tilney, without being once able to catch his eye. No longer could he be suspected of indifference for a play; his notice was never withdrawn from the stage during two whole scenes. At length, however, he did look towards her, and he bowed – but such a bow! No smile, no continued observance attended it; his eyes were immediately returned to their former direction. Catherine was restlessly miserable; she could almost have run round to the box in which he sat and forced him to hear her explanation. Feelings rather natural than heroic possessed her; instead of considering her own dignity injured by this ready condemnation – instead of proudly resolving, in conscious innocence, to show her resentment towards him who could harbour a doubt of it, to leave to him all the trouble of seeking an explanation, and to enlighten him on the past only by avoiding his sight, or flirting with somebody else – she took to herself all the shame of misconduct, or at least of its appearance, and was only eager for an opportunity of explaining its cause.

The play concluded – the curtain fell – Henry Tilney was no longer to be seen where he had hitherto sat, but his father remained, and perhaps he might be now coming round to their box. She was right; in a few minutes he appeared, and, making his way through the then thinning rows, spoke with like calm politeness to Mrs. Allen and her friend. Not with such calmness was he answered by the latter: "Oh! Mr. Tilney, I have been quite wild to speak to you, and make my apologies. You must have thought me so rude; but indeed it was not my own fault, was it, Mrs. Allen? Did not they tell me that Mr. Tilney and his sister were gone out in a phaeton together? And then what could I do? But I had ten thousand times rather have been with you; now had not I, Mrs. Allen?"

"My dear, you tumble my gown," was Mrs. Allen's reply.

Her assurance, however, standing sole as it did, was not thrown away; it brought a more cordial, more natural smile into his countenance, and he replied in a tone which retained only a little affected reserve: "We were much obliged to you at any rate for wishing us a pleasant walk after our passing you in Argyle Street: you were so kind as to look back on purpose."

"But indeed I did not wish you a pleasant walk; I never thought of such a

thing; but I begged Mr. Thorpe so earnestly to stop; I called out to him as soon as ever I saw you; now, Mrs. Allen, did not – Oh! You were not there; but indeed I did; and, if Mr. Thorpe would only have stopped, I would have jumped out and run after you.”

Is there a Henry in the world who could be insensible to such a declaration? Henry Tilney at least was not. With a yet sweeter smile, he said everything that need be said of his sister’s concern, regret, and dependence on Catherine’s honour. “Oh! Do not say Miss Tilney was not angry,” cried Catherine, “because I know she was; for she would not see me this morning when I called; I saw her walk out of the house the next minute after my leaving it; I was hurt, but I was not affronted. Perhaps you did not know I had been there.”

“I was not within at the time; but I heard of it from Eleanor, and she has been wishing ever since to see you, to explain the reason of such incivility; but perhaps I can do it as well. It was nothing more than that my father – they were just preparing to walk out, and he being hurried for time, and not caring to have it put off – made a point of her being denied. That was all, I do assure you. She was very much vexed, and meant to make her apology as soon as possible.”

Catherine’s mind was greatly eased by this information, yet a something of solicitude remained, from which sprang the following question, thoroughly artless in itself, though rather distressing to the gentleman: “But, Mr. Tilney, why were you less generous than your sister? If she felt such confidence in my good intentions, and could suppose it to be only a mistake, why should you be so ready to take offence?”

“Me! I take offence!”

“Nay, I am sure by your look, when you came into the box, you were angry.”

“I angry! I could have no right.”

“Well, nobody would have thought you had no right who saw your face.” He replied by asking her to make room for him, and talking of the play.

He remained with them some time, and was only too agreeable for Catherine to be contented when he went away. Before they parted, however, it was agreed that the projected walk should be taken as soon as possible; and, setting aside the misery of his quitting their box, she was, upon the whole, left one of the happiest creatures in the world.

While talking to each other, she had observed with some surprise that John Thorpe, who was never in the same part of the house for ten minutes together, was engaged in conversation with General Tilney; and she felt something more than surprise when she thought she could perceive herself the object of their attention and discourse. What could they have to say of her? She feared General Tilney did not like her appearance: she found it was implied in his preventing her admittance to his daughter, rather than postpone his own walk a

few minutes. "How came Mr. Thorpe to know your father?" was her anxious inquiry, as she pointed them out to her companion. He knew nothing about it; but his father, like every military man, had a very large acquaintance.

When the entertainment was over, Thorpe came to assist them in getting out. Catherine was the immediate object of his gallantry; and, while they waited in the lobby for a chair, he prevented the inquiry which had travelled from her heart almost to the tip of her tongue, by asking, in a consequential manner, whether she had seen him talking with General Tilney: "He is a fine old fellow, upon my soul! Stout, active – looks as young as his son. I have a great regard for him, I assure you: a gentleman-like, good sort of fellow as ever lived."

"But how came you to know him?"

"Know him! There are few people much about town that I do not know. I have met him forever at the Bedford; and I knew his face again today the moment he came into the billiard-room. One of the best players we have, by the by; and we had a little touch together, though I was almost afraid of him at first: the odds were five to four against me; and, if I had not made one of the cleanest strokes that perhaps ever was made in this world – I took his ball exactly – but I could not make you understand it without a table; however, I did beat him. A very fine fellow; as rich as a Jew. I should like to dine with him; I dare say he gives famous dinners. But what do you think we have been talking of? You. Yes, by heavens! And the general thinks you the finest girl in Bath."

"Oh! Nonsense! How can you say so?"

"And what do you think I said?" – lowering his voice – "well done, general, said I; I am quite of your mind."

Here Catherine, who was much less gratified by his admiration than by General Tilney's, was not sorry to be called away by Mr. Allen. Thorpe, however, would see her to her chair, and, till she entered it, continued the same kind of delicate flattery, in spite of her entreating him to have done.

That General Tilney, instead of disliking, should admire her, was very delightful; and she joyfully thought that there was not one of the family whom she need now fear to meet. The evening had done more, much more, for her than could have been expected.

CHAPTER 13

Monday, Tuesday, Wednesday, Thursday, Friday, and Saturday have now passed in review before the reader; the events of each day, its hopes and fears, mortifications and pleasures, have been separately stated, and the pangs of Sunday only now remain to be described, and close the week. The Clifton scheme had been deferred, not relinquished, and on the afternoon's crescent of this day, it was brought forward again. In a private consultation between Isabella and James, the former of whom had particularly set her heart upon going, and the latter no less anxiously placed his upon pleasing her, it was agreed that, provided the weather were fair, the party should take place on the following morning; and they were to set off very early, in order to be at home in good time. The affair thus determined, and Thorpe's approbation secured, Catherine only remained to be apprised of it. She had left them for a few minutes to speak to Miss Tilney. In that interval the plan was completed, and as soon as she came again, her agreement was demanded; but instead of the gay acquiescence expected by Isabella, Catherine looked grave, was very sorry, but could not go. The engagement which ought to have kept her from joining in the former attempt would make it impossible for her to accompany them now. She had that moment settled with Miss Tilney to take their proposed walk tomorrow; it was quite determined, and she would not, upon any account, retract. But that she must and should retract was instantly the eager cry of both the Thorpes; they must go to Clifton tomorrow, they would not go without her, it would be nothing to put off a mere walk for one day longer, and they would not hear of a refusal. Catherine was distressed, but not subdued. "Do not urge me, Isabella. I am engaged to Miss Tilney. I cannot go." This availed nothing. The same arguments assailed her again; she must go, she should go, and they would not hear of a refusal. "It would be so easy to tell Miss Tilney that you had just been reminded of a prior engagement, and must only beg to put off the walk till Tuesday."

"No, it would not be easy. I could not do it. There has been no prior engagement." But Isabella became only more and more urgent, calling on her in the most affectionate manner, addressing her by the most endearing names. She was sure her dearest, sweetest Catherine would not seriously refuse such a trifling request to a friend who loved her so dearly. She knew her beloved Catherine to have so feeling a heart, so sweet a temper, to be so easily persuaded by those she loved. But all in vain; Catherine felt herself to be in the right, and though pained by such tender, such flattering supplication, could not allow it to influence her. Isabella then tried another method. She reproached her with having more affection for Miss Tilney, though she had known her so little a while, than for her best and oldest friends, with being grown cold and indifferent, in short, towards herself. "I cannot help being jealous, Catherine, when I see myself slighted for

strangers, I, who love you so excessively! When once my affections are placed, it is not in the power of anything to change them. But I believe my feelings are stronger than anybody's; I am sure they are too strong for my own peace; and to see myself supplanted in your friendship by strangers does cut me to the quick, I own. These Tilneys seem to swallow up every thing else."

Catherine thought this reproach equally strange and unkind. Was it the part of a friend thus to expose her feelings to the notice of others? Isabella appeared to her ungenerous and selfish, regardless of everything but her own gratification. These painful ideas crossed her mind, though she said nothing. Isabella, in the meanwhile, had applied her handkerchief to her eyes; and Morland, miserable at such a sight, could not help saying, "Nay, Catherine. I think you cannot stand out any longer now. The sacrifice is not much; and to oblige such a friend – I shall think you quite unkind, if you still refuse."

This was the first time of her brother's openly siding against her, and anxious to avoid his displeasure, she proposed a compromise. If they would only put off their scheme till Tuesday, which they might easily do, as it depended only on themselves, she could go with them, and everybody might then be satisfied. But "No, no, no!" was the immediate answer; "that could not be, for Thorpe did not know that he might not go to town on Tuesday." Catherine was sorry, but could do no more; and a short silence ensued, which was broken by Isabella, who in a voice of cold resentment said, "Very well, then there is an end of the party. If Catherine does not go, I cannot. I cannot be the only woman. I would not, upon any account in the world, do so improper a thing."

"Catherine, you must go," said James.

"But why cannot Mr. Thorpe drive one of his other sisters? I dare say either of them would like to go."

"Thank ye," cried Thorpe, "but I did not come to Bath to drive my sisters about, and look like a fool. No, if you do not go, d... me if I do. I only go for the sake of driving you."

"That is a compliment which gives me no pleasure." But her words were lost on Thorpe, who had turned abruptly away.

The three others still continued together, walking in a most uncomfortable manner to poor Catherine; sometimes not a word was said, sometimes she was again attacked with supplications or reproaches, and her arm was still linked within Isabella's, though their hearts were at war. At one moment she was softened, at another irritated; always distressed, but always steady.

"I did not think you had been so obstinate, Catherine," said James; "you were not used to be so hard to persuade; you once were the kindest, best-tempered of my sisters."

"I hope I am not less so now," she replied, very feelingly; "but indeed I cannot go. If I am wrong, I am doing what I believe to be right."

“I suspect,” said Isabella, in a low voice, “there is no great struggle.”

Catherine’s heart swelled; she drew away her arm, and Isabella made no opposition. Thus passed a long ten minutes, till they were again joined by Thorpe, who, coming to them with a gayer look, said, “Well, I have settled the matter, and now we may all go tomorrow with a safe conscience. I have been to Miss Tilney, and made your excuses.”

“You have not!” cried Catherine.

“I have, upon my soul. Left her this moment. Told her you had sent me to say that, having just recollected a prior engagement of going to Clifton with us tomorrow, you could not have the pleasure of walking with her till Tuesday. She said very well, Tuesday was just as convenient to her; so there is an end of all our difficulties. A pretty good thought of mine – hey?”

Isabella’s countenance was once more all smiles and good humour, and James too looked happy again.

“A most heavenly thought indeed! Now, my sweet Catherine, all our distresses are over; you are honourably acquitted, and we shall have a most delightful party.”

“This will not do,” said Catherine; “I cannot submit to this. I must run after Miss Tilney directly and set her right.”

Isabella, however, caught hold of one hand, Thorpe of the other, and remonstrances poured in from all three. Even James was quite angry. When everything was settled, when Miss Tilney herself said that Tuesday would suit her as well, it was quite ridiculous, quite absurd, to make any further objection.

“I do not care. Mr. Thorpe had no business to invent any such message. If I had thought it right to put it off, I could have spoken to Miss Tilney myself. This is only doing it in a ruder way; and how do I know that Mr. Thorpe has – He may be mistaken again perhaps; he led me into one act of rudeness by his mistake on Friday. Let me go, Mr. Thorpe; Isabella, do not hold me.”

Thorpe told her it would be in vain to go after the Tilneys; they were turning the corner into Brock Street, when he had overtaken them, and were at home by this time.

“Then I will go after them,” said Catherine; “wherever they are I will go after them. It does not signify talking. If I could not be persuaded into doing what I thought wrong, I never will be tricked into it.” And with these words she broke away and hurried off. Thorpe would have darted after her, but Morland withheld him. “Let her go, let her go, if she will go. She is as obstinate as...”

Thorpe never finished the simile, for it could hardly have been a proper one.

Away walked Catherine in great agitation, as fast as the crowd would permit her, fearful of being pursued, yet determined to persevere. As she walked, she reflected on what had passed. It was painful to her to disappoint and displease

them, particularly to displease her brother; but she could not repent her resistance. Setting her own inclination apart, to have failed a second time in her engagement to Miss Tilney, to have retracted a promise voluntarily made only five minutes before, and on a false pretence too, must have been wrong. She had not been withstanding them on selfish principles alone, she had not consulted merely her own gratification; that might have been ensured in some degree by the excursion itself, by seeing Blaize Castle; no, she had attended to what was due to others, and to her own character in their opinion. Her conviction of being right, however, was not enough to restore her composure; till she had spoken to Miss Tilney she could not be at ease; and quickening her pace when she got clear of the Crescent, she almost ran over the remaining ground till she gained the top of Milsom Street. So rapid had been her movements that in spite of the Tilneys' advantage in the outset, they were but just turning into their lodgings as she came within view of them; and the servant still remaining at the open door, she used only the ceremony of saying that she must speak with Miss Tilney that moment, and hurrying by him proceeded upstairs. Then, opening the first door before her, which happened to be the right, she immediately found herself in the drawing-room with General Tilney, his son, and daughter. Her explanation, defective only in being – from her irritation of nerves and shortness of breath – no explanation at all, was instantly given. “I am come in a great hurry – It was all a mistake – I never promised to go – I told them from the first I could not go. – I ran away in a great hurry to explain it. – I did not care what you thought of me. – I would not stay for the servant.”

The business, however, though not perfectly elucidated by this speech, soon ceased to be a puzzle. Catherine found that John Thorpe had given the message; and Miss Tilney had no scruple in owning herself greatly surprised by it. But whether her brother had still exceeded her in resentment, Catherine, though she instinctively addressed herself as much to one as to the other in her vindication, had no means of knowing. Whatever might have been felt before her arrival, her eager declarations immediately made every look and sentence as friendly as she could desire.

The affair thus happily settled, she was introduced by Miss Tilney to her father, and received by him with such ready, such solicitous politeness as recalled Thorpe's information to her mind, and made her think with pleasure that he might be sometimes depended on. To such anxious attention was the general's civility carried, that not aware of her extraordinary swiftness in entering the house, he was quite angry with the servant whose neglect had reduced her to open the door of the apartment herself. “What did William mean by it? He should make a point of inquiring into the matter.” And if Catherine had not most warmly asserted his innocence, it seemed likely that William would lose the favour of his master forever, if not his place, by her rapidity.

After sitting with them a quarter of an hour, she rose to take leave, and was then most agreeably surprised by General Tilney's asking her if she would do his daughter the honour of dining and spending the rest of the day with her. Miss Tilney added her own wishes. Catherine was greatly obliged; but it was quite out of her power. Mr. and Mrs. Allen would expect her back every moment. The general declared he could say no more; the claims of Mr. and Mrs. Allen were not to be superseded; but on some other day he trusted, when longer notice could be given, they would not refuse to spare her to her friend. "Oh, no; Catherine was sure they would not have the least objection, and she should have great pleasure in coming." The general attended her himself to the street-door, saying everything gallant as they went downstairs, admiring the elasticity of her walk, which corresponded exactly with the spirit of her dancing, and making her one of the most graceful bows she had ever beheld, when they parted.

Catherine, delighted by all that had passed, proceeded gaily to Pulteney Street, walking, as she concluded, with great elasticity, though she had never thought of it before. She reached home without seeing anything more of the offended party; and now that she had been triumphant throughout, had carried her point, and was secure of her walk, she began (as the flutter of her spirits subsided) to doubt whether she had been perfectly right. A sacrifice was always noble; and if she had given way to their entreaties, she should have been spared the distressing idea of a friend displeased, a brother angry, and a scheme of great happiness to both destroyed, perhaps through her means. To ease her mind, and ascertain by the opinion of an unprejudiced person what her own conduct had really been, she took occasion to mention before Mr. Allen the half-settled scheme of her brother and the Thorpes for the following day. Mr. Allen caught at it directly. "Well," said he, "and do you think of going too?"

"No; I had just engaged myself to walk with Miss Tilney before they told me of it; and therefore you know I could not go with them, could I?"

"No, certainly not; and I am glad you do not think of it. These schemes are not at all the thing. Young men and women driving about the country in open carriages! Now and then it is very well; but going to inns and public places together! It is not right; and I wonder Mrs. Thorpe should allow it. I am glad you do not think of going; I am sure Mrs. Morland would not be pleased. Mrs. Allen, are not you of my way of thinking? Do not you think these kind of projects objectionable?"

"Yes, very much so indeed. Open carriages are nasty things. A clean gown is not five minutes' wear in them. You are splashed getting in and getting out; and the wind takes your hair and your bonnet in every direction. I hate an open carriage myself."

"I know you do; but that is not the question. Do not you think it has an odd appearance, if young ladies are frequently driven about in them by young

men, to whom they are not even related?"

"Yes, my dear, a very odd appearance indeed. I cannot bear to see it."

"Dear madam," cried Catherine, "then why did not you tell me so before? I am sure if I had known it to be improper, I would not have gone with Mr. Thorpe at all; but I always hoped you would tell me, if you thought I was doing wrong."

"And so I should, my dear, you may depend on it; for as I told Mrs. Morland at parting, I would always do the best for you in my power. But one must not be over particular. Young people will be young people, as your good mother says herself. You know I wanted you, when we first came, not to buy that sprigged muslin, but you would. Young people do not like to be always thwarted."

"But this was something of real consequence; and I do not think you would have found me hard to persuade."

"As far as it has gone hitherto, there is no harm done," said Mr. Allen; "and I would only advise you, my dear, not to go out with Mr. Thorpe any more."

"That is just what I was going to say," added his wife.

Catherine, relieved for herself, felt uneasy for Isabella, and after a moment's thought, asked Mr. Allen whether it would not be both proper and kind in her to write to Miss Thorpe, and explain the indecorum of which she must be as insensible as herself; for she considered that Isabella might otherwise perhaps be going to Clifton the next day, in spite of what had passed. Mr. Allen, however, discouraged her from doing any such thing. "You had better leave her alone, my dear; she is old enough to know what she is about, and if not, has a mother to advise her. Mrs. Thorpe is too indulgent beyond a doubt; but, however, you had better not interfere. She and your brother choose to go, and you will be only getting ill will."

Catherine submitted, and though sorry to think that Isabella should be doing wrong, felt greatly relieved by Mr. Allen's approbation of her own conduct, and truly rejoiced to be preserved by his advice from the danger of falling into such an error herself. Her escape from being one of the party to Clifton was now an escape indeed; for what would the Tilneys have thought of her, if she had broken her promise to them in order to do what was wrong in itself, if she had been guilty of one breach of propriety, only to enable her to be guilty of another?

CHAPTER 14

The next morning was fair, and Catherine almost expected another attack from the assembled party. With Mr. Allen to support her, she felt no dread of the event: but she would gladly be spared a contest, where victory itself was painful, and was heartily rejoiced therefore at neither seeing nor hearing anything of them. The Tilneys called for her at the appointed time; and no new difficulty arising, no sudden recollection, no unexpected summons, no impertinent intrusion to disconcert their measures, my heroine was most unnaturally able to fulfil her engagement, though it was made with the hero himself. They determined on walking round Beechen Cliff, that noble hill whose beautiful verdure and hanging coppice render it so striking an object from almost every opening in Bath.

“I never look at it,” said Catherine, as they walked along the side of the river, “without thinking of the south of France.”

“You have been abroad then?” said Henry, a little surprised.

“Oh! No, I only mean what I have read about. It always puts me in mind of the country that Emily and her father travelled through, in *The Mysteries of Udolpho*. But you never read novels, I dare say?”

“Why not?”

“Because they are not clever enough for you – gentlemen read better books.”

“The person, be it gentleman or lady, who has not pleasure in a good novel, must be intolerably stupid. I have read all Mrs. Radcliffe’s works, and most of them with great pleasure. *The Mysteries of Udolpho*, when I had once begun it, I could not lay down again; I remember finishing it in two days – my hair standing on end the whole time.”

“Yes,” added Miss Tilney, “and I remember that you undertook to read it aloud to me, and that when I was called away for only five minutes to answer a note, instead of waiting for me, you took the volume into the Hermitage Walk, and I was obliged to stay till you had finished it.”

“Thank you, Eleanor – a most honourable testimony. You see, Miss Morland, the injustice of your suspicions. Here was I, in my eagerness to get on, refusing to wait only five minutes for my sister, breaking the promise I had made of reading it aloud, and keeping her in suspense at a most interesting part, by running away with the volume, which, you are to observe, was her own, particularly her own. I am proud when I reflect on it, and I think it must establish me in your good opinion.”

“I am very glad to hear it indeed, and now I shall never be ashamed of liking *Udolpho* myself. But I really thought before, young men despised novels amazingly.”

“It is amazingly; it may well suggest amazement if they do – for they read nearly as many as women. I myself have read hundreds and hundreds. Do not imagine that you can cope with me in a knowledge of Julias and Louisas. If we proceed to particulars, and engage in the never-ceasing inquiry of ‘Have you read this?’ and ‘Have you read that?’ I shall soon leave you as far behind me as – what shall I say? – I want an appropriate simile. – as far as your friend Emily herself left poor Valancourt when she went with her aunt into Italy. Consider how many years I have had the start of you. I had entered on my studies at Oxford, while you were a good little girl working your sampler at home!”

“Not very good, I am afraid. But now really, do not you think Udolpho the nicest book in the world?”

“The nicest – by which I suppose you mean the neatest. That must depend upon the binding.”

“Henry,” said Miss Tilney, “you are very impertinent. Miss Morland, he is treating you exactly as he does his sister. He is forever finding fault with me, for some incorrectness of language, and now he is taking the same liberty with you. The word ‘nicest,’ as you used it, did not suit him; and you had better change it as soon as you can, or we shall be overpowered with Johnson and Blair all the rest of the way.”

“I am sure,” cried Catherine, “I did not mean to say anything wrong; but it is a nice book, and why should not I call it so?”

“Very true,” said Henry, “and this is a very nice day, and we are taking a very nice walk, and you are two very nice young ladies. Oh! It is a very nice word indeed! It does for everything. Originally perhaps it was applied only to express neatness, propriety, delicacy, or refinement – people were nice in their dress, in their sentiments, or their choice. But now every commendation on every subject is comprised in that one word.”

“While, in fact,” cried his sister, “it ought only to be applied to you, without any commendation at all. You are more nice than wise. Come, Miss Morland, let us leave him to meditate over our faults in the utmost propriety of diction, while we praise Udolpho in whatever terms we like best. It is a most interesting work. You are fond of that kind of reading?”

“To say the truth, I do not much like any other.”

“Indeed!”

“That is, I can read poetry and plays, and things of that sort, and do not dislike travels. But history, real solemn history, I cannot be interested in. Can you?”

“Yes, I am fond of history.”

“I wish I were too. I read it a little as a duty, but it tells me nothing that does not either vex or weary me. The quarrels of popes and kings, with wars or pestilences, in every page; the men all so good for nothing, and hardly any

women at all – it is very tiresome: and yet I often think it odd that it should be so dull, for a great deal of it must be invention. The speeches that are put into the heroes' mouths, their thoughts and designs – the chief of all this must be invention, and invention is what delights me in other books.”

“Historians, you think,” said Miss Tilney, “are not happy in their flights of fancy. They display imagination without raising interest. I am fond of history – and am very well contented to take the false with the true. In the principal facts they have sources of intelligence in former histories and records, which may be as much depended on, I conclude, as anything that does not actually pass under one's own observation; and as for the little embellishments you speak of, they are embellishments, and I like them as such. If a speech be well drawn up, I read it with pleasure, by whomsoever it may be made – and probably with much greater, if the production of Mr. Hume or Mr. Robertson, than if the genuine words of Caractacus, Agricola, or Alfred the Great.”

“You are fond of history! And so are Mr. Allen and my father; and I have two brothers who do not dislike it. So many instances within my small circle of friends is remarkable! At this rate, I shall not pity the writers of history any longer. If people like to read their books, it is all very well, but to be at so much trouble in filling great volumes, which, as I used to think, nobody would willingly ever look into, to be labouring only for the torment of little boys and girls, always struck me as a hard fate; and though I know it is all very right and necessary, I have often wondered at the person's courage that could sit down on purpose to do it.”

“That little boys and girls should be tormented,” said Henry, “is what no one at all acquainted with human nature in a civilized state can deny; but in behalf of our most distinguished historians, I must observe that they might well be offended at being supposed to have no higher aim, and that by their method and style, they are perfectly well qualified to torment readers of the most advanced reason and mature time of life. I use the verb ‘to torment,’ as I observed to be your own method, instead of ‘to instruct,’ supposing them to be now admitted as synonymous.”

“You think me foolish to call instruction a torment, but if you had been as much used as myself to hear poor little children first learning their letters and then learning to spell, if you had ever seen how stupid they can be for a whole morning together, and how tired my poor mother is at the end of it, as I am in the habit of seeing almost every day of my life at home, you would allow that ‘to torment’ and ‘to instruct’ might sometimes be used as synonymous words.”

“Very probably. But historians are not accountable for the difficulty of learning to read; and even you yourself, who do not altogether seem particularly friendly to very severe, very intense application, may perhaps be brought to acknowledge that it is very well worth-while to be tormented for two or three

years of one's life, for the sake of being able to read all the rest of it. Consider – if reading had not been taught, Mrs. Radcliffe would have written in vain – or perhaps might not have written at all.”

Catherine assented – and a very warm panegyric from her on that lady's merits closed the subject. The Tilneys were soon engaged in another on which she had nothing to say. They were viewing the country with the eyes of persons accustomed to drawing, and decided on its capability of being formed into pictures, with all the eagerness of real taste. Here Catherine was quite lost. She knew nothing of drawing – nothing of taste: and she listened to them with an attention which brought her little profit, for they talked in phrases which conveyed scarcely any idea to her. The little which she could understand, however, appeared to contradict the very few notions she had entertained on the matter before. It seemed as if a good view were no longer to be taken from the top of an high hill, and that a clear blue sky was no longer a proof of a fine day. She was heartily ashamed of her ignorance. A misplaced shame. Where people wish to attach, they should always be ignorant. To come with a well-informed mind is to come with an inability of administering to the vanity of others, which a sensible person would always wish to avoid. A woman especially, if she have the misfortune of knowing anything, should conceal it as well as she can.

The advantages of natural folly in a beautiful girl have been already set forth by the capital pen of a sister author; and to her treatment of the subject I will only add, in justice to men, that though to the larger and more trifling part of the sex, imbecility in females is a great enhancement of their personal charms, there is a portion of them too reasonable and too well informed themselves to desire anything more in woman than ignorance. But Catherine did not know her own advantages – did not know that a good-looking girl, with an affectionate heart and a very ignorant mind, cannot fail of attracting a clever young man, unless circumstances are particularly untoward. In the present instance, she confessed and lamented her want of knowledge, declared that she would give anything in the world to be able to draw; and a lecture on the picturesque immediately followed, in which his instructions were so clear that she soon began to see beauty in everything admired by him, and her attention was so earnest that he became perfectly satisfied of her having a great deal of natural taste. He talked of foregrounds, distances, and second distances – side-screens and perspectives – lights and shades; and Catherine was so hopeful a scholar that when they gained the top of Beechen Cliff, she voluntarily rejected the whole city of Bath as unworthy to make part of a landscape. Delighted with her progress, and fearful of wearying her with too much wisdom at once, Henry suffered the subject to decline, and by an easy transition from a piece of rocky fragment and the withered oak which he had placed near its summit, to oaks in general, to forests, the enclosure of them, waste lands, crown lands and government, he shortly

found himself arrived at politics; and from politics, it was an easy step to silence. The general pause which succeeded his short disquisition on the state of the nation was put an end to by Catherine, who, in rather a solemn tone of voice, uttered these words, "I have heard that something very shocking indeed will soon come out in London."

Miss Tilney, to whom this was chiefly addressed, was startled, and hastily replied, "Indeed! And of what nature?"

"That I do not know, nor who is the author. I have only heard that it is to be more horrible than anything we have met with yet."

"Good heaven! Where could you hear of such a thing?"

"A particular friend of mine had an account of it in a letter from London yesterday. It is to be uncommonly dreadful. I shall expect murder and everything of the kind."

"You speak with astonishing composure! But I hope your friend's accounts have been exaggerated; and if such a design is known beforehand, proper measures will undoubtedly be taken by government to prevent its coming to effect."

"Government," said Henry, endeavouring not to smile, "neither desires nor dares to interfere in such matters. There must be murder; and government cares not how much."

The ladies stared. He laughed, and added, "Come, shall I make you understand each other, or leave you to puzzle out an explanation as you can? No – I will be noble. I will prove myself a man, no less by the generosity of my soul than the clearness of my head. I have no patience with such of my sex as disdain to let themselves sometimes down to the comprehension of yours. Perhaps the abilities of women are neither sound nor acute – neither vigorous nor keen. Perhaps they may want observation, discernment, judgment, fire, genius, and wit."

"Miss Morland, do not mind what he says; but have the goodness to satisfy me as to this dreadful riot."

"Riot! What riot?"

"My dear Eleanor, the riot is only in your own brain. The confusion there is scandalous. Miss Morland has been talking of nothing more dreadful than a new publication which is shortly to come out, in three duodecimo volumes, two hundred and seventy-six pages in each, with a frontispiece to the first, of two tombstones and a lantern – do you understand? And you, Miss Morland – my stupid sister has mistaken all your clearest expressions. You talked of expected horrors in London – and instead of instantly conceiving, as any rational creature would have done, that such words could relate only to a circulating library, she immediately pictured to herself a mob of three thousand men assembling in St. George's Fields, the Bank attacked, the Tower threatened, the streets of London

flowing with blood, a detachment of the Twelfth Light Dragoons (the hopes of the nation) called up from Northampton to quell the insurgents, and the gallant Captain Frederick Tilney, in the moment of charging at the head of his troop, knocked off his horse by a brickbat from an upper window. Forgive her stupidity. The fears of the sister have added to the weakness of the woman; but she is by no means a simpleton in general."

Catherine looked grave. "And now, Henry," said Miss Tilney, "that you have made us understand each other, you may as well make Miss Morland understand yourself – unless you mean to have her think you intolerably rude to your sister, and a great brute in your opinion of women in general. Miss Morland is not used to your odd ways."

"I shall be most happy to make her better acquainted with them."

"No doubt; but that is no explanation of the present."

"What am I to do?"

"You know what you ought to do. Clear your character handsomely before her. Tell her that you think very highly of the understanding of women."

"Miss Morland, I think very highly of the understanding of all the women in the world, especially of those, whoever they may be with whom I happen to be in company."

"That is not enough. Be more serious."

"Miss Morland, no one can think more highly of the understanding of women than I do. In my opinion, nature has given them so much that they never find it necessary to use more than half."

"We shall get nothing more serious from him now, Miss Morland. He is not in a sober mood. But I do assure you that he must be entirely misunderstood, if he can ever appear to say an unjust thing of any woman at all, or an unkind one of me."

It was no effort to Catherine to believe that Henry Tilney could never be wrong. His manner might sometimes surprise, but his meaning must always be just: and what she did not understand, she was almost as ready to admire, as what she did. The whole walk was delightful, and though it ended too soon, its conclusion was delightful too; her friends attended her into the house, and Miss Tilney, before they parted, addressing herself with respectful form, as much to Mrs. Allen as to Catherine, petitioned for the pleasure of her company to dinner on the day after the next. No difficulty was made on Mrs. Allen's side, and the only difficulty on Catherine's was in concealing the excess of her pleasure.

The morning had passed away so charmingly as to banish all her friendship and natural affection, for no thought of Isabella or James had crossed her during their walk. When the Tilneys were gone, she became amiable again, but she was amiable for some time to little effect; Mrs. Allen had no intelligence to give that could relieve her anxiety; she had heard nothing of any of them.

Towards the end of the morning, however, Catherine, having occasion for some indispensable yard of ribbon which must be bought without a moment's delay, walked out into the town, and in Bond Street overtook the second Miss Thorpe as she was loitering towards Edgar's Buildings between two of the sweetest girls in the world, who had been her dear friends all the morning. From her, she soon learned that the party to Clifton had taken place. "They set off at eight this morning," said Miss Anne, "and I am sure I do not envy them their drive. I think you and I are very well off to be out of the scrape. It must be the dullest thing in the world, for there is not a soul at Clifton at this time of year. Belle went with your brother, and John drove Maria."

Catherine spoke the pleasure she really felt on hearing this part of the arrangement.

"Oh! yes," rejoined the other, "Maria is gone. She was quite wild to go. She thought it would be something very fine. I cannot say I admire her taste; and for my part, I was determined from the first not to go, if they pressed me ever so much."

Catherine, a little doubtful of this, could not help answering, "I wish you could have gone too. It is a pity you could not all go."

"Thank you; but it is quite a matter of indifference to me. Indeed, I would not have gone on any account. I was saying so to Emily and Sophia when you overtook us."

Catherine was still unconvinced; but glad that Anne should have the friendship of an Emily and a Sophia to console her, she bade her adieu without much uneasiness, and returned home, pleased that the party had not been prevented by her refusing to join it, and very heartily wishing that it might be too pleasant to allow either James or Isabella to resent her resistance any longer.

CHAPTER 15

Early the next day, a note from Isabella, speaking peace and tenderness in every line, and entreating the immediate presence of her friend on a matter of the utmost importance, hastened Catherine, in the happiest state of confidence and curiosity, to Edgar's Buildings. The two youngest Miss Thorpes were by themselves in the parlour; and, on Anne's quitting it to call her sister, Catherine took the opportunity of asking the other for some particulars of their yesterday's party. Maria desired no greater pleasure than to speak of it; and Catherine immediately learnt that it had been altogether the most delightful scheme in the world, that nobody could imagine how charming it had been, and that it had been more delightful than anybody could conceive. Such was the information of the first five minutes; the second unfolded thus much in detail – that they had driven directly to the York Hotel, ate some soup, and bespoke an early dinner, walked down to the pump-room, tasted the water, and laid out some shillings in purses and spars; thence adjoined to eat ice at a pastry-cook's, and hurrying back to the hotel, swallowed their dinner in haste, to prevent being in the dark; and then had a delightful drive back, only the moon was not up, and it rained a little, and Mr. Morland's horse was so tired he could hardly get it along.

Catherine listened with heartfelt satisfaction. It appeared that Blaize Castle had never been thought of; and, as for all the rest, there was nothing to regret for half an instant. Maria's intelligence concluded with a tender effusion of pity for her sister Anne, whom she represented as insupportably cross, from being excluded the party.

"She will never forgive me, I am sure; but, you know, how could I help it? John would have me go, for he vowed he would not drive her, because she had such thick ankles. I dare say she will not be in good humour again this month; but I am determined I will not be cross; it is not a little matter that puts me out of temper."

Isabella now entered the room with so eager a step, and a look of such happy importance, as engaged all her friend's notice. Maria was without ceremony sent away, and Isabella, embracing Catherine, thus began: "Yes, my dear Catherine, it is so indeed; your penetration has not deceived you. Oh! That arch eye of yours! It sees through every thing."

Catherine replied only by a look of wondering ignorance.

"Nay, my beloved, sweetest friend," continued the other, "compose yourself. I am amazingly agitated, as you perceive. Let us sit down and talk in comfort. Well, and so you guessed it the moment you had my note? Sly creature! Oh! My dear Catherine, you alone, who know my heart, can judge of my present happiness. Your brother is the most charming of men. I only wish I were more worthy of him. But what will your excellent father and mother say? Oh!

Heavens! When I think of them I am so agitated!”

Catherine’s understanding began to awake: an idea of the truth suddenly darted into her mind; and, with the natural blush of so new an emotion, she cried out, “Good heaven! My dear Isabella, what do you mean? Can you – can you really be in love with James?”

This bold surmise, however, she soon learnt comprehended but half the fact. The anxious affection, which she was accused of having continually watched in Isabella’s every look and action, had, in the course of their yesterday’s party, received the delightful confession of an equal love. Her heart and faith were alike engaged to James. Never had Catherine listened to anything so full of interest, wonder, and joy. Her brother and her friend engaged! New to such circumstances, the importance of it appeared unspeakably great, and she contemplated it as one of those grand events, of which the ordinary course of life can hardly afford a return. The strength of her feelings she could not express; the nature of them, however, contented her friend. The happiness of having such a sister was their first effusion, and the fair ladies mingled in embraces and tears of joy.

Delighting, however, as Catherine sincerely did in the prospect of the connection, it must be acknowledged that Isabella far surpassed her in tender anticipations. “You will be so infinitely dearer to me, my Catherine, than either Anne or Maria: I feel that I shall be so much more attached to my dear Morland’s family than to my own.”

This was a pitch of friendship beyond Catherine.

“You are so like your dear brother,” continued Isabella, “that I quite doted on you the first moment I saw you. But so it always is with me; the first moment settles everything. The very first day that Morland came to us last Christmas – the very first moment I beheld him – my heart was irrecoverably gone. I remember I wore my yellow gown, with my hair done up in braids; and when I came into the drawing-room, and John introduced him, I thought I never saw anybody so handsome before.”

Here Catherine secretly acknowledged the power of love; for, though exceedingly fond of her brother, and partial to all his endowments, she had never in her life thought him handsome.

“I remember too, Miss Andrews drank tea with us that evening, and wore her puce-coloured sarsenet; and she looked so heavenly that I thought your brother must certainly fall in love with her; I could not sleep a wink all right for thinking of it. Oh! Catherine, the many sleepless nights I have had on your brother’s account! I would not have you suffer half what I have done! I am grown wretchedly thin, I know; but I will not pain you by describing my anxiety; you have seen enough of it. I feel that I have betrayed myself perpetually – so unguarded in speaking of my partiality for the church! But my secret I was

always sure would be safe with you.”

Catherine felt that nothing could have been safer; but ashamed of an ignorance little expected, she dared no longer contest the point, nor refuse to have been as full of arch penetration and affectionate sympathy as Isabella chose to consider her. Her brother, she found, was preparing to set off with all speed to Fullerton, to make known his situation and ask consent; and here was a source of some real agitation to the mind of Isabella. Catherine endeavoured to persuade her, as she was herself persuaded, that her father and mother would never oppose their son's wishes. “It is impossible,” said she, “for parents to be more kind, or more desirous of their children's happiness; I have no doubt of their consenting immediately.”

“Morland says exactly the same,” replied Isabella; “and yet I dare not expect it; my fortune will be so small; they never can consent to it. Your brother, who might marry anybody!”

Here Catherine again discerned the force of love.

“Indeed, Isabella, you are too humble. The difference of fortune can be nothing to signify.”

“Oh! My sweet Catherine, in your generous heart I know it would signify nothing; but we must not expect such disinterestedness in many. As for myself, I am sure I only wish our situations were reversed. Had I the command of millions, were I mistress of the whole world, your brother would be my only choice.”

This charming sentiment, recommended as much by sense as novelty, gave Catherine a most pleasing remembrance of all the heroines of her acquaintance; and she thought her friend never looked more lovely than in uttering the grand idea. “I am sure they will consent,” was her frequent declaration; “I am sure they will be delighted with you.”

“For my own part,” said Isabella, “my wishes are so moderate that the smallest income in nature would be enough for me. Where people are really attached, poverty itself is wealth; grandeur I detest: I would not settle in London for the universe. A cottage in some retired village would be ecstasy. There are some charming little villas about Richmond.”

“Richmond!” cried Catherine. “You must settle near Fullerton. You must be near us.”

“I am sure I shall be miserable if we do not. If I can but be near you, I shall be satisfied. But this is idle talking! I will not allow myself to think of such things, till we have your father's answer. Morland says that by sending it tonight to Salisbury, we may have it tomorrow. Tomorrow? I know I shall never have courage to open the letter. I know it will be the death of me.”

A reverie succeeded this conviction – and when Isabella spoke again, it was to resolve on the quality of her wedding-gown.

Their conference was put an end to by the anxious young lover himself, who came to breathe his parting sigh before he set off for Wiltshire. Catherine wished to congratulate him, but knew not what to say, and her eloquence was only in her eyes. From them, however, the eight parts of speech shone out most expressively, and James could combine them with ease. Impatient for the realization of all that he hoped at home, his adieus were not long; and they would have been yet shorter, had he not been frequently detained by the urgent entreaties of his fair one that he would go. Twice was he called almost from the door by her eagerness to have him gone. "Indeed, Morland, I must drive you away. Consider how far you have to ride. I cannot bear to see you linger so. For heaven's sake, waste no more time. There, go, go – I insist on it."

The two friends, with hearts now more united than ever, were inseparable for the day; and in schemes of sisterly happiness the hours flew along. Mrs. Thorpe and her son, who were acquainted with everything, and who seemed only to want Mr. Morland's consent, to consider Isabella's engagement as the most fortunate circumstance imaginable for their family, were allowed to join their counsels, and add their quota of significant looks and mysterious expressions to fill up the measure of curiosity to be raised in the unprivileged younger sisters. To Catherine's simple feelings, this odd sort of reserve seemed neither kindly meant, nor consistently supported; and its unkindness she would hardly have forborne pointing out, had its inconsistency been less their friend; but Anne and Maria soon set her heart at ease by the sagacity of their "I know what"; and the evening was spent in a sort of war of wit, a display of family ingenuity, on one side in the mystery of an affected secret, on the other of undefined discovery, all equally acute.

Catherine was with her friend again the next day, endeavouring to support her spirits and while away the many tedious hours before the delivery of the letters; a needful exertion, for as the time of reasonable expectation drew near, Isabella became more and more desponding, and before the letter arrived, had worked herself into a state of real distress. But when it did come, where could distress be found? "I have had no difficulty in gaining the consent of my kind parents, and am promised that every thing in their power shall be done to forward my happiness," were the first three lines, and in one moment all was joyful security. The brightest glow was instantly spread over Isabella's features, all care and anxiety seemed removed, her spirits became almost too high for control, and she called herself without scruple the happiest of mortals.

Mrs. Thorpe, with tears of joy, embraced her daughter, her son, her visitor, and could have embraced half the inhabitants of Bath with satisfaction. Her heart was overflowing with tenderness. It was "dear John" and "dear Catherine" at every word; "dear Anne and dear Maria" must immediately be made sharers in their felicity; and two "dears" at once before the name of

Isabella were not more than that beloved child had now well earned. John himself was no skulker in joy. He not only bestowed on Mr. Morland the high commendation of being one of the finest fellows in the world, but swore off many sentences in his praise.

The letter, whence sprang all this felicity, was short, containing little more than this assurance of success; and every particular was deferred till James could write again. But for particulars Isabella could well afford to wait. The needful was comprised in Mr. Morland's promise; his honour was pledged to make everything easy; and by what means their income was to be formed, whether landed property were to be resigned, or funded money made over, was a matter in which her disinterested spirit took no concern. She knew enough to feel secure of an honourable and speedy establishment, and her imagination took a rapid flight over its attendant felicities. She saw herself at the end of a few weeks, the gaze and admiration of every new acquaintance at Fullerton, the envy of every valued old friend in Putney, with a carriage at her command, a new name on her tickets, and a brilliant exhibition of hoop rings on her finger.

When the contents of the letter were ascertained, John Thorpe, who had only waited its arrival to begin his journey to London, prepared to set off. "Well, Miss Morland," said he, on finding her alone in the parlour, "I am come to bid you good-by e." Catherine wished him a good journey. Without appearing to hear her, he walked to the window, fidgeted about, hummed a tune, and seemed wholly self-occupied.

"Shall not you be late at Devizes?" said Catherine. He made no answer; but after a minute's silence burst out with, "A famous good thing this marrying scheme, upon my soul! A clever fancy of Morland's and Belle's. What do you think of it, Miss Morland? I say it is no bad notion."

"I am sure I think it a very good one."

"Do you? That's honest, by heavens! I am glad you are no enemy to matrimony, however. Did you ever hear the old song 'Going to One Wedding Brings on Another'? I say, you will come to Belle's wedding, I hope."

"Yes; I have promised your sister to be with her, if possible."

"And then you know" – twisting himself about and forcing a foolish laugh – "I say, then you know, we may try the truth of this same old song."

"May we? But I never sing. Well, I wish you a good journey. I dine with Miss Tilney today, and must now be going home."

"Nay, but there is no such confounded hurry. Who knows when we may be together again? Not but that I shall be down again by the end of a fortnight, and a devilish long fortnight it will appear to me."

"Then why do you stay away so long?" replied Catherine – finding that he waited for an answer.

"That is kind of you, however – kind and good-natured. I shall not forget

it in a hurry. But you have more good nature and all that, than anybody living, I believe. A monstrous deal of good nature, and it is not only good nature, but you have so much, so much of everything; and then you have such – upon my soul, I do not know anybody like you.”

“Oh! dear, there are a great many people like me, I dare say, only a great deal better. Good morning to you.”

“But I say, Miss Morland, I shall come and pay my respects at Fullerton before it is long, if not disagreeable.”

“Pray do. My father and mother will be very glad to see you.”

“And I hope – I hope, Miss Morland, you will not be sorry to see me.”

“Oh! dear, not at all. There are very few people I am sorry to see. Company is always cheerful.”

“That is just my way of thinking. Give me but a little cheerful company, let me only have the company of the people I love, let me only be where I like and with whom I like, and the devil take the rest, say I. And I am heartily glad to hear you say the same. But I have a notion, Miss Morland, you and I think pretty much alike upon most matters.”

“Perhaps we may; but it is more than I ever thought of. And as to most matters, to say the truth, there are not many that I know my own mind about.”

“By Jove, no more do I. It is not my way to bother my brains with what does not concern me. My notion of things is simple enough. Let me only have the girl I like, say I, with a comfortable house over my head, and what care I for all the rest? Fortune is nothing. I am sure of a good income of my own; and if she had not a penny, why, so much the better.”

“Very true. I think like you there. If there is a good fortune on one side, there can be no occasion for any on the other. No matter which has it, so that there is enough. I hate the idea of one great fortune looking out for another. And to marry for money I think the wickedest thing in existence. Good day. We shall be very glad to see you at Fullerton, whenever it is convenient.” And away she went. It was not in the power of all his gallantry to detain her longer. With such news to communicate, and such a visit to prepare for, her departure was not to be delayed by anything in his nature to urge; and she hurried away, leaving him to the undivided consciousness of his own happy address, and her explicit encouragement.

The agitation which she had herself experienced on first learning her brother's engagement made her expect to raise no inconsiderable emotion in Mr. and Mrs. Allen, by the communication of the wonderful event. How great was her disappointment! The important affair, which many words of preparation ushered in, had been foreseen by them both ever since her brother's arrival; and all that they felt on the occasion was comprehended in a wish for the young people's happiness, with a remark, on the gentleman's side, in favour of Isabella's

beauty, and on the lady's, of her great good luck. It was to Catherine the most surprising insensibility. The disclosure, however, of the great secret of James's going to Fullerton the day before, did raise some emotion in Mrs. Allen. She could not listen to that with perfect calmness, but repeatedly regretted the necessity of its concealment, wished she could have known his intention, wished she could have seen him before he went, as she should certainly have troubled him with her best regards to his father and mother, and her kind compliments to all the Skinners.

CHAPTER 16

Catherine's expectations of pleasure from her visit in Milsom Street were so very high that disappointment was inevitable; and accordingly, though she was most politely received by General Tilney, and kindly welcomed by his daughter, though Henry was at home, and no one else of the party, she found, on her return, without spending many hours in the examination of her feelings, that she had gone to her appointment preparing for happiness which it had not afforded. Instead of finding herself improved in acquaintance with Miss Tilney, from the intercourse of the day, she seemed hardly so intimate with her as before; instead of seeing Henry Tilney to greater advantage than ever, in the ease of a family party, he had never said so little, nor been so little agreeable; and, in spite of their father's great civilities to her – in spite of his thanks, invitations, and compliments – it had been a release to get away from him. It puzzled her to account for all this. It could not be General Tilney's fault. That he was perfectly agreeable and good-natured, and altogether a very charming man, did not admit of a doubt, for he was tall and handsome, and Henry's father. He could not be accountable for his children's want of spirits, or for her want of enjoyment in his company. The former she hoped at last might have been accidental, and the latter she could only attribute to her own stupidity. Isabella, on hearing the particulars of the visit, gave a different explanation: "It was all pride, pride, insufferable haughtiness and pride! She had long suspected the family to be very high, and this made it certain. Such insolence of behaviour as Miss Tilney's she had never heard of in her life! Not to do the honours of her house with common good breeding! To behave to her guest with such superciliousness! Hardly even to speak to her!"

"But it was not so bad as that, Isabella; there was no superciliousness; she was very civil."

"Oh! don't defend her! And then the brother, he, who had appeared so attached to you! Good heavens! Well, some people's feelings are incomprehensible. And so he hardly looked once at you the whole day?"

"I do not say so; but he did not seem in good spirits."

"How contemptible! Of all things in the world inconstancy is my aversion. Let me entreat you never to think of him again, my dear Catherine; indeed he is unworthy of you."

"Unworthy! I do not suppose he ever thinks of me."

"That is exactly what I say; he never thinks of you. Such fickleness! Oh! How different to your brother and to mine! I really believe John has the most constant heart."

"But as for General Tilney, I assure you it would be impossible for anybody to behave to me with greater civility and attention; it seemed to be his

only care to entertain and make me happy.”

“Oh! I know no harm of him; I do not suspect him of pride. I believe he is a very gentleman-like man. John thinks very well of him, and John’s judgment – “

“Well, I shall see how they behave to me this evening; we shall meet them at the rooms.”

“And must I go?”

“Do not you intend it? I thought it was all settled.”

“Nay, since you make such a point of it, I can refuse you nothing. But do not insist upon my being very agreeable, for my heart, you know, will be some forty miles off. And as for dancing, do not mention it, I beg; that is quite out of the question. Charles Hodges will plague me to death, I dare say; but I shall cut him very short. Ten to one but he guesses the reason, and that is exactly what I want to avoid, so I shall insist on his keeping his conjecture to himself.”

Isabella’s opinion of the Tilneys did not influence her friend; she was sure there had been no insolence in the manners either of brother or sister; and she did not credit there being any pride in their hearts. The evening rewarded her confidence; she was met by one with the same kindness, and by the other with the same attention, as heretofore: Miss Tilney took pains to be near her, and Henry asked her to dance.

Having heard the day before in Milsom Street that their elder brother, Captain Tilney, was expected almost every hour, she was at no loss for the name of a very fashionable-looking, handsome young man, whom she had never seen before, and who now evidently belonged to their party. She looked at him with great admiration, and even supposed it possible that some people might think him handsomer than his brother, though, in her eyes, his air was more assuming, and his countenance less prepossessing. His taste and manners were beyond a doubt decidedly inferior; for, within her hearing, he not only protested against every thought of dancing himself, but even laughed openly at Henry for finding it possible. From the latter circumstance it may be presumed that, whatever might be our heroine’s opinion of him, his admiration of her was not of a very dangerous kind; not likely to produce animosities between the brothers, nor persecutions to the lady. He cannot be the instigator of the three villains in horsemen’s greatcoats, by whom she will hereafter be forced into a traveling-chaise and four, which will drive off with incredible speed. Catherine, meanwhile, undisturbed by presentiments of such an evil, or of any evil at all, except that of having but a short set to dance down, enjoyed her usual happiness with Henry Tilney, listening with sparkling eyes to everything he said; and, in finding him irresistible, becoming so herself.

At the end of the first dance, Captain Tilney came towards them again, and, much to Catherine’s dissatisfaction, pulled his brother away. They retired

whispering together; and, though her delicate sensibility did not take immediate alarm, and lay it down as fact, that Captain Tilney must have heard some malevolent misrepresentation of her, which he now hastened to communicate to his brother, in the hope of separating them forever, she could not have her partner conveyed from her sight without very uneasy sensations. Her suspense was of full five minutes' duration; and she was beginning to think it a very long quarter of an hour, when they both returned, and an explanation was given, by Henry's requesting to know if she thought her friend, Miss Thorpe, would have any objection to dancing, as his brother would be most happy to be introduced to her. Catherine, without hesitation, replied that she was very sure Miss Thorpe did not mean to dance at all. The cruel reply was passed on to the other, and he immediately walked away.

"Your brother will not mind it, I know," said she, "because I heard him say before that he hated dancing; but it was very good-natured in him to think of it. I suppose he saw Isabella sitting down, and fancied she might wish for a partner; but he is quite mistaken, for she would not dance upon any account in the world."

Henry smiled, and said, "How very little trouble it can give you to understand the motive of other people's actions."

"Why? What do you mean?"

"With you, it is not, How is such a one likely to be influenced, What is the inducement most likely to act upon such a person's feelings, age, situation, and probable habits of life considered – but, How should I be influenced, What would be my inducement in acting so and so?"

"I do not understand you."

"Then we are on very unequal terms, for I understand you perfectly well."

"Me? Yes; I cannot speak well enough to be unintelligible."

"Bravo! An excellent satire on modern language."

"But pray tell me what you mean."

"Shall I indeed? Do you really desire it? But you are not aware of the consequences; it will involve you in a very cruel embarrassment, and certainly bring on a disagreement between us".

"No, no; it shall not do either; I am not afraid."

"Well, then, I only meant that your attributing my brother's wish of dancing with Miss Thorpe to good nature alone convinced me of your being superior in good nature yourself to all the rest of the world."

Catherine blushed and disclaimed, and the gentleman's predictions were verified. There was a something, however, in his words which repaid her for the pain of confusion; and that something occupied her mind so much that she drew back for some time, forgetting to speak or to listen, and almost forgetting where

she was; till, roused by the voice of Isabella, she looked up and saw her with Captain Tilney preparing to give them hands across.

Isabella shrugged her shoulders and smiled, the only explanation of this extra-ordinary change which could at that time be given; but as it was not quite enough for Catherine's comprehension, she spoke her astonishment in very plain terms to her partner.

"I cannot think how it could happen! Isabella was so determined not to dance."

"And did Isabella never change her mind before?"

"Oh! But, because... And your brother! After what you told him from me, how could he think of going to ask her?"

"I cannot take surprise to myself on that head. You bid me be surprised on your friend's account, and therefore I am; but as for my brother, his conduct in the business, I must own, has been no more than I believed him perfectly equal to. The fairness of your friend was an open attraction; her firmness, you know, could only be understood by yourself."

"You are laughing; but, I assure you, Isabella is very firm in general."

"It is as much as should be said of anyone. To be always firm must be to be often obstinate. When properly to relax is the trial of judgment; and, without reference to my brother, I really think Miss Thorpe has by no means chosen ill in fixing on the present hour."

The friends were not able to get together for any confidential discourse till all the dancing was over; but then, as they walked about the room arm in arm, Isabella thus explained herself: "I do not wonder at your surprise; and I am really fatigued to death. He is such a rattle! Amusing enough, if my mind had been disengaged; but I would have given the world to sit still."

"Then why did not you?"

"Oh! My dear! It would have looked so particular; and you know how I abhor doing that. I refused him as long as I possibly could, but he would take no denial. You have no idea how he pressed me. I begged him to excuse me, and get some other partner – but no, not he; after aspiring to my hand, there was nobody else in the room he could bear to think of; and it was not that he wanted merely to dance, he wanted to be with me. Oh! Such nonsense! I told him he had taken a very unlikely way to prevail upon me; for, of all things in the world, I hated fine speeches and compliments; and so – and so then I found there would be no peace if I did not stand up. Besides, I thought Mrs. Hughes, who introduced him, might take it ill if I did not: and your dear brother, I am sure he would have been miserable if I had sat down the whole evening. I am so glad it is over! My spirits are quite jaded with listening to his nonsense: and then, being such a smart young fellow, I saw every eye was upon us."

"He is very handsome indeed."

“Handsome! Yes, I suppose he may. I dare say people would admire him in general; but he is not at all in my style of beauty. I hate a florid complexion and dark eyes in a man. However, he is very well. Amazingly conceited, I am sure. I took him down several times, you know, in my way.”

When the young ladies next met, they had a far more interesting subject to discuss. James Morland's second letter was then received, and the kind intentions of his father fully explained. A living, of which Mr. Morland was himself patron and incumbent, of about four hundred pounds yearly value, was to be resigned to his son as soon as he should be old enough to take it; no trifling deduction from the family income, no niggardly assignment to one of ten children. An estate of at least equal value, moreover, was assured as his future inheritance.

James expressed himself on the occasion with becoming gratitude; and the necessity of waiting between two and three years before they could marry, being, however unwelcome, no more than he had expected, was borne by him without discontent. Catherine, whose expectations had been as unfixed as her ideas of her father's income, and whose judgment was now entirely led by her brother, felt equally well satisfied, and heartily congratulated Isabella on having everything so pleasantly settled.

“It is very charming indeed,” said Isabella, with a grave face. “Mr. Morland has behaved vastly handsome indeed,” said the gentle Mrs. Thorpe, looking anxiously at her daughter. “I only wish I could do as much. One could not expect more from him, you know. If he finds he can do more by and by, I dare say he will, for I am sure he must be an excellent good-hearted man. Four hundred is but a small income to begin on indeed, but your wishes, my dear Isabella, are so moderate, you do not consider how little you ever want, my dear.”

“It is not on my own account I wish for more; but I cannot bear to be the means of injuring my dear Morland, making him sit down upon an income hardly enough to find one in the common necessaries of life. For myself, it is nothing; I never think of myself.”

“I know you never do, my dear; and you will always find your reward in the affection it makes everybody feel for you. There never was a young woman so beloved as you are by everybody that knows you; and I dare say when Mr. Morland sees you, my dear child – but do not let us distress our dear Catherine by talking of such things. Mr. Morland has behaved so very handsome, you know. I always heard he was a most excellent man; and you know, my dear, we are not to suppose but what, if you had had a suitable fortune, he would have come down with something more, for I am sure he must be a most liberal-minded man.”

“Nobody can think better of Mr. Morland than I do, I am sure. But

everybody has their failing, you know, and everybody has a right to do what they like with their own money." Catherine was hurt by these insinuations. "I am very sure," said she, "that my father has promised to do as much as he can afford."

Isabella recollected herself. "As to that, my sweet Catherine, there cannot be a doubt, and you know me well enough to be sure that a much smaller income would satisfy me. It is not the want of more money that makes me just at present a little out of spirits; I hate money; and if our union could take place now upon only fifty pounds a year, I should not have a wish unsatisfied. Ah! my Catherine, you have found me out. There's the sting. The long, long, endless two years and half that are to pass before your brother can hold the living."

"Yes, yes, my darling Isabella," said Mrs. Thorpe, "we perfectly see into your heart. You have no disguise. We perfectly understand the present vexation; and everybody must love you the better for such a noble honest affection."

Catherine's uncomfortable feelings began to lessen. She endeavoured to believe that the delay of the marriage was the only source of Isabella's regret; and when she saw her at their next interview as cheerful and amiable as ever, endeavoured to forget that she had for a minute thought otherwise. James soon followed his letter, and was received with the most gratifying kindness.

CHAPTER 17

The Allens had now entered on the sixth week of their stay in Bath; and whether it should be the last was for some time a question, to which Catherine listened with a beating heart. To have her acquaintance with the Tilneys end so soon was an evil which nothing could counterbalance. Her whole happiness seemed at stake, while the affair was in suspense, and everything secured when it was determined that the lodgings should be taken for another fortnight. What this additional fortnight was to produce to her beyond the pleasure of sometimes seeing Henry Tilney made but a small part of Catherine's speculation. Once or twice indeed, since James's engagement had taught her what could be done, she had got so far as to indulge in a secret "perhaps," but in general the felicity of being with him for the present bounded her views: the present was now comprised in another three weeks, and her happiness being certain for that period, the rest of her life was at such a distance as to excite but little interest. In the course of the morning which saw this business arranged, she visited Miss Tilney, and poured forth her joyful feelings. It was doomed to be a day of trial. No sooner had she expressed her delight in Mr. Allen's lengthened stay than Miss Tilney told her of her father's having just determined upon quitting Bath by the end of another week. Here was a blow! The past suspense of the morning had been ease and quiet to the present disappointment. Catherine's countenance fell, and in a voice of most sincere concern she echoed Miss Tilney's concluding words, "By the end of another week!"

"Yes, my father can seldom be prevailed on to give the waters what I think a fair trial. He has been disappointed of some friends' arrival whom he expected to meet here, and as he is now pretty well, is in a hurry to get home."

"I am very sorry for it," said Catherine dejectedly; "if I had known this before..."

"Perhaps," said Miss Tilney in an embarrassed manner, "you would be so good – it would make me very happy if..."

The entrance of her father put a stop to the civility, which Catherine was beginning to hope might introduce a desire of their corresponding. After addressing her with his usual politeness, he turned to his daughter and said, "Well, Eleanor, may I congratulate you on being successful in your application to your fair friend?"

"I was just beginning to make the request, sir, as you came in."

"Well, proceed by all means. I know how much your heart is in it. My daughter, Miss Morland," he continued, without leaving his daughter time to speak, "has been forming a very bold wish. We leave Bath, as she has perhaps told you, on Saturday se'nnight. A letter from my steward tells me that my presence is wanted at home; and being disappointed in my hope of seeing the

Marquis of Longtown and General Courteney here, some of my very old friends, there is nothing to detain me longer in Bath. And could we carry our selfish point with you, we should leave it without a single regret. Can you, in short, be prevailed on to quit this scene of public triumph and oblige your friend Eleanor with your company in Gloucestershire? I am almost ashamed to make the request, though its presumption would certainly appear greater to every creature in Bath than yourself. Modesty such as yours – but not for the world would I pain it by open praise. If you can be induced to honour us with a visit, you will make us happy beyond expression. 'Tis true, we can offer you nothing like the gaieties of this lively place; we can tempt you neither by amusement nor splendour, for our mode of living, as you see, is plain and unpretending; yet no endeavours shall be wanting on our side to make Northanger Abbey not wholly disagreeable."

Northanger Abbey! These were thrilling words, and wound up Catherine's feelings to the highest point of ecstasy. Her grateful and gratified heart could hardly restrain its expressions within the language of tolerable calmness. To receive so flattering an invitation! To have her company so warmly solicited! Everything honourable and soothing, every present enjoyment, and every future hope was contained in it; and her acceptance, with only the saving clause of Papa and Mamma's approbation, was eagerly given. "I will write home directly," said she, "and if they do not object, as I dare say they will not..."

General Tilney was not less sanguine, having already waited on her excellent friends in Pulteney Street, and obtained their sanction of his wishes. "Since they can consent to part with you," said he, "we may expect philosophy from all the world."

Miss Tilney was earnest, though gentle, in her secondary civilities, and the affair became in a few minutes as nearly settled as this necessary reference to Fullerton would allow.

The circumstances of the morning had led Catherine's feelings through the varieties of suspense, security, and disappointment; but they were now safely lodged in perfect bliss; and with spirits elated to rapture, with Henry at her heart, and Northanger Abbey on her lips, she hurried home to write her letter. Mr. and Mrs. Morland, relying on the discretion of the friends to whom they had already entrusted their daughter, felt no doubt of the propriety of an acquaintance which had been formed under their eye, and sent therefore by return of post their ready consent to her visit in Gloucestershire. This indulgence, though not more than Catherine had hoped for, completed her conviction of being favoured beyond every other human creature, in friends and fortune, circumstance and chance. Everything seemed to cooperate for her advantage. By the kindness of her first friends, the Allens, she had been introduced into scenes where pleasures of every kind had met her. Her feelings, her preferences, had each known the happiness of a return. Wherever she felt attachment, she had been able to create it. The

affection of Isabella was to be secured to her in a sister. The Tilneys, they, by whom, above all, she desired to be favourably thought of, outstripped even her wishes in the flattering measures by which their intimacy was to be continued. She was to be their chosen visitor, she was to be for weeks under the same roof with the person whose society she mostly prized – and, in addition to all the rest, this roof was to be the roof of an abbey! Her passion for ancient edifices was next in degree to her passion for Henry Tilney – and castles and abbeys made usually the charm of those reveries which his image did not fill. To see and explore either the ramparts and keep of the one, or the cloisters of the other, had been for many weeks a darling wish, though to be more than the visitor of an hour had seemed too nearly impossible for desire. And yet, this was to happen. With all the chances against her of house, hall, place, park, court, and cottage, Northanger turned up an abbey, and she was to be its inhabitant. Its long, damp passages, its narrow cells and ruined chapel, were to be within her daily reach, and she could not entirely subdue the hope of some traditional legends, some awful memorials of an injured and ill-fated nun.

It was wonderful that her friends should seem so little elated by the possession of such a home, that the consciousness of it should be so meekly borne. The power of early habit only could account for it. A distinction to which they had been born gave no pride. Their superiority of abode was no more to them than their superiority of person.

Many were the inquiries she was eager to make of Miss Tilney; but so active were her thoughts, that when these inquiries were answered, she was hardly more assured than before, of Northanger Abbey having been a richly endowed convent at the time of the Reformation, of its having fallen into the hands of an ancestor of the Tilneys on its dissolution, of a large portion of the ancient building still making a part of the present dwelling although the rest was decayed, or of its standing low in a valley, sheltered from the north and east by rising woods of oak.

CHAPTER 18

With a mind thus full of happiness, Catherine was hardly aware that two or three days had passed away, without her seeing Isabella for more than a few minutes together. She began first to be sensible of this, and to sigh for her conversation, as she walked along the pump-room one morning, by Mrs. Allen's side, without anything to say or to hear; and scarcely had she felt a five minutes' longing of friendship, before the object of it appeared, and inviting her to a secret conference, led the way to a seat. "This is my favourite place," said she as they sat down on a bench between the doors, which commanded a tolerable view of everybody entering at either; "it is so out of the way."

Catherine, observing that Isabella's eyes were continually bent towards one door or the other, as in eager expectation, and remembering how often she had been falsely accused of being arch, thought the present a fine opportunity for being really so; and therefore gaily said, "Do not be uneasy, Isabella, James will soon be here."

"Psha! My dear creature," she replied, "do not think me such a simpleton as to be always wanting to confine him to my elbow. It would be hideous to be always together; we should be the jest of the place. And so you are going to Northanger! I am amazingly glad of it. It is one of the finest old places in England, I understand. I shall depend upon a most particular description of it."

"You shall certainly have the best in my power to give. But who are you looking for? Are your sisters coming?"

"I am not looking for anybody. One's eyes must be somewhere, and you know what a foolish trick I have of fixing mine, when my thoughts are an hundred miles off. I am amazingly absent; I believe I am the most absent creature in the world. Tilney says it is always the case with minds of a certain stamp."

"But I thought, Isabella, you had something in particular to tell me?"

"Oh! Yes, and so I have. But here is a proof of what I was saying. My poor head, I had quite forgot it. Well, the thing is this: I have just had a letter from John; you can guess the contents."

"No, indeed, I cannot."

"My sweet love, do not be so abominably affected. What can he write about, but yourself? You know he is over head and ears in love with you."

"With me, dear Isabella!"

"Nay, my sweetest Catherine, this is being quite absurd! Modesty, and all that, is very well in its way, but really a little common honesty is sometimes quite as becoming. I have no idea of being so overstrained! It is fishing for compliments. His attentions were such as a child must have noticed. And it was but half an hour before he left Bath that you gave him the most positive

encouragement. He says so in this letter, says that he as good as made you an offer, and that you received his advances in the kindest way; and now he wants me to urge his suit, and say all manner of pretty things to you. So it is in vain to affect ignorance.”

Catherine, with all the earnestness of truth, expressed her astonishment at such a charge, protesting her innocence of every thought of Mr. Thorpe’s being in love with her, and the consequent impossibility of her having ever intended to encourage him. “As to any attentions on his side, I do declare, upon my honour, I never was sensible of them for a moment – except just his asking me to dance the first day of his coming. And as to making me an offer, or anything like it, there must be some unaccountable mistake. I could not have misunderstood a thing of that kind, you know! And, as I ever wish to be believed, I solemnly protest that no syllable of such a nature ever passed between us. The last half hour before he went away! It must be all and completely a mistake, for I did not see him once that whole morning.”

“But that you certainly did, for you spent the whole morning in Edgar’s Buildings. It was the day your father’s consent came; and I am pretty sure that you and John were alone in the parlour some time before you left the house.”

“Are you? Well, if you say it, it was so, I dare say, but for the life of me, I cannot recollect it. I do remember now being with you, and seeing him as well as the rest, but that we were ever alone for five minutes. However, it is not worth arguing about, for whatever might pass on his side, you must be convinced, by my having no recollection of it, that I never thought, nor expected, nor wished for anything of the kind from him. I am excessively concerned that he should have any regard for me, but indeed it has been quite unintentional on my side; I never had the smallest idea of it. Pray undeceive him as soon as you can, and tell him I beg his pardon – that is – I do not know what I ought to say – but make him understand what I mean, in the properest way. I would not speak disrespectfully of a brother of yours, Isabella, I am sure; but you know very well that if I could think of one man more than another – he is not the person.” Isabella was silent. “My dear friend, you must not be angry with me. I cannot suppose your brother cares so very much about me. And, you know, we shall still be sisters.”

“Yes, yes” (with a blush), “there are more ways than one of our being sisters. But where am I wandering to? Well, my dear Catherine, the case seems to be that you are determined against poor John – is not it so?”

“I certainly cannot return his affection, and as certainly never meant to encourage it.”

“Since that is the case, I am sure I shall not tease you any further. John desired me to speak to you on the subject, and therefore I have. But I confess, as soon as I read his letter, I thought it a very foolish, imprudent business, and not likely to promote the good of either; for what were you to live upon, supposing

you came together? You have both of you something, to be sure, but it is not a trifle that will support a family nowadays; and after all that romancers may say, there is no doing without money. I only wonder John could think of it; he could not have received my last."

"You do acquit me, then, of any thing wrong?— You are convinced that I never meant to deceive your brother, never suspected him of liking me till this moment?"

"Oh! As to that," answered Isabella laughingly, "I do not pretend to determine what your thoughts and designs in time past may have been. All that is best known to yourself. A little harmless flirtation or so will occur, and one is often drawn on to give more encouragement than one wishes to stand by. But you may be assured that I am the last person in the world to judge you severely. All those things should be allowed for in youth and high spirits. What one means one day, you know, one may not mean the next. Circumstances change, opinions alter."

"But my opinion of your brother never did alter; it was always the same. You are describing what never happened."

"My dearest Catherine," continued the other without at all listening to her, "I would not for all the world be the means of hurrying you into an engagement before you knew what you were about. I do not think any thing would justify me in wishing you to sacrifice all your happiness merely to oblige my brother, because he is my brother, and who perhaps after all, you know, might be just as happy without you, for people seldom know what they would be at, young men especially, they are so amazingly changeable and inconstant. What I say is, why should a brother's happiness be dearer to me than a friend's? You know I carry my notions of friendship pretty high. But, above all things, my dear Catherine, do not be in a hurry. Take my word for it, that if you are in too great a hurry, you will certainly live to repent it. Tilney says there is nothing people are so often deceived in as the state of their own affections, and I believe he is very right. Ah! Here he comes; never mind, he will not see us, I am sure."

Catherine, looking up, perceived Captain Tilney; and Isabella, earnestly fixing her eye on him as she spoke, soon caught his notice. He approached immediately, and took the seat to which her movements invited him. His first address made Catherine start. Though spoken low, she could distinguish, "What! Always to be watched, in person or by proxy!"

"Psha, nonsense!" was Isabella's answer in the same half whisper. "Why do you put such things into my head? If I could believe it— my spirit, you know, is pretty independent."

"I wish your heart were independent. That would be enough for me."

"My heart, indeed! What can you have to do with hearts? You men have none of you any hearts."

"If we have not hearts, we have eyes; and they give us torment

enough.”

“Do they? I am sorry for it; I am sorry they find anything so disagreeable in me. I will look another way. I hope this pleases you” (turning her back on him); “I hope your eyes are not tormented now.”

“Never more so; for the edge of a blooming cheek is still in view – at once too much and too little.”

Catherine heard all this, and quite out of countenance, could listen no longer. Amazed that Isabella could endure it, and jealous for her brother, she rose up, and saying she should join Mrs. Allen, proposed their walking. But for this Isabella showed no inclination. She was so amazingly tired, and it was so odious to parade about the pump-room; and if she moved from her seat she should miss her sisters; she was expecting her sisters every moment; so that her dearest Catherine must excuse her, and must sit quietly down again. But Catherine could be stubborn too; and Mrs. Allen just then coming up to propose their returning home, she joined her and walked out of the pump-room, leaving Isabella still sitting with Captain Tilney. With much uneasiness did she thus leave them. It seemed to her that Captain Tilney was falling in love with Isabella, and Isabella unconsciously encouraging him; unconsciously it must be, for Isabella's attachment to James was as certain and well acknowledged as her engagement. To doubt her truth or good intentions was impossible; and yet, during the whole of their conversation her manner had been odd. She wished Isabella had talked more like her usual self, and not so much about money, and had not looked so well pleased at the sight of Captain Tilney. How strange that she should not perceive his admiration! Catherine longed to give her a hint of it, to put her on her guard, and prevent all the pain which her too lively behaviour might otherwise create both for him and her brother.

The compliment of John Thorpe's affection did not make amends for this thoughtlessness in his sister. She was almost as far from believing as from wishing it to be sincere; for she had not forgotten that he could mistake, and his assertion of the offer and of her encouragement convinced her that his mistakes could sometimes be very egregious. In vanity, therefore, she gained but little; her chief profit was in wonder. That he should think it worth his while to fancy himself in love with her was a matter of lively astonishment. Isabella talked of his attentions; she had never been sensible of any; but Isabella had said many things which she hoped had been spoken in haste, and would never be said again; and upon this she was glad to rest altogether for present ease and comfort.

CHAPTER 19

A few days passed away, and Catherine, though not allowing herself to suspect her friend, could not help watching her closely. The result of her observations was not agreeable. Isabella seemed an altered creature. When she saw her, indeed, surrounded only by their immediate friends in Edgar's Buildings or Pulteney Street, her change of manners was so trifling that, had it gone no farther, it might have passed unnoticed. A something of languid indifference, or of that boasted absence of mind which Catherine had never heard of before, would occasionally come across her; but had nothing worse appeared, that might only have spread a new grace and inspired a warmer interest. But when Catherine saw her in public, admitting Captain Tilney's attentions as readily as they were offered, and allowing him almost an equal share with James in her notice and smiles, the alteration became too positive to be passed over. What could be meant by such unsteady conduct, what her friend could be at, was beyond her comprehension. Isabella could not be aware of the pain she was inflicting; but it was a degree of wilful thoughtlessness which Catherine could not but resent. James was the sufferer. She saw him grave and uneasy; and however careless of his present comfort the woman might be who had given him her heart, to her it was always an object. For poor Captain Tilney too she was greatly concerned. Though his looks did not please her, his name was a passport to her goodwill, and she thought with sincere compassion of his approaching disappointment; for, in spite of what she had believed herself to overhear in the pump-room, his behaviour was so incompatible with a knowledge of Isabella's engagement that she could not, upon reflection, imagine him aware of it. He might be jealous of her brother as a rival, but if more had seemed implied, the fault must have been in her misapprehension. She wished, by a gentle remonstrance, to remind Isabella of her situation, and make her aware of this double unkindness; but for remonstrance, either opportunity or comprehension was always against her. If able to suggest a hint, Isabella could never understand it. In this distress, the intended departure of the Tilney family became her chief consolation; their journey into Gloucestershire was to take place within a few days, and Captain Tilney's removal would at least restore peace to every heart but his own. But Captain Tilney had at present no intention of removing; he was not to be of the party to Northanger; he was to continue at Bath. When Catherine knew this, her resolution was directly made. She spoke to Henry Tilney on the subject, regretting his brother's evident partiality for Miss Thorpe, and entreating him to make known her prior engagement.

"My brother does know it," was Henry's answer.

"Does he? Then why does he stay here?"

He made no reply, and was beginning to talk of something else; but she

eagerly continued, "Why do not you persuade him to go away? The longer he stays, the worse it will be for him at last. Pray advise him for his own sake, and for everybody's sake, to leave Bath directly. Absence will in time make him comfortable again; but he can have no hope here, and it is only staying to be miserable."

Henry smiled and said, "I am sure my brother would not wish to do that."

"Then you will persuade him to go away?"

"Persuasion is not at command; but pardon me, if I cannot even endeavour to persuade him. I have myself told him that Miss Thorpe is engaged. He knows what he is about, and must be his own master."

"No, he does not know what he is about," cried Catherine; "he does not know the pain he is giving my brother. Not that James has ever told me so, but I am sure he is very uncomfortable."

"And are you sure it is my brother's doing?"

"Yes, very sure."

"Is it my brother's attentions to Miss Thorpe, or Miss Thorpe's admission of them, that gives the pain?"

"Is not it the same thing?"

"I think Mr. Morland would acknowledge a difference. No man is offended by another man's admiration of the woman he loves; it is the woman only who can make it a torment."

Catherine blushed for her friend, and said, "Isabella is wrong. But I am sure she cannot mean to torment, for she is very much attached to my brother. She has been in love with him ever since they first met, and while my father's consent was uncertain, she fretted herself almost into a fever. You know she must be attached to him."

"I understand: she is in love with James, and flirts with Frederick"

"Oh! no, not flirts. A woman in love with one man cannot flirt with another."

"It is probable that she will neither love so well, nor flirt so well, as she might do either singly. The gentlemen must each give up a little."

After a short pause, Catherine resumed with, "Then you do not believe Isabella so very much attached to my brother?"

"I can have no opinion on that subject."

"But what can your brother mean? If he knows her engagement, what can he mean by his behaviour?"

"You are a very close questioner."

"Am I? I only ask what I want to be told."

"But do you only ask what I can be expected to tell?"

"Yes, I think so; for you must know your brother's heart."

“My brother’s heart, as you term it, on the present occasion, I assure you I can only guess at.”

“Well?”

“Well! Nay, if it is to be guesswork, let us all guess for ourselves. To be guided by second-hand conjecture is pitiful. The premises are before you. My brother is a lively and perhaps sometimes a thoughtless young man; he has had about a week’s acquaintance with your friend, and he has known her engagement almost as long as he has known her.”

“Well,” said Catherine, after some moments’ consideration, “you may be able to guess at your brother’s intentions from all this; but I am sure I cannot. But is not your father uncomfortable about it? Does not he want Captain Tilney to go away? Sure, if your father were to speak to him, he would go.”

“My dear Miss Morland,” said Henry, “in this amiable solicitude for your brother’s comfort, may you not be a little mistaken? Are you not carried a little too far? Would he thank you, either on his own account or Miss Thorpe’s, for supposing that her affection, or at least her good behaviour, is only to be secured by her seeing nothing of Captain Tilney? Is he safe only in solitude? Or is her heart constant to him only when unsolicited by anyone else? He cannot think this – and you may be sure that he would not have you think it. I will not say, ‘Do not be uneasy,’ because I know that you are so, at this moment; but be as little uneasy as you can. You have no doubt of the mutual attachment of your brother and your friend; depend upon it, therefore, that real jealousy never can exist between them; depend upon it that no disagreement between them can be of any duration. Their hearts are open to each other, as neither heart can be to you; they know exactly what is required and what can be borne; and you may be certain that one will never tease the other beyond what is known to be pleasant.”

Perceiving her still to look doubtful and grave, he added, “Though Frederick does not leave Bath with us, he will probably remain but a very short time, perhaps only a few days behind us. His leave of absence will soon expire, and he must return to his regiment. And what will then be their acquaintance? The mess-room will drink Isabella Thorpe for a fortnight, and she will laugh with your brother over poor Tilney’s passion for a month.”

Catherine would contend no longer against comfort. She had resisted its approaches during the whole length of a speech, but it now carried her captive. Henry Tilney must know best. She blamed herself for the extent of her fears, and resolved never to think so seriously on the subject again.

Her resolution was supported by Isabella’s behaviour in their parting interview. The Thorpes spent the last evening of Catherine’s stay in Pulteney Street, and nothing passed between the lovers to excite her uneasiness, or make her quit them in apprehension. James was in excellent spirits, and Isabella most engagingly placid. Her tenderness for her friend seemed rather the first feeling

of her heart; but that at such a moment was allowable; and once she gave her lover a flat contradiction, and once she drew back her hand; but Catherine remembered Henry's instructions, and placed it all to judicious affection. The embraces, tears, and promises of the parting fair ones may be fancied.

CHAPTER 20

Mr. and Mrs. Allen were sorry to lose their young friend, whose good humour and cheerfulness had made her a valuable companion, and in the promotion of whose enjoyment their own had been gently increased. Her happiness in going with Miss Tilney, however, prevented their wishing it otherwise; and, as they were to remain only one more week in Bath themselves, her quitting them now would not long be felt. Mr. Allen attended her to Milsom Street, where she was to breakfast, and saw her seated with the kindest welcome among her new friends; but so great was her agitation in finding herself as one of the family, and so fearful was she of not doing exactly what was right, and of not being able to preserve their good opinion, that, in the embarrassment of the first five minutes, she could almost have wished to return with him to Pulteney Street.

Miss Tilney's manners and Henry's smile soon did away some of her unpleasant feelings; but still she was far from being at ease; nor could the incessant attentions of the general himself entirely reassure her. Nay, perverse as it seemed, she doubted whether she might not have felt less, had she been less attended to. His anxiety for her comfort – his continual solicitations that she would eat, and his often-expressed fears of her seeing nothing to her taste – though never in her life before had she beheld half such variety on a breakfast-table – made it impossible for her to forget for a moment that she was a visitor. She felt utterly unworthy of such respect, and knew not how to reply to it. Her tranquillity was not improved by the general's impatience for the appearance of his eldest son, nor by the displeasure he expressed at his laziness when Captain Tilney at last came down. She was quite pained by the severity of his father's reproof, which seemed disproportionate to the offence; and much was her concern increased when she found herself the principal cause of the lecture, and that his tardiness was chiefly resented from being disrespectful to her. This was placing her in a very uncomfortable situation, and she felt great compassion for Captain Tilney, without being able to hope for his goodwill.

He listened to his father in silence, and attempted not any defence, which confirmed her in fearing that the inquietude of his mind, on Isabella's account, might, by keeping him long sleepless, have been the real cause of his rising late. It was the first time of her being decidedly in his company, and she had hoped to be now able to form her opinion of him; but she scarcely heard his voice while his father remained in the room; and even afterwards, so much were his spirits affected, she could distinguish nothing but these words, in a whisper to Eleanor, "How glad I shall be when you are all off."

The bustle of going was not pleasant. The clock struck ten while the trunks were carrying down, and the general had fixed to be out of Milsom Street by that hour. His greatcoat, instead of being brought for him to put on directly,

was spread out in the curricle in which he was to accompany his son. The middle seat of the chaise was not drawn out, though there were three people to go in it, and his daughter's maid had so crowded it with parcels that Miss Morland would not have room to sit; and, so much was he influenced by this apprehension when he handed her in, that she had some difficulty in saving her own new writing-desk from being thrown out into the street. At last, however, the door was closed upon the three females, and they set off at the sober pace in which the handsome, highly fed four horses of a gentleman usually perform a journey of thirty miles: such was the distance of Northanger from Bath, to be now divided into two equal stages. Catherine's spirits revived as they drove from the door; for with Miss Tilney she felt no restraint; and, with the interest of a road entirely new to her, of an abbey before, and a curricle behind, she caught the last view of Bath without any regret, and met with every milestone before she expected it. The tediousness of a two hours' wait at Petty France, in which there was nothing to be done but to eat without being hungry, and loiter about without anything to see, next followed – and her admiration of the style in which they travelled, of the fashionable chaise and four – postilions handsomely liveried, rising so regularly in their stirrups, and numerous outriders properly mounted, sunk a little under this consequent inconvenience. Had their party been perfectly agreeable, the delay would have been nothing; but General Tilney, though so charming a man, seemed always a check upon his children's spirits, and scarcely anything was said but by himself; the observation of which, with his discontent at whatever the inn afforded, and his angry impatience at the waiters, made Catherine grow every moment more in awe of him, and appeared to lengthen the two hours into four. At last, however, the order of release was given; and much was Catherine then surprised by the general's proposal of her taking his place in his son's curricle for the rest of the journey: “the day was fine, and he was anxious for her seeing as much of the country as possible.”

The remembrance of Mr. Allen's opinion, respecting young men's open carriages, made her blush at the mention of such a plan, and her first thought was to decline it; but her second was of greater deference for General Tilney's judgment; he could not propose anything improper for her; and, in the course of a few minutes, she found herself with Henry in the curricle, as happy a being as ever existed. A very short trial convinced her that a curricle was the prettiest equipage in the world; the chaise and four wheeled off with some grandeur, to be sure, but it was a heavy and troublesome business, and she could not easily forget its having stopped two hours at Petty France. Half the time would have been enough for the curricle, and so nimbly were the light horses disposed to move, that, had not the general chosen to have his own carriage lead the way, they could have passed it with ease in half a minute. But the merit of the curricle did not all belong to the horses; Henry drove so well – so quietly – without making any

disturbance, without parading to her, or swearing at them: so different from the only gentleman-coachman whom it was in her power to compare him with! And then his hat sat so well, and the innumerable capes of his greatcoat looked so becomingly important! To be driven by him, next to being dancing with him, was certainly the greatest happiness in the world. In addition to every other delight, she had now that of listening to her own praise; of being thanked at least, on his sister's account, for her kindness in thus becoming her visitor; of hearing it ranked as real friendship, and described as creating real gratitude. His sister, he said, was uncomfortably circumstanced – she had no female companion – and, in the frequent absence of her father, was sometimes without any companion at all.

“But how can that be?” said Catherine. “Are not you with her?”

“Northanger is not more than half my home; I have an establishment at my own house in Woodston, which is nearly twenty miles from my father's, and some of my time is necessarily spent there.”

“How sorry you must be for that!”

“I am always sorry to leave Eleanor.”

“Yes; but besides your affection for her, you must be so fond of the abbey! After being used to such a home as the abbey, an ordinary parsonage-house must be very disagreeable.”

He smiled, and said, “You have formed a very favourable idea of the abbey.”

“To be sure, I have. Is not it a fine old place, just like what one reads about?”

“And are you prepared to encounter all the horrors that a building such as ‘what one reads about’ may produce? Have you a stout heart? Nerves fit for sliding panels and tapestry?”

“Oh! yes – I do not think I should be easily frightened, because there would be so many people in the house – and besides, it has never been uninhabited and left deserted for years, and then the family come back to it unawares, without giving any notice, as generally happens.”

“No, certainly. We shall not have to explore our way into a hall dimly lighted by the expiring embers of a wood fire – nor be obliged to spread our beds on the floor of a room without windows, doors, or furniture. But you must be aware that when a young lady is (by whatever means) introduced into a dwelling of this kind, she is always lodged apart from the rest of the family. While they snugly repair to their own end of the house, she is formally conducted by Dorothy, the ancient housekeeper, up a different staircase, and along many gloomy passages, into an apartment never used since some cousin or kin died in it about twenty years before. Can you stand such a ceremony as this? Will not your mind misgive you when you find yourself in this gloomy chamber – too lofty and extensive for you, with only the feeble rays of a single lamp to take in its size

– its walls hung with tapestry exhibiting figures as large as life, and the bed, of dark green stuff or purple velvet, presenting even a funereal appearance? Will not your heart sink within you?”

“Oh! But this will not happen to me, I am sure.”

“How fearfully will you examine the furniture of your apartment! And what will you discern? Not tables, toilettes, wardrobes, or drawers, but on one side perhaps the remains of a broken lute, on the other a ponderous chest which no efforts can open, and over the fireplace the portrait of some handsome warrior, whose features will so incomprehensibly strike you, that you will not be able to withdraw your eyes from it. Dorothy, meanwhile, no less struck by your appearance, gazes on you in great agitation, and drops a few unintelligible hints. To raise your spirits, moreover, she gives you reason to suppose that the part of the abbey you inhabit is undoubtedly haunted, and informs you that you will not have a single domestic within call. With this parting cordial she curtsies off – you listen to the sound of her receding footsteps as long as the last echo can reach you – and when, with fainting spirits, you attempt to fasten your door, you discover, with increased alarm, that it has no lock”

“Oh! Mr. Tilney, how frightful! This is just like a book! But it cannot really happen to me. I am sure your housekeeper is not really Dorothy. Well, what then?”

“Nothing further to alarm perhaps may occur the first night. After surmounting your unconquerable horror of the bed, you will retire to rest, and get a few hours’ unquiet slumber. But on the second, or at farthest the third night after your arrival, you will probably have a violent storm. Peals of thunder so loud as to seem to shake the edifice to its foundation will roll round the neighbouring mountains – and during the frightful gusts of wind which accompany it, you will probably think you discern (for your lamp is not extinguished) one part of the hanging more violently agitated than the rest. Unable of course to repress your curiosity in so favourable a moment for indulging it, you will instantly arise, and throwing your dressing-gown around you, proceed to examine this mystery. After a very short search, you will discover a division in the tapestry so artfully constructed as to defy the minutest inspection, and on opening it, a door will immediately appear – which door, being only secured by massy bars and a padlock, you will, after a few efforts, succeed in opening – and, with your lamp in your hand, will pass through it into a small vaulted room.”

“No, indeed; I should be too much frightened to do any such thing.”

“What! Not when Dorothy has given you to understand that there is a secret subterraneous communication between your apartment and the chapel of St. Anthony, scarcely two miles off? Could you shrink from so simple an adventure? No, no, you will proceed into this small vaulted room, and through this into several others, without perceiving anything very remarkable in either. In one

perhaps there may be a dagger, in another a few drops of blood, and in a third the remains of some instrument of torture; but there being nothing in all this out of the common way, and your lamp being nearly exhausted, you will return towards your own apartment. In repassing through the small vaulted room, however, your eyes will be attracted towards a large, old-fashioned cabinet of ebony and gold, which, though narrowly examining the furniture before, you had passed unnoticed. Impelled by an irresistible presentiment, you will eagerly advance to it, unlock its folding doors, and search into every drawer – but for some time without discovering anything of importance – perhaps nothing but a considerable hoard of diamonds. At last, however, by touching a secret spring, an inner compartment will open – a roll of paper appears – you seize it – it contains many sheets of manuscript – you hasten with the precious treasure into your own chamber, but scarcely have you been able to decipher ‘Oh! Thou – whomsoever thou mayst be, into whose hands these memoirs of the wretched Matilda may fall’, when your lamp suddenly expires in the socket, and leaves you in total darkness.”

“Oh! No, no. Do not say so. Well, go on.”

But Henry was too much amused by the interest he had raised to be able to carry it farther; he could no longer command solemnity either of subject or voice, and was obliged to entreat her to use her own fancy in the perusal of Matilda’s woes. Catherine, recollecting herself, grew ashamed of her eagerness, and began earnestly to assure him that her attention had been fixed without the smallest apprehension of really meeting with what he related. “Miss Tilney, she was sure, would never put her into such a chamber as he had described! She was not at all afraid.”

As they drew near the end of their journey, her impatience for a sight of the abbey – for some time suspended by his conversation on subjects very different – returned in full force, and every bend in the road was expected with solemn awe to afford a glimpse of its massy walls of grey stone, rising amidst a grove of ancient oaks, with the last beams of the sun playing in beautiful splendour on its high Gothic windows. But so low did the building stand, that she found herself passing through the great gates of the lodge into the very grounds of Northanger, without having discerned even an antique chimney.

She knew not that she had any right to be surprised, but there was a something in this mode of approach which she certainly had not expected. To pass between lodges of a modern appearance, to find herself with such ease in the very precincts of the abbey, and driven so rapidly along a smooth, level road of fine gravel, without obstacle, alarm, or solemnity of any kind, struck her as odd and inconsistent. She was not long at leisure, however, for such considerations. A sudden scud of rain, driving full in her face, made it impossible for her to observe anything further, and fixed all her thoughts on the welfare of her new straw

bonnet; and she was actually under the abbey walls, was springing, with Henry's assistance, from the carriage, was beneath the shelter of the old porch, and had even passed on to the hall, where her friend and the general were waiting to welcome her, without feeling one awful foreboding of future misery to herself, or one moment's suspicion of any past scenes of horror being acted within the solemn edifice. The breeze had not seemed to waft the sighs of the murdered to her; it had wafted nothing worse than a thick mizzling rain; and having given a good shake to her habit, she was ready to be shown into the common drawing-room, and capable of considering where she was.

An abbey! Yes, it was delightful to be really in an abbey! But she doubted, as she looked round the room, whether anything within her observation would have given her the consciousness. The furniture was in all the profusion and elegance of modern taste. The fireplace, where she had expected the ample width and ponderous carving of former times, was contracted to a Rumford, with slabs of plain though handsome marble, and ornaments over it of the prettiest English china. The windows, to which she looked with peculiar dependence, from having heard the general talk of his preserving them in their Gothic form with reverential care, were yet less what her fancy had portrayed. To be sure, the pointed arch was preserved – the form of them was Gothic – they might be even casements – but every pane was so large, so clear, so light! To an imagination which had hoped for the smallest divisions, and the heaviest stone-work, for painted glass, dirt, and cobwebs, the difference was very distressing.

The general, perceiving how her eye was employed, began to talk of the smallness of the room and simplicity of the furniture, where everything, being for daily use, pretended only to comfort, etc.; flattering himself, however, that there were some apartments in the Abbey not unworthy her notice – and was proceeding to mention the costly gilding of one in particular, when, taking out his watch, he stopped short to pronounce it with surprise within twenty minutes of five! This seemed the word of separation, and Catherine found herself hurried away by Miss Tilney in such a manner as convinced her that the strictest punctuality to the family hours would be expected at Northanger.

Returning through the large and lofty hall, they ascended a broad staircase of shining oak, which, after many flights and many landing-places, brought them upon a long, wide gallery. On one side it had a range of doors, and it was lighted on the other by windows which Catherine had only time to discover looked into a quadrangle, before Miss Tilney led the way into a chamber, and scarcely staying to hope she would find it comfortable, left her with an anxious entreaty that she would make as little alteration as possible in her dress.

CHAPTER 21

A moment's glance was enough to satisfy Catherine that her apartment was very unlike the one which Henry had endeavoured to alarm her by the description of. It was by no means unreasonably large, and contained neither tapestry nor velvet. The walls were papered, the floor was carpeted; the windows were neither less perfect nor more dim than those of the drawing-room below; the furniture, though not of the latest fashion, was handsome and comfortable, and the air of the room altogether far from uncheerful. Her heart instantaneously at ease on this point, she resolved to lose no time in particular examination of anything, as she greatly dreaded disobliging the general by any delay. Her habit therefore was thrown off with all possible haste, and she was preparing to unpin the linen package, which the chaise-seat had conveyed for her immediate accommodation, when her eye suddenly fell on a large high chest, standing back in a deep recess on one side of the fireplace. The sight of it made her start; and, forgetting everything else, she stood gazing on it in motionless wonder, while these thoughts crossed her: "This is strange indeed! I did not expect such a sight as this! An immense heavy chest! What can it hold? Why should it be placed here? Pushed back too, as if meant to be out of sight! I will look into it – cost me what it may, I will look into it – and directly too – by daylight. If I stay till evening my candle may go out." She advanced and examined it closely: it was of cedar, curiously inlaid with some darker wood, and raised, about a foot from the ground, on a carved stand of the same. The lock was silver, though tarnished from age; at each end were the imperfect remains of handles also of silver, broken perhaps prematurely by some strange violence; and, on the centre of the lid, was a mysterious cipher, in the same metal. Catherine bent over it intently, but without being able to distinguish anything with certainty. She could not, in whatever direction she took it, believe the last letter to be a T; and yet that it should be anything else in that house was a circumstance to raise no common degree of astonishment. If not originally theirs, by what strange events could it have fallen into the Tilney family?

Her fearful curiosity was every moment growing greater; and seizing, with trembling hands, the hasp of the lock, she resolved at all hazards to satisfy herself at least as to its contents. With difficulty, for something seemed to resist her efforts, she raised the lid a few inches; but at that moment a sudden knocking at the door of the room made her, starting, quit her hold, and the lid closed with alarming violence. This ill-timed intruder was Miss Tilney's maid, sent by her mistress to be of use to Miss Morland; and though Catherine immediately dismissed her, it recalled her to the sense of what she ought to be doing, and forced her, in spite of her anxious desire to penetrate this mystery, to proceed in her dressing without further delay. Her progress was not quick, for her thoughts

and her eyes were still bent on the object so well calculated to interest and alarm; and though she dared not waste a moment upon a second attempt, she could not remain many paces from the chest. At length, however, having slipped one arm into her gown, her toilette seemed so nearly finished that the impatience of her curiosity might safely be indulged. One moment surely might be spared; and, so desperate should be the exertion of her strength, that, unless secured by supernatural means, the lid in one moment should be thrown back. With this spirit she sprang forward, and her confidence did not deceive her. Her resolute effort threw back the lid, and gave to her astonished eyes the view of a white cotton counterpane, properly folded, reposing at one end of the chest in undisputed possession!

She was gazing on it with the first blush of surprise when Miss Tilney, anxious for her friend's being ready, entered the room, and to the rising shame of having harboured for some minutes an absurd expectation, was then added the shame of being caught in so idle a search. "That is a curious old chest, is not it?" said Miss Tilney, as Catherine hastily closed it and turned away to the glass. "It is impossible to say how many generations it has been here. How it came to be first put in this room I know not, but I have not had it moved, because I thought it might sometimes be of use in holding hats and bonnets. The worst of it is that its weight makes it difficult to open. In that corner, however, it is at least out of the way."

Catherine had no leisure for speech, being at once blushing, tying her gown, and forming wise resolutions with the most violent dispatch. Miss Tilney gently hinted her fear of being late; and in half a minute they ran downstairs together, in an alarm not wholly unfounded, for General Tilney was pacing the drawing-room, his watch in his hand, and having, on the very instant of their entering, pulled the bell with violence, ordered "Dinner to be on table directly!"

Catherine trembled at the emphasis with which he spoke, and sat pale and breathless, in a most humble mood, concerned for his children, and detesting old chests; and the general, recovering his politeness as he looked at her, spent the rest of his time in scolding his daughter for so foolishly hurrying her fair friend, who was absolutely out of breath from haste, when there was not the least occasion for hurry in the world: but Catherine could not at all get over the double distress of having involved her friend in a lecture and been a great simpleton herself, till they were happily seated at the dinner-table, when the general's complacent smiles, and a good appetite of her own, restored her to peace. The dining-parlour was a noble room, suitable in its dimensions to a much larger drawing-room than the one in common use, and fitted up in a style of luxury and expense which was almost lost on the unpractised eye of Catherine, who saw little more than its spaciousness and the number of their attendants. Of the former, she spoke aloud her admiration; and the general, with a very gracious countenance, acknowledged that it was by no means an ill-sized room, and further confessed

that, though as careless on such subjects as most people, he did look upon a tolerably large eating-room as one of the necessaries of life; he supposed, however, "that she must have been used to much better-sized apartments at Mr. Allen's?"

"No, indeed," was Catherine's honest assurance; "Mr. Allen's dining-parlour was not more than half as large," and she had never seen so large a room as this in her life. The general's good humour increased. Why, as he had such rooms, he thought it would be simple not to make use of them; but, upon his honour, he believed there might be more comfort in rooms of only half their size. Mr. Allen's house, he was sure, must be exactly of the true size for rational happiness.

The evening passed without any further disturbance, and, in the occasional absence of General Tilney, with much positive cheerfulness. It was only in his presence that Catherine felt the smallest fatigue from her journey; and even then, even in moments of languor or restraint, a sense of general happiness preponderated, and she could think of her friends in Bath without one wish of being with them.

The night was stormy; the wind had been rising at intervals the whole afternoon; and by the time the party broke up, it blew and rained violently. Catherine, as she crossed the hall, listened to the tempest with sensations of awe; and, when she heard it rage round a corner of the ancient building and close with sudden fury a distant door, felt for the first time that she was really in an abbey. Yes, these were characteristic sounds; they brought to her recollection a countless variety of dreadful situations and horrid scenes, which such buildings had witnessed, and such storms ushered in; and most heartily did she rejoice in the happier circumstances attending her entrance within walls so solemn! She had nothing to dread from midnight assassins or drunken gallants. Henry had certainly been only in jest in what he had told her that morning. In a house so furnished, and so guarded, she could have nothing to explore or to suffer, and might go to her bedroom as securely as if it had been her own chamber at Fullerton. Thus wisely fortifying her mind, as she proceeded upstairs, she was enabled, especially on perceiving that Miss Tilney slept only two doors from her, to enter her room with a tolerably stout heart; and her spirits were immediately assisted by the cheerful blaze of a wood fire. "How much better is this," said she, as she walked to the fender — "how much better to find a fire ready lit, than to have to wait shivering in the cold till all the family are in bed, as so many poor girls have been obliged to do, and then to have a faithful old servant frightening one by coming in with a faggot! How glad I am that Northanger is what it is! If it had been like some other places, I do not know that, in such a night as this, I could have answered for my courage: but now, to be sure, there is nothing to alarm one."

She looked round the room. The window curtains seemed in motion. It could be nothing but the violence of the wind penetrating through the divisions of the shutters; and she stepped boldly forward, carelessly humming a tune, to assure herself of its being so, peeped courageously behind each curtain, saw nothing on either low window seat to scare her, and on placing a hand against the shutter, felt the strongest conviction of the wind's force. A glance at the old chest, as she turned away from this examination, was not without its use; she scorned the causeless fears of an idle fancy, and began with a most happy indifference to prepare herself for bed. "She should take her time; she should not hurry herself; she did not care if she were the last person up in the house. But she would not make up her fire; that would seem cowardly, as if she wished for the protection of light after she were in bed." The fire therefore died away, and Catherine, having spent the best part of an hour in her arrangements, was beginning to think of stepping into bed, when, on giving a parting glance round the room, she was struck by the appearance of a high, old-fashioned black cabinet, which, though in a situation conspicuous enough, had never caught her notice before. Henry's words, his description of the ebony cabinet which was to escape her observation at first, immediately rushed across her; and though there could be nothing really in it, there was something whimsical, it was certainly a very remarkable coincidence! She took her candle and looked closely at the cabinet. It was not absolutely ebony and gold; but it was japan, black and yellow japan of the handsomest kind; and as she held her candle, the yellow had very much the effect of gold. The key was in the door, and she had a strange fancy to look into it; not, however, with the smallest expectation of finding anything, but it was so very odd, after what Henry had said. In short, she could not sleep till she had examined it. So, placing the candle with great caution on a chair, she seized the key with a very tremulous hand and tried to turn it; but it resisted her utmost strength. Alarmed, but not discouraged, she tried it another way; a bolt flew, and she believed herself successful; but how strangely mysterious! The door was still immovable. She paused a moment in breathless wonder. The wind roared down the chimney, the rain beat in torrents against the windows, and everything seemed to speak the awfulness of her situation. To retire to bed, however, unsatisfied on such a point, would be vain, since sleep must be impossible with the consciousness of a cabinet so mysteriously closed in her immediate vicinity. Again, therefore, she applied herself to the key, and after moving it in every possible way for some instants with the determined celerity of hope's last effort, the door suddenly yielded to her hand: her heart leaped with exultation at such a victory, and having thrown open each folding door, the second being secured only by bolts of less wonderful construction than the lock, though in that her eye could not discern anything unusual, a double range of small drawers appeared in view, with some larger drawers above and below them; and in the centre, a small door, closed also with a

lock and key, secured in all probability a cavity of importance.

Catherine's heart beat quick, but her courage did not fail her. With a cheek flushed by hope, and an eye straining with curiosity, her fingers grasped the handle of a drawer and drew it forth. It was entirely empty. With less alarm and greater eagerness she seized a second, a third, a fourth; each was equally empty. Not one was left unsearched, and in not one was anything found. Well read in the art of concealing a treasure, the possibility of false linings to the drawers did not escape her, and she felt round each with anxious acuteness in vain. The place in the middle alone remained now unexplored; and though she had "never from the first had the smallest idea of finding anything in any part of the cabinet, and was not in the least disappointed at her ill success thus far, it would be foolish not to examine it thoroughly while she was about it." It was some time however before she could unfasten the door, the same difficulty occurring in the management of this inner lock as of the outer; but at length it did open; and not vain, as hitherto, was her search; her quick eyes directly fell on a roll of paper pushed back into the further part of the cavity, apparently for concealment, and her feelings at that moment were indescribable. Her heart fluttered, her knees trembled, and her cheeks grew pale. She seized, with an unsteady hand, the precious manuscript, for half a glance sufficed to ascertain written characters; and while she acknowledged with awful sensations this striking exemplification of what Henry had foretold, resolved instantly to peruse every line before she attempted to rest.

The dimness of the light her candle emitted made her turn to it with alarm; but there was no danger of its sudden extinction; it had yet some hours to burn; and that she might not have any greater difficulty in distinguishing the writing than what its ancient date might occasion, she hastily snuffed it. Alas! It was snuffed and extinguished in one. A lamp could not have expired with more awful effect. Catherine, for a few moments, was motionless with horror. It was done completely; not a remnant of light in the wick could give hope to the rekindling breath. Darkness impenetrable and immovable filled the room. A violent gust of wind, rising with sudden fury, added fresh horror to the moment. Catherine trembled from head to foot. In the pause which succeeded, a sound like receding footsteps and the closing of a distant door struck on her affrighted ear. Human nature could support no more. A cold sweat stood on her forehead, the manuscript fell from her hand, and groping her way to the bed, she jumped hastily in, and sought some suspension of agony by creeping far underneath the clothes. To close her eyes in sleep that night, she felt must be entirely out of the question. With a curiosity so justly awakened, and feelings in every way so agitated, repose must be absolutely impossible. The storm too abroad so dreadful! She had not been used to feel alarm from wind, but now every blast seemed fraught with awful intelligence. The manuscript so wonderfully found, so

wonderfully accomplishing the morning's prediction, how was it to be accounted for? What could it contain? To whom could it relate? By what means could it have been so long concealed? And how singularly strange that it should fall to her lot to discover it! Till she had made herself mistress of its contents, however, she could have neither repose nor comfort; and with the sun's first rays she was determined to peruse it. But many were the tedious hours which must yet intervene. She shuddered, tossed about in her bed, and envied every quiet sleeper. The storm still raged, and various were the noises, more terrific even than the wind, which struck at intervals on her startled ear. The very curtains of her bed seemed at one moment in motion, and at another the lock of her door was agitated, as if by the attempt of somebody to enter. Hollow murmurs seemed to creep along the gallery, and more than once her blood was chilled by the sound of distant moans. Hour after hour passed away, and the wearied Catherine had heard three proclaimed by all the clocks in the house before the tempest subsided or she unknowingly fell fast asleep.

CHAPTER 22

The housemaid's folding back her window-shutters at eight o'clock the next day was the sound which first roused Catherine; and she opened her eyes, wondering that they could ever have been closed, on objects of cheerfulness; her fire was already burning, and a bright morning had succeeded the tempest of the night. Instantaneously, with the consciousness of existence, returned her recollection of the manuscript; and springing from the bed in the very moment of the maid's going away, she eagerly collected every scattered sheet which had burst from the roll on its falling to the ground, and flew back to enjoy the luxury of their perusal on her pillow. She now plainly saw that she must not expect a manuscript of equal length with the generality of what she had shuddered over in books, for the roll, seeming to consist entirely of small disjointed sheets, was altogether but of trifling size, and much less than she had supposed it to be at first.

Her greedy eye glanced rapidly over a page. She started at its import. Could it be possible, or did not her senses play her false? An inventory of linen, in coarse and modern characters, seemed all that was before her! If the evidence of sight might be trusted, she held a washing-bill in her hand. She seized another sheet, and saw the same articles with little variation; a third, a fourth, and a fifth presented nothing new. Shirts, stockings, cravats, and waistcoats faced her in each. Two others, penned by the same hand, marked an expenditure scarcely more interesting, in letters, hair-powder, shoe-string, and breeches-ball. And the larger sheet, which had enclosed the rest, seemed by its first cramp line, "To poultice chestnut mare" – a farrier's bill! Such was the collection of papers (left perhaps, as she could then suppose, by the negligence of a servant in the place whence she had taken them) which had filled her with expectation and alarm, and robbed her of half her night's rest! She felt humbled to the dust. Could not the adventure of the chest have taught her wisdom? A corner of it, catching her eye as she lay, seemed to rise up in judgment against her. Nothing could now be clearer than the absurdity of her recent fancies. To suppose that a manuscript of many generations back could have remained undiscovered in a room such as that, so modern, so habitable! – Or that she should be the first to possess the skill of unlocking a cabinet, the key of which was open to all!

How could she have so imposed on herself? Heaven forbid that Henry Tilney should ever know her folly! And it was in a great measure his own doing, for had not the cabinet appeared so exactly to agree with his description of her adventures, she should never have felt the smallest curiosity about it. This was the only comfort that occurred. Impatient to get rid of those hateful evidences of her folly, those detestable papers then scattered over the bed, she rose directly, and folding them up as nearly as possible in the same shape as before, returned them to the same spot within the cabinet, with a very hearty wish that no untoward

accident might ever bring them forward again, to disgrace her even with herself.

Why the locks should have been so difficult to open, however, was still something remarkable, for she could now manage them with perfect ease. In this there was surely something mysterious, and she indulged in the flattering suggestion for half a minute, till the possibility of the door's having been at first unlocked, and of being herself its fastener, darted into her head, and cost her another blush.

She got away as soon as she could from a room in which her conduct produced such unpleasant reflections, and found her way with all speed to the breakfast-parlour, as it had been pointed out to her by Miss Tilney the evening before. Henry was alone in it; and his immediate hope of her having been undisturbed by the tempest, with an arch reference to the character of the building they inhabited, was rather distressing. For the world would she not have her weakness suspected, and yet, unequal to an absolute falsehood, was constrained to acknowledge that the wind had kept her awake a little. "But we have a charming morning after it," she added, desiring to get rid of the subject; "and storms and sleeplessness are nothing when they are over. What beautiful hyacinths! I have just learnt to love a hyacinth."

"And how might you learn? By accident or argument?"

"Your sister taught me; I cannot tell how. Mrs. Allen used to take pains, year after year, to make me like them; but I never could, till I saw them the other day in Milsom Street; I am naturally indifferent about flowers."

"But now you love a hyacinth. So much the better. You have gained a new source of enjoyment, and it is well to have as many holds upon happiness as possible. Besides, a taste for flowers is always desirable in your sex, as a means of getting you out of doors, and tempting you to more frequent exercise than you would otherwise take. And though the love of a hyacinth may be rather domestic, who can tell, the sentiment once raised, but you may in time come to love a rose?"

"But I do not want any such pursuit to get me out of doors. The pleasure of walking and breathing fresh air is enough for me, and in fine weather I am out more than half my time. Mamma says I am never within."

"At any rate, however, I am pleased that you have learnt to love a hyacinth. The mere habit of learning to love is the thing; and a teachableness of disposition in a young lady is a great blessing. Has my sister a pleasant mode of instruction?"

Catherine was saved the embar-rassment of attempting an answer by the entrance of the general, whose smiling compliments announced a happy state of mind, but whose gentle hint of sympathetic early rising did not advance her composure.

The elegance of the breakfast set forced itself on Catherine's notice

when they were seated at table; and, lucidly, it had been the general's choice. He was enchanted by her approbation of his taste, confessed it to be neat and simple, thought it right to encourage the manufacture of his country; and for his part, to his uncritical palate, the tea was as well flavoured from the clay of Staffordshire, as from that of Dresden or Saxe. But this was quite an old set, purchased two years ago. The manufacture was much improved since that time; he had seen some beautiful specimens when last in town, and had he not been perfectly without vanity of that kind, might have been tempted to order a new set. He trusted, however, that an opportunity might ere long occur of selecting one – though not for himself. Catherine was probably the only one of the party who did not understand him.

Shortly after breakfast Henry left them for Woodston, where business required and would keep him two or three days. They all attended in the hall to see him mount his horse, and immediately on re-entering the breakfast-room, Catherine walked to a window in the hope of catching another glimpse of his figure. "This is a somewhat heavy call upon your brother's fortitude," observed the general to Eleanor. "Woodston will make but a sombre appearance today."

"Is it a pretty place?" asked Catherine.

"What say you, Eleanor? Speak your opinion, for ladies can best tell the taste of ladies in regard to places as well as men. I think it would be acknowledged by the most impartial eye to have many recommendations. The house stands among fine meadows facing the south-east, with an excellent kitchen-garden in the same aspect; the walls surrounding which I built and stocked myself about ten years ago, for the benefit of my son. It is a family living, Miss Morland; and the property in the place being chiefly my own, you may believe I take care that it shall not be a bad one. Did Henry's income depend solely on this living, he would not be ill-provided for. Perhaps it may seem odd, that with only two younger children, I should think any profession necessary for him; and certainly there are moments when we could all wish him disengaged from every tie of business. But though I may not exactly make converts of you young ladies, I am sure your father, Miss Morland, would agree with me in thinking it expedient to give every young man some employment. The money is nothing, it is not an object, but employment is the thing. Even Frederick, my eldest son, you see, who will perhaps inherit as considerable a landed property as any private man in the county, has his profession."

The imposing effect of this last argument was equal to his wishes. The silence of the lady proved it to be unanswerable.

Something had been said the evening before of her being shown over the house, and he now offered himself as her conductor; and though Catherine had hoped to explore it accompanied only by his daughter, it was a proposal of too much happiness in itself, under any circumstances, not to be gladly accepted;

for she had been already eighteen hours in the abbey, and had seen only a few of its rooms. The netting-box, just leisurely drawn forth, was closed with joyful haste, and she was ready to attend him in a moment. "And when they had gone over the house, he promised himself moreover the pleasure of accompanying her into the shrubberies and garden." She curtsied her acquiescence. "But perhaps it might be more agreeable to her to make those her first object. The weather was at present favourable, and at this time of year the uncertainty was very great of its continuing so. Which would she prefer? He was equally at her service. Which did his daughter think would most accord with her fair friend's wishes? But he thought he could discern. Yes, he certainly read in Miss Morland's eyes a judicious desire of making use of the present smiling weather. But when did she judge amiss? The abbey would be always safe and dry. He yielded implicitly, and would fetch his hat and attend them in a moment." He left the room, and Catherine, with a disappointed, anxious face, began to speak of her unwillingness that he should be taking them out of doors against his own inclination, under a mistaken idea of pleasing her; but she was stopped by Miss Tilney's saying, with a little confusion, "I believe it will be wisest to take the morning while it is so fine; and do not be uneasy on my father's account; he always walks out at this time of day."

Catherine did not exactly know how this was to be understood. Why was Miss Tilney embarrassed? Could there be any unwillingness on the general's side to show her over the abbey? The proposal was his own. And was not it odd that he should always take his walk so early? Neither her father nor Mr. Allen did so. It was certainly very provoking. She was all impatience to see the house, and had scarcely any curiosity about the grounds. If Henry had been with them indeed! But now she should not know what was picturesque when she saw it. Such were her thoughts, but she kept them to herself, and put on her bonnet in patient discontent.

She was struck, however, beyond her expectation, by the grandeur of the abbey, as she saw it for the first time from the lawn. The whole building enclosed a large court; and two sides of the quadrangle, rich in Gothic ornaments, stood forward for admiration. The remainder was shut off by knolls of old trees, or luxuriant plantations, and the steep woody hills rising behind, to give it shelter, were beautiful even in the leafless month of March. Catherine had seen nothing to compare with it; and her feelings of delight were so strong, that without waiting for any better authority, she boldly burst forth in wonder and praise. The general listened with assenting gratitude; and it seemed as if his own estimation of Northanger had waited unfixed till that hour.

The kitchen-garden was to be next admired, and he led the way to it across a small portion of the park.

The number of acres contained in this garden was such as Catherine

could not listen to without dismay, being more than double the extent of all Mr. Allen's, as well her father's, including church-yard and orchard. The walls seemed countless in number, endless in length; a village of hot-houses seemed to arise among them, and a whole parish to be at work within the enclosure. The general was flattered by her looks of surprise, which told him almost as plainly, as he soon forced her to tell him in words, that she had never seen any gardens at all equal to them before; and he then modestly owned that, "without any ambition of that sort himself – without any solicitude about it – he did believe them to be unrivalled in the kingdom. If he had a hobby-horse, it was that. He loved a garden. Though careless enough in most matters of eating, he loved good fruit – or if he did not, his friends and children did. There were great vexations, however, attending such a garden as his. The utmost care could not always secure the most valuable fruits. The pinery had yielded only one hundred in the last year. Mr. Allen, he supposed, must feel these inconveniences as well as himself."

"No, not at all. Mr. Allen did not care about the garden, and never went into it."

With a triumphant smile of self-satisfaction, the general wished he could do the same, for he never entered his, without being vexed in some way or other, by its falling short of his plan.

"How were Mr. Allen's succession-houses worked?" describing the nature of his own as they entered them.

"Mr. Allen had only one small hot-house, which Mrs. Allen had the use of for her plants in winter, and there was a fire in it now and then."

"He is a happy man!" said the general, with a look of very happy contempt.

Having taken her into every division, and led her under every wall, till she was heartily weary of seeing and wondering, he suffered the girls at last to seize the advantage of an outer door, and then expressing his wish to examine the effect of some recent alterations about the tea-house, proposed it as no unpleasant extension of their walk, if Miss Morland were not tired. "But where are you going, Eleanor? Why do you choose that cold, damp path to it? Miss Morland will get wet. Our best way is across the park"

"This is so favourite a walk of mine," said Miss Tilney, "that I always think it the best and nearest way. But perhaps it may be damp."

It was a narrow winding path through a thick grove of old Scotch firs; and Catherine, struck by its gloomy aspect, and eager to enter it, could not, even by the general's disapprobation, be kept from stepping forward. He perceived her inclination, and having again urged the plea of health in vain, was too polite to make further opposition. He excused himself, however, from attending them: "The rays of the sun were not too cheerful for him, and he would meet them by

another course." He turned away; and Catherine was shocked to find how much her spirits were relieved by the separation. The shock, however, being less real than the relief, offered it no injury; and she began to talk with easy gaiety of the delightful melancholy which such a grove inspired.

"I am particularly fond of this spot," said her companion, with a sigh. "It was my mother's favourite walk"

Catherine had never heard Mrs. Tilney mentioned in the family before, and the interest excited by this tender remembrance showed itself directly in her altered countenance, and in the attentive pause with which she waited for something more.

"I used to walk here so often with her!" added Eleanor; "though I never loved it then, as I have loved it since. At that time indeed I used to wonder at her choice. But her memory endears it now."

"And ought it not," reflected Catherine, "to endear it to her husband? Yet the general would not enter it." Miss Tilney continuing silent, she ventured to say, "Her death must have been a great affliction!"

"A great and increasing one," replied the other, in a low voice. "I was only thirteen when it happened; and though I felt my loss perhaps as strongly as one so young could feel it, I did not, I could not, then know what a loss it was." She stopped for a moment, and then added, with great firmness, "I have no sister, you know – and though Henry – though my brothers are very affectionate, and Henry is a great deal here, which I am most thankful for, it is impossible for me not to be often solitary."

"To be sure you must miss him very much."

"A mother would have been always present. A mother would have been a constant friend; her influence would have been beyond all other."

"Was she a very charming woman? Was she handsome? Was there any picture of her in the abbey? And why had she been so partial to that grove? Was it from dejection of spirits?" – were questions now eagerly poured forth; the first three received a ready affirmative, the two others were passed by; and Catherine's interest in the deceased Mrs. Tilney augmented with every question, whether answered or not. Of her unhappiness in marriage, she felt persuaded. The general certainly had been an unkind husband. He did not love her walk could he therefore have loved her? And besides, handsome as he was, there was a something in the turn of his features which spoke his not having behaved well to her.

"Her picture, I suppose," blushing at the consummate art of her own question, "hangs in your father's room?"

"No; it was intended for the drawing-room; but my father was dissatisfied with the painting, and for some time it had no place. Soon after her death I obtained it for my own, and hung it in my bed-chamber – where I shall

be happy to show it you; it is very like.” Here was another proof. A portrait – very like – of a departed wife, not valued by the husband! He must have been dreadfully cruel to her!

Catherine attempted no longer to hide from herself the nature of the feelings which, in spite of all his attentions, he had previously excited; and what had been terror and dislike before, was now absolute aversion. Yes, aversion! His cruelty to such a charming woman made him odious to her. She had often read of such characters, characters which Mr. Allen had been used to call unnatural and overdrawn; but here was proof positive of the contrary.

She had just settled this point when the end of the path brought them directly upon the general; and in spite of all her virtuous indignation, she found herself again obliged to walk with him, listen to him, and even to smile when he smiled. Being no longer able, however, to receive pleasure from the surrounding objects, she soon began to walk with lassitude; the general perceived it, and with a concern for her health, which seemed to reproach her for her opinion of him, was most urgent for returning with his daughter to the house. He would follow them in a quarter of an hour. Again they parted – but Eleanor was called back in half a minute to receive a strict charge against taking her friend round the abbey till his return. This second instance of his anxiety to delay what she so much wished for struck Catherine as very remarkable.

CHAPTER 23

An hour passed away before the general came in, spent, on the part of his young guest, in no very favourable consideration of his character. "This lengthened absence, these solitary rambles, did not speak a mind at ease, or a conscience void of reproach." At length he appeared; and, whatever might have been the gloom of his meditations, he could still smile with them. Miss Tilney, understanding in part her friend's curiosity to see the house, soon revived the subject; and her father being, contrary to Catherine's expectations, unprovided with any pretence for further delay, beyond that of stopping five minutes to order refreshments to be in the room by their return, was at last ready to escort them.

They set forward; and, with a grandeur of air, a dignified step, which caught the eye, but could not shake the doubts of the well-read Catherine, he led the way across the hall, through the common drawing-room and one useless antechamber, into a room magnificent both in size and furniture – the real drawing-room, used only with company of consequence. It was very noble – very grand – very charming! – was all that Catherine had to say, for her indiscriminating eye scarcely discerned the colour of the satin; and all minuteness of praise, all praise that had much meaning, was supplied by the general: the costliness or elegance of any room's fitting-up could be nothing to her; she cared for no furniture of a more modern date than the fifteenth century. When the general had satisfied his own curiosity, in a close examination of every well-known ornament, they proceeded into the library, an apartment, in its way, of equal magnificence, exhibiting a collection of books, on which an humble man might have looked with pride. Catherine heard, admired, and wondered with more genuine feeling than before – gathered all that she could from this storehouse of knowledge, by running over the titles of half a shelf, and was ready to proceed. But suites of apartments did not spring up with her wishes. Large as was the building, she had already visited the greatest part; though, on being told that, with the addition of the kitchen, the six or seven rooms she had now seen surrounded three sides of the court, she could scarcely believe it, or overcome the suspicion of there being many chambers secreted. It was some relief, however, that they were to return to the rooms in common use, by passing through a few of less importance, looking into the court, which, with occasional passages, not wholly unintricate, connected the different sides; and she was further soothed in her progress by being told that she was treading what had once been a cloister, having traces of cells pointed out, and observing several doors that were neither opened nor explained to her – by finding herself successively in a billiard-room, and in the general's private apartment, without comprehending their connection, or being able to turn aright when she left them; and lastly, by passing through a dark little room, owning Henry's authority, and strewed with his

litter of books, guns, and greatcoats.

From the dining-room, of which, though already seen, and always to be seen at five o'clock, the general could not forgo the pleasure of pacing out the length, for the more certain information of Miss Morland, as to what she neither doubted nor cared for, they proceeded by quick communication to the kitchen – the ancient kitchen of the convent, rich in the massy walls and smoke of former days, and in the stoves and hot closets of the present. The general's improving hand had not loitered here: every modern invention to facilitate the labour of the cooks had been adopted within this, their spacious theatre; and, when the genius of others had failed, his own had often produced the perfection wanted. His endowments of this spot alone might at any time have placed him high among the benefactors of the convent.

With the walls of the kitchen ended all the antiquity of the abbey; the fourth side of the quadrangle having, on account of its decaying state, been removed by the general's father, and the present erected in its place. All that was venerable ceased here. The new building was not only new, but declared itself to be so; intended only for offices, and enclosed behind by stable-yards, no uniformity of architecture had been thought necessary. Catherine could have raved at the hand which had swept away what must have been beyond the value of all the rest, for the purposes of mere domestic economy; and would willingly have been spared the mortification of a walk through scenes so fallen, had the general allowed it; but if he had a vanity, it was in the arrangement of his offices; and as he was convinced that, to a mind like Miss Morland's, a view of the accommodations and comforts, by which the labours of her inferiors were softened, must always be gratifying, he should make no apology for leading her on. They took a slight survey of all; and Catherine was impressed, beyond her expectation, by their multiplicity and their convenience. The purposes for which a few shapeless pantries and a comfortless scullery were deemed sufficient at Fullerton, were here carried on in appropriate divisions, commodious and roomy. The number of servants continually appearing did not strike her less than the number of their offices. Wherever they went, some pattered girl stopped to curtsy, or some footman in dishabille sneaked off. Yet this was an abbey! How inexpressibly different in these domestic arrangements from such as she had read about – from abbeys and castles, in which, though certainly larger than Northanger, all the dirty work of the house was to be done by two pair of female hands at the utmost. How they could get through it all had often amazed Mrs. Allen; and, when Catherine saw what was necessary here, she began to be amazed herself.

They returned to the hall, that the chief staircase might be ascended, and the beauty of its wood, and ornaments of rich carving might be pointed out: having gained the top, they turned in an opposite direction from the gallery in

which her room lay, and shortly entered one on the same plan, but superior in length and breadth. She was here shown successively into three large bed-chambers, with their dressing-rooms, most completely and handsomely fitted up; everything that money and taste could do, to give comfort and elegance to apartments, had been bestowed on these; and, being furnished within the last five years, they were perfect in all that would be generally pleasing, and wanting in all that could give pleasure to Catherine. As they were surveying the last, the general, after slightly naming a few of the distinguished characters by whom they had at times been honoured, turned with a smiling countenance to Catherine, and ventured to hope that henceforward some of their earliest tenants might be "our friends from Fullerton." She felt the unexpected compliment, and deeply regretted the impossibility of thinking well of a man so kindly disposed towards herself, and so full of civility to all her family.

The gallery was terminated by folding doors, which Miss Tilney, advancing, had thrown open, and passed through, and seemed on the point of doing the same by the first door to the left, in another long reach of gallery, when the general, coming forwards, called her hastily, and, as Catherine thought, rather angrily back, demanding whether she were going? – And what was there more to be seen? – Had not Miss Morland already seen all that could be worth her notice? – And did she not suppose her friend might be glad of some refreshment after so much exercise? Miss Tilney drew back directly, and the heavy doors were closed upon the mortified Catherine, who, having seen, in a momentary glance beyond them, a narrower passage, more numerous openings, and symptoms of a winding staircase, believed herself at last within the reach of something worth her notice; and felt, as she unwillingly paced back the gallery, that she would rather be allowed to examine that end of the house than see all the finery of all the rest. The general's evident desire of preventing such an examination was an additional stimulant. Something was certainly to be concealed; her fancy, though it had trespassed lately once or twice, could not mislead her here; and what that something was, a short sentence of Miss Tilney's, as they followed the general at some distance downstairs, seemed to point out: "I was going to take you into what was my mother's room – the room in which she died –" were all her words; but few as they were, they conveyed pages of intelligence to Catherine. It was no wonder that the general should shrink from the sight of such objects as that room must contain; a room in all probability never entered by him since the dreadful scene had passed, which released his suffering wife, and left him to the stings of conscience.

She ventured, when next alone with Eleanor, to express her wish of being permitted to see it, as well as all the rest of that side of the house; and Eleanor promised to attend her there, whenever they should have a convenient hour. Catherine understood her: the general must be watched from home, be-fore

that room could be entered. "It remains as it was, I suppose?" said she, in a tone of feeling.

"Yes, entirely."

"And how long ago may it be that your mother died?"

"She has been dead these nine years." And nine years, Catherine knew, was a trifle of time, compared with what generally elapsed after the death of an injured wife, before her room was put to rights.

"You were with her, I suppose, to the last?"

"No," said Miss Tilney, sighing; "I was unfortunately from home. Her illness was sudden and short; and, before I arrived it was all over."

Catherine's blood ran cold with the horrid suggestions which naturally sprang from these words. Could it be possible? Could Henry's father...? And yet how many were the examples to justify even the blackest suspicions! And, when she saw him in the evening, while she worked with her friend, slowly pacing the drawing-room for an hour together in silent thoughtfulness, with downcast eyes and contracted brow, she felt secure from all possibility of wronging him. It was the air and attitude of a Montoni! What could more plainly speak the gloomy workings of a mind not wholly dead to every sense of humanity, in its fearful review of past scenes of guilt? Unhappy man! And the anxiousness of her spirits directed her eyes towards his figure so repeatedly, as to catch Miss Tilney's notice. "My father," she whispered, "often walks about the room in this way; it is nothing unusual."

"So much the worse!" thought Catherine; such ill-timed exercise was of a piece with the strange unseasonableness of his morning walks, and boded nothing good.

After an evening, the little variety and seeming length of which made her peculiarly sensible of Henry's importance among them, she was heartily glad to be dismissed; though it was a look from the general not designed for her observation which sent his daughter to the bell. When the butler would have lit his master's candle, however, he was forbidden. The latter was not going to retire. "I have many pamphlets to finish," said he to Catherine, "before I can close my eyes, and perhaps may be poring over the affairs of the nation for hours after you are asleep. Can either of us be more meetly employed? My eyes will be blinding for the good of others, and yours preparing by rest for future mischief."

But neither the business alleged, nor the magnificent compliment, could win Catherine from thinking that some very different object must occasion so serious a delay of proper repose. To be kept up for hours, after the family were in bed, by stupid pamphlets was not very likely. There must be some deeper cause: something was to be done which could be done only while the household slept; and the probability that Mrs. Tilney yet lived, shut up for causes unknown, and receiving from the pitiless hands of her husband a nightly supply of coarse food,

was the conclusion which necessarily followed. Shocking as was the idea, it was at least better than a death unfairly hastened, as, in the natural course of things, she must ere long be released. The suddenness of her reputed illness, the absence of her daughter, and probably of her other children, at the time – all favoured the supposition of her imprisonment. Its origin – jealousy perhaps, or wanton cruelty – was yet to be unravelled.

In revolving these matters, while she undressed, it suddenly struck her as not unlikely that she might that morning have passed near the very spot of this unfortunate woman's confinement – might have been within a few paces of the cell in which she languished out her days; for what part of the abbey could be more fitted for the purpose than that which yet bore the traces of monastic division? In the high-arched passage, paved with stone, which already she had trodden with peculiar awe, she well remembered the doors of which the general had given no account. To what might not those doors lead? In support of the plausibility of this conjecture, it further occurred to her that the forbidden gallery, in which lay the apartments of the unfortunate Mrs. Tilney, must be, as certainly as her memory could guide her, exactly over this suspected range of cells, and the staircase by the side of those apartments of which she had caught a transient glimpse, communicating by some secret means with those cells, might well have favoured the barbarous proceedings of her husband. Down that staircase she had perhaps been conveyed in a state of well-prepared insensibility!

Catherine sometimes started at the boldness of her own surmises, and sometimes hoped or feared that she had gone too far; but they were supported by such appearances as made their dismissal impossible.

The side of the quadrangle, in which she supposed the guilty scene to be acting, being, according to her belief, just opposite her own, it struck her that, if judiciously watched, some rays of light from the general's lamp might glimmer through the lower windows, as he passed to the prison of his wife; and, twice before she stepped into bed, she stole gently from her room to the corresponding window in the gallery, to see if it appeared; but all abroad was dark, and it must yet be too early. The various ascending noises convinced her that the servants must still be up. Till midnight, she supposed it would be in vain to watch; but then, when the clock had struck twelve, and all was quiet, she would, if not quite appalled by darkness, steal out and look once more. The clock struck twelve – and Catherine had been half an hour asleep.

CHAPTER 24

The next day afforded no opportunity for the proposed examination of the mysterious apartments. It was Sunday, and the whole time between morning and afternoon service was required by the general in exercise abroad or eating cold meat at home; and great as was Catherine's curiosity, her courage was not equal to a wish of exploring them after dinner, either by the fading light of the sky between six and seven o'clock, or by the yet more partial though stronger illumination of a treacherous lamp. The day was unmarked therefore by anything to interest her imagination beyond the sight of a very elegant monument to the memory of Mrs. Tilney, which immediately fronted the family pew. By that her eye was instantly caught and long retained; and the perusal of the highly strained epitaph, in which every virtue was ascribed to her by the inconsolable husband, who must have been in some way or other her destroyer, affected her even to tears.

That the general, having erected such a monument, should be able to face it, was not perhaps very strange, and yet that he could sit so boldly collected within its view, maintain so elevated an air, look so fearlessly around, nay, that he should even enter the church, seemed wonderful to Catherine. Not, however, that many instances of beings equally hardened in guilt might not be produced. She could remember dozens who had persevered in every possible vice, going on from crime to crime, murdering whomsoever they chose, without any feeling of humanity or remorse; till a violent death or a religious retirement closed their black career. The erection of the monument itself could not in the smallest degree affect her doubts of Mrs. Tilney's actual decease. Were she even to descend into the family vault where her ashes were supposed to slumber, were she to behold the coffin in which they were said to be enclosed – what could it avail in such a case? Catherine had read too much not to be perfectly aware of the ease with which a waxen figure might be introduced, and a supposititious funeral carried on.

The succeeding morning promised something better. The general's early walk, ill-timed as it was in every other view, was favourable here; and when she knew him to be out of the house, she directly proposed to Miss Tilney the accomplishment of her promise. Eleanor was ready to oblige her; and Catherine reminding her as they went of another promise, their first visit in consequence was to the portrait in her bed-chamber. It represented a very lovely woman, with a mild and pensive countenance, justifying, so far, the expectations of its new observer; but they were not in every respect answered, for Catherine had depended upon meeting with features, hair, complexion, that should be the very counterpart, the very image, if not of Henry's, of Eleanor's – the only portraits of which she had been in the habit of thinking, bearing always an equal

resemblance of mother and child. A face once taken was taken for generations. But here she was obliged to look and consider and study for a likeness. She contemplated it, however, in spite of this drawback, with much emotion, and, but for a yet stronger interest, would have left it unwillingly.

Her agitation as they entered the great gallery was too much for any endeavour at discourse; she could only look at her companion. Eleanor's countenance was dejected, yet sedate; and its composure spoke her inured to all the gloomy objects to which they were advancing. Again she passed through the folding doors, again her hand was upon the important lock, and Catherine, hardly able to breathe, was turning to close the former with fearful caution, when the figure, the dreaded figure of the general himself at the further end of the gallery, stood before her! The name of "Eleanor" at the same moment, in his loudest tone, resounded through the building, giving to his daughter the first intimation of his presence, and to Catherine terror upon terror. An attempt at concealment had been her first instinctive movement on perceiving him, yet she could scarcely hope to have escaped his eye; and when her friend, who with an apologizing look darted hastily by her, had joined and disappeared with him, she ran for safety to her own room, and, locking herself in, believed that she should never have courage to go down again. She remained there at least an hour, in the greatest agitation, deeply commiserating the state of her poor friend, and expecting a summons herself from the angry general to attend him in his own apartment. No summons, however, arrived; and at last, on seeing a carriage drive up to the abbey, she was emboldened to descend and meet him under the protection of visitors. The breakfast-room was gay with company; and she was named to them by the general as the friend of his daughter, in a complimentary style, which so well concealed his resentful ire, as to make her feel secure at least of life for the present. And Eleanor, with a command of countenance which did honour to her concern for his character, taking an early occasion of saying to her, "My father only wanted me to answer a note," she began to hope that she had either been unseen by the general, or that from some consideration of policy she should be allowed to suppose herself so. Upon this trust she dared still to remain in his presence, after the company left them, and nothing occurred to disturb it.

In the course of this morning's reflections, she came to a resolution of making her next attempt on the forbidden door alone. It would be much better in every respect that Eleanor should know nothing of the matter. To involve her in the danger of a second detection, to court her into an apartment which must wring her heart, could not be the office of a friend. The general's utmost anger could not be to herself what it might be to a daughter; and, besides, she thought the examination itself would be more satisfactory if made without any companion. It would be impossible to explain to Eleanor the suspicions, from which the other had, in all likelihood, been hitherto happily exempt; nor could she therefore, in her

presence, search for those proofs of the general's cruelty, which however they might yet have escaped discovery, she felt confident of somewhere drawing forth, in the shape of some fragmented journal, continued to the last gasp. Of the way to the apartment she was now perfectly mistress; and as she wished to get it over before Henry's return, who was expected on the morrow, there was no time to be lost. The day was bright, her courage high; at four o'clock, the sun was now two hours above the horizon, and it would be only her retiring to dress half an hour earlier than usual.

It was done; and Catherine found herself alone in the gallery before the clocks had ceased to strike. It was no time for thought; she hurried on, slipped with the least possible noise through the folding doors, and without stopping to look or breathe, rushed forward to the one in question. The lock yielded to her hand, and, luckily, with no sullen sound that could alarm a human being. On tiptoe she entered; the room was before her; but it was some minutes before she could advance another step. She beheld what fixed her to the spot and agitated every feature. She saw a large, well-proportioned apartment, an handsome dimity bed, arranged as unoccupied with an housemaid's care, a bright Bath stove, mahogany wardrobes, and neatly painted chairs, on which the warm beams of a western sun gaily poured through two sash windows! Catherine had expected to have her feelings worked, and worked they were. Astonishment and doubt first seized them; and a shortly succeeding ray of common sense added some bitter emotions of shame. She could not be mistaken as to the room; but how grossly mistaken in everything else! – in Miss Tilney's meaning, in her own calculation! This apartment, to which she had given a date so ancient, a position so awful, proved to be one end of what the general's father had built. There were two other doors in the chamber, leading probably into dressing-closets; but she had no inclination to open either. Would the veil in which Mrs. Tilney had last walked, or the volume in which she had last read, remain to tell what nothing else was allowed to whisper? No: whatever might have been the general's crimes, he had certainly too much wit to let them sue for detection. She was sick of exploring, and desired but to be safe in her own room, with her own heart only privy to its folly; and she was on the point of retreating as softly as she had entered, when the sound of footsteps, she could hardly tell where, made her pause and tremble. To be found there, even by a servant, would be unpleasant; but by the general (and he seemed always at hand when least wanted), much worse! She listened – the sound had ceased; and resolving not to lose a moment, she passed through and closed the door. At that instant a door underneath was hastily opened; someone seemed with swift steps to ascend the stairs, by the head of which she had yet to pass before she could gain the gallery. She had no power to move. With a feeling of terror not very definable, she fixed her eyes on the staircase, and in a few moments it gave Henry to her view. "Mr. Tilney!" she exclaimed in a voice of

more than common astonishment. He looked astonished too. "Good God!" she continued, not attending to his address. "How came you here? How came you up that staircase?"

"How came I up that staircase!" he replied, greatly surprised. "Because it is my nearest way from the stable-yard to my own chamber; and why should I not come up it?"

Catherine recollected herself, blushed deeply, and could say no more. He seemed to be looking in her countenance for that explanation which her lips did not afford. She moved on towards the gallery. "And may I not, in my turn," said he, as he pushed back the folding doors, "ask how you came here? This passage is at least as extraordinary a road from the breakfast-parlour to your apartment, as that staircase can be from the stables to mine."

"I have been," said Catherine, looking down, "to see your mother's room."

"My mother's room! Is there anything extraordinary to be seen there?"

"No, nothing at all. I thought you did not mean to come back till tomorrow."

"I did not expect to be able to return sooner, when I went away; but three hours ago I had the pleasure of finding nothing to detain me. You look pale. I am afraid I alarmed you by running so fast up those stairs. Perhaps you did not know – you were not aware of their leading from the offices in common use?"

"No, I was not. You have had a very fine day for your ride."

"Very; and does Eleanor leave you to find your way into all the rooms in the house by yourself?"

"Oh! No; she showed me over the greatest part on Saturday – and we were coming here to these rooms – but only" – dropping her voice – "your father was with us."

"And that prevented you," said Henry, earnestly regarding her. "Have you looked into all the rooms in that passage?"

"No, I only wanted to see – Is not it very late? I must go and dress."

"It is only a quarter past four" showing his watch – "and you are not now in Bath. No theatre, no rooms to prepare for. Half an hour at Northanger must be enough."

She could not contradict it, and therefore suffered herself to be detained, though her dread of further questions made her, for the first time in their acquaintance, wish to leave him. They walked slowly up the gallery. "Have you had any letter from Bath since I saw you?"

"No, and I am very much surprised. Isabella promised so faithfully to write directly."

"Promised so faithfully! A faithful promise! That puzzles me. I have heard of a faithful performance. But a faithful promise – the fidelity of

promising! It is a power little worth knowing, however, since it can deceive and pain you. My mother's room is very com-modious, is it not? Large and cheerful-looking, and the dressing-closets so well disposed! It always strikes me as the most comfortable apartment in the house, and I rather wonder that Eleanor should not take it for her own. She sent you to look at it, I suppose?"

"No."

"It has been your own doing entirely?" Catherine said nothing. After a short silence, during which he had closely observed her, he added, "As there is nothing in the room in itself to raise curiosity, this must have proceeded from a sentiment of respect for my mother's character, as described by Eleanor, which does honour to her memory. The world, I believe, never saw a better woman. But it is not often that virtue can boast an interest such as this. The domestic, unpretending merits of a person never known do not often create that kind of fervent, venerating tenderness which would prompt a visit like yours. Eleanor, I suppose, has talked of her a great deal?"

"Yes, a great deal. That is... no, not much, but what she did say was very interesting. Her dying so suddenly" (slowly, and with hesitation it was spoken), "and you, none of you being at home, and your father, I thought, perhaps had not been very fond of her."

"And from these circumstances," he replied (his quick eye fixed on hers), "you infer perhaps the probability of some negligence, some..." – (involuntarily she shook her head) – "or it may be – of something still less pardonable." She raised her eyes towards him more fully than she had ever done before. "My mother's illness," he continued, "the seizure which ended in her death, was sudden. The malady itself, one from which she had often suffered, a bilious fever – its cause therefore constitutional. On the third day, in short, as soon as she could be prevailed on, a physician attended her, a very respectable man, and one in whom she had always placed great confidence. Upon his opinion of her danger, two others were called in the next day, and remained in almost constant attendance for four and twenty hours. On the fifth day she died. During the progress of her disorder, Frederick and I (we were both at home) saw her repeatedly; and from our own observation can bear witness to her having received every possible attention which could spring from the affection of those about her, or which her situation in life could command. Poor Eleanor was absent, and at such a distance as to return only to see her mother in her coffin."

"But your father," said Catherine, "was he afflicted?"

"For a time, greatly so. You have erred in supposing him not attached to her. He loved her, I am persuaded, as well as it was possible for him to – we have not all, you know, the same tenderness of disposition – and I will not pretend to say that while she lived, she might not often have had much to bear, but though his temper injured her, his judgment never did. His value of her was sincere; and,

if not permanently, he was truly afflicted by her death.”

“I am very glad of it,” said Catherine; “it would have been very shocking!”

“If I understand you rightly, you had formed a surmise of such horror as I have hardly words to – Dear Miss Morland, consider the dreadful nature of the suspicions you have entertained. What have you been judging from? Remember the country and the age in which we live. Remember that we are English, that we are Christians. Consult your own understanding, your own sense of the probable, your own observation of what is passing around you. Does our education prepare us for such atrocities? Do our laws connive at them? Could they be perpetrated without being known, in a country like this, where social and literary intercourse is on such a footing, where every man is surrounded by a neighbourhood of voluntary spies, and where roads and newspapers lay everything open? Dearest Miss Morland, what ideas have you been admitting?”

They had reached the end of the gallery, and with tears of shame she ran off to her own room.

CHAPTER 25

The visions of romance were over. Catherine was completely awakened. Henry's address, short as it had been, had more thoroughly opened her eyes to the extravagance of her late fancies than all their several disappointments had done. Most grievously was she humbled. Most bitterly did she cry. It was not only with herself that she was sunk – but with Henry. Her folly, which now seemed even criminal, was all exposed to him, and he must despise her forever. The liberty which her imagination had dared to take with the character of his father – could he ever forgive it? The absurdity of her curiosity and her fears – could they ever be forgotten? She hated herself more than she could express. He had – she thought he had, once or twice before this fatal morning, shown something like affection for her. But now – in short, she made herself as miserable as possible for about half an hour, went down when the clock struck five, with a broken heart, and could scarcely give an intelligible answer to Eleanor's inquiry if she was well. The formidable Henry soon followed her into the room, and the only difference in his behaviour to her was that he paid her rather more attention than usual. Catherine had never wanted comfort more, and he looked as if he was aware of it.

The evening wore away with no abatement of this soothing politeness; and her spirits were gradually raised to a modest tranquillity. She did not learn either to forget or defend the past; but she learned to hope that it would never transpire farther, and that it might not cost her Henry's entire regard. Her thoughts being still chiefly fixed on what she had with such causeless terror felt and done, nothing could shortly be clearer than that it had been all a voluntary, self-created delusion, each trifling circumstance receiving importance from an imagination resolved on alarm, and everything forced to bend to one purpose by a mind which, before she entered the abbey, had been craving to be frightened. She remembered with what feelings she had prepared for a knowledge of Northanger. She saw that the infatuation had been created, the mischief settled, long before her quitting Bath, and it seemed as if the whole might be traced to the influence of that sort of reading which she had there indulged.

Charming as were all Mrs. Radcliffe's works, and charming even as were the works of all her imitators, it was not in them perhaps that human nature, at least in the Midland counties of England, was to be looked for. Of the Alps and Pyrenees, with their pine forests and their vices, they might give a faithful delineation; and Italy, Switzerland, and the south of France might be as fruitful in horrors as they were there represented. Catherine dared not doubt beyond her own country, and even of that, if hard pressed, would have yielded the northern and western extremities. But in the central part of England there was surely some security for the existence even of a wife not beloved, in the laws of the land, and

the manners of the age. Murder was not tolerated, servants were not slaves, and neither poison nor sleeping potions to be procured, like rhubarb, from every druggist. Among the Alps and Pyrenees, perhaps, there were no mixed characters. There, such as were not as spotless as an angel might have the dispositions of a fiend. But in England it was not so; among the English, she believed, in their hearts and habits, there was a general though unequal mixture of good and bad. Upon this conviction, she would not be surprised if even in Henry and Eleanor Tilney, some slight imperfection might hereafter appear; and upon this conviction she need not fear to acknowledge some actual specks in the character of their father, who, though cleared from the grossly injurious suspicions which she must ever blush to have entertained, she did believe, upon serious consideration, to be not perfectly amiable.

Her mind made up on these several points, and her resolution formed, of always judging and acting in future with the greatest good sense, she had nothing to do but to forgive herself and be happier than ever; and the lenient hand of time did much for her by insensible gradations in the course of another day. Henry's astonishing generosity and nobleness of conduct, in never alluding in the slightest way to what had passed, was of the greatest assistance to her; and sooner than she could have supposed it possible in the beginning of her distress, her spirits became absolutely comfortable, and capable, as heretofore, of continual improvement by anything he said. There were still some subjects, indeed, under which she believed they must always tremble – the mention of a chest or a cabinet, for instance – and she did not love the sight of japan in any shape: but even she could allow that an occasional memento of past folly, however painful, might not be without use.

The anxieties of common life began soon to succeed to the alarms of romance. Her desire of hearing from Isabella grew every day greater. She was quite impatient to know how the Bath world went on, and how the rooms were attended; and especially was she anxious to be assured of Isabella's having matched some fine netting-cotton, on which she had left her intent; and of her continuing on the best terms with James. Her only dependence for information of any kind was on Isabella. James had protested against writing to her till his return to Oxford; and Mrs. Allen had given her no hopes of a letter till she had got back to Fullerton. But Isabella had promised and promised again; and when she promised a thing, she was so scrupulous in performing it! This made it so particularly strange!

For nine successive mornings, Catherine wondered over the repetition of a disappointment, which each morning became more severe: but, on the tenth, when she entered the breakfast-room, her first object was a letter, held out by Henry's willing hand. She thanked him as heartily as if he had written it himself. "Tis only from James, however," as she looked at the direction. She opened it; it

was from Oxford; and to this purpose:

Dear Catherine,

Though, God knows, with little inclination for writing, I think it my duty to tell you that everything is at an end between Miss Thorpe and me. I left her and Bath yesterday, never to see either again. I shall not enter into particulars – they would only pain you more. You will soon hear enough from another quarter to know where lies the blame; and I hope will acquit your brother of everything but the folly of too easily thinking his affection returned. Thank God! I am undeceived in time! But it is a heavy blow! After my father's consent had been so kindly given – but no more of this. She has made me miserable forever! Let me soon hear from you, dear Catherine; you are my only friend; your love I do build upon. I wish your visit at Northanger may be over before Captain Tilney makes his engagement known, or you will be uncomfortably circumstanced. Poor Thorpe is in town: I dread the sight of him; his honest heart would feel so much. I have written to him and my father. Her duplicity hurts me more than all; till the very last, if I reasoned with her, she declared herself as much attached to me as ever, and laughed at my fears. I am ashamed to think how long I bore with it; but if ever man had reason to believe himself loved, I was that man. I cannot understand even now what she would be at, for there could be no need of my being played off to make her secure of Tilney. We parted at last by mutual consent – happy for me had we never met! I can never expect to know such another woman! Dearest Catherine, beware how you give your heart. "Believe me," &c.

Catherine had not read three lines before her sudden change of countenance, and short exclamations of sorrowing wonder, declared her to be receiving unpleasant news; and Henry, earnestly watching her through the whole letter, saw plainly that it ended no better than it began. He was prevented, however, from even looking his surprise by his father's entrance. They went to breakfast directly; but Catherine could hardly eat anything. Tears filled her eyes, and even ran down her cheeks as she sat. The letter was one moment in her hand, then in her lap, and then in her pocket; and she looked as if she knew not what she did. The general, between his cocoa and his newspaper, had luckily no leisure for noticing her; but to the other two her distress was equally visible. As soon as she dared leave the table she hurried away to her own room; but the housemaids were busy in it, and she was obliged to come down again. She turned into the drawing-room for privacy, but Henry and Eleanor had likewise retreated thither, and were at that moment deep in consultation about her. She drew back, trying to beg their pardon, but was, with gentle violence, forced to return; and the others

withdrew, after Eleanor had affectionately expressed a wish of being of use or comfort to her.

After half an hour's free indulgence of grief and reflection, Catherine felt equal to encountering her friends; but whether she should make her distress known to them was another consideration. Perhaps, if particularly questioned, she might just give an idea – just distantly hint at it – but not more. To expose a friend, such a friend as Isabella had been to her – and then their own brother so closely concerned in it! She believed she must waive the subject altogether. Henry and Eleanor were by themselves in the breakfast-room; and each, as she entered it, looked at her anxiously. Catherine took her place at the table, and, after a short silence, Eleanor said, “No bad news from Fullerton, I hope? Mr. and Mrs. Morland – your brothers and sisters – I hope they are none of them ill?”

“No, I thank you” (sighing as she spoke); “they are all very well. My letter was from my brother at Oxford.”

Nothing further was said for a few minutes; and then speaking through her tears, she added, “I do not think I shall ever wish for a letter again!”

“I am sorry,” said Henry, closing the book he had just opened; “if I had suspected the letter of containing anything unwelcome, I should have given it with very different feelings.”

“It contained something worse than anybody could suppose! Poor James is so unhappy! You will soon know why.”

“To have so kind-hearted, so affectionate a sister,” replied Henry warmly, “must be a comfort to him under any distress.”

“I have one favour to beg,” said Catherine, shortly afterwards, in an agitated manner, “that, if your brother should be coming here, you will give me notice of it, that I may go away.”

“Our brother! Frederick!”

“Yes; I am sure I should be very sorry to leave you so soon, but something has happen-ed that would make it very dreadful for me to be in the same house with Captain Tilney.”

Eleanor's work was suspended while she gazed with increasing astonishment; but Henry began to suspect the truth, and something, in which Miss Thorpe's name was included, passed his lips.

“How quick you are!” cried Catherine: “you have guessed it, I declare! And yet, when we talked about it in Bath, you little thought of its ending so. Isabella – no wonder now I have not heard from her – Isabella has deserted my brother, and is to marry yours! Could you have believed there had been such inconstancy and fickleness, and every thing that is bad in the world?”

“I hope, so far as concerns my brother, you are misinformed. I hope he has not had any material share in bringing on Mr. Morland's disappointment. His marrying Miss Thorpe is not probable. I think you must be deceived so far. I

am very sorry for Mr. Morland – sorry that any one you love should be unhappy; but my surprise would be greater at Frederick's marrying her than at any other part of the story."

"It is very true, however; you shall read James's letter yourself. Stay – There is one part –" recollecting with a blush the last line.

"Will you take the trouble of reading to us the passages which concern my brother?"

"No, read it yourself," cried Catherine, whose second thoughts were clearer. "I do not know what I was thinking of" (blushing again that she had blushed before); "James only means to give me good advice."

He gladly received the letter, and, having read it through, with close attention, returned it saying, "Well, if it is to be so, I can only say that I am sorry for it. Frederick will not be the first man who has chosen a wife with less sense than his family expected. I do not envy his situation, either as a lover or a son."

Miss Tilney, at Catherine's invitation, now read the letter likewise, and, having expressed also her concern and surprise, began to inquire into Miss Thorpe's connections and fortune.

"Her mother is a very good sort of woman," was Catherine's answer.

"What was her father?"

"A lawyer, I believe. They live at Putney."

"Are they a wealthy family?"

"No, not very. I do not believe Isabella has any fortune at all: but that will not signify in your family. Your father is so very liberal! He told me the other day that he only valued money as it allowed him to promote the happiness of his children." The brother and sister looked at each other. "But," said Eleanor, after a short pause, "would it be to promote his happiness, to enable him to marry such a girl? She must be an unprincipled one, or she could not have used your brother so. And how strange an infatuation on Frederick's side! A girl who, before his eyes, is violating an engagement voluntarily entered into with another man! Is not it inconceivable, Henry? Frederick too, who always wore his heart so proudly! Who found no woman good enough to be loved!"

"That is the most unpromising circumstance, the strongest presumption against him. When I think of his past declarations, I give him up. Moreover, I have too good an opinion of Miss Thorpe's prudence to suppose that she would part with one gentleman before the other was secured. It is all over with Frederick indeed! He is a deceased man – defunct in understanding. Prepare for your sister-in-law, Eleanor, and such a sister-in-law as you must delight in! Open, candid, artless, guileless, with affections strong but simple, forming no pretensions, and knowing no disguise."

"Such a sister-in-law, Henry, I should delight in," said Eleanor with a smile.

“But perhaps,” observed Catherine, “though she has behaved so ill by our family, she may behave better by yours. Now she has really got the man she likes, she may be constant.”

“Indeed I am afraid she will,” replied Henry; “I am afraid she will be very constant, unless a baronet should come in her way; that is Frederick’s only chance. I will get the Bath paper, and look over the arrivals.”

“You think it is all for ambition, then? And, upon my word, there are some things that seem very like it. I cannot forget that, when she first knew what my father would do for them, she seemed quite disap-pointed that it was not more. I never was so deceived in anyone’s character in my life before.”

“Among all the great variety that you have known and studied.”

“My own disappointment and loss in her is very great; but, as for poor James, I suppose he will hardly ever recover it.”

“Your brother is certainly very much to be pitied at present; but we must not, in our concern for his sufferings, undervalue yours. You feel, I suppose, that in losing Isabella, you lose half yourself: you feel a void in your heart which nothing else can occupy. Society is becoming irksome; and as for the amusements in which you were wont to share at Bath, the very idea of them without her is abhorrent. You would not, for instance, now go to a ball for the world. You feel that you have no longer any friend to whom you can speak with unreserve, on whose regard you can place dependence, or whose counsel, in any difficulty, you could rely on. You feel all this?”

“No,” said Catherine, after a few moments’ reflection, “I do not – ought I? To say the truth, though I am hurt and grieved, that I cannot still love her, that I am never to hear from her, perhaps never to see her again, I do not feel so very, very much afflicted as one would have thought.”

“You feel, as you always do, what is most to the credit of human nature. Such feelings ought to be investigated, that they may know themselves.”

Catherine, by some chance or other, found her spirits so very much relieved by this conversation that she could not regret her being led on, though so unaccount-ably, to mention the circumstance which had produced it.

CHAPTER 26

From this time, the subject was frequently canvassed by the three young people; and Catherine found, with some surprise, that her two young friends were perfectly agreed in considering Isabella's want of consequence and fortune as likely to throw great difficulties in the way of her marrying their brother. Their persuasion that the general would, upon this ground alone, independent of the objection that might be raised against her character, oppose the connection, turned her feelings moreover with some alarm towards herself. She was as insignificant, and perhaps as portionless, as Isabella; and if the heir of the Tilney property had not grandeur and wealth enough in himself, at what point of interest were the demands of his younger brother to rest? The very painful reflections to which this thought led could only be dispersed by a dependence on the effect of that particular partiality, which, as she was given to understand by his words as well as his actions, she had from the first been so fortunate as to excite in the general; and by a recollection of some most generous and disinterested sentiments on the subject of money, which she had more than once heard him utter, and which tempted her to think his disposition in such matters misunderstood by his children.

They were so fully convinced, however, that their brother would not have the courage to apply in person for his father's consent, and so repeatedly assured her that he had never in his life been less likely to come to Northanger than at the present time, that she suffered her mind to be at ease as to the necessity of any sudden removal of her own. But as it was not to be supposed that Captain Tilney, whenever he made his application, would give his father any just idea of Isabella's conduct, it occurred to her as highly expedient that Henry should lay the whole business before him as it really was, enabling the general by that means to form a cool and impartial opinion, and prepare his objections on a fairer ground than inequality of situations. She proposed it to him accordingly; but he did not catch at the measure so eagerly as she had expected. "No," said he, "my father's hands need not be strengthened, and Frederick's confession of folly need not be forestalled. He must tell his own story."

"But he will tell only half of it."

"A quarter would be enough."

A day or two passed away and brought no tidings of Captain Tilney. His brother and sister knew not what to think. Sometimes it appeared to them as if his silence would be the natural result of the suspected engagement, and at others that it was wholly incompatible with it. The general, meanwhile, though offended every morning by Frederick's remissness in writing, was free from any real anxiety about him, and had no more pressing solicitude than that of making Miss Morland's time at Northanger pass pleasantly. He often expressed his uneasiness

on this head, feared the sameness of every day's society and employments would disgust her with the place, wished the Lady Frasers had been in the country, talked every now and then of having a large party to dinner, and once or twice began even to calculate the number of young dancing people in the neighbourhood. But then it was such a dead time of year, no wild-fowl, no game, and the Lady Frasers were not in the country. And it all ended, at last, in his telling Henry one morning that when he next went to Woodston, they would take him by surprise there some day or other, and eat their mutton with him. Henry was greatly honoured and very happy, and Catherine was quite delighted with the scheme. "And when do you think, sir, I may look forward to this pleasure? I must be at Woodston on Monday to attend the parish meeting, and shall probably be obliged to stay two or three days."

"Well, well, we will take our chance some one of those days. There is no need to fix. You are not to put yourself at all out of your way. Whatever you may happen to have in the house will be enough. I think I can answer for the young ladies making allowance for a bachelor's table. Let me see; Monday will be a busy day with you, we will not come on Monday; and Tuesday will be a busy one with me. I expect my surveyor from Brockham with his report in the morning; and afterwards I cannot in decency fail attending the club. I really could not face my acquaintance if I stayed away now; for, as I am known to be in the country, it would be taken exceedingly amiss; and it is a rule with me, Miss Morland, never to give offence to any of my neighbours, if a small sacrifice of time and attention can prevent it. They are a set of very worthy men. They have half a buck from Northanger twice a year; and I dine with them whenever I can. Tuesday, therefore, we may say is out of the question. But on Wednesday, I think, Henry, you may expect us; and we shall be with you early, that we may have time to look about us. Two hours and three quarters will carry us to Woodston, I suppose; we shall be in the carriage by ten; so, about a quarter before one on Wednesday, you may look for us."

A ball itself could not have been more welcome to Catherine than this little excursion, so strong was her desire to be acquainted with Woodston; and her heart was still bounding with joy when Henry, about an hour afterwards, came booted and greatcoated into the room where she and Eleanor were sitting, and said, "I am come, young ladies, in a very moralizing strain, to observe that our pleasures in this world are always to be paid for, and that we often purchase them at a great disadvantage, giving ready-moned actual happiness for a draft on the future, that may not be honoured. Witness myself, at this present hour. Because I am to hope for the satisfaction of seeing you at Woodston on Wednesday, which bad weather, or twenty other causes, may prevent, I must go away directly, two days before I intended it."

"Go away!" said Catherine, with a very long face. "And why?"

“Why! How can you ask the question? Because no time is to be lost in frightening my old housekeeper out of her wits, because I must go and prepare a dinner for you, to be sure.”

“Oh! Not seriously!”

“Aye, and sadly too, for I had much rather stay.”

“But how can you think of such a thing, after what the general said? When he so particularly desired you not to give yourself any trouble, because anything would do.”

Henry only smiled. “I am sure it is quite unnecessary upon your sister’s account and mine. You must know it to be so; and the general made such a point of your providing nothing extraordinary: besides, if he had not said half so much as he did, he has always such an excellent dinner at home, that sitting down to a middling one for one day could not signify.”

“I wish I could reason like you, for his sake and my own. Good-bye. As tomorrow is Sunday, Eleanor, I shall not return.”

He went; and, it being at any time a much simpler operation to Catherine to doubt her own judgment than Henry’s, she was very soon obliged to give him credit for being right, however disagreeable to her his going. But the inexplicability of the general’s conduct dwelt much on her thoughts. That he was very particular in his eating, she had, by her own unassisted observation, already discovered; but why he should say one thing so positively, and mean another all the while, was most unaccountable! How were people, at that rate, to be understood? Who but Henry could have been aware of what his father was at?

From Saturday to Wednesday, however, they were now to be without Henry. This was the sad finale of every reflection: and Captain Tilney’s letter would certainly come in his absence; and Wednesday she was very sure would be wet. The past, present, and future were all equally in gloom. Her brother so unhappy, and her loss in Isabella so great; and Eleanor’s spirits always affected by Henry’s absence! What was there to interest or amuse her? She was tired of the woods and the shrubberies – always so smooth and so dry; and the abbey in itself was no more to her now than any other house. The painful remembrance of the folly it had helped to nourish and perfect was the only emotion which could spring from a consideration of the building. What a revolution in her ideas! She, who had so longed to be in an abbey! Now, there was nothing so charming to her imagination as the unpretending comfort of a well-connected parsonage, something like Fullerton, but better: Fullerton had its faults, but Woodston probably had none. If Wednesday should ever come!

It did come, and exactly when it might be reasonably looked for. It came – it was fine – and Catherine trod on air. By ten o’clock, the chaise and four conveyed the two from the abbey; and, after an agreeable drive of almost twenty miles, they entered Woodston, a large and populous village, in a situation

not unpleasant. Catherine was ashamed to say how pretty she thought it, as the general seemed to think an apology necessary for the flatness of the country, and the size of the village; but in her heart she preferred it to any place she had ever been at, and looked with great admiration at every neat house above the rank of a cottage, and at all the little chandler's shops which they passed. At the further end of the village, and tolerably disengaged from the rest of it, stood the parsonage, a new-built substantial stone house, with its semicircular sweep and green gates; and, as they drove up to the door, Henry, with the friends of his solitude, a large Newfoundland puppy and two or three terriers, was ready to receive and make much of them.

Catherine's mind was too full, as she entered the house, for her either to observe or to say a great deal; and, till called on by the general for her opinion of it, she had very little idea of the room in which she was sitting. Upon looking round it then, she perceived in a moment that it was the most comfortable room in the world; but she was too guarded to say so, and the coldness of her praise disappointed him.

"We are not calling it a good house," said he. "We are not comparing it with Fullerton and Northanger – we are considering it as a mere parsonage, small and confined, we allow, but decent, perhaps, and habitable; and altogether not inferior to the generality; or, in other words, I believe there are few country parsonages in England half so good. It may admit of improvement, however. Far be it from me to say otherwise; and anything in reason – a bow thrown out, perhaps – though, between ourselves, if there is one thing more than another my aversion, it is a patched-on bow."

Catherine did not hear enough of this speech to understand or be pained by it; and other subjects being studiously brought forward and supported by Henry, at the same time that a tray full of refreshments was introduced by his servant, the general was shortly restored to his complacency, and Catherine to all her usual ease of spirits.

The room in question was of a commodious, well-proportioned size, and handsomely fitted up as a dining-parlour; and on their quitting it to walk round the grounds, she was shown, first into a smaller apartment, belonging peculiarly to the master of the house, and made unusually tidy on the occasion; and afterwards into what was to be the drawing-room, with the appearance of which, though unfurnished, Catherine was delighted enough even to satisfy the general. It was a prettily shaped room, the windows reaching to the ground, and the view from them pleasant, though only over green meadows; and she expressed her admiration at the moment with all the honest simplicity with which she felt it. "Oh! Why do not you fit up this room, Mr. Tilney? What a pity not to have it fitted up! It is the prettiest room I ever saw; it is the prettiest room in the world!"

"I trust," said the general, with a most satisfied smile, "that it will very

speedily be furnished: it waits only for a lady's taste!"

"Well, if it was my house, I should never sit anywhere else. Oh! What a sweet little cottage there is among the trees – apple trees, too! It is the prettiest cottage!"

"You like it – you approve it as an object – it is enough. Henry, remember that Robinson is spoken to about it. The cottage remains."

Such a compliment recalled all Catherine's consciousness, and silenced her directly; and, though pointedly applied to by the general for her choice of the prevailing colour of the paper and hangings, nothing like an opinion on the subject could be drawn from her. The influence of fresh objects and fresh air, however, was of great use in dissipating these embarrassing associations; and, having reached the ornamental part of the premises, consisting of a walk round two sides of a meadow, on which Henry's genius had begun to act about half a year ago, she was sufficiently recovered to think it prettier than any pleasure-ground she had ever been in before, though there was not a shrub in it higher than the green bench in the corner.

A saunter into other meadows, and through part of the village, with a visit to the stables to examine some improvements, and a charming game of play with a litter of puppies just able to roll about, brought them to four o'clock, when Catherine scarcely thought it could be three. At four they were to dine, and at six to set off on their return. Never had any day passed so quickly!

She could not but observe that the abundance of the dinner did not seem to create the smallest astonishment in the general; nay, that he was even looking at the side-table for cold meat which was not there. His son and daughter's observations were of a different kind. They had seldom seen him eat so heartily at any table but his own, and never before known him so little disconcerted by the melted butter's being oiled.

At six o'clock, the general having taken his coffee, the carriage again received them; and so gratifying had been the tenor of his conduct throughout the whole visit, so well assured was her mind on the subject of his expectations, that, could she have felt equally confident of the wishes of his son, Catherine would have quitted Woodston with little anxiety as to the How or the When she might return to it.

CHAPTER 27

The next morning brought the following unexpected letter from Isabella:

Bath, April,

My dearest Catherine, I received your two kind letters with the greatest delight, and have a thousand apologies to make for not answering them sooner. I really am quite ashamed of my idleness; but in this horrid place one can find time for nothing. I have had my pen in my hand to begin a letter to you almost every day since you left Bath, but have always been prevented by some silly trifler or other. Pray write to me soon, and direct to my own home. Thank God, we leave this vile place tomorrow. Since you went away, I have had no pleasure in it – the dust is beyond anything; and everybody one cares for is gone. I believe if I could see you I should not mind the rest, for you are dearer to me than anybody can conceive. I am quite uneasy about your dear brother, not having heard from him since he went to Oxford; and am fearful of some misunderstanding. Your kind offices will set all right: he is the only man I ever did or could love, and I trust you will convince him of it. The spring fashions are partly down; and the hats the most frightful you can imagine. I hope you spend your time pleasantly, but am afraid you never think of me. I will not say all that I could of the family you are with, because I would not be ungenerous, or set you against those you esteem; but it is very difficult to know whom to trust, and young men never know their minds two days together. I rejoice to say that the young man whom, of all others, I particularly abhor, has left Bath. You will know from this description, I must mean Captain Tilney, who, as you may remember, was amazingly disposed to follow and tease me, before you went away. Afterwards he got worse, and became quite my shadow. Many girls might have been taken in, for never were such attentions; but I knew the fickle sex too well. He went away to his regiment two days ago, and I trust I shall never be plagued with him again. He is the greatest coxcomb I ever saw, and amazingly disagreeable. The last two days he was always by the side of Charlotte Davis: I pitied his taste, but took no notice of him. The last time we met was in Bath Street, and I turned directly into a shop that he might not speak to me; I would not even look at him. He went into the pump-room afterwards; but I would not have followed him for all the world. Such a contrast between him and your brother! Pray send me some news of the latter. I am quite unhappy about him; he seemed so uncomfortable when he went away, with a cold, or something that affected his spirits. I would write to him myself, but have mislaid his direction; and, as I hinted above, am afraid he took something in my conduct amiss. Pray explain everything to his satisfaction; or, if he still harbours any doubt, a line from himself to me, or a call at Putney when next in town, might set all to rights. I have not been to the rooms this age, nor to the play, except going in last night with the Hodges, for a

frolic, at half price: they teased me into it; and I was determined they should not say I shut myself up because Tilney was gone. We happened to sit by the Mitchells, and they pretended to be quite surprised to see me out. I knew their spite: at one time they could not be civil to me, but now they are all friendship; but I am not such a fool as to be taken in by them. You know I have a pretty good spirit of my own. Anne Mitchell had tried to put on a turban like mine, as I wore it the week before at the concert, but made wretched work of it – it happened to become my odd face, I believe, at least Tilney told me so at the time, and said every eye was upon me; but he is the last man whose word I would take. I wear nothing but purple now: I know I look hideous in it, but no matter – it is your dear brother's favourite colour. Lose no time, my dearest, sweetest Catherine, in writing to him and to me, Who ever am, etc.

Such a strain of shallow artifice could not impose even upon Catherine. Its inconsistencies, contradictions, and falsehood struck her from the very first. She was ashamed of Isabella, and ashamed of having ever loved her. Her professions of attachment were now as disgusting as her excuses were empty, and her demands impudent. "Write to James on her behalf! No, James should never hear Isabella's name mentioned by her again."

On Henry's arrival from Woodston, she made known to him and Eleanor their brother's safety, congratulating them with sincerity on it, and reading aloud the most material passages of her letter with strong indignation. When she had finished it – "So much for Isabella," she cried, "and for all our intimacy! She must think me an idiot, or she could not have written so; but perhaps this has served to make her character better known to me than mine is to her. I see what she has been about. She is a vain coquette, and her tricks have not answered. I do not believe she had ever any regard either for James or for me, and I wish I had never known her."

"It will soon be as if you never had," said Henry.

"There is but one thing that I cannot understand. I see that she has had designs on Captain Tilney, which have not succeeded; but I do not understand what Captain Tilney has been about all this time. Why should he pay her such attentions as to make her quarrel with my brother, and then fly off himself?"

"I have very little to say for Frederick's motives, such as I believe them to have been. He has his vanities as well as Miss Thorpe, and the chief difference is, that, having a stronger head, they have not yet injured himself. If the effect of his behaviour does not justify him with you, we had better not seek after the cause."

"Then you do not suppose he ever really cared about her?"

"I am persuaded that he never did."

"And only made believe to do so for mischief's sake?"

Henry bowed his assent.

“Well, then, I must say that I do not like him at all. Though it has turned out so well for us, I do not like him at all. As it happens, there is no great harm done, because I do not think Isabella has any heart to lose. But, suppose he had made her very much in love with him?”

“But we must first suppose Isabella to have had a heart to lose – consequently to have been a very different creature; and, in that case, she would have met with very different treatment.”

“It is very right that you should stand by your brother.”

“And if you would stand by yours, you would not be much distressed by the disappointment of Miss Thorpe. But your mind is warped by an innate principle of general integrity, and therefore not accessible to the cool reasonings of family partiality, or a desire of revenge.”

Catherine was complimented out of further bitterness. Frederick could not be unpardonably guilty, while Henry made himself so agreeable. She resolved on not answering Isabella's letter, and tried to think no more of it.

CHAPTER 28

Soon after this, the general found himself obliged to go to London for a week; and he left Northanger earnestly regretting that any necessity should rob him even for an hour of Miss Morland's company, and anxiously recommending the study of her comfort and amusement to his children as their chief object in his absence. His departure gave Catherine the first experimental conviction that a loss may be sometimes a gain. The happiness with which their time now passed, every employment voluntary, every laugh indulged, every meal a scene of ease and good humour, walking where they liked and when they liked, their hours, pleasures, and fatigues at their own command, made her thoroughly sensible of the restraint which the general's presence had imposed, and most thankfully feel their present release from it. Such ease and such delights made her love the place and the people more and more every day; and had it not been for a dread of its soon becoming expedient to leave the one, and an apprehension of not being equally beloved by the other, she would at each moment of each day have been perfectly happy; but she was now in the fourth week of her visit; before the general came home, the fourth week would be turned, and perhaps it might seem an intrusion if she stayed much longer. This was a painful consideration whenever it occurred; and eager to get rid of such a weight on her mind, she very soon resolved to speak to Eleanor about it at once, propose going away, and be guided in her conduct by the manner in which her proposal might be taken.

Aware that if she gave herself much time, she might feel it difficult to bring forward so unpleasant a subject, she took the first opportunity of being suddenly alone with Eleanor, and of Eleanor's being in the middle of a speech about something very different, to start forth her obligation of going away very soon. Eleanor looked and declared herself much concerned. She had "hoped for the pleasure of her company for a much longer time, had been misled (perhaps by her wishes) to suppose that a much longer visit had been promised, and could not but think that if Mr. and Mrs. Morland were aware of the pleasure it was to her to have her there, they would be too generous to hasten her return." Catherine explained: "Oh! As to that, Papa and Mamma were in no hurry at all. As long as she was happy, they would always be satisfied."

"Then why, might she ask, in such a hurry herself to leave them?"

"Oh! Because she had been there so long."

"Nay, if you can use such a word, I can urge you no farther. If you think it long..."

"Oh! No, I do not indeed. For my own pleasure, I could stay with you as long again." And it was directly settled that, till she had, her leaving them was not even to be thought of. In having this cause of uneasiness so pleasantly removed, the force of the other was likewise weakened. The kindness, the

earnestness of Eleanor's manner in pressing her to stay, and Henry's gratified look on being told that her stay was determined, were such sweet proofs of her importance with them, as left her only just so much solicitude as the human mind can never do comfortably without. She did – almost always – believe that Henry loved her, and quite always that his father and sister loved and even wished her to belong to them; and believing so far, her doubts and anxieties were merely sportive irritations.

Henry was not able to obey his father's injunction of remaining wholly at Northanger in attendance on the ladies, during his absence in London, the engagements of his curate at Woodston obliging him to leave them on Saturday for a couple of nights. His loss was not now what it had been while the general was at home; it lessened their gaiety, but did not ruin their comfort; and the two girls agreeing in occupation, and improving in intimacy, found themselves so well sufficient for the time to themselves, that it was eleven o'clock, rather a late hour at the abbey, before they quitted the supper-room on the day of Henry's departure. They had just reached the head of the stairs when it seemed, as far as the thickness of the walls would allow them to judge, that a carriage was driving up to the door, and the next moment confirmed the idea by the loud noise of the house-bell. After the first perturbation of surprise had passed away, in a "Good heaven! What can be the matter?" it was quickly decided by Eleanor to be her eldest brother, whose arrival was often as sudden, if not quite so unseasonable, and accordingly she hurried down to welcome him.

Catherine walked on to her chamber, making up her mind as well as she could, to a further acquaintance with Captain Tilney, and comforting herself under the unpleasant impression his conduct had given her, and the persuasion of his being by far too fine a gentleman to approve of her, that at least they should not meet under such circumstances as would make their meeting materially painful. She trusted he would never speak of Miss Thorpe; and indeed, as he must by this time be ashamed of the part he had acted, there could be no danger of it; and as long as all mention of Bath scenes were avoided, she thought she could behave to him very civilly. In such considerations time passed away, and it was certainly in his favour that Eleanor should be so glad to see him, and have so much to say, for half an hour was almost gone since his arrival, and Eleanor did not come up.

At that moment Catherine thought she heard her step in the gallery, and listened for its continuance; but all was silent. Scarcely, however, had she convicted her fancy of error, when the noise of something moving close to her door made her start; it seemed as if someone was touching the very doorway – and in another moment a slight motion of the lock proved that some hand must be on it. She trembled a little at the idea of anyone's approaching so cautiously; but resolving not to be again overcome by trivial appearances of alarm, or misled by

a raised imagination, she stepped quietly forward, and opened the door. Eleanor, and only Eleanor, stood there. Catherine's spirits, however, were tranquillized but for an instant, for Eleanor's cheeks were pale, and her manner greatly agitated. Though evidently intending to come in, it seemed an effort to enter the room, and a still greater to speak when there. Catherine, supposing some uneasiness on Captain Tilney's account, could only express her concern by silent attention, obliged her to be seated, rubbed her temples with lavender-water, and hung over her with affectionate solicitude. "My dear Catherine, you must not – you must not indeed –" were Eleanor's first connected words. "I am quite well. This kindness distracts me – I cannot bear it – I come to you on such an errand!"

"Errand! To me!"

"How shall I tell you! Oh! How shall I tell you!"

A new idea now darted into Catherine's mind, and turning as pale as her friend, she exclaimed, "'Tis a messenger from Woodston!"

"You are mistaken, indeed," returned Eleanor, looking at her most compassionately; "it is no one from Woodston. It is my father himself." Her voice faltered, and her eyes were turned to the ground as she mentioned his name. His unlooked-for return was enough in itself to make Catherine's heart sink, and for a few moments she hardly supposed there were anything worse to be told. She said nothing; and Eleanor, endeavouring to collect herself and speak with firmness, but with eyes still cast down, soon went on. "You are too good, I am sure, to think the worse of me for the part I am obliged to perform. I am indeed a most unwilling messenger. After what has so lately passed, so lately been settled between us – how joyfully, how thankfully on my side! – as to your continuing here as I hoped for many, many weeks longer, how can I tell you that your kindness is not to be accepted – and that the happiness your company has hitherto given us is to be repaid by – But I must not trust myself with words. My dear Catherine, we are to part. My father has recollected an engagement that takes our whole family away on Monday. We are going to Lord Longtown's, near Hereford, for a fortnight. Explanation and apology are equally impossible. I cannot attempt either."

"My dear Eleanor," cried Catherine, suppressing her feelings as well as she could, "do not be so distressed. A second engagement must give way to a first. I am very, very sorry we are to part – so soon, and so suddenly too; but I am not offended, indeed I am not. I can finish my visit here, you know, at any time; or I hope you will come to me. Can you, when you return from this lord's, come to Fullerton?"

"It will not be in my power, Catherine."

"Come when you can, then."

Eleanor made no answer; and Catherine's thoughts recurring to something more directly interesting, she added, thinking aloud, "Monday, so soon

as Monday; and you all go. Well, I am certain of – I shall be able to take leave, however. I need not go till just before you do, you know. Do not be distressed, Eleanor, I can go on Monday very well. My father and mother's having no notice of it is of very little consequence. The general will send a servant with me, I dare say, half the way – and then I shall soon be at Salisbury, and then I am only nine miles from home."

"Ah, Catherine! Were it settled so, it would be somewhat less intolerable, though in such common attentions you would have received but half what you ought. But – how can I tell you? – tomorrow morning is fixed for your leaving us, and not even the hour is left to your choice; the very carriage is ordered, and will be here at seven o'clock, and no servant will be offered you."

Catherine sat down, breathless and speechless. "I could hardly believe my senses, when I heard it; and no displeasure, no resentment that you can feel at this moment, however justly great, can be more than I myself – but I must not talk of what I felt. Oh! That I could suggest anything in extenuation! Good God! What will your father and mother say! After courting you from the protection of real friends to this – almost double distance from your home, to have you driven out of the house, without the considerations even of decent civility! Dear, dear Catherine, in being the bearer of such a message, I seem guilty myself of all its insult; yet, I trust you will acquit me, for you must have been long enough in this house to see that I am but a nominal mistress of it, that my real power is nothing."

"Have I offended the general?" said Catherine in a faltering voice.

"Alas! For my feelings as a daughter, all that I know, all that I answer for, is that you can have given him no just cause of offence. He certainly is greatly, very greatly discomposed; I have seldom seen him more so. His temper is not happy, and something has now occurred to ruffle it in an uncommon degree; some disappointment, some vexation, which just at this moment seems important, but which I can hardly suppose you to have any concern in, for how is it possible?"

It was with pain that Catherine could speak at all; and it was only for Eleanor's sake that she attempted it. "I am sure," said she, "I am very sorry if I have offended him. It was the last thing I would willingly have done. But do not be unhappy, Eleanor. An engagement, you know, must be kept. I am only sorry it was not recollected sooner, that I might have written home. But it is of very little consequence."

"I hope, I earnestly hope, that to your real safety it will be of none; but to everything else it is of the greatest consequence: to comfort, appearance, propriety, to your family, to the world. Were your friends, the Allens, still in Bath, you might go to them with comparative ease; a few hours would take you there; but a journey of seventy miles, to be taken post by you, at your age, alone, unattended!"

“Oh, the journey is nothing. Do not think about that. And if we are to part, a few hours sooner or later, you know, makes no difference. I can be ready by seven. Let me be called in time.” Eleanor saw that she wished to be alone; and believing it better for each that they should avoid any further conversation, now left her with, “I shall see you in the morning.”

Catherine’s swelling heart needed relief. In Eleanor’s presence friendship and pride had equally restrained her tears, but no sooner was she gone than they burst forth in torrents. Turned from the house, and in such a way! Without any reason that could justify, any apology that could atone for the abruptness, the rudeness, nay, the insolence of it. Henry at a distance – not able even to bid him farewell. Every hope, every expectation from him suspended, at least, and who could say how long? Who could say when they might meet again? And all this by such a man as General Tilney, so polite, so well bred, and heretofore so particularly fond of her! It was as incomprehensible as it was mortifying and grievous. From what it could arise, and where it would end, were considerations of equal perplexity and alarm. The manner in which it was done so grossly uncivil, hurrying her away without any reference to her own convenience, or allowing her even the appearance of choice as to the time or mode of her travelling; of two days, the earliest fixed on, and of that almost the earliest hour, as if resolved to have her gone before he was stirring in the morning, that he might not be obliged even to see her. What could all this mean but an intentional affront? By some means or other she must have had the misfortune to offend him. Eleanor had wished to spare her from so painful a notion, but Catherine could not believe it possible that any injury or any misfortune could provoke such ill will against a person not connected, or, at least, not supposed to be connected with it.

Heavily passed the night. Sleep, or repose that deserved the name of sleep, was out of the question. That room, in which her disturbed imagination had tormented her on her first arrival, was again the scene of agitated spirits and unquiet slumbers. Yet how different now the source of her inquietude from what it had been then – how mournfully superior in reality and substance! Her anxiety had foundation in fact, her fears in probability; and with a mind so occupied in the contemplation of actual and natural evil, the solitude of her situation, the darkness of her chamber, the antiquity of the building, were felt and considered without the smallest emotion; and though the wind was high, and often produced strange and sudden noises throughout the house, she heard it all as she lay awake, hour after hour, without curiosity or terror.

Soon after six Eleanor entered her room, eager to show attention or give assistance where it was possible; but very little remained to be done. Catherine had not loitered; she was almost dressed, and her packing almost finished. The possibility of some conciliatory message from the general occurred to her as his

daughter appeared. What so natural, as that anger should pass away and repentance succeed it? And she only wanted to know how far, after what had passed, an apology might properly be received by her. But the knowledge would have been useless here; it was not called for; neither clemency nor dignity was put to the trial – Eleanor brought no message. Very little passed between them on meeting; each found her greatest safety in silence, and few and trivial were the sentences exchanged while they remained upstairs, Catherine in busy agitation completing her dress, and Eleanor with more goodwill than experience intent upon filling the trunk. When everything was done they left the room, Catherine lingering only half a minute behind her friend to throw a parting glance on every well-known, cherished object, and went down to the breakfast-parlour, where breakfast was prepared. She tried to eat, as well to save herself from the pain of being urged as to make her friend comfortable; but she had no appetite, and could not swallow many mouthfuls. The contrast between this and her last breakfast in that room gave her fresh misery, and strengthened her distaste for every thing before her. It was not four and twenty hours ago since they had met there to the same repast, but in circumstances how different! With what cheerful ease, what happy, though false, security, had she then looked around her, enjoying every thing present, and fearing little in future, beyond Henry's going to Woodston for a day! Happy, happy breakfast! For Henry had been there; Henry had sat by her and helped her. These reflections were long indulged undisturbed by any address from her companion, who sat as deep in thought as herself; and the appearance of the carriage was the first thing to startle and recall them to the present moment. Catherine's colour rose at the sight of it; and the indignity with which she was treated, striking at that instant on her mind with peculiar force, made her for a short time sensible only of resentment. Eleanor seemed now impelled into resolution and speech.

"You must write to me, Catherine," she cried; "you must let me hear from you as soon as possible. Till I know you to be safe at home, I shall not have an hour's comfort. For one letter, at all risks, all hazards, I must entreat. Let me have the satisfaction of knowing that you are safe at Fullerton, and have found your family well, and then, till I can ask for your correspondence as I ought to do, I will not expect more. Direct to me at Lord Longtown's, and, I must ask it, under cover to Alice."

"No, Eleanor, if you are not allowed to receive a letter from me, I am sure I had better not write. There can be no doubt of my getting home safe."

Eleanor only replied, "I cannot wonder at your feelings. I will not importune you. I will trust to your own kindness of heart when I am at a distance from you." But this, with the look of sorrow accompanying it, was enough to melt Catherine's pride in a moment, and she instantly said, "Oh, Eleanor, I will write to you indeed."

There was yet another point which Miss Tilney was anxious to settle, though somewhat embarrassed in speaking of. It had occurred to her that after so long an absence from home, Catherine might not be provided with money enough for the expenses of her journey, and, upon suggesting it to her with most affectionate offers of accommodation, it proved to be exactly the case. Catherine had never thought on the subject till that moment, but, upon examining her purse, was convinced that but for this kindness of her friend, she might have been turned from the house without even the means of getting home; and the distress in which she must have been thereby involved filling the minds of both, scarcely another word was said by either during the time of their remaining together. Short, however, was that time. The carriage was soon announced to be ready; and Catherine, instantly rising, a long and affectionate embrace supplied the place of language in bidding each other adieu; and, as they entered the hall, unable to leave the house without some mention of one whose name had not yet been spoken by either, she paused a moment, and with quivering lips just made it intelligible that she left "her kind remembrance for her absent friend." But with this approach to his name ended all possibility of restraining her feelings; and, hiding her face as well as she could with her handkerchief, she darted across the hall, jumped into the chaise, and in a moment was driven from the door.

CHAPTER 29

Catherine was too wretched to be fearful. The journey in itself had no terrors for her; and she began it without either dreading its length or feeling its solitariness. Leaning back in one corner of the carriage, in a violent burst of tears, she was conveyed some miles beyond the walls of the abbey before she raised her head; and the highest point of ground within the park was almost closed from her view before she was capable of turning her eyes towards it. Unfortunately, the road she now travelled was the same which only ten days ago she had so happily passed along in going to and from Woodston; and, for fourteen miles, every bitter feeling was rendered more severe by the review of objects on which she had first looked under impressions so different. Every mile, as it brought her nearer Woodston, added to her sufferings, and when within the distance of five, she passed the turning which led to it, and thought of Henry, so near, yet so unconscious, her grief and agitation were excessive.

The day which she had spent at that place had been one of the happiest of her life. It was there, it was on that day, that the general had made use of such expressions with regard to Henry and herself, had so spoken and so looked as to give her the most positive conviction of his actually wishing their marriage. Yes, only ten days ago had he elated her by his pointed regard, had he even confused her by his too significant reference! And now, what had she done, or what had she omitted to do, to merit such a change?

The only offence against him of which she could accuse herself had been such as was scarcely possible to reach his knowledge. Henry and her own heart only were privy to the shocking suspicions which she had so idly entertained; and equally safe did she believe her secret with each. Designedly, at least, Henry could not have betrayed her. If, indeed, by any strange mischance his father should have gained intelligence of what she had dared to think and look for, of her causeless fancies and injurious examinations, she could not wonder at any degree of his indignation. If aware of her having viewed him as a murderer, she could not wonder at his even turning her from his house. But a justification so full of torture to herself, she trusted, would not be in his power.

Anxious as were all her conjectures on this point, it was not, however, the one on which she dwelt most. There was a thought yet nearer, a more prevailing, more impetuous concern. How Henry would think, and feel, and look, when he returned on the morrow to Northanger and heard of her being gone, was a question of force and interest to rise over every other, to be never ceasing, alternately irritating and soothing; it sometimes suggested the dread of his calm acquiescence, and at others was answered by the sweetest confidence in his regret and resentment. To the general, of course, he would not dare to speak; but to Eleanor... what might he not say to Eleanor about her?

In this unceasing recurrence of doubts and inquiries, on any one article of which her mind was incapable of more than momentary repose, the hours passed away, and her journey advanced much faster than she looked for. The pressing anxieties of thought, which prevented her from noticing anything before her, when once beyond the neighbourhood of Woodston, saved her at the same time from watching her progress; and though no object on the road could engage a moment's attention, she found no stage of it tedious. From this, she was preserved too by another cause, by feeling no eagerness for her journey's conclusion; for to return in such a manner to Fullerton was almost to destroy the pleasure of a meeting with those she loved best, even after an absence such as hers – an eleven weeks' absence. What had she to say that would not humble herself and pain her family, that would not increase her own grief by the confession of it, extend an useless resentment, and perhaps involve the innocent with the guilty in undistinguishing ill will? She could never do justice to Henry and Eleanor's merit; she felt it too strongly for expression; and should a dislike be taken against them, should they be thought of unfavourably, on their father's account, it would cut her to the heart.

With these feelings, she rather dreaded than sought for the first view of that well-known spire which would announce her within twenty miles of home. Salisbury she had known to be her point on leaving Northanger; but after the first stage she had been indebted to the post-masters for the names of the places which were then to conduct her to it; so great had been her ignorance of her route. She met with nothing, however, to distress or frighten her. Her youth, civil manners, and liberal pay procured her all the attention that a traveller like herself could require; and stopping only to change horses, she travelled on for about eleven hours without accident or alarm, and between six and seven o'clock in the evening found herself entering Fullerton.

A heroine returning, at the close of her career, to her native village, in all the triumph of recovered reputation, and all the dignity of a countess, with a long train of noble relations in their several phaetons, and three waiting-maids in a travelling chaise and four, behind her, is an event on which the pen of the contriver may well delight to dwell; it gives credit to every conclusion, and the author must share in the glory she so liberally bestows. But my affair is widely different; I bring back my heroine to her home in solitude and disgrace; and no sweet elation of spirits can lead me into minuteness. A heroine in a hack post-chaise is such a blow upon sentiment, as no attempt at grandeur or pathos can withstand. Swiftly therefore shall her post-boy drive through the village, amid the gaze of Sunday groups, and speedy shall be her descent from it.

But, whatever might be the distress of Catherine's mind, as she thus advanced towards the parsonage, and whatever the humiliation of her biographer in relating it, she was preparing enjoyment of no everyday nature for those to

whom she went; first, in the appearance of her carriage – and secondly, in herself. The chaise of a traveller being a rare sight in Fullerton, the whole family were immediately at the window; and to have it stop at the sweep-gate was a pleasure to brighten every eye and occupy every fancy – a pleasure quite unlooked for by all but the two youngest children, a boy and girl of six and four years old, who expected a brother or sister in every carriage. Happy the glance that first distinguished Catherine! Happy the voice that proclaimed the discovery! But whether such happiness were the lawful property of George or Harriet could never be exactly understood.

Her father, mother, Sarah, George, and Harriet, all assembled at the door to welcome her with affectionate eagerness, was a sight to awaken the best feelings of Catherine's heart; and in the embrace of each, as she stepped from the carriage, she found herself soothed beyond anything that she had believed possible. So surrounded, so caressed, she was even happy! In the joyfulness of family love everything for a short time was subdued, and the pleasure of seeing her, leaving them at first little leisure for calm curiosity, they were all seated round the tea-table, which Mrs. Morland had hurried for the comfort of the poor traveller, whose pale and jaded looks soon caught her notice, before any inquiry so direct as to demand a positive answer was addressed to her.

Reluctantly, and with much hesitation, did she then begin what might perhaps, at the end of half an hour, be termed, by the courtesy of her hearers, an explanation; but scarcely, within that time, could they at all discover the cause, or collect the particulars, of her sudden return. They were far from being an irritable race; far from any quickness in catching, or bitterness in resenting, affronts: but here, when the whole was unfolded, was an insult not to be overlooked, nor, for the first half hour, to be easily pardoned. Without suffering any romantic alarm, in the consideration of their daughter's long and lonely journey, Mr. and Mrs. Morland could not but feel that it might have been productive of much unpleasantness to her; that it was what they could never have voluntarily suffered; and that, in forcing her on such a measure, General Tilney had acted neither honourably nor feelingly – neither as a gentleman nor as a parent. Why he had done it, what could have provoked him to such a breach of hospitality, and so suddenly turned all his partial regard for their daughter into actual ill will, was a matter which they were at least as far from divining as Catherine herself; but it did not oppress them by any means so long; and, after a due course of useless conjecture, that “it was a strange business, and that he must be a very strange man,” grew enough for all their indignation and wonder; though Sarah indeed still indulged in the sweets of incomprehensibility, exclaiming and conjecturing with youthful ardour. “My dear, you give yourself a great deal of needless trouble,” said her mother at last; “depend upon it, it is something not at all worth understanding.”

“I can allow for his wishing Catherine away, when he recollected this engagement,” said Sarah, “but why not do it civilly?”

“I am sorry for the young people,” returned Mrs. Morland; “they must have a sad time of it; but as for anything else, it is no matter now; Catherine is safe at home, and our comfort does not depend upon General Tilney.” Catherine sighed. “Well,” continued her philosophic mother, “I am glad I did not know of your journey at the time; but now it is all over, perhaps there is no great harm done. It is always good for young people to be put upon exerting themselves; and you know, my dear Catherine, you always were a sad little scatter-brained creature; but now you must have been forced to have your wits about you, with so much changing of chaises and so forth; and I hope it will appear that you have not left anything behind you in any of the pockets.”

Catherine hoped so too, and tried to feel an interest in her own amendment, but her spirits were quite worn down; and, to be silent and alone becoming soon her only wish, she readily agreed to her mother’s next counsel of going early to bed. Her parents, seeing nothing in her ill looks and agitation but the natural consequence of mortified feelings, and of the unusual exertion and fatigue of such a journey, parted from her without any doubt of their being soon slept away; and though, when they all met the next morning, her recovery was not equal to their hopes, they were still perfectly unsuspecting of there being any deeper evil. They never once thought of her heart, which, for the parents of a young lady of seventeen, just returned from her first excursion from home, was odd enough!

As soon as breakfast was over, she sat down to fulfil her promise to Miss Tilney, whose trust in the effect of time and distance on her friend’s disposition was already justified, for already did Catherine reproach herself with having parted from Eleanor coldly, with having never enough valued her merits or kindness, and never enough commiserated her for what she had been yesterday left to endure. The strength of these feelings, however, was far from assisting her pen; and never had it been harder for her to write than in addressing Eleanor Tilney. To compose a letter which might at once do justice to her sentiments and her situation, convey gratitude without servile regret, be guarded without coldness, and honest without resentment – a letter which Eleanor might not be pained by the perusal of – and, above all, which she might not blush herself, if Henry should chance to see, was an undertaking to frighten away all her powers of performance; and, after long thought and much perplexity, to be very brief was all that she could determine on with any confidence of safety. The money therefore which Eleanor had advanced was enclosed with little more than grateful thanks, and the thousand good wishes of a most affectionate heart.

“This has been a strange acquaintance,” observed Mrs. Morland, as the letter was finished; “soon made and soon ended. I am sorry it happens so, for

Mrs. Allen thought them very pretty kind of young people; and you were sadly out of luck too in your Isabella. Ah! Poor James! Well, we must live and learn; and the next new friends you make I hope will be better worth keeping."

Catherine coloured as she warmly answered, "No friend can be better worth keeping than Eleanor."

"If so, my dear, I dare say you will meet again some time or other; do not be uneasy. It is ten to one but you are thrown together again in the course of a few years; and then what a pleasure it will be!"

Mrs. Morland was not happy in her attempt at consolation. The hope of meeting again in the course of a few years could only put into Catherine's head what might happen within that time to make a meeting dreadful to her. She could never forget Henry Tilney, or think of him with less tenderness than she did at that moment; but he might forget her; and in that case, to meet – ! Her eyes filled with tears as she pictured her acquaintance so renewed; and her mother, perceiving her comfortable suggestions to have had no good effect, proposed, as another expedient for restoring her spirits, that they should call on Mrs. Allen.

The two houses were only a quarter of a mile apart; and, as they walked, Mrs. Morland quickly dispatched all that she felt on the score of James's disappointment. "We are sorry for him," said she; "but otherwise there is no harm done in the match going off; for it could not be a desirable thing to have him engaged to a girl whom we had not the smallest acquaintance with, and who was so entirely without fortune; and now, after such behaviour, we cannot think at all well of her. Just at present it comes hard to poor James; but that will not last forever; and I dare say he will be a discreeter man all his life, for the foolishness of his first choice."

This was just such a summary view of the affair as Catherine could listen to; another sentence might have endangered her complaisance, and made her reply less rational; for soon were all her thinking powers swallowed up in the reflection of her own change of feelings and spirits since last she had trodden that well-known road. It was not three months ago since, wild with joyful expectation, she had there run backwards and forwards some ten times a day, with an heart light, gay, and independent; looking forward to pleasures untasted and unalloyed, and free from the apprehension of evil as from the knowledge of it. Three months ago had seen her all this; and now, how altered a being did she return!

She was received by the Allens with all the kindness which her unlooked-for appearance, acting on a steady affection, would naturally call forth; and great was their surprise, and warm their displeasure, on hearing how she had been treated – though Mrs. Morland's account of it was no inflated representation, no studied appeal to their passions. "Catherine took us quite by surprise yesterday evening," said she. "She travelled all the way post by herself, and knew nothing of coming till Saturday night; for General Tilney, from some odd fancy or other,

all of a sudden grew tired of having her there, and almost turned her out of the house. Very unfriendly, certainly; and he must be a very odd man; but we are so glad to have her amongst us again! And it is a great comfort to find that she is not a poor helpless creature, but can shift very well for herself."

Mr. Allen expressed himself on the occasion with the reasonable resentment of a sensible friend; and Mrs. Allen thought his expressions quite good enough to be immediately made use of again by herself. His wonder, his conjectures, and his explanations became in succession hers, with the addition of this single remark – "I really have not patience with the general" – to fill up every accidental pause. And, "I really have not patience with the general," was uttered twice after Mr. Allen left the room, without any relaxation of anger, or any material digression of thought. A more considerable degree of wandering attended the third repetition; and, after completing the fourth, she immediately added, "Only think, my dear, of my having got that frightful great rent in my best Mechlin so charmingly mended, before I left Bath, that one can hardly see where it was. I must show it you some day or other. Bath is a nice place, Catherine, after all. I assure you I did not above half like coming away. Mrs. Thorpe's being there was such a comfort to us, was not it? You know, you and I were quite forlorn at first."

"Yes, but that did not last long," said Catherine, her eyes brightening at the recollection of what had first given spirit to her existence there.

"Very true: we soon met with Mrs. Thorpe, and then we wanted for nothing. My dear, do not you think these silk gloves wear very well? I put them on new the first time of our going to the Lower Rooms, you know, and I have worn them a great deal since. Do you remember that evening?"

"Do I! Oh! Perfectly."

"It was very agreeable, was not it? Mr. Tilney drank tea with us, and I always thought him a great addition, he is so very agreeable. I have a notion you danced with him, but am not quite sure. I remember I had my favourite gown on."

Catherine could not answer; and, after a short trial of other subjects, Mrs. Allen again returned to – "I really have not patience with the general! Such an agreeable, worthy man as he seemed to be! I do not suppose, Mrs. Morland, you ever saw a better-bred man in your life. His lodgings were taken the very day after he left them, Catherine. But no wonder; Milsom Street, you know."

As they walked home again, Mrs. Morland endeavoured to impress on her daughter's mind the happiness of having such steady well-wishers as Mr. and Mrs. Allen, and the very little consideration which the neglect or unkindness of slight acquaintance like the Tilneys ought to have with her, while she could preserve the good opinion and affection of her earliest friends. There was a great deal of good sense in all this; but there are some situations of the human mind in

which good sense has very little power; and Catherine's feelings contradicted almost every position her mother advanced. It was upon the behaviour of these very slight acquaintance that all her present happiness depended; and while Mrs. Morland was successfully confirming her own opinions by the justness of her own representations, Catherine was silently reflecting that now Henry must have arrived at Northanger; now he must have heard of her departure; and now, perhaps, they were all setting off for Hereford.

CHAPTER 30

Catherine's disposition was not naturally sedentary, nor had her habits been ever very industrious; but whatever might hitherto have been her defects of that sort, her mother could not but perceive them now to be greatly increased. She could neither sit still nor employ herself for ten minutes together, walking round the garden and orchard again and again, as if nothing but motion was voluntary; and it seemed as if she could even walk about the house rather than remain fixed for any time in the parlour. Her loss of spirits was a yet greater alteration. In her rambling and her idleness she might only be a caricature of herself; but in her silence and sadness she was the very reverse of all that she had been before.

For two days Mrs. Morland allowed it to pass even without a hint; but when a third night's rest had neither restored her cheerfulness, improved her in useful activity, nor given her a greater inclination for needlework, she could no longer refrain from the gentle reproof of, "My dear Catherine, I am afraid you are growing quite a fine lady. I do not know when poor Richard's cravats would be done, if he had no friend but you. Your head runs too much upon Bath; but there is a time for everything – a time for balls and plays, and a time for work. You have had a long run of amusement, and now you must try to be useful."

Catherine took up her work directly, saying, in a dejected voice, that "her head did not run upon Bath – much."

"Then you are fretting about General Tilney, and that is very simple of you; for ten to one whether you ever see him again. You should never fret about trifles." After a short silence – "I hope, my Catherine, you are not getting out of humour with home because it is not so grand as Northanger. That would be turning your visit into an evil indeed. Wherever you are you should always be contented, but especially at home, because there you must spend the most of your time. I did not quite like, at breakfast, to hear you talk so much about the French bread at Northanger."

"I am sure I do not care about the bread. It is all the same to me what I eat."

"There is a very clever essay in one of the books upstairs upon much such a subject, about young girls that have been spoiled for home by great acquaintance – The Mirror, I think I will look it out for you some day or other, because I am sure it will do you good."

Catherine said no more, and, with an endeavour to do right, applied to her work; but, after a few minutes, sunk again, without knowing it herself, into languor and listlessness, moving herself in her chair, from the irritation of weariness, much oftener than she moved her needle. Mrs. Morland watched the progress of this relapse; and seeing, in her daughter's absent and dissatisfied look,

the full proof of that repining spirit to which she had now begun to attribute her want of cheerfulness, hastily left the room to fetch the book in question, anxious to lose no time in attacking so dreadful a malady. It was some time before she could find what she looked for; and other family matters occurring to detain her, a quarter of an hour had elapsed ere she returned downstairs with the volume from which so much was hoped. Her avocations above having shut out all noise but what she created herself, she knew not that a visitor had arrived within the last few minutes, till, on entering the room, the first object she beheld was a young man whom she had never seen before. With a look of much respect, he immediately rose, and being introduced to her by her conscious daughter as "Mr. Henry Tilney," with the embarrassment of real sensibility began to apologize for his appearance there, acknowledging that after what had passed he had little right to expect a welcome at Fullerton, and stating his impatience to be assured of Miss Morland's having reached her home in safety, as the cause of his intrusion. He did not address himself to an uncandid judge or a resentful heart. Far from comprehending him or his sister in their father's misconduct, Mrs. Morland had been always kindly disposed towards each, and instantly, pleased by his appearance, received him with the simple professions of unaffected benevolence; thanking him for such an attention to her daughter, assuring him that the friends of her children were always welcome there, and entreating him to say not another word of the past.

He was not ill-inclined to obey this request, for, though his heart was greatly relieved by such unlooked-for mildness, it was not just at that moment in his power to say anything to the purpose. Returning in silence to his seat, therefore, he remained for some minutes most civilly answering all Mrs. Morland's common remarks about the weather and roads. Catherine meanwhile – the anxious, agitated, happy, feverish Catherine – said not a word; but her glowing cheek and brightened eye made her mother trust that this good-natured visit would at least set her heart at ease for a time, and gladly therefore did she lay aside the first volume of *The Mirror* for a future hour.

Desirous of Mr. Morland's assistance, as well in giving encouragement, as in finding conversation for her guest, whose embarrassment on his father's account she earnestly pitied, Mrs. Morland had very early dispatched one of the children to summon him; but Mr. Morland was from home – and being thus without any support, at the end of a quarter of an hour she had nothing to say. After a couple of minutes' unbroken silence, Henry, turning to Catherine for the first time since her mother's entrance, asked her, with sudden alacrity, if Mr. and Mrs. Allen were now at Fullerton? And on developing, from amidst all her perplexity of words in reply, the meaning, which one short syllable would have given, immediately expressed his intention of paying his respects to them, and, with a rising colour, asked her if she would have the goodness to show him the

way. "You may see the house from this window, sir," was information on Sarah's side, which produced only a bow of acknowledgment from the gentleman, and a silencing nod from her mother; for Mrs. Morland, thinking it probable, as a secondary consideration in his wish of waiting on their worthy neighbours, that he might have some explanation to give of his father's behaviour, which it must be more pleasant for him to communicate only to Catherine, would not on any account prevent her accompanying him. They began their walk, and Mrs. Morland was not entirely mistaken in his object in wishing it. Some explanation on his father's account he had to give; but his first purpose was to explain himself, and before they reached Mr. Allen's grounds he had done it so well that Catherine did not think it could ever be repeated too often. She was assured of his affection; and that heart in return was solicited, which, perhaps, they pretty equally knew was already entirely his own; for, though Henry was now sincerely attached to her, though he felt and delighted in all the excellencies of her character and truly loved her society, I must confess that his affection originated in nothing better than gratitude, or, in other words, that a persuasion of her partiality for him had been the only cause of giving her a serious thought. It is a new circumstance in romance, I acknowledge, and dreadfully derogatory of an heroine's dignity; but if it be as new in common life, the credit of a wild imagination will at least be all my own.

A very short visit to Mrs. Allen, in which Henry talked at random, without sense or connection, and Catherine, rapt in the contemplation of her own unutterable happiness, scarcely opened her lips, dismissed them to the ecstasies of another *tete-a-tete*; and before it was suffered to close, she was enabled to judge how far he was sanctioned by parental authority in his present application. On his return from Woodston, two days before, he had been met near the abbey by his impatient father, hastily informed in angry terms of Miss Morland's departure, and ordered to think of her no more.

Such was the permission upon which he had now offered her his hand. The affrighted Catherine, amidst all the terrors of expectation, as she listened to this account, could not but rejoice in the kind caution with which Henry had saved her from the necessity of a conscientious rejection, by engaging her faith before he mentioned the subject; and as he proceeded to give the particulars, and explain the motives of his father's conduct, her feelings soon hardened into even a triumphant delight. The general had had nothing to accuse her of, nothing to lay to her charge, but her being the involuntary, unconscious object of a deception which his pride could not pardon, and which a better pride would have been ashamed to own. She was guilty only of being less rich than he had supposed her to be. Under a mistaken persuasion of her possessions and claims, he had courted her acquaintance in Bath, solicited her company at Northanger, and designed her for his daughter-in-law. On discovering his error, to turn her from the house

seemed the best, though to his feelings an inadequate proof of his resentment towards herself, and his contempt of her family.

John Thorpe had first misled him. The general, perceiving his son one night at the theatre to be paying considerable attention to Miss Morland, had accidentally inquired of Thorpe if he knew more of her than her name. Thorpe, most happy to be on speaking terms with a man of General Tilney's importance, had been joyfully and proudly communicative; and being at that time not only in daily expectation of Morland's engaging Isabella, but likewise pretty well resolved upon marrying Catherine himself, his vanity induced him to represent the family as yet more wealthy than his vanity and avarice had made him believe them. With whomsoever he was, or was likely to be connected, his own consequence always required that theirs should be great, and as his intimacy with any acquaintance grew, so regularly grew their fortune. The expectations of his friend Morland, therefore, from the first overrated, had ever since his introduction to Isabella been gradually increasing; and by merely adding twice as much for the grandeur of the moment, by doubling what he chose to think the amount of Mr. Morland's preferment, trebling his private fortune, bestowing a rich aunt, and sinking half the children, he was able to represent the whole family to the general in a most respectable light. For Catherine, however, the peculiar object of the general's curiosity, and his own speculations, he had yet something more in reserve, and the ten or fifteen thousand pounds which her father could give her would be a pretty addition to Mr. Allen's estate. Her intimacy there had made him seriously determine on her being handsomely legacied hereafter; and to speak of her therefore as the almost acknowledged future heiress of Fullerton naturally followed. Upon such intelligence the general had proceeded; for never had it occurred to him to doubt its authority. Thorpe's interest in the family, by his sister's approaching connection with one of its members, and his own views on another (circumstances of which he boasted with almost equal openness), seemed sufficient vouchers for his truth; and to these were added the absolute facts of the Allens being wealthy and childless, of Miss Morland's being under their care, and – as soon as his acquaintance allowed him to judge – of their treating her with parental kindness. His resolution was soon formed. Already had he discerned a liking towards Miss Morland in the countenance of his son; and thankful for Mr. Thorpe's communication, he almost instantly determined to spare no pains in weakening his boasted interest and ruining his dearest hopes. Catherine herself could not be more ignorant at the time of all this, than his own children. Henry and Eleanor, perceiving nothing in her situation likely to engage their father's particular respect, had seen with astonishment the suddenness, continuance, and extent of his attention; and though latterly, from some hints which had accompanied an almost positive command to his son of doing everything in his power to attach her, Henry was convinced of his father's believing it to be an

advantageous connection, it was not till the late explanation at Northanger that they had the smallest idea of the false calculations which had hurried him on. That they were false, the general had learnt from the very person who had suggested them, from Thorpe himself, whom he had chanced to meet again in town, and who, under the influence of exactly opposite feelings, irritated by Catherine's refusal, and yet more by the failure of a very recent endeavour to accomplish a reconciliation between Morland and Isabella, convinced that they were separated forever, and spurning a friendship which could be no longer serviceable, hastened to contradict all that he had said before to the advantage of the Morlands – confessed himself to have been totally mistaken in his opinion of their circumstances and character, misled by the rhodomontade of his friend to believe his father a man of substance and credit, whereas the transactions of the two or three last weeks proved him to be neither; for after coming eagerly forward on the first overture of a marriage between the families, with the most liberal proposals, he had, on being brought to the point by the shrewdness of the relator, been constrained to acknowledge himself incapable of giving the young people even a decent support. They were, in fact, a necessitous family; numerous, too, almost beyond example; by no means respected in their own neighbourhood, as he had lately had particular opportunities of discovering; aiming at a style of life which their fortune could not warrant; seeking to better themselves by wealthy connections; a forward, bragging, scheming race.

The terrified general pronounced the name of Allen with an inquiring look; and here too Thorpe had learnt his error. The Allens, he believed, had lived near them too long, and he knew the young man on whom the Fullerton estate must devolve. The general needed no more. Enraged with almost everybody in the world but himself, he set out the next day for the abbey, where his performances have been seen.

I leave it to my reader's sagacity to determine how much of all this it was possible for Henry to communicate at this time to Catherine, how much of it he could have learnt from his father, in what points his own conjectures might assist him, and what portion must yet remain to be told in a letter from James. I have united for their case what they must divide for mine. Catherine, at any rate, heard enough to feel that in suspecting General Tilney of either murdering or shutting up his wife, she had scarcely sinned against his character, or magnified his cruelty.

Henry, in having such things to relate of his father, was almost as pitiable as in their first avowal to himself. He blushed for the narrow-minded counsel which he was obliged to expose. The conversation between them at Northanger had been of the most unfriendly kind. Henry's indignation on hearing how Catherine had been treated, on comprehending his father's views, and being ordered to acquiesce in them, had been open and bold. The general, accustomed

on every ordinary occasion to give the law in his family, prepared for no reluctance but of feeling, no opposing desire that should dare to clothe itself in words, could ill brook the opposition of his son, steady as the sanction of reason and the dictate of conscience could make it. But, in such a cause, his anger, though it must shock, could not intimidate Henry, who was sustained in his purpose by a conviction of its justice. He felt himself bound as much in honour as in affection to Miss Morland, and believing that heart to be his own which he had been directed to gain, no unworthy retraction of a tacit consent, no reversing decree of unjustifiable anger, could shake his fidelity, or influence the resolutions it prompted.

He steadily refused to accompany his father into Herefordshire, an engagement formed almost at the moment to promote the dismissal of Catherine, and as steadily declared his intention of offering her his hand. The general was furious in his anger, and they parted in dreadful disagreement. Henry, in an agitation of mind which many solitary hours were required to compose, had returned almost instantly to Woodston, and, on the afternoon of the following day, had begun his journey to Fullerton.

CHAPTER 31

Mr. and Mrs. Morland's surprise on being applied to by Mr. Tilney for their consent to his marrying their daughter was, for a few minutes, considerable, it having never entered their heads to suspect an attachment on either side; but as nothing, after all, could be more natural than Catherine's being beloved, they soon learnt to consider it with only the happy agitation of gratified pride, and, as far as they alone were concerned, had not a single objection to start. His pleasing manners and good sense were self-evident recommendations; and having never heard evil of him, it was not their way to suppose any evil could be told. Goodwill supplying the place of experience, his character needed no attestation. "Catherine would make a sad, heedless young housekeeper to be sure," was her mother's foreboding remark; but quick was the consolation of there being nothing like practice.

There was but one obstacle, in short, to be mentioned; but till that one was removed, it must be impossible for them to sanction the engagement. Their tempers were mild, but their principles were steady, and while his parent so expressly forbade the connection, they could not allow themselves to encourage it. That the general should come forward to solicit the alliance, or that he should even very heartily approve it, they were not refined enough to make any parading stipulation; but the decent appearance of consent must be yielded, and that once obtained – and their own hearts made them trust that it could not be very long denied – their willing approbation was instantly to follow. His consent was all that they wished for. They were no more inclined than entitled to demand his money. Of a very considerable fortune, his son was, by marriage settlements, eventually secure; his present income was an income of independence and comfort, and under every pecuniary view, it was a match beyond the claims of their daughter.

The young people could not be surprised at a decision like this. They felt and they deplored – but they could not resent it; and they parted, endeavouring to hope that such a change in the general, as each believed almost impossible, might speedily take place, to unite them again in the fullness of privileged affection. Henry returned to what was now his only home, to watch over his young plantations, and extend his improvements for her sake, to whose share in them he looked anxiously forward; and Catherine remained at Fullerton to cry. Whether the torments of absence were softened by a clandestine correspondence, let us not inquire. Mr. and Mrs. Morland never did – they had been too kind to exact any promise; and whenever Catherine received a letter, as, at that time, happened pretty often, they always looked another way.

The anxiety, which in this state of their attachment must be the portion of Henry and Catherine, and of all who loved either, as to its final event, can

hardly extend, I fear, to the bosom of my readers, who will see in the tell-tale compression of the pages before them, that we are all hastening together to perfect felicity. The means by which their early marriage was effected can be the only doubt: what probable circumstance could work upon a temper like the general's? The circumstance which chiefly availed was the marriage of his daughter with a man of fortune and consequence, which took place in the course of the summer – an accession of dignity that threw him into a fit of good humour, from which he did not recover till after Eleanor had obtained his forgiveness of Henry, and his permission for him “to be a fool if he liked it!”

The marriage of Eleanor Tilney, her removal from all the evils of such a home as Northanger had been made by Henry's banishment, to the home of her choice and the man of her choice, is an event which I expect to give general satisfaction among all her acquaintance. My own joy on the occasion is very sincere. I know no one more entitled, by unpretending merit, or better prepared by habitual suffering, to receive and enjoy felicity. Her partiality for this gentleman was not of recent origin; and he had been long withheld only by inferiority of situation from addressing her. His unexpected accession to title and fortune had removed all his difficulties; and never had the general loved his daughter so well in all her hours of companionship, utility, and patient endurance as when he first hailed her “Your Ladyship!” Her husband was really deserving of her; independent of his peerage, his wealth, and his attachment, being to a precision the most charming young man in the world. Any further definition of his merits must be unnecessary; the most charming young man in the world is instantly before the imagination of us all. Concerning the one in question, therefore, I have only to add – aware that the rules of composition forbid the introduction of a character not connected with my fable – that this was the very gentleman whose negligent servant left behind him that collection of washing-bills, resulting from a long visit at Northanger, by which my heroine was involved in one of her most alarming adventures.

The influence of the viscount and viscountess in their brother's behalf was assisted by that right understanding of Mr. Morland's circumstances which, as soon as the general would allow himself to be informed, they were qualified to give. It taught him that he had been scarcely more misled by Thorpe's first boast of the family wealth than by his subsequent malicious overthrow of it; that in no sense of the word were they necessitous or poor, and that Catherine would have three thousand pounds. This was so material an amendment of his late expectations that it greatly contributed to smooth the descent of his pride; and by no means without its effect was the private intelligence, which he was at some pains to procure, that the Fullerton estate, being entirely at the disposal of its present proprietor, was consequently open to every greedy speculation.

On the strength of this, the general, soon after Eleanor's marriage,

permitted his son to return to Northanger, and thence made him the bearer of his consent, very courteously worded in a page full of empty professions to Mr. Morland. The event which it authorized soon followed: Henry and Catherine were married, the bells rang, and everybody smiled; and, as this took place within a twelvemonth from the first day of their meeting, it will not appear, after all the dreadful delays occasioned by the general's cruelty, that they were essentially hurt by it. To begin perfect happiness at the respective ages of twenty-six and eighteen is to do pretty well; and professing myself moreover convinced that the general's unjust interference, so far from being really injurious to their felicity, was perhaps rather conducive to it, by improving their knowledge of each other, and adding strength to their attachment, I leave it to be settled, by whomsoever it may concern, whether the tendency of this work be altogether to recommend parental tyranny, or reward filial disobedience.

THE END

A NOTE ON THE TEXT

“Northanger Abbey” was written in 1797-1798 under a different title. The manuscript was revised around 1803 and sold to a London publisher, Crosbie & Co., who sold it back in 1816. The Signet Classic text is based on the first edition, published by John Murray, London, in 1818 – the year following Miss Austen’s death. Spelling and punctuation have been largely brought into conformity with modern British usage.